



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO - PPGInfo**

KARIANE REGINA LAURINDO

**INFORMAÇÃO E MEMÓRIAS QUE RESISTEM: QUILOMBO VIDAL MARTINS
EM FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS

2021

**INFORMAÇÃO E MEMÓRIA QUE RESISTEM: QUILOMBO VIDAL MARTINS
EM FLORIANÓPOLIS**

KARIANE REGINA LAURINDO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação, do Centro de Ciências Humanas da Educação - FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, como requisito parcial para obtenção ao grau de mestra em Gestão de Unidades de Informação.
Linha de pesquisa: Informação, memória e sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniella Camara Pizarro.

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Mortari.

**FLORIANÓPOLIS
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Laurindo, Kariane Regina

Informação e memórias que resistem : quilombo Vidal Martins
em Florianópolis / Kariane Regina Laurindo. -- 2021.
212 p.

Orientadora: Daniella Camara Pizarro

Coorientadora: Cláudia Mortari

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação,
Florianópolis, 2021.

1. Quilombo Vidal Martins. 2. Remanescentes quilombolas. 3.
Memória. 4. Fontes de informação. I. Pizarro, Daniella Camara . II.
Mortari, Cláudia . III. Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação.
IV. Título.

KARIANE REGINA LAURINDO

**INFORMAÇÃO E MEMÓRIA QUE RESISTEM: QUILOMBO VIDAL MARTINS
EM FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação, como requisito parcial para obtenção ao grau de mestra em Gestão de Unidades de Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniella Camara Pizarro
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membros:

Prof^a. Dr^a Elaine Rosangela de Oliveira Lucas
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof^a. Dr^a Georgina Helena Lima Nunes
Universidade Federal de Pelotas

Florianópolis, 29 de outubro de 2021

Aos descendentes de Vidal Martins.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos a Shirlen Vidal de Oliveria. Shirlen, vocês do Quilombo passaram por muitas coisas, uma delas foi lidar com pessoas que agiram de má fé e tentaram diminuir a causa de vocês. Quando iniciamos o nosso trabalho, muitos já tinham tentado esgotar a paciência de vocês, mesmo assim, você viu em mim algo diferente e confiou e me ajudou muito nesse processo. Além da Shirlen, agradeço a todos os remanescentes da comunidade Vidal Martins, principalmente a Dona Jucélia e ao Vitor, obrigada pelo seu tempo e sua paciência. Este trabalho é de vocês! Sempre acreditei que todas as nossas realizações não são unicamente só nossas, existe uma rede de suporte para cada realização em nossas vidas. Por isso, este espaço é para agradecer a minha rede de suporte ao longo do processo do mestrado. Na verdade, não só ao longo dessa caminhada, mas, também, antes dela.

Este trabalho trata da ancestralidade e de como ela se faz presente em nossas vidas. A construção do presente trabalho me fez perceber que existe algo muito forte, algo que vai além da minha compreensão. Para alguns, trata-se de um deus, um santo ou uma religião. Por hora vou descrever essa força como força ancestral.

No percurso de construção desta pesquisa, tive muitos intereres, por vezes cogitei a possibilidade de desistir, mas algo maior que essa vontade me erguia e me trazia para o objetivo. Chamo essa força de ancestralidade, sem religião, deuses ou santos, apenas os meus pais, avós e ancestrais desde as origens de minha linhagem. A vocês, o meu obrigada e, por favor, continuem.

Percebendo essa força ancestral, a família é, sem dúvidas, o meu alicerce para todas as minhas conquistas. Assim, cabe aqui um relembrar de quanto vocês são importantes e responsáveis por mais essa conquista. Primeiramente, agradeço muito a duas mulheres, minha mãe, Márcia do Nascimento, e minha avó, Isolete Maria de Souza. Obrigada pelo amor, carinho, dedicação, vocês, de longe, são os melhores exemplos de mulheres negras em que quero me espelhar, a força de vocês me faz sempre querer ser melhor.

Ainda no campo da família, agradeço muito a minha irmã, Maryane Carla Nascimento, e a minha tia Marli do Nascimento, as duas compartilham da sabedoria de sempre me manter com os pés no chão, a vocês, obrigada por se fazerem presentes na minha vida.

Aos amigos que, de certa forma, também são família, o meu muito obrigada! Se tem algo que tive nesses últimos anos foram eles, quem realmente me ajudaram. Lucas Mendes, sem você eu nem teria feito o processo seletivo para o mestrado. Obrigada pelos dias de estudo na biblioteca, pelas fichas de estudo, as quais ainda estão comigo. Amigo, obrigada por ouvir, nas madrugadas, as mesmas lamurias, e, principalmente, por não fazer delas algo pequeno. Obrigada por me fazer enxergar coisas sobre mim que insisto em menosprezar.

À amiga Keitty Rodrigues Vieira, que está comigo desde a graduação e, também, me ajudou muito no ingresso no mestrado, amiga, obrigada pelas inúmeras leituras e as orientações. À amiga Amabile Costa, minha ouvinte, obrigada por nossas conversas e pelas boas risadas delas. E aos amigos que o mestrado me trouxe, Juliano Zimmermann e Morena Pereira Porto, com vocês foi tão mais fácil, tão mais leve e divertido, só de conhecê-los o mestrado já valeu.

Quando iniciei a escrita dos agradecimentos, fiz uma divisão em minha mente entre família, amigos e professores, mas acho que essa divisão não cabe aqui porque os professores a quem quero agradecer considero como amigos.

Daniella Pizarro, formalmente minha orientadora, mas nós sabemos que foram muito mais que orientações, não é? Às vezes as orientações eram sessões de terapia, pois, Dani, você não sabe, mas algumas vezes fui decidida a pedir uma pausa ou para acabar com tudo, mas em todas essas vezes você sentiu, e, sem eu te dizer uma única palavra, falou do que eu precisava para não desistir. Percebia no meu tom de voz quando eu estava triste, me segurava quando eu queria abraçar o mundo, e não posso me esquecer das sessões de Reiki para mim e minha família, amiga, muito obrigada.

À minha coorientadora, Cláudia Mortari, que gentilmente abriu espaço na sua agenda para este trabalho, Cláudia, muito obrigada, as suas contribuições deram o discernimento que este trabalho precisou.

À minha mais que professora, a amiga ariana, Lani Lucas. Lani, acho que se eu fizer um curso de uma área muito distante vou te agradecer. Assim como na graduação, no mestrado, você me auxiliou muito, foi conselheira e apaziguadora, sempre humilde. Saiba que você é espelho para o alguém que eu gostaria de ser.

Agradeço, também, aos membros do Instituto Liberdade de Santa Catarina, em especial ao Marcos Caneta, que gentilmente me incluiu no grupo com o qual fomos conhecer comunidades quilombolas de Santa Catarina. Foi nessas incursões que conheci

a comunidade Vidal Martins e decidi trabalhar com eles. Agradeço, ainda, ao colega de mestrado Andrei, quem me apresentou ao Marcos e permitiu essa parceria.

Meus sinceros agradecimentos aos membros da banca, Georgina Lima, Gisela Eggert e Marcos Silva, que na qualificação muito gentilmente direcionaram a pesquisa para o que ela se tornou.

Por fim, agradeço ao programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo), pela excelente metodologia e professores que contribuíram para a concepção deste trabalho. E ao Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação (Promop) da Udesc, por me ajudar de forma financeira nesses anos. Uma pesquisa com bolsa permite ao pesquisador dedicação total à pesquisa, e com isso minha pesquisa retorna para a sociedade, promovendo educação e conscientização.

A todos, muito obrigada!

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p.32).

RESUMO

Vidal Martins é a primeira comunidade quilombola reconhecida pela fundação Cultural Palmares no município de Florianópolis. O seu reconhecimento só foi concebido devido a uma vasta documentação que a comunidade reuniu sobre a sua descendência de pessoas que foram escravizadas na região do Rio Vermelho, desde meados do século XVIII. Com a incursão em busca de documentos que comprovassem a história da comunidade, além de encontrarem documentos relativos à família Vidal, foram identificados inúmeros documentos que retratam parte da história negra da “Ilha de Santa Catarina”. Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo geral registrar e organizar a história e as memórias do Quilombo Vidal Martins em Florianópolis, na forma de um dossiê, de modo que possa contribuir para caracterizar e garantir aos remanescentes da Comunidade e à sociedade um “lugar de memória”. A fundamentação teórica está composta nas seções de fontes de informação, que abordam o conceito de informação para tratar das possibilidades diversas de fontes informacionais, e seus suportes, que vão além dos meios físicos e digitais. Versa, também, sobre as temáticas de memória e identidade cultural, discorrendo sobre a problemática de uma memória hegemônica que exclui outras, julgando-as inferiores ou marginalizando grupos, e, assim, construindo histórias únicas em detrimento de outras. Diante do exposto, é debatida a importância das memórias ancestrais, ou da oralidade dos Griôs, como abordado por culturas Africanas e Afro-Diaspóricas, na construção das histórias de diferentes grupos sociais, e a construção de lugares de memória que salvaguardam histórias para visibilizar as identidades culturais de grupos subalternizados historicamente. A fundamentação também aborda as Comunidades quilombolas de Santa Catarina. O percurso metodológico da presente pesquisa inicia com a forma de escrita, quando a autora se utiliza da escrevivência no desenvolver do texto. Realizada por meio da metodologia de história oral, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com remanescentes da comunidade, e, a partir dos procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica e documental, foram coletados documentos e bibliografias referentes à comunidade. A análise foi realizada por meio da criação de dez categorias que atendessem ao objetivo da pesquisa. Quanto aos resultados, foram analisadas as dez categorias propostas, do que se observou que todas as categorias foram contempladas pelas narrativas dos remanescentes e pelos documentos referentes à comunidade, os quais ilustravam tais narrativas. Os resultados alcançados possibilitaram atender ao objetivo geral, bem como a criação de um dossiê que organiza e registra a memória da comunidade Vidal Martins. Como conclusão, foram identificados fatos que interligam a história da comunidade com a história do Estado e com a história do Brasil. Além disso, observou-se que as contribuições das narrativas ancestrais passadas para seus descendentes foram capazes de manter a história da comunidade viva e presente. A força feminina está muito evidente na construção das memórias e narrativas, bem como a resistência de pessoas negras aos percalços ocasionados pelo racismo e ao período da escravidão. Sugere-se que a temática seja mais abordada pelas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, para atuar no combate ao racismo e aos privilégios da branquitude dentro das áreas, por meio da disseminação, preservação e manutenção de histórias como a da comunidade Vidal Martins.

Palavras-chave: Quilombo Vidal Martins. Remanescentes quilombolas. Memória. Fontes de informação.

ABSTRACT

Vidal Martins is the first quilombola community recognized by the Palmares Cultural foundation in the municipality of Florianópolis. Its recognition was only conceived due to a vast documentation that the community gathered about its descendants of people who were enslaved in the region of Rio Vermelho, since the middle of the XVIII century. With the foray in search of documents that would prove the community's history, besides finding documents related to the Vidal family, numerous documents were identified that portray part of the black history of the "Santa Catarina Island". In view of this, the present research has the general objective of registering and organizing the history and memories of the Vidal Martins Quilombo in Florianópolis, in the form of a dossier, so that it can contribute to characterize and guarantee to the remnants of the Community and to society a "place of memory". The theoretical foundation is composed of the sections on information sources, which address the concept of information to deal with the diverse possibilities of informational sources, and their supports, which go beyond the physical and digital media. It also deals with the issues of memory and cultural identity, discussing the problem of a hegemonic memory that excludes others, judging them inferior or marginalizing groups, and thus building unique histories to the detriment of others. In light of the above, the importance of ancestral memories is discussed, or the orality of the Griôs, as addressed by African and Afro-Diasporic cultures, in the construction of the histories of different social groups, and the construction of places of memory that safeguard histories to make visible the cultural identities of historically subalternized groups. The rationale also addresses the Quilombola Communities of Santa Catarina. The methodological path of this research begins with the form of writing, when the author uses the experience of writing in the development of the text. It was carried out through the oral history methodology, semi-structured interviews were held with the community's remaining members, and, based on the technical procedures of bibliographic and documental research, documents and bibliographies referring to the community were collected. The analysis was carried out by creating ten categories that met the research objective. As for the results, the ten proposed categories were analyzed, and it was observed that all the categories were contemplated by the narratives of the remaining inhabitants and by the documents referring to the community, which illustrated these narratives. The results achieved made it possible to meet the general objective, as well as to create a dossier that organizes and registers the memory of the Vidal Martins community. As a conclusion, facts were identified that interconnect the history of the community with the history of the State and with the history of Brazil. Besides, it was observed that the contributions of the ancestral narratives passed on to their descendants were able to keep the community's history alive and present. The feminine strength is very evident in the construction of the memories and narratives, as well as the resistance of black people to the hardships caused by racism and the slavery period. It is suggested that the theme be further addressed by the Library and Information Science areas, to combat racism and whiteness privileges within the areas, through the dissemination, preservation and maintenance of stories such as the one of the Vidal Martins community.

Keywords: Quilombo Vidal Martins. Quilombola remnants. Memory. Information sources.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Lider Maurílio contando histórias sobre o quilombo.....	49
Figura 2 – Casa no Quilombo do Valongo.....	50
Figura 3 – Vista das casas no Quilombo de Santa Cruz/Toca.....	51
Figura 4 – Aba “ver e ouvir”	73
Figura 5 – Izidro Boaventura Vidal	77
Figura 6 – Dona Jucélia e Seu Odílio	78
Figura 7 – Carta do Delegado de Polícia ao Presidente da Província mencionando os mapas entre os anos de 1842/1869	80
Figura 8 – Mapa do Distrito do Rio Vermelho.....	81
Figura 9 – Página em que consta a certidão de batismo de Vidal Martins	81
Figura 10 – Transcrição da certidão de Batismo de Vidal Martins	82
Figura 11 – Página que consta a certidão de casamento de Joana e Manoel.....	83
Figura 12 – Transcrição da certidão de casamento de Joana e Manoel.....	84
Figura 13 – Capa e página do jornal O relator Catharinense, com nota de doações feitas pelo Padre Antônio	84
Figura 14 – Página que consta a certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins	86
Figura 15 – Página que consta a certidão de batismo de Rosa Maria	86
Figura 16 – Página que consta a certidão de batismo de Manuel Vidal Martins	87
Figura 17 – Página que consta a certidão de batismo de Sabina Correia	88
Figura 18 – Página que consta a certidão de óbito de Manoel Martins Gallego	89
Figura 19 – Árvore genealógica da família Vidal Martins	95
Figura 20 – Helena, Dona Jucélia e Shirlen	97
Figura 21 – Mapa do território reivindicado	100
Figura 22 – Nota do jornal O Estado falando da Empreitada Florestal de Berenhauser	101
Figura 23 – Portaria de certificação de comunidades que se autodefinem como remanescentes de quilombo	106
Figura 24 – Página do DOU em que consta o nome da comunidade Vidal Martins....	108
Figura 25 – Certificado de Autodefinição	109
Figura 26 – Matéria do Diário Catarinense na semana da Consciência Negra	113
Figura 27 – Matéria do ND+ Notícias sobre o prazo para a demarcação de terras	114
Figura 28 – Matéria do Jornalistas Livres sobre a violência sofrida pelos remanescentes	114
Figura 29 – Matéria no NSC Total referente ao incêndio no Parque	115
Figura 30 – Matéria no ND+ sobre a história do Quilombo.....	115
Figura 31 – Linha do tempo com fatos da história.....	122
Figura 32 – Localização Vidal Martins dentro do <i>camping</i> do Rio Vermelho	123
Figura 33 – Recepção na comunidade	202
Figura 34 – Bonecas Abayomi	203
Figura 35 – Pássaros no Quilombo.....	208

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comunidades certificadas em Santa Catarina	47
Quadro 2 – Fontes bibliográficas recuperadas no Repositório USFC.....	69
Quadro 3 – Fontes documentais recuperadas	70
Quadro 4 – Personagens da história do Quilombo	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CEP/UDESC	Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina
CI	Ciência da Informação
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
CONEP/CNS	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
DEDIHC	Departamento de Direitos Humanos e Cidadania
DOE	Diário Oficial do Estado
DOU	Diário oficial da União
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
GT	Grupo de Trabalho
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IMA	Instituto do Meio Ambiente
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISKO	International Society for Knowledge Organization
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OS	Organização Social
PPGINFO	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
SEJA	Sistema Estadual de Jovens e Adultos
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	ARCABOUÇO TEÓRICO	22
2.1	FONTES DE INFORMAÇÃO.....	23
2.2	MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL	28
2.2.1	Memórias que salvaguardam a História	30
2.3	IDENTIDADE CULTURAL.....	35
2.4	POVOS TRADICIONAIS	37
2.4.1	Quilombos	38
2.4.2	Quilombos urbanos	41
3	QUILOMBOS EM SANTA CATARINA	45
3.1	DECOLONIDADE, BRANQUITUDE E A FALÁCIA DA DEMOCRACIA RACIAL NO CONTEXTO QUILOMBOLA	52
3.1.1	Branquitude	56
3.1.2	A Falácia da Democracia Racial	58
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	63
4.1	A PESQUISA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	64
4.1.1	Metodologia para a composição do dossiê para o portal eletrônico AYA enquanto “lugar de memória” para a comunidade.....	72
5	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS E DISCURSOS	75
5.1	MEMÓRIAS ANCESTRAIS	76
5.1.1	Análise quanto às memórias ancestrais.....	78
5.2	COMPREENSÃO SOBRE A HISTÓRIA DO QUILOMBO	79
5.2.1	Análise quanto à compreensão sobre a história do Quilombo	89
5.3	ESPAÇO DE COMPARTILHAR MEMÓRIAS	90
5.3.1	Análise quanto ao espaço de compartilhar memórias	91
5.4	AUTORRECONHECIMENTO COMO REMANESCENTES QUILOMBOLAS	92
5.4.1	Análise quanto ao autorreconhecimento como remanescentes quilombolas	93
5.5	O PAPEL DAS MULHERES NA HISTÓRIA DO QUILOMBO	95
5.5.1	Análise quanto ao papel das mulheres na história do Quilombo.....	97
5.6	A RETIRADA DOS REMANESCENTES DAS TERRAS.....	98
5.6.1	Análise quanto à retirada dos remanescentes das terras.....	102
5.7	RECONHECIMENTO COMO COMUNIDADE QUILOMBOLA ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA E VIVÊNCIA	103

5.7.1	Análise quanto ao reconhecimento como comunidade quilombola, enquanto lugar de memória e vivência	104
5.8	PROCESSO DE BUSCA E DESAFIOS	105
5.8.1	Análise quanto ao processo de busca e desafios.....	109
5.9	CONTRIBUIÇÃO PARA A PAUTA QUILOMBOLA	110
5.9.1	Análise quanto à contribuição para a pauta quilombola.....	111
5.10	RELAÇÃO COM A COMUNIDADE AO ENTORNO.....	112
5.10.1	Análise quanto à relação da comunidade ao entorno	115
6	QUILOMBO VIDAL MARTINS NARRATIVAS E MEMÓRIAS	118
	APRESENTAÇÃO.....	119
	QUILOMBO VIDAL MARTINS.....	123
	MEMÓRIAS QUE COMPÕEM A HISTÓRIA A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS REMANESCENTES DO QUILOMBO VIDAL MARTINS	126
	CONSIDERAÇÕES FINAIS DO DOSSIÊ	155
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
	REFERÊNCIAS.....	165
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MORADORES DA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBO VIDAL MARTINS.....	178
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO	180
	APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO COMPLETA ENTREVISTAS	181
	APÊNDICE D - DIÁRIO DE CAMPO	202

1 INTRODUÇÃO

*Se quer saber o final, preste atenção no começo.
(Provérbio africano).*

Desde 2013, a comunidade quilombola Vidal Martins busca, perante a justiça, uma reparação histórica. Reconhecida pela Fundação Cultural Palmares¹, em outubro de 2013, como primeira comunidade quilombola de Florianópolis, no mesmo ano, os remanescentes quilombolas iniciam uma batalha judicial para reaver as terras pertencentes à comunidade.

Atualmente, a comunidade reside em um espaço de aproximadamente 900 metros quadrados às margens da Rodovia João Gualberto Soares, localizada no Bairro Rio Vermelho, em Florianópolis. Espaço que foi comprado após a retirada dos remanescentes das terras onde viveram seus antepassados. A comunidade é composta por aproximadamente mais de trinta famílias descendentes diretas de africanos que foram escravizados, trazidos para o distrito do Rio Vermelho em meados do século XVIII.

Em busca dessa reparação, as irmãs, Helena e Shirlen Vidal de Oliveira, tataranetas de Vidal Martins, quem tem seu nome dado à comunidade, em homenagem, iniciaram a procura pelo restauro histórico-cultural e familiar de sua origem. A extensa pesquisa feita por elas a partir de documentos retirados de cartórios, igrejas e arquivos públicos revelou diversos dados históricos importantes sobre a sua história, bem como a do período da escravidão em Florianópolis (QUILOMBO VIDAL MARTINS, 2014, *online*).

No momento, as famílias remanescentes do Quilombo Vidal Martins estão lutando por seus direitos, reconhecidos de acordo com o Decreto n. 4.887/2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes de comunidades que foram quilombos. (QUILOMBO VIDAL MARTINS, 2014, *online*).

Esse processo de luta teve uma vitória em 2015, quando a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) firmaram um convênio para produzir o “Relatório antropológico de caracterização histórica, cultural, socioeconômica e ambiental” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2015, *online*) do Quilombo Vidal Martins, no Bairro Rio Vermelho, em Florianópolis. O documento foi um dos passos para a regularização da Associação Comunitária Vidal Martins.

¹ A Fundação Cultural Palmares, desde 1988, é responsável pela promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira. Saiba mais sobre a Fundação em <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em 19 de dez. de 2020.

A mais recente vitória da comunidade ocorreu em fevereiro de 2020, quando, pelo Incra, foi divulgado o edital de regularização fundiária do Quilombo. O relatório antropológico, com as plantas e memoriais descritivos feitos pela equipe do curso de Agrimensura do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), sob supervisão do setor de Cartografia do Incra, garantiu que o trabalho fosse aprovado por unanimidade pelo Comitê de Decisão Regional da autarquia em 22 de janeiro de 2020. Segundo o relatório, a comunidade possui um território identificado e delimitado com área de 1.014 hectares, sobreposta integralmente ao Parque Estadual do Rio Vermelho (BRASIL, 2020, *online*).

Contudo, o processo de regularização da comunidade quilombola Vidal Martins ainda está em curso, impossibilitando a comunidade de reaver suas terras que, por hora, estão sob a posse da administração do Parque Estadual do Rio Vermelho, controlado pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA).

A comunidade remanescente quilombola Vidal Martins foi reconhecida rapidamente pela Fundação Palmares devido à quantidade de documentação arrecadada que comprova a sua existência oriunda de pessoas escravizadas. Entretanto, as pessoas da comunidade ainda sofrem com as mazelas do racismo e da exclusão social.

Restritas a um espaço de aproximadamente 900 metros quadrados, as mais de 30 famílias resistem e sobrevivem nesse lugar, algumas residências não têm instalações sanitárias como banheiros, pias etc., estão próximas a áreas de deslizamentos, de uma rodovia de fluxo intenso, onde algumas crianças da comunidade já foram vítimas de acidentes de trânsito.

O cenário de precariedades históricas me leva a alguns questionamentos, como: quais as razões da Comunidade não ter posse das suas terras? Seus direitos constitucionais estão assegurados e a comunidade tem posse de uma farta documentação, conforme o publicado pelo Incra, uma das variáveis garantidoras da legitimidade da solicitação de reintegração de posse? E por que a comunidade ainda não usufrui do que é seu por direito?

Nessa linha de raciocínio, parto do pressuposto de que a não regularização das suas terras está na invisibilidade da história, econômica e social dos negros em Santa Catarina, construída ao longo do tempo. Por outro lado, na condição de proponente desse estudo, entendo que a comunidade quilombola Vidal Martins representa uma resistência, a resistência negra na cidade de Florianópolis e em Santa Catarina e ao racismo estrutural característico da sociedade brasileira.

Diferente de Palmares², o Quilombo Vidal Martins teve sua história engolida pela narrativa branca com viés econômico, na “Ilha da Magia”. Diante disso, e entendendo a urgência histórica, social e econômica de se conhecer e registrar informações da Comunidade, surge a seguinte pergunta de pesquisa: **Quais os registros informacionais existentes sobre as histórias e memórias da comunidade remanescente quilombola Vidal Martins?**

A presente pesquisa tem como objetivo geral: **registrar e organizar as histórias e memórias do Quilombo Vidal Martins em Florianópolis, na forma de um dossiê, que possa contribuir para caracterizar e garantir aos remanescentes da Comunidade e à sociedade um “lugar de memórias”.**³

Desse modo, os objetivos específicos do estudo são:

- a) identificar e registrar uma narrativa oral dos remanescentes quilombolas, suas percepções, memórias e histórias do quilombo;
- b) analisar fontes bibliográficas registradas em documentos diversos referentes ao quilombo;
- c) examinar fontes documentais referentes ao quilombo;
- d) produzir um dossiê documental que representa um “lugar de memórias” da comunidade quilombola Vidal Martins;
- e) implantar o dossiê no portal eletrônico do AYA / UDESC⁴.

A presente pesquisa justifica-se nos âmbitos pessoal, social, profissional e acadêmico. No âmbito pessoal porque, como mulher negra, nascida em Santa Catarina, conhecido popularmente como o estado mais europeu do Brasil, essa pesquisa torna-se necessária para desmantelar e acabar com estereótipos de que neste Estado não existem negros e/ou que não houve, aqui, a escravidão. Ainda que essa narrativa não encontre base devido à significativa produção de pesquisas científicas que contemplam a população africana e negra em Santa Catarina, como é o caso do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB)⁵, da Universidade do

² O Quilombo dos Palmares foi um quilombo da Era Colonial brasileira. Localizava-se na Serra da Barriga, na então Capitania de Pernambuco. Reis e Gomes (1996).

³ Ao abordar as histórias e memórias no plural, compreendesse que o objetivo deste trabalho está pluralizado em diferentes representações que configuram os lugares de memórias encontrados na comunidade Vidal Martins. Este “um lugar de memória”, está pluralizado pois, a memória se acola em diversos lugares, dentre estes os corpos: os corpos das mulheres; das crianças; dos jovens; e dos velhos. É na dimensão de corporeidade que se realiza as rupturas com a sociedade, em que à medida que o corpo vai envelhecendo, este se finaliza e, ainda sim, é um corpo que se eterniza na fala, na escuta e na presença de todos que já partiam. Assim, a memória se efetiva em lugares de memórias.

⁴ O Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais – AYA (UDESC) tem como objetivo geral congregar pesquisadores(as), professores(as) e estudantes do campo dos Estudos Africanos e da História Indígena, é coordenado pelas professoras Drª Luísa Tombini Wittmann e Drª Cláudia Mortari. Saiba mais em <https://ayalaboratorio.com/>.

⁵ Saiba mais sobre o NEAB/UDESC em <https://www.udesc.br/faed/neab>.

Estado de Santa Catarina (UDESC) que desde 2003 atua na produção e disseminação de conhecimentos referentes às questões étnico-raciais, incluindo abordagens sobre a presença de pessoas negras desde o século XVIII em Santa Catarina, entre outros estudos.

Entretanto, são recorrentes em minhas⁶ memórias de escola conhecer a história de Florianópolis e de Santa Catarina sob o contexto da colonização açoriana. Como exemplo, a exaltação do termo “manézinho da ilha”, um termo de origem açoriana. Em diferentes estudos e no âmbito da oralidade, ouve-se sobre Franklin Cascaes, Anita Garibaldi, Willy Zumblick, Nereu Ramos, Felipe Schmidt, entre outros nomes que compõem a história contada e registrada de Florianópolis e Santa Catarina.

Recordo-me que a primeira vez em que tive acesso às obras do poeta Cruz e Souza na escola, eu já estava no ensino médio, e esse encontro foi de forma acidental, pois achei um livro na biblioteca com suas poesias. Só conheci a história dos negros de Florianópolis em grupos do movimento negro quando já fazia a minha graduação em Biblioteconomia.

Essa minha experiência em não conhecer a história dos negros em minha cidade privou não só a mim, mas muitos outros que, assim como eu, desconheciam e desconhecem nossa história. Tenho como lembrança de algumas viagens que fiz a outros estados o espanto das pessoas ao descobrirem que sou natural de Santa Catarina, a fala era sempre semelhante, “achei que em Santa Catarina só tinha loira de olho azul, tipo a Xuxa e a Vera Fischer” ou, então, “há, mas os teus pais são do Nordeste, certo?” Dessa maneira, estudar os quilombos, mais especificamente a comunidade Vidal Martins representa (re)conhecer, também, a minha história por intermédio de memórias dos negros de Florianópolis.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica no âmbito social por possibilitar não só a comunidade quilombola Vidal Martins, mas, também, a sociedade de Florianópolis e de Santa Catarina, o acesso à história de negros e pessoas que foram escravizadas em Florianópolis, bem como da construção de um quilombo, que hoje é uma comunidade quilombola urbana. Além do mais, há interesse nacional na pesquisa, pois conhecer a história da comunidade quilombola Vidal Martins agraga conhecimento sobre a história dos quilombolas brasileiros.

Este projeto justifica-se pela necessidade profissional de ampliar o entendimento da atuação do bibliotecário e profissional da informação quanto ao registro e organização da memória, no contexto do combate ao esquecimento da história de comunidades quilombolas.

⁶ Este projeto de pesquisa será alternado entre a primeira e terceira pessoa, pois me utilizo do método de escrevivências (termo cunhado pela escritora Conceição Evaristo, abordado na metodologia) e estou me posicionando enquanto pesquisadora.

E do ponto de vista acadêmico, justifica-se por ter pouca literatura sobre comunidades quilombolas (principalmente em Florianópolis) nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI); sobre as questões étnico-raciais na Biblioteconomia e CI; e sobre o combate aos privilégios de branquitude nas áreas. Logo, essa pesquisa visa compreender como a CI e a Biblioteconomia podem contribuir para a construção da memória do Quilombo Vidal Martins. Quanto à linha de pesquisa, este projeto está firmado na linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGinfo).

Ainda no âmbito acadêmico, o presente projeto se justifica, visto que, segundo Lopez (2010, p. 6), “[...] é responsável por fazer a mediação entre o que o pesquisador quer saber e as informações que se pode construir a partir da realidade. Tais informações, devidamente sistematizadas, poderão dar origem a um novo conhecimento científico formal.”.

Além de dar continuidade a estudos de temática semelhante, essa proposta de tema pretende organizar a memória do Quilombo Vidal Martins em Florianópolis, mediante a narrativa oral e documentada dos remanescentes quilombolas.

A pesquisa está inserida nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que trata do bibliotecário e do uso estratégico de informação por meio do levante de registros informacionais, fontes de informação e memória, além de beneficiar especificamente os profissionais e pesquisadores voltados aos estudos que englobam o trabalho informacional em diferentes cenários, educação e formação do bibliotecário.

Portanto, a presente pesquisa contribui de forma epistemológica e política. Epistemológica, pois está vinculada à produção de conhecimento no campo da CI, com a elaboração de um produto de sistematização de uma diversa documentação em um único suporte, que pode contribuir para diversas áreas do conhecimento, como Antropologia, História, Geografia, Ciências Sociais, dentre outras. E política, pois contribui para a comunidade, dessa maneira, traz um retorno social, e, quem sabe, pode se tornar um possível modelo para a sistematização da memória de outras comunidades quilombolas.

O presente trabalho está estruturado em sete seções que buscam dialogar entre elas para a melhor compreensão do leitor. Sendo a seção atual introdutória, a qual visa apresentar a temática, destacar os objetivos e pergunta de pesquisa, bem como as justificativas que levaram à escolha da comunidade quilombola, mais precisamente o Quilombo Vidal Martins, como tema de pesquisa.

A seção dois trata do arcabouço teórico, ela visa aprofundar as discussões conceituais que sustentam a presente pesquisa. Nessa seção, na subseção intitulada Fontes de Informação, são abordados os conceitos de informação e fontes de informação no âmbito da CI, com o

intuído de apresentar ao leitor que fontes de informação podem ser encontradas em diferentes suportes, incluindo a narrativa dos remanescentes quilombolas e documentos oficiais, além de documentos bibliográficos, tendo como princípio básico o de entender uma fonte de informação como útil para quem a utiliza.

A subseção intitulada Memória e Identidade Cultural contempla as correntes epistemológicas referentes ao entendimento dos conceitos de história e memória e de como essas correntes contribuíram tanto para entendimentos atuais como para o desejo de reparo de algumas percepções históricas. Além disso, apresenta a relação entre história e memória como diretamente ligada à construção da identidade cultural, no escopo deste trabalho, do remanescente quilombola. São tratados, também, na fundamentação teórica, os conceitos de povos tradicionais e quilombos.

A seção três aborda os quilombos em Santa Catarina, e brevemente discorre sobre algumas comunidades quilombolas do Estado. Além disso, a seção em questão apresenta as consequências do processo de colonização para o negro, bem como os remanescentes quilombolas dentro de uma estrutura racista como a branquitude e a falácia da democracia racial.

Na quarta seção, é apresentada a metodologia utilizada para a composição da pesquisa, com os procedimentos metodológicos adotados, a caracterização e a delimitação, bem como os instrumentos e procedimentos para organização dos dados. Em seguida, na quinta seção, estão os resultados, ou seja, os dados coletados e a análise deles.

Na sexta seção, apresenta-se o produto, que por meio de um dossiê registrou e organizou as memórias da comunidade Vidal Martins de forma cronológica com narrativas e documentos em um único suporte, configurando um lugar de memória para a comunidade.

A sétima e última seção apresenta as considerações finais desta pesquisa, nela são abordados os aspectos aferidos durante a pesquisa, bem como as relações desses com a comunidade Vidal Martins, e de como as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação podem contribuir para pautas relacionadas a grupos étnico-raciais e comunidades quilombolas, combatendo os privilégios da branquitude e a falácia da democracia racial.

2 AR CABOUÇO TEÓRICO

Faz-se necessário informar que para a composição do presente trabalho, foi realizada uma revisão bibliográfica dos trabalhos de João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, os autores são responsáveis pela organização da obra “Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil”, com primeira edição em 1996.

Essa obra é o ponto base para a produção deste trabalho, devido ao responsável arcabouço teórico empregado sobre a temática quilombola trazida pelos autores: Pedro Paulo de Abreu Funari, com trabalho intitulado “A arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da História da Cultura afro-americana”; Richard Price, com o trabalho “Palmares como poderia ter sido”; Ronaldo Vainfas, em “Deus contra Palmares: representações senhoriais e idéias jesuíticas”; Silvia Hunold Lara, com o trabalho “Do singular ao plural: Palmares, capitães-do-mato e o governo dos escravos”; Luiz Mott, com “Santo Antônio, o divino capitão-do-mato”; Carlos Magno Guimarães, “Mineração, Quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XVIII”; o trabalho de Donald Ramos, “O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII”; Laura de Mello e Souza, “Violência e práticas culturais no cotidiano de uma expedição contra quilombolas: Minas Gerais 1769”; Luiza Rios Ricci Volpato, “Quilombos em Mato Grosso: resistência negra em área de fronteira”; Mary Karasch, “Os quilombos do Ouro na capitania de Goiás”; Flávio dos Santos Gomes, “Quilombos do Rio de Janeiro no século XIV”; Mário Maestri, “Pampa Negro: Quilombos no Rio Grande do Sul”; João José Reis, “Escravos e coiteiros no quilombo do Oitizeiro: Bahia 1806”; Stuart B. Schwartz, “Contos e Quilombos numa conspiração de escravos haussás: Bahia 1814”; Marcos Joaquim M. de Carvalho. “O quilombo de Malunguinho o rei das matas de Pernambuco”; Matthias Röhrig Assunção, “Quilombos Maranhenses”; e Eurípedes A. Funes, “Nasci nas matas, nunca tive senhor: história e memória dos mocambos do baixo Amazonas”.

É na trilha desses autores, que abordam os quilombos desde o século XVIII, que inicio a construção deste trabalho. Foi, também, ao analisar a obra de Lourdes Carril, em “Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania”, que encontrei fonte e inspiração para iniciar a presente pesquisa. Alguns dos autores mencionados anteriormente são citados ao longo da escrita. É importante mencioná-los, pois uma escrita acadêmica científica não se faz solitária e, sim, em conjunto, e é nessa perspectiva teórica que sigo.

2.1 FONTES DE INFORMAÇÃO

O conhecimento é como um jardim: se não for cultivado, não pode ser colhido! (Provérbio africano)

No campo da CI, os estudos sobre fontes de informação demandaram uma exaustiva pesquisa sobre a sua matéria-prima, a informação. Por exemplo, Araújo (2018), Capurro e Hjorland (2007) e Gomes (2017) abordam, com ênfase, os diferentes conceitos de informação que a CI vem estudando ao longo dos anos. Os autores relacionam conceitos trazidos de diversos autores.

Como Gomes (2017)⁷, que, fundamentada no conceito de Jürgen Habermas, baseia-se em questões humanas, sociais, políticas e culturais. A autora afirma que Jürgen Habermas infere como sua a definição de comunicação compartilhada entre os sujeitos, que essa segue possibilitando uma interação entre eles (JÜRGEN HABERMAS, 1987 *apud* GOMES, 2017). A partir das abordagens de Habermas, Gomes (2017) define informação como um conhecimento em estado de compartilhamento.

Capurro e Hjorland (2007) discorrem sobre a não fluidez de um conceito único, nem entre autores, nem entre áreas. No trabalho intitulado “O conceito de informação”, os autores trazem um apanhado geral entre autores da CI e de áreas interdisciplinares à CI, e com toda a abrangência alcançada, não é possível encontrar um consenso no conceito de informação, nesse sentido, os autores se questionam, “Que diferença faz se usarmos uma ou outra teoria ou conceito de informação?” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 193).

Para os autores, a informação é mutável de acordo com a necessidade do pesquisador. Dessa maneira, a informação terá um sentido diferente para áreas diferentes e, ainda assim, não estão em conflito por sua diferença, pois ela ultrapassa o sentido do único e do indissociável, ao contrário, ela pode ser “muitas” ao mesmo tempo. (CAPURRO; HJORLAND, 2007).

Araújo (2018) discorre sobre o pragmatismo do conceito de informação, o autor fala da grande mudança pela qual ela passou ao longo dos anos nos estudos da CI, perpassando pelos

⁷ Contudo, é importante destacar que, neste mesmo trabalho, Gomes (2017) também se fundamenta nos trabalhos da filósofa política Hannah Arendt. As contribuições de Arendt são muito utilizadas na CI. Entretanto, opto por não a abordar na presente pesquisa devido a posicionamentos racistas da autora. Nesse sentido, Silva (2018) aborda que o pensamento político de Arendt contribui para uma construção de ódio racial. Dessa maneira, destaco que a CI e a Biblioteconomia estão permeadas por epistemologias colonizadoras. Por isso, é importante nessas áreas observar se os autores que tratam da informação, ao serem utilizados, não reforçam posturas racistas. Como nota, registro a importância da disciplina de Informação e Decolonialidade, oferecida recentemente pelo PPGInfo, ministrada pelas professoras Franciéle Garcês e Daniella Pizarro, em que pudemos perceber que a maioria dos autores que escrevem sobre CI e Biblioteconomia se baseiam em epistemologias colonizadoras, assim, necessita-se que essas áreas se atentem a inserir outras epistemologias que questionem e quebrem esse laço vicioso.

conceitos do físico, semântico, até do pragmático, e que, com o tempo, os estudos observaram a informação passar pelo sentido tecnicista, o de significância e o de entendimento do sentido da informação observando os contextos do sujeito. O autor apresenta a Tríade: dado – informação – conhecimento (ARAÚJO, 2018). Assim como Capurro e Hjorland (2007), que manifestam o quanto o conceito de informação está ligado a uma subjetivação que explora diversas representações. Contudo, eles observam que diversos autores não definem de forma exata o conceito de informação, isso porque não é necessário, “[...] informação é o que é informativo para uma determinada pessoa [...]” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 155).

Além disso, o presente trabalho corrobora com o conceito de informação étnico-racial, pois visa contribuir com elementos históricos e culturais sobre um grupo étnico. Empregado por Oliveira e Aquino (2012, p. 487) o conceito de informação étnico-racial consiste em:

[...] conceituamos informação etnicorracial como sendo todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana.

Desse modo, compreender a correlação entre informação e memória no contexto de comunidades quilombolas está inserido na compreensão do conceito de informação étnico-racial, formulada por Oliveira e Aquino (2012). Os autores descrevem o conceito de informação étnico-racial sob diversos enunciados, sendo o presente trabalho adequado aos enunciados de: a significação é feita pelos sujeitos; pode produzir conhecimento; diz respeito a um grupo étnico; etnia contém elementos históricos e culturais; e, afirmação da história e cultura de uma etnia (OLIVEIRA; AQUINO, 2012).

Dessa maneira, cabe ressaltar a importância da informação para a humanidade, como cita Harari (2018), quem aborda a informação para o aspecto do coletivo do quanto a sociedade dividida em grupos busca a (des)informação que lhe agrada, e o uso coletivo da informação por esses grupos leva o sujeito a uma concepção de “conhecimento ignorante” ou manipulado, pois o conhecimento não é algo individual e, sim, um processo adquirido pela interação social.

Ainda no entendimento da importância da informação, Bezerra, Schneider e Brizola (2017) abordam sobre o gosto informacional e como ele pode produzir sujeitos conscientes de seus direitos e deveres a partir da busca correta pela informação. Com isso, pode-se afirmar que para diferentes autores a informação não tem um conceito próprio e único, o que a torna autoexplicável para quem a utiliza. Partindo desse pressuposto, as fontes de informação fornecem amparo para a guarda dessa preciosa matéria-prima.

As fontes de informação também possuem definições sem consenso para os autores que a abordam, tendo como exemplo, para Paiva, Santos e Nascimento (2014, p. 57), uma perspectiva positivista, “[...] todos os documentos gerados pelo sistema de comunicação científica são considerados fontes de informação.”. Já Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 33) inferem que “[...] as fontes de informação aparecem como uma ferramenta que auxilia na recuperação de informações para usuários inseridos em diferentes contextos.”.

Araujo e Fachin (2015, p.83) explanam que “Fonte de informação pode ser qualquer coisa, que tem a característica de informar algo para alguém [...]. As autoras apresentam esse entendimento ao expor que:

As fontes de informações são registros utilizados ao longo da vida do ser humano, possibilitando ampliar a visão do mundo em que vive e sobre as coisas que estão a sua volta. No campo científico são aquelas que nos permitem criar, recriar e ter acesso ao conhecimento sobre um assunto ou área de nosso interesse ou pesquisas. De modo que, as fontes de informações são referências sobre o que está registrado e disponível ao ser humano, possibilitando reinventar ou compreender melhor seu objeto de estudo. (ARAUJO; FACHIN, 2015, p. 84).

Contudo, eles concordam com as classificações dos tipos de fontes de informação, sendo elas, de acordo com o dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA; CAVALCANTE, 2008), de origens primárias, secundárias e terciárias.

As três são definidas por Blattmann (2015, grifo do autor, *online*) desta maneira:

As **fontes primárias** são aquelas que pertinentes ao produto de informação elaborado pelo autor, por exemplo, artigos, livros, relatórios científicos, patentes, dissertações, teses. Diferencia-se de **fontes secundárias** que revelam a participação de um segundo autor, produtor como no caso das bibliografias, os dicionários e as encyclopédias, as publicações ou periódicos de indexação e resumos, os artigos de revisão, catálogos, entre outros. Enquanto as **fontes terciárias** podem ser mencionadas como as bibliografias de bibliografias, os catálogos de catálogos de bibliotecas, diretórios, entre outros.

Nesse entendimento, a fonte primária é a fonte de origem, o primeiro grau da informação. Por sua vez, a secundária é o resultado da discussão das fontes originais. E a fonte terciária é uma seleção e compilação de fontes primárias e secundárias.

Contudo, as fontes de informação são constituídas por diversos tipos de meios e formas, tais quais: documentos jurídicos, registros em imagens, e relatos de entrevistas, além das mais conhecidas como os livros, artigos e catálogos.

Paiva (2014) classifica como um exemplo de meios e formas as narrativas indígenas como fonte de informação de categoria primária. Em seu trabalho intitulado “Conceituando fontes de informação indígena”, a autora apresenta um estudo que identifica nas narrativas indígenas fontes de informação que foram construídas ao longo do tempo, “Entendemos que

[...] podem ser incluídas as narrativas indígenas que, através de diversas vozes, revelam conteúdos muito ricos em dados sobre a cultura indígena [...]” (PAIVA, 2014, p. 67).

Ainda sobre os mais diversos tipos de formas em que se identificam fontes de informação, Freitas (2001), quem realizou um estudo sobre o negro no período colonial em Santa Catarina em documentos do arquivo público do Estado, relata que:

Todos os documentos foram organizados em volumes distintos que ainda não foram revistos e publicados, a maioria é composta por correspondências entre as autoridades locais e o Presidente da Província de Santa Catarina, assim como falas entre o Presidente da Província e representantes da Coroa Portuguesa. (FREITAS, 2001, p. 58- 59).

Visto que as fontes de informação podem ser distintas em seu meio e forma, como no exemplo das narrativas indígenas trazidas por Paiva (2014) e os documentos levantados no arquivo público por Freitas (2001), percebe-se o quanto são mutáveis as fontes de informação, contudo, elas reafirmam a ideia de autores como Capurro e Hjorland (2007) quanto ao significado de informação, que deve ter significado para quem a utiliza. Nesse sentido, uma fonte de informação só se torna fonte se houver uma demanda ou necessidade por parte de um usuário.

Em vista disto, um dossiê que constará da organização das memórias que formam a história da comunidade, também se configura como uma fonte de informação. Visto que, um dossiê trata-se de: “Coleção de documentos relativos a um processo, a uma instituição, a um indivíduo ou a qualquer assunto.” Dicio (2021, online). Composto por narrativas, fontes bibliográficas e documentais, o dossiê da comunidade Vidal Martins pode ser compreendido como uma fonte de informação.

Diante disso, a presente pesquisa se faz necessária para a CI e a Biblioteconomia por serem áreas onde a informação é soberana e por isso podem contribuir para o processo de resistência, reconhecimento e legitimação de diferentes grupos na sociedade.

Dessa maneira, é identificado o caráter social da informação e logo das suas fontes para a comunidade quilombola, visto que a informação é fundamental para o indivíduo. Como citam Santos e Lubisco (2019, p. 366),

[...] ela é necessária e útil aos indivíduos porque os incita a ter um olhar crítico dos fatos de sua realidade, possibilitando, assim, uma incorporação, reflexão, imaginação e assimilação de conhecimentos capazes de dar significados ao desenvolvimento de suas ações ou atividades.

Nesse sentido, a comunidade remanescente quilombola Vidal Martins se constitui como fonte de informação potencial para a composição e registro da história de Florianópolis e do

Estado por possuir narrativas dos remanescentes e, pelo acervo documental recuperado pelos moradores para comprovar judicialmente a sua legalidade como remanescentes quilombolas.

Isso se dá em razão do que é abordado por Paiva (2001, p. 58):

[...] a documentação existente no Arquivo Público do Estado que faz referência à população negra, tais documentos foram poucas vezes mencionados, visto que artigos referentes ao negro no período colonial resumem-se a pequenas menções ou parágrafos em textos cujo objetivo era outro.

A menção do negro no sul do Brasil foi invisibilizada da história do País. Contudo, ela não é inexistente, ao contrário, ela está muito presente na cultura das regiões do sul do Brasil, bem como nas outras regiões brasileiras. Diante disso, o Quilombo Vidal Martins vem narrando uma história ainda não conhecida e legitimada pela cidade em que está inserido, Florianópolis, história essa que se entrelaça com o desenvolvimento social e a identidade cultural da referida cidade.

2.2 MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL

A humanidade vem se constituindo de experiências, formas de produção de sentido através da palavra. É importante ressaltar que a oralidade possui função de suporte de história, como memória coletiva. São relatos que são portadores de memória coletiva. Francilene Cardoso (2015, p. 61).

Esta pesquisa é oriunda da proposta de sistematizar a organização do acervo memorial dos remanescentes quilombolas da comunidade Vidal Martins. Contudo, minha intenção não é de que se torne só mais um registro, ou um compilado de dados, tenho por anseio organizar as memórias que os constituem como comunidade, como seres de resistência e representação atuante na sociedade em que vivem.

No entanto, para alcançar tais objetivos, é necessário inicialmente ter um aporte teórico, entendendo o que é Memória, seus conceitos e sua relevância para a CI e áreas afins.

Na interdisciplinaridade que compõe a CI, buscando a manutenção e o aprimoramento da análise, coleta, classificação, manipulação, do armazenamento, da recuperação e disseminação da informação, agrupa a área diversos campos de estudo para a condução dessa manutenção/desse melhoramento.

Dentre os diversos estudos, a memória vem sendo assunto de pesquisa na Ciência da Informação há algum tempo. Como no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), que, em 2014, teve pela primeira vez o Grupo de trabalho Informação e Memória – GT 10 (ANCIB, 2014). Assim como o capítulo da *International Society for Knowledge Organization ISKO – Brasil –*, que, no Volume 4, aborda a temática Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento (ISKO – BRASIL, 2020). Dessa maneira, as discussões sobre a memória vêm abrangendo a cada ano um espaço considerável, que enriquece o contexto interdisciplinar da CI e da Biblioteconomia.

Visto a importância que o campo da Memória agrupa à CI, é importante ressaltar, brevemente, como a Memória vem sendo estudada por outras áreas do conhecimento. Dias e Almeida (2017, p. 68) citam que “[...] o estudo da memória surge dentro da Antropologia e da Sociologia, para após isso, a História se apropriar dos conceitos e adentrar no campo mnêmico.”.

Todavia, é preciso ressaltar que memória e história têm conceitos diferentes, especialmente para pesquisadores de áreas como a CI que, ingenuamente, podem se apropriar de uma compreensão inadequada para esses conceitos. Mas, mesmo assim, é preciso dizer que

a memória é associada à história e ambas são vistas como indissociáveis. Porém, tanto a história quanto a memória se reportam ao tempo. Nesse sentido, pesquisadores como Maurice Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993), Sandra Jatahy Pesavento (2003), Jacques Le Goff (2013), Paul Ricoeur (2007) e Henri Bergson (1999) apresentam suas definições sobre memória e história.

O historiador francês Pierre Nora (1993, p. 9, grifo nosso), que aborda lugares de Memória, conceitua memória e história como:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações. [...] **A história** é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. [...] a história é uma representação do passado.

Dessa maneira, a história é uma análise intelectual e científica que realiza a interpretação do passado procurando restaurar memórias.

Sandra Pesavento (2003, *online*) conceitua “[...] que memória e história são representações narrativas que se propõe a uma reconstrução do passado que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo”.

Maurice Halbwachs (1990) aborda o conceito de Memória Coletiva e discorre sobre a diferença entre a história e a memória. Para o autor, a memória coletiva ou social não pode se confundir com a história. Ao contrário, a história, na sua leitura, começa justamente onde a memória acaba, e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo. Logo, a memória é sempre vivida, física ou afetiva. Portanto, a memória deve ser entendida sobretudo como um fenômeno coletivo.

Tal é o ponto de vista da história, porque ela examina os grupos de fora, e porque ela abrange uma duração bastante longa. A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, freqüentemente, bem inferior. (HALBWACHS, 1990, p. 88)

Ainda no construto de memória e história, o historiador Jacques Le Goff (2013 p. 387), que aborda as concepções sob a temática de Monumentos, define memória como: “[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas [...]”.

Quanto à história, Le Goff (2013 p. 490) explana que “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existirem.”.

As ideias de Nora (1993), Halbwachs (1990), Pesavento (2003) e Le Goff (2013) possuem aproximações que permitem compreender a diferença entre memória e história e, ao mesmo tempo, como são indissociáveis.

Sendo a memória composta por um infindável conjunto de elementos como, por exemplo, datas, listas, fatos, lembranças constituídas nas vivências do cotidiano, vívida e fluida de um universo construído de forma coletiva. Contudo, ela é frágil e delicada, pois representa no presente um passado que logo poderá desaparecer ou se modificar, sendo a história a responsável pelo processo que enraíza a memória no tempo por meio de um aporte teórico e científico, garantido à sociedade/grupo vindouro o acesso aos acontecimentos oriundos de outrora. Enfatizo esse entendimento de memória e história na fala de Nora (1993, p. 14):

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história.

2.2.1 Memórias que salvaguardam a História

Compreendidos os elementos que distinguem a memória da história, identificamos que a história é garantidora de um serviço essencial para a humanidade, o entendimento do presente e não esquecimento do passado. Ela, a história, salvaguarda fatos e processos ocorridos no mundo, como se iniciaram conflitos que geraram guerras e que marcaram a humanidade da forma mais cruel, a dinastia de reis e rainhas no berço da civilização humana no Egito, o cotidiano de uma sociedade, os sonhos, as realizações, as violências, as transformações, as vidas de pessoas comuns que fazem e são história.

Mas de que forma a história faz essa construção tão rica que nos possibilita saber passados e presentes no mundo? Ou as formas de organização comunitária e agrícola dentro do Quilombo de Palmares?

Maurice Halbwachs (1990) afirma que a história é construída sob a base de uma memória histórica, conferida pelas memórias de um coletivo.

É verdade que os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência. Onde encontramos nosso passado por que este foi atravessado por isso tudo. [...] ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que não haviam desaparecido somente na aparência. (HALBWACHS, 1993, p.66-67)

Portanto, é conferido à história o papel de salvaguardar o passado do coletivo para a posterioridade. O conceito de memória coletiva, de Halbwachs (1990), é base de muitos estudiosos, contudo, outros autores também iniciam movimentos divergentes. Vieira e

Karpinski (2019, p. 300) apontam uma fragilidade, em que “[...] o conceito de memória coletiva de Halbwachs acaba homogeneizando o fenômeno da lembrança e do esquecimento, tirando do indivíduo o grau de liberdade que a ele compete tanto no lembrar, quanto no esquecer.”

Esse apontamento é corroborado por Bergson (1999), que comprehende a memória como sendo um fenômeno do presente e não de um passado já morto. Bergson (1999, p. 272) observa a memória como algo sempre no momento:

Essa percepção pura, com efeito, que seria como um fragmento destacado tal e qual da realidade, pertenceria a um ser que não misturaria à percepção dos outros corpos a de seu corpo, isto é, suas afecções, nem à sua intuição do momento atual a dos outros momentos, isto é, suas lembranças.

Seguindo as divergências do pensamento de memória coletiva para uma memória histórica de Halbwachs (1990), o filósofo Paul Ricoeur (2007) conceitua memória como fonte de conhecimento histórico. Para o autor, a memória é a base fundamentadora da História, e é somente por meio dela que se consegue olhar para o passado e se ligar a ele. O autor trabalha com a imaginação e o esquecimento, e, para ele, a rememoração é um ato de resistência, “Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar.” (RICOEUR, 2007, p. 40).

A inserção desse apanhado sobre a conceitualização da história e da memória tem como objetivo indicar a importância do entendimento não somente de como e sob quais bases se constrói a narrativa histórica, mas para o próprio desenvolvimento dos estudos na área da CI, que, como apontado anteriormente, tem a informação como uma de suas bases fundamentais.

Essa colocação da construção da história se faz importante, também, para compreender as injustiças da história decorrentes de uma memória seletiva. Pensando o próprio cenário desta pesquisa, é necessário ampliarmos os conceitos ou os entendimentos de história e memória, considerando as epistemologias negras ou do Sul⁸.

A memória pode glorificar ou demonizar partes do passado, isso porque o processo de construção da memória implica em escolhas de eventos do passado que um determinado grupo acha que devem ser lembrados, e nesse processo o grupo define por suprimir e escolher determinados eventos.

A história construiu as nossas atuais bases de conhecimentos oriundos de outrora tendo como alicerce os grupos que denomino aqui como os grupos vencedores ou aqueles que estavam no poder, durante muito tempo, e é à sombra deles que se deu a construção da história tal qual

⁸ Epistemologias do Sul, termo cunhado por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (SANTOS; PAULA, 2014).

a conhecemos, com representações de um grupo totalitário e dominante, causando injustiças visíveis até hoje. “Isto porque o processo de constituição da memória coletiva pode ser permeado pelos princípios de exclusão, segregação e marginalização daqueles que determinada coletividade quer ‘apagar da memória’ e, consequentemente, da história.” (VIEIRA; KARPINSKI, 2019, p. 300).

Nesse sentido, Maurice Halbwachs, sociólogo de família bem abastada que nasceu no século XIX, ante toda a ascendência constituída por todos os seus antepassados, aborda essa construção da memória para a história com um olhar bem particular:

A história que quiser tratar dos detalhes dos fatos, torna-se erudita e a erudição é condição de apenas uma minoria. Se ela se limita, ao contrário, a conservar a imagem do passado que possa ainda ter seu lugar na memória coletiva de hoje, ela apenas retém dela aquilo que ainda interessa as nossas sociedades, **Isto é, em resumo, bem pouca coisa.** (HALBWACHS, 1990 p. 300, grifo nosso).

Durante muito tempo, os grupos eruditos escolheram determinadas memórias para escrever a história. Logo, esta foi feita de acontecimentos com personagens que personificam uma visão de uma época e com os seus lugares de memória, uma escrita histórica eurocêntrica e colonial. Recordemos de como a história do Brasil era contada nos livros didáticos. Alguma vez nesses livros encontrou-se a versão indígena? Recordo-me apenas da versão em que os portugueses “salvaram” os indígenas trazendo a eles a “civilidade”.⁹

Em síntese, esse levantamento sobre a importância da memória para a construção da história, aqui trazido, para mim, foi um exercício que fiz por muito tempo para compreender como as coisas que me cercam sucederam. Ouve-se muitos os questionamentos, como por que existe racismo? Por que algumas pessoas brancas se julgam superiores às pessoas negras? Onde isso está escrito? Quem disse isso? Pois bem, isso está escrito. E quem disse e diz é a História, uma história construída por uma minoria erudita, branca, elitista e patriarcal.

Contudo, para identificar as respostas de tais questionamentos é necessária uma leitura mais crítica. Pesavento (2003) também se coloca nesse sentido, ao afirmar que:

A História trabalha, assim, com um acúmulo de possíveis, com a pluralidade de pontos de vista, o que a situa no campo da ambivalência: ser isso e aquilo ao mesmo tempo, podendo um fato ter mais de uma versão, dotada cada uma da sua lógica própria sem que uma delas deva ser, necessariamente, mentirosa. (PESAVENTO, 2003, *online*).

⁹ Aqui, faz-se necessário mencionar a importância das Leis (federais) n. 10.639/03 e n. 11.645/08, as quais implementaram a obrigatoriedade da inclusão nos currículos escolares da “História e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 2003, 2008). Elas tiveram impacto, inclusive nos livros didáticos e currículos de história, mas não somente.

Nesse sentido, em consonância com Pesavento, pensamos que para compreender o contexto quilombola, torna-se importante apresentar as formas africanas e afro-diaspóricas ou/e negras de tratar a memória e a história.

De acordo com Queiroz (2015, p. 47), para algumas sociedades africanas, a tradição oral tinha tanto valor quanto a tradição escrita tem para o ocidente, “[...] a palavra falada estava imbuída de valores morais e de um caráter sagrado, além de possuir forças nela oculta.”.

Queiroz (2015) descreve que nas tradições orais africanas existem representantes responsáveis por transmitir e dar continuidade à história através da fala. Identificados como tradicionalistas, esses são “conhecedores” ou “fazedores de conhecimento” conhecidos como Griôs:

Os griôs poderiam percorrer vastas regiões ou estar ligados a uma família. [...] Seus conhecimentos poderiam ser amplos, envolvendo não só a história das populações de suas regiões, mas as características geográficas locais, sobre seus deuses, instituições, mitos, lendas, seu penar e esperança. [...] Assim, os griôs assumiram durante muitos séculos diversas funções: **ele romperam o esquecimento**, exaltaram as tradições, serviram de mediadores em sociedades marcadas por hierarquias, etiquetas, autoridade e reverência, **foram portadores das histórias e dos mitos fundadores de regiões e impérios**. (QUEIROZ, 2015, p. 52-53, grifo nosso).

Esses tradicionalistas eram viajantes, e cabia a eles levar a história para os mais distintos grupos através da tradição oral. Como sociedades orais, a palavra tem imenso poder, sendo ela irrefutável e entendida como algo supremo, sendo o homem o receptáculo desse poder divino, guardando a mente e a palavra. Queiroz (2015, p. 48) cita que o homem “transmite o que aprendeu a seus descendentes – este é o marco inicial da grande cadeia de transmissão oral.”.

Corroborando com Queiroz (2015), Bosi (2003, p. 15) versa sobre a importância e riqueza da oralidade na concepção da história:

A memória oral, longe da unilateralidade para qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem prender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades.

Nesse entendimento, Shirlen, uma das líderes da comunidade quilombola Vidal Martins, cita que no início do processo de resgate histórico o ponto mais importante para esse processo foi a sabedoria dos mais velhos:

[...] nós tínhamos algo muito bom, que era o contar dos mais velhos, [...] como nós tínhamos toda a sabedoria deles, tudo aquilo que foi passado para eles através dos pais deles, através do meu avô, do bisavô do tataravô a gente tinha a história [...] os mais velhos são a nossa biblioteca [...]. (A RETOMADA..., 2020, informação verbal¹⁰).

¹⁰ Live do Youtube, fala de Shirlen Vidal Martins (5:31). <https://www.youtube.com/watch?v=zT49G7YANOU>

Vista a importância da oralidade para culturas de origens africanas, essa pesquisa toma como matéria-prima a oralidade dos remanescentes do Quilombo Vidal Martins, perante tamanha riqueza que esses trazem em seus relatos, que interpretam o passado por meio de lembranças, mas principalmente através das memórias passadas a eles por seus ancestrais, caracterizando-as como a memória de um coletivo e um lugar de memória para o coletivo Vidal Martins.

À vista disso, é importante registrar e ordenar a memória de forma escrita, materializando-a. Contudo, é de extrema importância ressaltar que a escrita/materialização não torna a memória do quilombo como registro e transmissão cultural inválidos ou não confiáveis pelo fato de serem advindos em sua maioria de narrativas dos remanescentes¹¹.

Nesse sentido, Pizarro, Laurindo e Vieira (2015, p. 33) inferem que “[...] o ato de escrever serve, justamente, para organizar e alinhar estes pensamentos de forma coerente possibilitando uma leitura posterior e a transmissão de um conteúdo significativo”. Significativo, tal qual as memórias do quilombo, configurando, assim, um lugar de memória.

Ainda no entendimento da importância da escrita para o registro das memórias do quilombo, o filósofo Vilém Flusser (2010) apresenta-a da seguinte maneira:

Mas as linhas daquilo que está escrito não orientam os pensamentos apenas em sequências, elas orientam esses pensamentos também em direção ao receptor. Elas ultrapassam seu ponto final ao encontro do leitor. O motivo que está por trás do escrever não é apenas orientar pensamentos, mas também dirigir-se a um outro. Apenas quando uma obra escrita encontra o outro, o leitor, ela alcança sua intenção secreta. **Escrever não é apenas um ato reflexivo, que se volta para o interior, é também um gesto (político) expressivo, que se volta para o exterior.** Quem escreve não exprime algo de seu próprio interior, como também o exprime ao encontro do outro. (FLUSSER, 2010, p. 20, grifo nosso).

O autor argumenta que, a partir do registro da escrita, a história pode ser um acontecimento, assim como também pode fazer parte da memória.

O gesto de escrever evidencia a consciência histórica, que se deixa fortalecer e aprofundar por meio de uma escrita contínua, e o escrever, por sua vez, torna-se mais forte e mais denso. [...] **Essa é a dinâmica da história.** (FLUSSER, 2010, p. 21, grifo nosso).

Dessa maneira, ao ser registrada a memória do Quilombo Vidal Martins, não só os remanescentes terão sua história em um suporte, mas, também, Florianópolis terá uma parte de sua história, ainda desconhecida por muitos, exposta. Esse suporte compreenderá a memória de um grupo, e com isso pode ser caracterizado como um lugar de memória, guardando dados, fatos sobre o quilombo e seus representantes.

¹¹ “Durante muito tempo, entre as sociedades modernas ocidentais, foi considerado que aquelas que não se utilizavam da escrita como forma de registro e transmissão cultural não possuiriam história e cultura.” (QUEIROZ, 2015, p. 46).

Para Nora (1993), “lugar de memória” são como rastros de memória, materializada na forma de instituição/monumento específica que salvaguarda aquilo que deve ser lembrado, pois é preciso lembrar ao homem aquilo que ele não deve esquecer. Para o autor, os lugares de memória têm a função pedagógica de exercer o papel de lembrar e evitar o esquecimento. De acordo com ele, um lugar de memória pode ser entendido como uma praça, um monumento ou um livro.

Portanto, a construção desse dossiê é também um gesto político, como cita Flusser (2010), visto que o dossiê eletrônico do quilombo se torna expressivo e se volta para o exterior, atingindo, então, visibilidade como um “lugar de memória” da e para a comunidade.

2.3 IDENTIDADE CULTURAL

A relação entre memória e identidade cultural para os remanescentes quilombolas da comunidade Vidal Martins se dá a partir da referência à cultura de suas origens enraizadas no sentido de pertencimento e história do grupo. Para Stuart Hall (2005, p. 12-13), “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Dessa maneira, os quilombos são e podem ser entendidos, entre outras questões, como um lugar de representação e prática da resistência contra a escravidão e a luta por dignidade e liberdade. “Este evoca as memórias coletivas do passado e, ao mesmo tempo, articula um conjunto de símbolos materiais e imateriais que o identificam como um coletivo afrodescendente que resiste, (re)constrói-se e afirma a sua existência.” (COSTA; FONSECA, 2019, p. 3).

Nesse sentido, o Quilombo Vidal Martins em Florianópolis vem resistindo, utilizando da cultura apreendida nos ensinamentos de seus antepassados, e ressignificada no presente, por meio dos seus costumes, como a música, o ato de trançar, a confecção artesã com a renda de bilro, e produções de bonecas abayomi, entre outros.

Por mais de trezentos anos, mulheres, homens e crianças arrancados de suas comunidades de origem foram escravizados no Brasil e, mesmo após a abolição em 1888, foram excluídos da sociedade e trocados pelos imigrantes que teriam o seu trabalho remunerado.

A escravidão de africanos nas Américas consumiu cerca de 15 milhões ou mais de homens e mulheres arrancados de suas terras. O tráfico de escravos através do Atlântico foi um dos grandes empreendimentos comerciais e culturais que marcaram a formação do mundo moderno e a criação de um sistema econômico mundial. A participação do Brasil nesta trágica aventura foi enorme. Para o Brasil, estima-se que vieram perto de 40% dos escravos africanos. Aqui, não obstante o uso intensivo da mão-de-obra cativa indígena, foram os africanos e seus descendentes que constituíram a força de trabalho principal durante os mais de trezentos anos de escravidão. (REIS; GOMES 1996, p.9)

No contexto da abolição, a exclusão e violência se deu no acesso à educação escolar, no direito de votar, de serem donos de suas terras, sofreram com a fome, doenças, violência policial e o trabalho escravo irregular (REIS; GOMES, 1996).

Como solução para a falta de moradia, subiram aos morros das cidades, e, ainda, libertos não podiam praticar a sua religião de matriz africana e nem seus costumes, como danças e cantos, incluindo a capoeira que por muito tempo foi criminalizada. O negro que fosse pego jogando capoeira seria preso.

Na chegada ao Brasil, os africanos tiveram seus nomes trocados, eram batizados pelo sobrenome dos seus senhores, forçados a adotar a língua portuguesa e a religião católica. Algumas dessas pessoas, que eram identificadas por características visíveis em seus corpos, como o corte de cabelo e as tranças (com o que era possível identificar os reis e rainhas de sociedades africanas, bem como espaços geográficos), para que não pudessem ser reconhecidos quando chegavam ao Brasil, tinham seus cabelos cortados, objetivando o apagamento de suas marcas culturais.

Contudo, o forte empenho nesse processo de violência, esquecimento e nulidade de suas culturas encontrou fortes resistências na luta pela vida e a liberdade através da constituição de laços de solidariedade e estabelecimento de redes de relações. Segundo Mortari (2015, p. 134-135),

[...] a diáspora africana não significa, na nossa concepção, apenas o deslocamento forçado, porém, a redefinição histórica e social de pertencimento, perceptível através da construção de novas identidades e identificações, de formas de devoção, de rearranjos de sobrevivência, de experiências históricas de lutas por autonomia e liberdade.

Compreender os corpos africanos e afrodescendentes implica em reconhecer histórias veladas que se constituíram no Brasil através de uma rica combinação de culturas. De acordo com Hall (2005, p. 59), “A maioria das nações consiste de culturas separadas que se formam unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural.”.

Mediante todo sofrimento oriundo do período escravagista e seus frutos, como os diversos tipos de racismo, toda e qualquer manifestação da cultura negra é um símbolo de resistência, que reforça identidades culturais que por muito tempo foram criminalizadas, rechaçadas e invisibilizadas.

Junto a elementos de culturas africanas construídas na diáspora existem aquelas provenientes das culturas colonizadoras. Por exemplo, os remanescentes de Vidal Martins são

praticantes da religião cristã e confeccionam renda de bilro, que no contexto de Florianópolis é entendida como de origem açoriana e, portanto, europeia.

Assim, a memória contribui para trazer aspectos do processo de constituição da identidade cultural. Pensamos que a vida no quilombo é uma permanente construção social, como visto na relação da cultura religiosa da comunidade, em que alguns são praticantes das religiões católica e evangélica. Mas isso não os descaracteriza enquanto remanescentes quilombolas, povos e comunidades tradicionais do Brasil. Sua história, as memórias, as práticas culturais são pautadas em laços ancestrais e de pertencimento à terra, ao território.

2.4 POVOS TRADICIONAIS

*Aquela dívida de uns anos atrás está bem viva Você
não lembra mais...
Ultramen (Dívida, 2000)*

Como já se sabe, na chegada das caravelas portuguesas, o Brasil já era habitado por indígenas de diversas etnias. Sociedades que viviam da caça, pesca e agricultura de subsistência utilizando recursos naturais para a conservação dos seus grupos. Como primeiros habitantes do Brasil, são considerados como Povos Originários (SOUZA, 2015).

Contudo, sob políticas públicas que, por meio de manifestos, leis e decretos, instauraram a definição de Povos Tradicionais para descrever povos além dos originários:

De acordo com essa Política, Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) são definidos como: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.” (BRASIL, c2020, *online*).

As políticas públicas voltadas para os Povos e Comunidades Tradicionais são tratadas pela convenção n. 169/1989 da Organização das Nações Unidas (ONU) e a resolução da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais. Determina, aos povos indígenas e tradicionais (como os quilombolas), a importância de garantir seus direitos como o acesso à terra, à educação, à comunicação e à participação nas decisões relativas à comunidade (ONU, 1989).

No Brasil, desde 2007, os quilombolas são reconhecidos como sujeitos de direito dessa convenção, “por meio do Decreto 6040, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT)” (SECRETARIA DA JUSTIÇA,

2020, *online*). Nesse entendimento, o Departamento de Direitos Humanos e Cidadania (DEDIHC) descreve os povos e comunidades tradicionais como:

Entre os povos e comunidades tradicionais do Brasil estão quilombolas, ciganos, matriz africana, seringueiros, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçu, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caíçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, ciganos, açorianos, campeiros, varzanteiros, pantaneiros, caatingueiros, entre outros. (SECRETARIA DA JUSTIÇA, 2020, *online*).

A Fundação Cultural Palmares, desde 1988, trabalha para garantir direitos como o da convenção n. 169 para os quilombos, e “O § 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, reserva à Fundação Cultural Palmares a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas” (PALMARES, 2020, *online*). Desde então, foram emitidas mais de três mil certificações para comunidades quilombolas, “[...] este documento reconhece os direitos das comunidades e dá acesso aos programas sociais do Governo Federal.” (PALMARES, 2020, *online*).

A luta pelo reconhecimento dessas comunidades ainda é constante, mesmo com a existência das leis resultantes do entendimento de uma dívida histórica que está longe de ser resarcida, visto que as comunidades quilombolas ainda resistem ao processo de violência da colonialidade. Esses territórios se constituíram (e constituem) como a possibilidade de assentar chão e viver a vida, livre das correntes e dos açoites.

Reis e Gomes (1996) apontam que:

[...] a organização social dos aquilombados era identificada a um esforço "contra aculturativo", uma resistência à "aculturação" européia a que eram submetidos os escravos nas senzalas. R. K. Kent, um africanista norte-americano, vai seguir pistas claras deixadas por Nina Rodrigues e Edison Carneiro, procurando descobrir em Palmares um verdadeiro Estado africano no Brasil. É a visão do Quilombo como um projeto restauracionista, no sentido de que os fugitivos almejariam restaurar a África neste lado do Atlântico. (REIS; GOMES, 1996, p. 11).

Não só restaurar a África neste continente, mas, sim, suas vidas com seus costumes culturais e religiosos. Nos estudos da arqueologia de Palmares, Funari (1996) constata que as pessoas escravizadas fugitivas buscavam viver como o faziam em Angola, incluindo as divisões de terras em “sítio” de acordo com as sociedades, como era na África Central Atlântica, formando os *Mocambos*. Como o mocambo do Macaco, conhecido por ser o principal mocambo de Palmares.

2.4.1 Quilombos

Negro entoou um canto de revolta pelos ares no Quilombo dos Palmares onde se refugiou...

Clara Nunes (Canto das três raças, 1974).

Ainda tecendo o fio de minhas memórias escolares, na perspectiva da escrevivência, recordo-me de que, nas aulas de história, sempre que era abordado o assunto quilombos, o que me vem à memória era a referência a Palmares. Zumbi e Palmares, para mim, por muitos anos, eram sinônimos, suas histórias eram abordadas como uma única coisa, indissociáveis uma da outra.

Mas, com base na produção de estudos, sabemos que não é uma história única. Felizmente, os conteúdos dos livros didáticos vêm ganhando novas abordagens, devido a estudos que conseguem explicar a complexidade do que foi Palmares, e por sua vez proporcionam o conhecimento de outros quilombos existentes pelo Brasil, também como resultado das Leis Federais nº 10.639/03 e nº 11.645/08, as quais implementaram a obrigatoriedade da inclusão nos currículos escolares da “História e cultura afro-brasileira e indígena” (BRASIL, 2003, 2008).

Em todas as direções da grande expansão territorial do Brasil durante mais de três séculos da escravidão, os africanos e africanas se autolibertaram da escravidão através da fuga; constituíram-se em agrupamentos denominados Quilombos como meio de organizar em sua existência individual e coletiva, e como forma de combate ao sistema de opressão. (NASCIMENTO, 1980, p. 62).

Os quilombos representam resistência à escravidão, resistência territorial, ao trabalho forçado e às condições desumanas de vida, trata-se do ato de se autolibertarem, como cita Abdias do Nascimento (1980), pois a liberdade daquelas pessoas não pertencia a ninguém, estavam na condição de escravizados, não eram cativos. De acordo com Leite (2000, p. 335), “[...] a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações”.

Por muito tempo, os quilombos foram conceitualizados sob sinônimos de marginalização. Fontes de historiadores do período colonial que representavam esse conceito são descritas por Reis e Gomes (1996, p. 10), “[...] para a maioria dos quilombos nas Américas, e no Brasil em particular, dependemos apenas de relatos escritos por pessoas de fora, amiúde pela pena de membros das forças opressoras.”.

Marginalizados, os quilombos sofrem com os estigmas oriundos de fontes advindas de documentos de repreensão, como cita Leite (2000), configurando a desigualdade social e principalmente racial:

Em diferentes partes do Brasil, sobretudo após a Abolição (1888), os negros têm sido desqualificados e os lugares em que habitam são ignorados pelo poder público ou mesmo questionados por outros grupos recém-chegados, com maior poder e legitimidade junto ao estado. (LEITE, 2000, p. 334)

Contudo, é importante reafirmar a resistência desses territórios evidenciada através de pesquisas e trabalhos que trazem o símbolo e o significado que representavam e representam para a resistência de homens e mulheres no tempo.

Ainda sob a narrativa de documentos elaborados pelos opressores, na definição colonial abarcada pelo Conselho Ultramarino de 1741, citada por Carril (2006, p. 52), quilombos são definidos como “Toda a habitação de negros fugidos que passe de cinco, em parte despovoada ainda que não tenha ranchos levantados nem nela se achem pilões.”.

Para o historiador Carlos Magno Guimarães (1996), que estudou sobre a mineração em quilombos de Minas Gerais e em Palmares,

Os quilombos se manifestam enquanto contradição básica do escravismo moderno - Levando-se em conta também as especificidades conjunturais desse mesmo escravismo - e são uma das formas de manifestação do conflito que envolve todas as classes mas tem seu ponto de partida no conflito entre senhores e escravos. (1996, p.139)

Abordando a etimologia da palavra, Leite (1999) cita a pesquisa realizada pelos autores Lopes, Siqueira e Nascimento, em 1987, em que se tem como definição: “[...] quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado através dos séculos [...] Quer dizer acampamento guerreiro na floresta, sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa.” (LOPES; SIQUEIRA; NASCIMENTO, 1987, p. 27-28 *apud* LEITE, 1999, p. 127).

Reflexões relativas aos quilombos passam a se intensificar, como citam Reis e Gomes (1996) sobre os estudos afro-brasileiros no século XX. Nesse viés, novas abordagens quanto ao conceito de quilombo surgiram, ampliando para múltiplas formas e amplos conceitos, como abordam Schmitt, Turatti e Carvalho (2002, p.3):

[...] quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção.

Com a ampliação dos conceitos, a linguagem popular também passou a incorporar entendimentos do povo sobre o entendimento de quilombo, como se refere Leite (1999), ainda citando Lopes, Siqueira e Nascimento (1987):

Na tradição popular no Brasil há muitas variações no significado da palavra quilombo, ora associado a um lugar (“quilombo era um estabelecimento singular”), ora a um povo que vive neste lugar (“as várias etnias que o compõem”), ou a manifestações populares, (“festas de rua”), ou ao local de uma prática condenada pela sociedade (“lugar público onde se instala uma casa de prostitutas”), ou a um conflito (uma “grande confusão”), ou a uma relação social (“uma união”), ou ainda a um sistema econômico (“localização fronteiriça, com relevo e condições climáticas comuns na

maioria dos casos”). (LOPES; SIQUEIRA; NASCIMENTO 1987, p. 15 apud LEITE, 1999, p.336 – 337)

Atualmente, os estudos sobre quilombos ganham força, são identificados conceitos novos, amplos e com aporte científico e não cheios de cargas preconceituosas para suas definições, com o aumento dos estudos são realizadas outras análises, como as tipificações de quilombos.

Mathias Assunção (1996) dividia os quilombos do Maranhão em três grupos:

[o primeiro] [...] como pequenos grupos de escravos que se escondiam nas matas nas imediações das fazendas [...]” [o segundo se trata dos grupos que,] “[...] afastados das imediações das fazendas, que conseguiriam estabelecer algum tipo de economia de subsistência mais permanente, e eventualmente combiná-lo com a venda de algum excedente [...]” [e o terceiro grupo é descrito como o que,] “[...] combinava agricultura de subsistência com garimpo. O garimpo significava maiores recursos para a aquisição de bens e a participação em redes comerciais [...]” (ASSUNÇÃO, 1996, p. 436-437).

Outra análise aborda as condições de sustentabilidade econômica dos quilombos. Décio Freitas as descreve em sete maneiras, como cita Leite (2000):

[...] os agrícolas, os extrativistas, os mercantis, os mineradores, os pastoris, os de serviços, os predatórios (que viviam de saques). A agricultura não está totalmente ausente dos demais, mas não é propriamente o que viabiliza e define cada um deles (FREITAS, 1980, p. 70 apud LEITE, 2000, p. 337).

Além disso, estudos relatam a participação de outros grupos além dos africanos e afrodescendentes nos quilombos, como pessoas indígenas, brancos pobres ou fugitivos da lei. Contudo, também é observado nos estudos o termo “quilombos suburbanos”, definidos como aqueles próximos às cidades e vilas, já que na fuga, muitas pessoas escravizadas optaram por ir para a cidade procurando se diluir no anonimato da massa de negros livres (REIS; GOMES, 1996).

2.4.2 Quilombos urbanos

Nós entramos pobre na fazenda e saímos mais pobres ainda. Carpimos doze mil pés de café, e colhemos também, e não recebemos nada. Que crueldade! Nos tirar da nossa casa, nos espolia e nos abandonar sem um tostão. Carolina Maria de Jesus (2014, p.143).

O trecho anterior traz relatos das lembranças da autora Carolina Maria de Jesus entre as décadas de 1920 a 1950, aproximadamente trinta anos após a abolição da escravidão no Brasil, em seu livro o “Diário de Bitita”. Pela narrativa e memória da autora, é evidente os sofrimentos pelos quais os negros passavam. Como não podiam ser donos de terras, tinham que se sujeitar a qualquer coisa para continuarem existindo, situação que perdurou por muito tempo (JESUS, 2014).

Esse é um relato de uma mulher negra que viveu nessa situação e conta sua história como algo comum e corriqueiro. Isso porque durante muito tempo as únicas terras que por algum momento pertenceram aos negros foram as terras de quilombos (REIS; GOMES, 1996).

Após a fuga, homens e mulheres escravizados buscavam diversos meios para manterem-se livres. Como era de conhecimento das autoridades, os quilombos passaram a ser visados, e, por isso, foram alvos, sofrendo com ataques violentos e sanguinários, que resultava na sua dizimação ou na volta para a escravidão (MAESTRI, 1996).

Uma das estratégias usadas era de serem invisíveis nas cidades ou vilarejos próximos, onde existia maior circulação de todos os tipos de pessoas, inclusive de negros forros, formando o que é denominado de quilombos urbanos:

Os escravos fugidos seriam um problema para Porto Alegre. Nos morros que cercavam a vila e nas ilhas próximas do Guaíba deve ter havido pequenas concentrações de fujões. A esses Quilombos se referia a Câmara. Era comum que cativo se refugiassem nas cercanias e nas ilhas fluviais e lacustres próximas dos centros urbanos. (MAESTRI, 1996, p. 297)

Vistos como um problema, as pessoas escravizadas que conseguiram fugir foram tema de estudos de Mário Maestri (1996), que investigou a escravidão e a criação de quilombos urbanos no Rio Grande do Sul.

Em Minas Gerais, na zona industrial da mata mineira, Djalma Antonio da Silva (2005, p.14) fez sua tese sob a formação de quilombos urbanos na zona da mata, “[...] a formação do quilombo urbano, trata dos remanescentes de quilombos das comunidades da Colônia do Paiol, Bias Fortes e das migrações de membros desses grupos para Juiz de Fora”. Silva (2005) caracteriza os espaços quilombolas urbanos como lugar de resistência, onde os descendentes de pessoas escravizadas recriaram suas identidades culturais no contexto urbano.

A estrutura de quilombos em zonas urbanas pode ser identificada em partes da cidade, como em comunidades (favelas), becos e ruelas no plano ou em morros, como destacam Hebenbrock e Fideles (2014), “O resquício do entrelaçamento das raças formadoras da cidade do Recife ainda pode ser vista e vivida nos becos, avenidas e ruelas da atual Veneza Brasileira.”

Mesmo com a pompa de uma Veneza Brasileira, os autores apresentam as dificuldades que a população negra sofre afirmando que:

Recife está longe de ser uma cidade considerada multicultural em virtude de suas diversidades, étnicas, religiosa e social, mas sim um Quilombo Urbano, onde os negros oriundos da África na atualidade ainda são vistos como pobres, feios, diaspóricos e miseráveis. (HEBENBROCK; FIDELES, 2014).

Contudo, é importante salientar que na maioria dos quilombos urbanos foram as cidades que chegaram a eles, e não o contrário, pois com a modernização e o processo de crescimento das cidades, em algumas ocorreram a concentração de populações que se misturaram com as comunidades quilombolas, passando a serem identificadas como quilombos urbanos devido à localização geográfica, sendo ainda consideradas como território de resistência.

Uma diferença entre os quilombos urbanos e rurais é observada na maneira como a economia se organiza. É comum nos quilombos em área rural haver uma economia baseada na agricultura e venda dos produtos produzidos pela comunidade, além de alguns integrantes trabalharem nas cidades próximas. Nos quilombos urbanos, a economia gira em torno do trabalho fora dos quilombos, como descrevem Souza e Gusmão (1998, p. 79), no estudo do Quilombo Brotas, situado na cidade de Itatiba, interior do estado de São Paulo, “Os moradores do Quilombo trabalham na cidade como pedreiros, pintores, ajudantes gerais, cozinheiras, faxineiras e domésticas.”.

Atualmente, tanto urbanos como rurais têm características muito semelhantes e a “modernidade” chegou para ambos, os remanescentes de quilombolas estudam, trabalham, gerando economia e trabalho para o estado como qualquer outra comunidade ou bairro dos estados e municípios.

Entretanto, ainda sofrem com problemas oriundos do período escravocrata, as terras são roubadas nos processos de grilagem, sufocando as famílias em metros quadrados, alguns são perseguidos pelas práticas das religiões de matriz africana e sujeitados a processos de catequização de outras religiões, sem falar do preconceito que sofrem devido à cor da pele e ao fato de serem remanescentes quilombolas. Portanto, têm sua cultura, costumes e modos de vida constantemente ameaçados pelas inúmeras violências.

Assim sendo, faço das palavras de Leite (2000, p. 333) as minhas, “Falar dos quilombos e dos quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, consequentemente, uma reflexão científica em processo de construção.”

Este é um trabalho realizado no ano de 2000, mais de vinte anos se passaram e as lutas continuam as mesmas. O contexto atual ainda está longe de ser benéfico para o negro no Brasil e, em particular, para as populações quilombolas.

Isso posto, diante dessa breve compreensão sobre o Quilombo, faz-se importante reafirmar que ele vai muito além de uma visão advinda do terror da escravidão, trata-se de uma estrutura organizada com ajuda e cooperação entre pessoas. Portanto, aquilombar-se¹² representa união, sagacidade, força, inteligência e resistência, assim foi desde o início da escravidão no Brasil e assim segue até os dias de hoje.

¹² Entenda mais sobre o conceito de aquilombar-se em: <https://revistaforum.com.br/noticias/e-tempo-de-se-aquilombar/>.

3 QUILOMBOS EM SANTA CATARINA

Quilombo

Que todos fizeram com todos os santos zelando

Quilombo

Que todos regaram com todas as águas do pranto

Quilombo

Que todos tiveram de tombar amando e lutando

Quilombo

Que todos nós ainda hoje desejamos tanto

Gilberto Gil (Quilombo, o Eldorado negro, 1984).

A abolição da escravatura de 1888 não garantiu aos negros uma vida em sociedade igualitária, ao contrário, foram marginalizados e alocados em posições de subalternidade. Contudo, as frentes negras em movimentos por defesa aos direitos e por um sistema mais justo para os negros se destacaram (CARNEIRO, 2002).

Os movimentos negros foram/são indispensáveis para a comunidade negra brasileira devido às muitas conquistas em diversos campos, sendo atuante na organização de sindicatos trabalhistas, nas Organizações não Governamentais (ONGs), nas políticas públicas específicas, nas ações afirmativas, dentre outras, como aponta Petrônio Domingues (2008).

Na educação, os movimentos negros organizados tornou-se, então, um dos maiores impulsionadores na formulação e construção de leis que vieram a surgir em prol da comunidade negra brasileira, como a inclusão da história e cultura afro-brasileira na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e, posteriormente, nas Leis (federais) n. 10.639/03 e n. 11.645/08, as quais implementaram a obrigatoriedade da inclusão nos currículos escolares da “História e cultura afro-brasileira e indígena”, além da Lei (federal) n. 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas para o ensino superior (BRASIL, 1996, 2003, 2008, 2012).

Nesse sentido, Sueli Carneiro (2002, p. 210) ressalta a importância do movimento negro, no que tange aos:

Avanços significativos se processaram no combate ao racismo do ponto de vista legal, constituindo uma nova e vigorosa área de atuação e produção de conhecimento, a do “Direito e Relações Raciais”, com crescente engajamento de operadores do direito, instituições jurídicas e a proliferação dos SOS Racismo, tanto no Brasil como em alguns países da América Latina.

A autora também salienta o avanço na organização das comunidades remanescentes quilombolas, nos meios de comunicação, além do movimento feminista negro e outros que são expressões da luta negra por direitos básicos e por humanidade (CARNEIRO, 2002).

Quanto às comunidades negras quilombolas, a atuação intensa do movimento negro no suporte à organização política dessas comunidades contribuiu para que alcançasse dimensões

nacionais. Nas expressivas marchas, diálogos e atos públicos, as necessidades e as reivindicações das comunidades são vistas e expressadas.

O Movimento Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas é hoje um dos mais ativos agentes do movimento negro no Brasil. Unidos pela força da identidade étnica, os quilombolas construíram e atualmente defendem um território que vive sob constante ameaça de invasão, uma realidade que revela como o racismo age no país, impedindo que negros e negras tenham o direito à propriedade, mesmo sendo eles os donos legítimos das terras herdadas dos seus antepassados. (IPEA, 2020, *online*).

Destaca-se, impulsionada pelo movimento negro, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq; ISA). Criada em 1995, durante a primeira Marcha de Zumbi dos Palmares¹³ em Brasília, a Conaq atua no sentido de construir visibilidade à luta das comunidades quilombolas no Brasil em busca de seus direitos legais.

É neste contexto que a questão quilombola ganha peso no cenário nacional. O reconhecimento legal de direitos específicos, no que diz respeito ao título de reconhecimento de domínio para as comunidades quilombolas, ensejou uma nova demanda, gerando proposições legislativas em âmbito federal e estadual, promovendo a edição de portarias e normas de procedimentos administrativos consoante à formulação de uma política para a garantia dos direitos das comunidades quilombolas. (CONAQ; ISA 2020, *online*).

Com a articulação nacional em prol das comunidades quilombolas estruturada pela Conaq, as lutas das comunidades quilombolas passam a ser percebidas, e com a pressão o governo brasileiro passa a atender as demandas já constituídas legalmente das comunidades negras quilombolas, como a aplicabilidade e conservação do art. 68 da Constituição Federal de 1988, que determina “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (BRASIL, 1988).

Assim, a luta quilombola se inicia articulada com o movimento negro, contudo, essa é uma luta que não está apartada da luta antirracista, mas que traz o território como centralidade, mediante lutas locais e nacionais. Dessa maneira, como determina o art. 68 da Constituição Federal, é de direito das comunidades quilombolas a posse e propriedade das terras de seus antepassados, ou seja, essas terras são suas por direito.

Visto a importância nacional trazida pelo movimento negro e o movimento das comunidades quilombolas, é importante mencionar a dimensão local dos ganhos adquiridos em âmbito local desses movimentos no estado de Santa Catarina.

¹³ “A primeira Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, foi realizada no dia 20 de novembro de 1995. Cerca de 30 mil pessoas se reuniram em Brasília para denunciar a ausência de políticas públicas para a população negra.” (JORGE, 2005, *online*).

A comunidade Vidal Martins é o primeiro quilombo reconhecido pela fundação Palmares em Florianópolis, entretanto não é o primeiro do estado. De acordo com o último levantamento de comunidades quilombolas certificadas¹⁴ pela Fundação Palmares, Santa Catarina possui 18 comunidades¹⁵ com certificação, identificadas no quadro a seguir:¹⁶

Quadro 1 – Comunidades certificadas em Santa Catarina

MUNICÍPIO	COMUNIDADE	CERTIFICAÇÃO
Abdon Batista Campos Novos	Invernada dos Negros	04/06/2004
Praia Grande Mampituba	São Roque	10/12/2004
Porto Belo	Valongo	10/12/2004
Garopaba	Morro do Fortunato	13/12/2006
Paulo Lopes	Santa Cruz	02/03/2007
Monte Carlo	Campo dos Ooli	02/03/2007
Balneário Camboriú	Morro do Boi	05/05/2009
Santo Amaro da Imperatriz	Tabuleiro	05/05/2009
Treze de Maio	Família Thomaz	05/05/2009
Santo Amaro da Imperatriz	Caldas do Cubatão	06/07/2010
Garopaba	Aldeia	27/12/2010
Florianópolis	Vidal Martins	25/10/2013
Capivari de Baixo	Ilhotinha	18/03/2014
Joinville	Beco do Caminho Curto	10/05/2019
São Francisco do Sul	Tapera	10/05/2019
Araquari	Itapocu	10/05/2019
Araquari	Areias Pequenas	01/11/2019
Joinville	Ribeirão do Cubatão	31/12/2019

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da Fundação Cultural Palmares, 2021.

No ano de 2004, a comunidade Invernada dos Negros, localizada entre os municípios de Abdon Batista e Campos Novos, tornou-se a primeira comunidade negra a ser certificada pela fundação Palmares como comunidade quilombola em Santa Catarina, mediante as exigências da Portaria FCP n. 98, de 26/11/2007¹⁷. De acordo com o Programa Fronteira em Movimento, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), até o ano de 2018, a comunidade reunia aproximadamente 150 famílias, instalados em uma área de 7.790 hectares (VON ONÇAY; FAGUNDE; ZANANDREA, 2019).

¹⁴ Faz-se importante mencionar que ser certificada não garante o acesso à terra. Tanto que as comunidades hoje lutam para isso, como é caso da Vidal Martins.

¹⁵ Comunidades quilombolas certificadas no Brasil, disponível em http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 acesso em: 15/11/2020.

¹⁶ No site oficial do Governo do Estado há mapas por região que contêm comunidades remanescentes quilombolas, com última atualização em 2015. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/documentos/educacao-escolar-quilombola-456/mapas-comunidades-quilombolas-544>. Acesso em: 20 fev. 2021.

¹⁷ A Portaria FCP n. 98, de 26/11/2007, institui que três documentos são exigidos para o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos, são eles: Ata de reunião específica para tratar do tema de autodeclaração, se a comunidade não possuir associação constituída, ou Ata de assembleia, se a associação já estiver formalizada, seguida da assinatura da maioria de seus membros; breve Relato Histórico da comunidade (em geral, esses documentos apresentam entre 2 e 5 páginas), contando como ela foi formada, quais são seus principais troncos familiares, suas manifestações culturais tradicionais, atividades produtivas, festejos, religiosidade etc.; e um Requerimento de certificação endereçado à presidência desta FCP. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 acesso em: 15 fev. 2021.

Em 2009, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) realizou um projeto com o objetivo de preservar a memória de comunidades Quilombolas no estado, denominado “Comunidades Negras de Santa Catarina”, no qual foram apreciadas três comunidades, Sertão de Valongo, Invernada dos Negros e São Roque. Sobre as comunidades Sertão de Valongo e São Roque, o IPHAN apresenta os seguintes destaques em seu levantamento:

O Sertão de Valongo, por exemplo, é uma comunidade rural adventista e sua população é de aproximadamente 34 famílias. A fixação dos primeiros habitantes na região ocorreu imediatamente após a abolição da escravidão no Brasil. O Iphan identificou na região um total de 19 referências culturais, como os conhecimentos tradicionais de ervas-de-chá, o plantio agroecológico de bananas e os cultos adventistas de adoração. [...] Já São Roque, com 62 famílias, remonta suas origens à década de 1860, quando ex-escravos formaram um quilombo de fuga, a forma mais comum de quilombo. Entre as realizações do projeto estão a publicação do livro “Comunidades Negras de Santa Catarina”, e três filmes-documentários: “A gente fala sobre esse negócio de esquecimento”, que trata do Sertão de Valongo; “Comunidade de São Roque: Referências Culturais Quilombolas” e “Comunidade de Invernada dos Negros: Referências Culturais Quilombolas”. (IPHAN, 2009, *online*)

Já na comunidade Morro do Boi, além da confecção de artesanato, como as bonecas abyomi, também se conserva como herança de seus antepassados o ato de benzer, sendo esse repassado para as futuras gerações. Infelizmente, a comunidade perdeu uma enorme quantidade de terras devido à pavimentação da Rodovia BR-101, em 1960, terras que não foram restituídas em forma de resarcimento para a comunidade (PACHECO, 2018).

A comunidade Morro do Fortunato, no Município de Garopaba, existe há mais de 100 anos, com cerca de 150 pessoas, em cujas práticas cotidianas de vida são evidentes as bases culturais de matriz africana, e todos são parentes e possuem o mesmo sobrenome, Machado (BUCHELER, 2017).

Tive o imenso prazer de conhecer pessoalmente a comunidade do Fortunato, como é chamada entre os locais, lá fomos recebidos pelo líder comunitário Maurílio Machado, que nos deleitou com uma tarde cheia de histórias sobre o quilombo. Maurílio é um Griô¹⁸ do Quilombo do Fortunato, ele relata as histórias da comunidade com maestria e excepcional riqueza de detalhes, desde a trajetória do fundador, Fortunato Justino Machado, os tempos de suas avós até os meios para a manutenção da preservação da história nos tempos de hoje. A comunidade possui forte participação do Movimento Negro Unificado (MNU), que atua em diversos projetos como a escola que fica dentro da comunidade.

¹⁸ Ver página 36, conceito de Griô.

Figura 1 – Líder Maurílio contando histórias sobre o quilombo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Além do Morro do Fortunato e da Vidal Martins, também conheci pessoalmente, no mês de novembro de 2019, a comunidade do Valongo, localizada no município de Porto Belo e a comunidade Santa Cruz, conhecida por Quilombo da Toca pelos locais, localizada no município de Paulo Lopes.

A comunidade do Valongo tem sua representação não por um remanescente ou residente do Quilombo, mas, sim, pela referência à igreja Adventista do Sétimo Dia. Em minha visita à comunidade, fomos recepcionados pelo pastor que da sua maneira contou a história do Quilombo, expressamente contextualizada nas bases da religião adventista.

Devido à rica e privilegiada localização¹⁹ geográfica da comunidade, foram inúmeras as demarcações de terras em processos de grilagem, o que tomou muitas terras da comunidade, reduzindo os remanescentes a poucos metros quadrados. Com o processo de grilagem, as 34 famílias remanescentes ficaram com terrenos de aproximadamente 400 metros quadrados, segundo relato do pastor que nos recebeu.

Nesse sentido, a Igreja tornou-se um forte aliado da comunidade, impedindo novas demarcações de terras e tentando reaver terras usurpadas.

¹⁹ A localização da comunidade é privilegiada porque encontra-se em um espaço plano que possibilita o acesso fácil com estradas largas. Cercada por montanhas e com a vegetação bem preservada e com nascentes que cortam a paisagem, por isso, a origem do seu nome “Valongo”, longo vale.

Figura 2 – Casa no Quilombo do Valongo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

No Quilombo da Toca ou Santa Cruz, pude observar o injusto peso da “mão do poder público”, lá é forte o processo de apropriações de terras tanto pela iniciativa privada quanto pelo poder público. Por também estarem localizadas em um espaço geográfico privilegiado, as terras que sobraram para os remanescentes vão se esgotando a cada ano, conforme nos foi dito pela líder do quilombo, Mãe Natalina. Além das indevidas demarcações de terras, a comunidade sofre de forte preconceito religioso devido à religião de matriz Africana que é praticada pela comunidade, os ataques à comunidade já foram desde incêndios nos terreros, depredação e a imposição de uma catequização por igrejas evangélicas. Botega e Lima (2016, p. 115) explanam que “Na etnografia realizada na Toca, encontramos nas práticas partilhadas por mulheres e crianças no terreiro, a cosmologia que integra rituais, corporeidades, estéticas e ancestralidades próprias do quilombo.”.

Figura 3 – Vista das casas no Quilombo de Santa Cruz/Toca



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Esses são breves relatos de algumas comunidades quilombolas de Santa Catarina que, como já mencionado anteriormente, atualmente são 18 certificadas, são todas riquíssimas histórias, cada uma construída sobre o mesmo propósito, o da sobrevivência, todas representam uma resistência, porém são histórias ímpares em sua formação e principalmente em sua trajetória e permanência até os dias atuais.

Nesse contexto, é notório a herança africana existente em Santa Catarina, mesmo que silenciada, ela é viva e ativa, resiste e persiste através da manutenção da preservação de suas origens. Porque o Quilombo e a comunidade que remanesce dele são um território todo intercalado entre educação, saúde, cultura, espiritualidade e religiosidade, o território quilombola é uma rede que não se desconecta.

Além das visitas nas comunidades remanescentes Morro do Fortunato, Valongo e o Quilombo da Toca, também tive a oportunidade de conhecer o Quilombo Vidal Martins, que, além de conhecer, escolhi para realizar este trabalho, mas esse será apresentado em outra seção.

3.2 DECOLONIDADE, BRANQUITUD E A FALÁCIA DA DEMOCRACIA RACIAL NO CONTEXTO QUILOMBOLA

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco...
Frantz Fanon (2008, p. 69).

Frantz Fanon foi um psiquiatra e filósofo, nascido na Martinica, ilha de colonização francesa. Fanon era de família de classe média alta, teve boa educação, possuía doutorado (FANON, 2008). Em seu livro intitulado “Pele negra máscaras brancas”, o autor aborda as relações raciais e as relações coloniais, que barram a liberdade do negro em ambientes racistas, trata-se do primeiro livro de Fanon (2008), que inicia seus estudos, voltado para a emancipação do negro, a partir de uma restituição que o colonialismo tirou. O autor cita que dentre as estratégias do colonialismo, a destituição dos povos africanos da sua cultura e da sua história foi uma delas.

Nesse entendimento, o autor aponta a importância do negro de se emancipar, o que inclui tomar consciência de si, de sua história e cultura. Fanon (2008), como intelectual anti-colonial, torna-se um importante nome na construção do processo de decolonidade²⁰, “Ao ser publicada, esta obra clássica do pensamento sobre a Diáspora Africana, do pensamento psicológico, do pensamento da descolonização [...]” (FANON, 2008, p. 13).

Tempos depois, o mesmo autor publica o livro “Os condenados da terra”, escrito no contexto da guerra de independência da Argélia. Nessa obra, Fanon (1968) aborda a descolonização como uma conquista do oprimido/colonizado, como protagonista nesse processo. Em tal contexto, o autor aborda os mecanismos do racismo na sociedade capitalista advinda da colonização e as consequências para os não brancos, como, por exemplo, as mentais:

Mas a guerra continua. E teremos de tratar por muitos anos ainda as feridas múltiplas e às vezes indeléveis deixadas em nossos povos pela derrota colonialista. O imperialismo que hoje se bate contra uma autêntica libertação dos homens abandona por tôda a parte germes de podridão que temos implacavelmente de descobrir e extirpar de nossas terras e de nosso cérebro. (1968, p. 211)

A abordagem decolonial em pesquisa é uma perspectiva emergente, e pensamos que pode contribuir para pensarmos e propormos alternativas para transformar situações que historicamente nos colocam como seres colonizados numa relação de subalternidade aos povos

²⁰ “Não há consenso quanto ao uso do conceito decolonial/descolonial, ambas as formas se referem à dissolução das estruturas de dominação e exploração configuradas pela colonialidade e ao desmantelamento de seus principais dispositivos.” (GARCÉS; PIZARRO, 2020, documento não paginado).

colonizadores. Além disso, os estudos decoloniais podem trazer para a sociedade o entendimento e conhecimento sobre questões que nos determinam como sujeitos de discursos racistas.

A epistemologia decolonial, de acordo com Quintero, Figueira, Elizalde e Loaiza (2019, p. 5), é composta por perspectivas conceituais que permitem a reflexão sobre o poder na modernidade definidos como:

1. A localização das origens da modernidade na conquista da América e no controle do Atlântico pela Europa, entre o final do século 15 e o início do 16, e não no Iluminismo ou na Revolução Industrial, como é comumente aceito; 2. A ênfase especial na estruturação do poder por meio do colonialismo e das dinâmicas constitutivas do sistema-mundo moderno/ capitalista e em suas formas específicas de acumulação e de exploração em escala global; 3. A compreensão da modernidade como fenômeno planetário constituído por relações assimétricas de poder, e não como fenômeno simétrico produzido na Europa e posteriormente estendido ao resto do mundo; 4. A assimetria das relações de poder entre a Europa e seus outros representa uma dimensão constitutiva da modernidade e, portanto, implica necessariamente a subalternização das práticas e subjetividades dos povos dominados; 5. A subalternização da maioria da população mundial se estabelece a partir de dois eixos estruturais baseados no controle do trabalho e no controle da intersubjetividade; 6. A designação do eurocentrismo/ocidentalismo como a forma específica de produção de conhecimento e subjetividades na modernidade.

Observando esse cenário histórico da construção de uma supremacia europeia, comprehende-se o contexto em que se fez o processo colonizador, fortemente estruturado em práticas de exploração de seres humanos, que foram minorizados e invisibilizados, além da permanência dessas concepções no presente, a chamada colonialidade. Aqui no Brasil, estão nesse grupo negros e indígenas, alvo de olhares e práticas colonialistas, por meio de estereótipos racistas²¹.

O processo de colonização, base do estabelecimento do poder da modernidade, esteve pautado num trabalho de violência: indígenas e africanos foram vítimas dos processos de catequização e escravidão. E os africanos, com uma forçada “lobotomia” cultural e humana, passaram a ser considerados seres não humanos, já que “Quando não há mais o ‘mínimo humano’, não há cultura. Pouco importa saber que, para os bantos, o ‘muntu’²² é força’ [...] se não fossem certos detalhes que me incomodam.” (FANON, 2008, p. 34).

Maldonado-Torres (2016, p. 89) explica a desclassificação do negro como ser humano sob a ótica da revolução Haitiana:

²¹ Biologicamente, raça tem apenas uma destinação, raça humana. Contudo, aqui é determinado “raça” “para designar qualquer agregado de pessoas que podem ser identificados como pertencentes a um grupo” (GELEDÉS, 2012, *online*), grupos esses que se diferem, por exemplo, pela cor da pele.

²² “Na raiz filosófica africana denominada de Bantu, o termo NTU designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O Muntu é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra.” (CUNHA JÚNIOR, 2010, p.25).

A Revolução Haitiana clama não só por um novo tipo de projeto, senão também por um novo tipo de atitude, pois o “negro” haitiano sente, em primeiro lugar, que tem de se desfazer de um presente que o exclui da zona do ser humano e não, como os modernos, de um passado que não o deixa avançar ou mudar.

Ainda, o mesmo autor cita que os estudos do decolonial com um aporte transdisciplinar são um projeto necessário para a reivindicação do histórico-cultural do povo subordinado, “Isto tem prioridade epistêmica, ética e política sobre as artes liberais, sua atitude e seu projeto.” (MALDONADO-TORRES 2016, p. 94).

Ainda nesse entendimento, Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) apontam as características da produção do conhecimento no processo decolonial a partir de uma perspectiva negra, apresentando diversos autores concentrados na produção científica sob uma holística negra:

O dossiê “Decolonialidade e perspectiva negra”, assim, é um chamado para as novas gerações de pesquisadores que pensam e falam de um locus de enunciação negro para se integrarem nesse diálogo pluri-universal, transmoderno e decolonial, de forma semelhante ao que ocorreu nos departamentos de estudos étnicos, feministas, africanos e afro-americanos nas universidades dos Estados Unidos, onde houve contratação de mulheres, negros, chicanos, asiáticos, nativos americanos, bem como a atração de estudantes com esses marcadores identitários [...] (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016, p. 22).

Partindo do entendimento de que os trabalhos de intelectuais negros acima mencionados estão ligados não só pela temática da epistemologia da decolonialidade, mas também manifestam a temática no ambiente acadêmico, evidenciando o quanto essa produção é importante para a construção da epistemologia no campo. Contudo, a construção de epistemologias e práticas de pesquisas decoloniais, ao refutar a produção científica e conceitos opressores, criado por uma ciência colonial, hegemônica, branca e patriarcal, tem seus desafios na academia:

Seu desafio está em formular teorias a partir do chamado Terceiro Mundo, embora não sejam apenas para o Terceiro Mundo, como se tratasse de uma “contra-cultura ‘bárbara’ perante a qual a teorização do Primeiro Mundo tem de reagir e acomodar-se [...] (MIGNOLO, 2003, p. 417 apud MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014, p. 75).

Entre os desafios estão a construção de novas abordagens, temas, categorias de análise, aportes teóricos e metodológicos que incorporem os pensamentos de indígenas, africanos e negros do chamado sul global.

Importante considerar que a perspectiva decolonial é algo recente para os estudos acadêmicos, como cita Costa (2018), mas prática de muitos movimentos sociais. Nesse sentido, considero os quilombos como um processo decolonial: coletivo, pressupõe-se que para sua existência de laços de solidariedade, é necessário tensionar as estruturas do capital. São resultados de movimentos de resistência a colonização no passado e colonialidade no presente.

No passado, em seu dia a dia empreenderam ações pautadas em suas culturas, como as divisões agrícolas e a criação de bairros (mocambos) que se organizavam por etnias, esses sendo exemplos desse movimento de resistência (GUIMARÃES, 1996).

O ato da fuga e, por conseguinte, a construção de quilombos representam atos de contraposição à colonização, no qual sujeitos insubordinados, mediante a percepção do processo de exploração a que foram submetidos, resistiram. No tempo presente, os quilombos representam para o processo de decolonização um ato de resistência, pois as populações negras quilombolas “[...] constituem-se enquanto sujeitos que vivenciam a decolonialidade, pois, são produtores de conhecimento, a partir, dos seus fazeres, saberes e resistências frente ao capital.” (COSTA, 2018, *online*). Nesse sentido, precisam ser entendidos como produtores de conhecimento e informação, muito útil para a composição dos estudos decoloniais, pois “No puede haber un discurso de la descolonización, una teoría de la descolonización, sin una práctica descolonizadora.” (CUSICANQUI, 2010, p. 62).

Contudo, os quilombos e os remanescentes quilombolas ainda são alvo da produção racista da colonialidade, que os determina a uma condição de subalternidade, pois “Mediante a razão colonial, o corpo do sujeito colonizado foi fixado em certas identidades.” (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016, p. 19).

Dessa maneira, o remanescente quilombola ainda é visto como corpo negro, aquele que deve servir e ser castigado. Ou que no “Mito da Modernidade”, citado por Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016), em que a civilização moderna desenvolvida (brancos), entendida como superior, designa o corpo negro como estratégia do processo colonial, os reduz a estereótipos, como a rítmica, a sexualidade, a musicalidade, a subordinação e a marginalização. Estereótipos que criam um complexo de inferioridade no negro. Do mesmo modo, Fanon (1968, p. 197) explana que “O domínio colonial, porque total e simplificador, logo fêz com que se desarticulasse de modo espetacular a existência cultural do povo subjugado.”.

Portanto, entende-se que os desafios da epistemologia decolonial, bem como do processo descolonial para os negros, vão além da perspectiva acadêmica, trata-se de um ato de resistência política e social, que ainda demanda de muitos estudos e ações da comunidade científica. Pois é o processo de colonização que ainda caracteriza o negro como um escravo social, impossibilitando a ele uma verdadeira liberdade.

E no processo que ainda encarcera o negro a uma situação de escravo social, os processos colonizadores ainda resistem diante da dualidade “civilizado” e “selvagem”, onde o branco representa o civilizado, e o negro e os indígenas, o selvagem. Tais processos da colonização são identificados nas relações de branquitude e na falácia da democracia racial.

3.2.1 Branquitude

*Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre Que
negro e branco pobre se parecem Mas não são iguais. Racionais MC'S (1990).*

Recentemente, fui ao shopping com uma amiga, fizemos nossas compras e nos encaminhamos para ir embora. No caminho para o estacionamento, passamos por dentro de uma loja que é um dos acessos à garagem, e, ao sairmos, sem comprar nada, o alarme da loja soou. Imediatamente, eu me disponibilizei a ficar na frente da loja para dar explicações ao segurança que já estava se direcionando para a porta, expliquei que talvez o alarme tenha tocado devido às etiquetas nas roupas que comprei em outra loja, e que na loja em questão não comprei nada, apenas passei para cortar caminho.

Explicações dadas, olho para os lados à procura da minha amiga e percebo que ela já estava dentro do carro me esperando, quando chego até ela, pergunto se ela não ouviu o alarme tocar? Ao que ela responde:

– Sim...

Então perguntei por que ela não ficou, como eu, para se explicar.

Ela me responde olhando para o celular, procurando algo aleatório.

– Explicar o quê? Só passamos pela loja. Nós não compramos nada lá.

Toda essa situação não durou mais que um minuto, minha amiga nem percebeu o que aconteceu, foi direto para o carro porque não fez nada que a comprometesse com essa situação de alarmes tocando. A questão é que eu também não fiz nada comprometedor, então por que só eu me preocupei em ficar? Bom, o fato é que minha amiga é branca.

Por muito tempo, refiz toda essa situação na minha mente, e sempre me questionava, por que eu parei? Por que não fiz como ela? E por vezes senti uma inveja que há muito tempo não sentia. A tranquilidade e calma de sair de situações como essa sem nem sequer deixar de olhar para o celular. Foi nesse instante que o privilégio da branquitude se concretizou para mim.

Infelizmente, episódios como esse são corriqueiros para diversas pessoas negras. Dar explicações, entrar nas lojas e não mexer na bolsa, sentir medo quando uma viatura da polícia passa, desculpar-se por tudo, até pelo que não fez, concordar com divisões injustas. Enfim, essas são algumas das situações que pessoas negras passam todos os dias, e que talvez alguma pessoa branca nunca tenha ou vá passar, simplesmente pelo fato de ser branca.

Nesse sentido, esses atos e atitudes são causas do processo de colonização, sendo a branquitude também um mal advindo do processo colonizador, “Assim, branquitude diz respeito a ser branco como uma identidade social e cultural não demarcada racialmente e voltada para os valores do seu grupo racial, geralmente associados a traços de racismo.” (PIZA, 2005, *online*).

Como nos estudos decoloniais, a branquitude também vem sendo abordada com mais afinco nas academias, de acordo com Jesus (2012), Cardoso (2010) e Schucman (2014), os estudos sobre branquitude ganham intensidade nos Estados Unidos na década de 1990. Contudo, os autores citam a importância de outros autores, como W. B. Du Bois, já em 1935, e Frantz Fanon, em 1952, com seu livro “Pele negra Máscaras brancas”, devido à análise do autor sobre a relação entre o negro e o branco.

No Brasil, a pesquisadora Edith Piza (2005) aborda com tenacidade as discussões sobre a branquitude, desenvolvendo trabalhos conceituados como “Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu” e “Porta de Vidro: entrada para branquitude”. O termo branquitude vem ganhando força no Brasil, Piza (2005, *online*) descreve-o da seguinte forma:

É vivenciada cotidianamente como reflexo de uma relação de poder que só se manifesta em momentos nos quais é impossível ignorar a presença do outro "diferente". Creio que a branquitude, como expressão social e cultural hegemônica, no mundo ocidental, conforma traços das identidades de brancos e negros, igualmente. Para brancos, a branquitude incorpora traços de racismo, mesmo quando não consciente, não manifesto ou reprimido. Para negros apresenta-se como uma barreira para a construção de uma identidade racial positiva (a negritude), já que os modelos de humanidade positiva são brancos.

O branco historicamente é identificado como o “ser puro” ou referência física para o mais próximo do que seria o “ser angelical”, quanto ao negro, esse tem o seu corpo subjetificado, cercado de estereótipos pejorativos, como: “olha o nego beiçudo”, “esse cabelo ruim, cabelo de bombril”, “macaco”, dentre outros. A questão é que o privilégio da branquitude não faz com que ofensas referentes à cor da pele prejudiquem os brancos no seu cotidiano, diferente do que acontece com os negros.

Nesse entendimento, Cardoso (2010, p.610), ao inferir sobre branquitude, explana que, “[...] a investigação e análise sobre a identidade racial branca procura problematizar aquele que numa relação opressor/oprimido exerce o papel de opressor, ou por outras palavras, o lugar do branco numa situação de desigualdade racial.”

Compreender o privilégio da branquitude nos processos de desigualdade é, contudo, compreender todo um processo político/social. Veja o exemplo do Quilombo Vidal Martins, que, por anos, luta pela posse de suas terras. Já foram vários os passos que os remanescentes deram na caminhada por essa restituição de terra, mas ainda não podem assumir o que é seu por

direito. Contudo, a ação de grilagem cada vez mais usurpa terras indígenas e quilombolas sem grandes problemas no Brasil.

Corroborando com a inferência de Cardoso (2010), Schucman (2014, p. 84) define a branquitude sob as estruturas de poder fundamentais concretas e subjetivas, em que as desigualdades raciais se ancoram:

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantém e são preservados na contemporaneidade.

Dessa maneira, identificar a estrutura da branquitude nos processos de restituição e grilagem de terras quilombolas e indígenas configura-se como o que cita Schucman (2014) quanto ao acesso a recursos materiais, que é escasso ou negado para grupos não brancos.

A branquitude é nociva aos não brancos, veja bem, aqui não está se afirmando que pessoas brancas não lutaram, não trabalharam ou que suas vidas são fáceis, não. O que me refiro aqui é ao fato de a cor da sua pele nunca os impedir de conquistar algo, ao contrário, em determinadas situações foi favorável para um resultado positivo.

Branquitude não diz respeito aos discursos ingênuos que afirmam: "somos todos iguais perante Deus, ou perante as leis"; ao contrário, reconhece que "alguns são mais iguais do que os outros" e reverte o processo de se situar no espaço dos mais iguais para reivindicar a igualdade plena e de fato, para todos. É primeiramente o esforço de compreender os processos de constituição da branquitude para estabelecer uma ação consciente para fora do comportamento hegemônico e para o interior de uma postura política anti-racista e, a partir daí, uma ação que se expressa em discursos sobre as desigualdades e sobre os privilégios de ser branco, em espaços brancos e para brancos; e em ações de apoio à plena igualdade. (PIZA, 2005, *online*).

Observemos o que diz o trecho da música do grupo Racionais MC'S (1990), na epígrafe deste capítulo, “Mas se analisarmos bem, mais você descobre que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais”, pois bem, não somos todos iguais como cita Piza (2005), tampouco, temos os mesmos direitos, e não importa a classe social em que estejamos, sejam negros ricos ou brancos pobres, quando o alarme soar é o negro quem responderá.

Visto a branquitude como um dos processos colonizadores que ainda resiste diante da dualidade “civilizado” e “selvagem” (colonizadores X colonizados), a falácia da democracia racial, da mesma forma, é consequência desse processo instaurador de divisão e exclusão racial.

3.2.2 A Falácia da Democracia Racial

A história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para brancos e pelos brancos, exatamente

como toda a sua estrutura econômica, sócio-cultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite branca/brancóide, supostamente de origem ário-européia. Abdias do Nascimento (1980, p.15).

Para esta subseção, optou-se pelo uso do termo “falácia” da democracia racial e não o “mito”, em respeito a culturas africanas e indígenas que relacionam o mito em uma concepção diferente da ocidental, para algumas sociedades africanas e indígenas, o mito não se refere a algo que está apenas no imaginário ou nas lendas, mas se constitui na concretude da vida.

É entendido como fundante na forma de ser e estar, e não falacioso, é uma filosofia e é real. Queiroz (2015, p. 49) os descreve da seguinte maneira, sendo:

Os mitos, representações fantásticas do passado, dominavam o pensamento africano. Sob a forma de costumes de tempos imemoriais, o mito governava e justificava a História, adquirindo um aspecto essencialmente social.

Porém, o termo “mito” ainda será observado nesta subseção sob a perspectiva dos autores utilizados.

A teoria da democracia racial brasileira indica que devido ao Brasil ser constituído majoritariamente por uma população miscigenada, pela união entre os povos portugueses, negros e indígenas, isso confere ao Brasil, então, a ideia de uma única raça, a raça brasileira. Devido a essa falsa igualdade de uma identidade racial única, nasce a falácia de uma democracia racial.

Na década de 1930, essa ideia é articulada por meio da literatura opressora, “Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal”, do autor Gilberto Freyre, com primeira edição em 1933.

Freyre (2003), ilusoriamente, em sua obra, constrói uma narrativa romantizada quanto ao período escravocrata no Brasil colônia, onde a formação da então atual sociedade brasileira nada mais era que fruto do romance entre as mulheres negras e indígenas com os senhores, configurando, assim, uma estrutura patriarcal entre a casa grande e a senzala (CUNHA JÚNIOR, 2013).

Segundo Cunha Junior, (2013, p.90) estudos opressores como os de Freyre, que além de autor era sociólogo, e Nina Rodrigues (1862–1906), são uma maneira de “[...] transmissão do racismo científico para a sociedade brasileira.”.

De acordo com os ideais de Freyre (2003), para os políticos da época, se somos todos iguais, não temos dívidas nem com as pessoas que foram escravizadas e com os indígenas, tampouco com seus descendentes frutos de um “romance consensual” entre portugueses, negros

e indígenas. Dessa maneira, os estudos de Freyre foram base teórica para políticos da época, que entenderem que no Brasil existia uma democracia racial.

Nesse entendimento, um dos críticos da democracia racial idealizado por Freyre (2003)²³ é Florestan Fernandes (2008, p. 304), quem afirma que a falácia da democracia racial, em síntese:

[...] na raiz desse fenômeno não se encontra nenhuma espécie de ansiedade ou de inquietação, nem qualquer sorte de intolerância e de ódios raciais, que essas duas condições fizessem irromper na cena histórica. Em nenhum ponto ou momento o "homem de cor" chegou a ameaçar seja a posição do "homem branco" na estrutura de poder da sociedade inclusiva, seja a respeitabilidade e a exclusividade de seu estilo de vida.

Em nenhum momento da história, nem o negro nem o indígena chegaram a um patamar de igualdade com o branco, a falsa ilusão de que o “mulato” teria as mesmas condições que os brancos caiu por terra. Como cita Bernardino (2002), “O mito da democracia racial apoiava-se, e ainda se apoia, na generalização de casos de ascensão social do mulato [...].”

Ao contrário, a ascensão social de uns indica que não existe a necessidade de todos ascenderem, não obstante a mascarada valorização do mestiço/mulato tornasse a depreciação do negro retinto²⁴, pois é visto como aquele que não vingou no processo de clareamento. A esses eram destinadas as funções de subalternidade, “O mito da democracia racial, portanto, não poderia ser interpretado apenas como ‘ilusão’, pois em grande medida fora e ainda é um ideário importante para amainar e coibir preconceitos.” (GUIMARÃES 2006, p. 269).

Contudo, atualmente, a falácia da democracia racial ainda é defendida, não somente devido à obra de Freyre (2003), mas a fatores históricos mundiais. Tomemos como exemplo a segregação racial nos Estados Unidos e o *apartheid* na África do Sul, sendo que tanto no contexto sul-africano quanto no estadunidense, a segregação era insituída a partir de dispositivos legais, no caso, a carta maior, a constituição (GUIMARÃES, 2006). Já no Brasil, não, por isso, caiu em uma falácia a democracia, algo muito difícil de se combater.

A falta de ações registradas ou legalizadas de um modelo de segregação no Brasil para muitos é a mais óbvia representação de que o Brasil é um país justo e igualitário para todos, ou, como é subentendido em Casa Grande e Senzala, aqui a escravidão foi mais branda para a população negra. Mas, novamente, a história não é bem assim, vejamos o exemplo de Florianópolis, onde existiu o Decreto n. 066, de 8/4/1891, que excluiu as populações negras do espaço central da Praça XV de Novembro. Conforme Gonçalves:

²³ Importante mencionar que Freyre não cita propriamente o termo “democracia racial” em Casa Grande e Senzala, essa é uma interpretação de outros autores a respeito da obra, dentre eles, Florestan Fernandes (2008).

²⁴ Entende-se aqui por negro retinto, o negro com tonalidade de pele mais escura.

A história da Praça XV de Novembro está diretamente ligada às divisões étnicas da cidade. Na segunda metade do século XIX, parte da praça era cercada por grade de ferro, onde não era permitida a entrada de africanos e afrodescendentes. (GONÇALVES, 2009, p. 4)

Veja só, impossibilitar a entrada de pessoas negras em um espaço público, via decreto municipal, é uma forma de segregação, correto? Bom, mas no Brasil, esse “paraíso racial”, como cita Guimarães (2006), não deve o ser, de fato, se isso acontece.

Não nos esqueçamos da criminalização da cultura negra citada por Serafim e Azeredo (2011), em que no código penal de 1890 e de 1940, que incluía a não permissão de religiões de Matriz africana, bem como a prática da Capoeira, além da lei da Vadiagem²⁵, que nada mais era que um pretexto para prender negros e pobres, “[...] a vadiagem, como se pode perceber ‘entre linhas’ no capítulo XIII do Código penal de 1890, em que apresentava duas infrações juntas, ou seja, ‘Vadios e capoeiras’.” (SERAFIM; AZEREDO, 2011, p. 9).

Visto que o Brasil não representa fielmente esse título de “paraíso racial”, a democracia racial torna-se, então, uma falácia, uma mentira de que o processo de branqueamento da miscigenação possibilita uma igualdade.

Ao contrário, possibilita uma desigualdade social e racial, comprovada estatisticamente nos dados sobre desemprego, encarceramento e homicídios, bem como nas vagas em cargos públicos, ocupação de chefia, e na divisão salarial. Não obstante, a falácia da democracia racial também encobre o racismo estrutural e institucional²⁶, além do que:

[...] também é preciso compreender como o mito da democracia racial na sua forma perversa de se arraigar nas mentes e corações consegue, inclusive, atenuar a crueldade dessa situação amplamente atestada pelas pesquisas oficiais e denunciada pelos movimentos sociais. (GOMES; LABORNE, 2018 p.16)

Perversa, cruel e sádica é a construção de um estado brasileiro em que é a constituição de um Estado que rejeita mais da metade da sua população. Refiro-me ao Estado no sentido de governo, vejamos o que o ex-presidente da república, por duas ocasiões, Fernando Henrique Cardoso argumenta na 48ª edição da obra de Freyre (2003, p. 28):

Mas não é difícil insistir no que de realmene novo - além do painel inspirador de Casa-grande & senzala como um todo – veio para ficar. De alguma forma Gilberto Freyre nos faz fazer as pazes com o que somos. Valorizou o negro. Chamou atenção para a região. Reinterpretou a raça pela cultura e até pelo meio físico. Mostrou, com mais força de que todos, que a mestiçagem, o hibridismo, e mesmo (mistificação à parte) a

25 A lei da Vadiagem (art. 59 do Decreto-Lei n. 3.688, de 1941) é válida atualmente (SERAFIM; AZEREDO, 2011).

26 Racismo estrutural: “[...] a relativa falta de consciência dos brancos a respeito de como sua vida é racionalizada faz com que ignorem o modo como a raça moda sua vida e, por extensão, como se acumula a privilégios raciais.”. Racismo institucional: “[...] a operação pela qual uma dada sociedade internaliza e ‘naturaliza’ a produção das desigualdades em suas instituições, mesmo quando Tais instituições foram criadas segundo os princípios do Estado Democrático de Direito.” (SANTOS, 2012, p. 67-84).

plasticidade cultural da convivência entre contrários, não são apenas uma característica, mas uma vantagem do Brasil.

“Nos faz fazer as pazes com o que somos”, “Valorizou o negro”, “Reinterpretou a raça”, esses argumentos só destacam a ilusória sensação de dívida paga. Esse seria só mais um discurso sem importância de alguém que desconhece a realidade racial no país, contudo, Fernando Henrique Cardoso foi presidente do Brasil até 1º de janeiro de 2003, ano em que fez essa infeliz nota sobre a obra de Freire. O comentário do ex-presidente ainda difunde uma tóxica e ilusória sensação de “estamos quites”.

Pois bem, essa é a cara do Estado brasileiro. Como acreditar em uma democracia racial quando o Estado é racista? Estado que por muito tempo foi moldado em um discurso configurado em segregação pela cor da pele, e determinando:

A supremacia racial que a maioria das pessoas aceita como paradigma sobre o racismo afirma a superioridade de uma raça fundada em algumas características de pessoas que ocorrem naturalmente e que não são sujeitas a mudanças. (GLASS, 2012, p. 887).

Concluindo esta seção, a qual apresentou o processo de decolonialidade, a branquitude e, por fim, a falácia da democracia racial, é visível que o processo colonizador ainda está enraizado na sociedade brasileira, possibilitando a branquitude, a meritocracia dos mais altos postos na hierarquia social, e garantindo que a falácia da democracia racial se mantenha firme.

Ressalto que, sim, a democracia racial é uma falácia, e intero essa afirmação através de uma situação recente vivida pelos remanescentes quilombolas Vidal Martins.

A comunidade, como forma de poder administrar o *campin* do Rio Vermelho, que é onde se localizam suas terras, criou uma Organização Social (OS) e com todo o aparato legal solicitou a concorrência no edital de licitação para administração do parque. Contudo, foi desclassificada, e o mais curioso é que não havia concorrentes para tal licitação, “O MPF (Ministério Público Federal) considerou a atitude como ‘racismo social’ e entrou com recomendação à Justiça para que a titularidade do parque seja da comunidade, sem passar por esse processo seletivo.” (REDAÇÃO ND, 2020).

A comunidade quilombola está composta por pessoas negras, brancas e com traços indígenas, é bastante miscigenada, possui advogados e pessoas em altos níveis de graduação que ativamente lutam pela causa do quilombo, contudo, isso não foi o bastante para que o governo conceda à comunidade suas terras. Portanto, para eles, a democracia racial não passa de uma falácia.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia remete diretamente à maneira de trabalhar o objeto da pesquisa. Remete à ação pela qual serão alcançados os resultados esperados ou previstos. Assim, trata-se nesta seção da forma pela qual serão pesquisados, organizados e analisados os dados obtidos no decorrer da pesquisa.

É importante a ressalva de que, como mulher negra, a constituição metodológica desta pesquisa na forma escrita é baseada sob a perspectiva da escrevivência. Termo cunhado pela autora brasileira Conceição Evaristo, a escrevivência é quando o negro se coloca na escrita sobre as condições de suas experiências, em três perspectivas: o corpo, a condição e a experiência. Oliveira (2009, p. 622) os descreve da seguinte forma:

O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa.

Portanto, a pesquisa também está situada na minha visão de mundo e, assim, também me representa. Mas é importante mencionar que como pesquisadora na área da CI e bibliotecária de formação, compete a mim (e não como profissional da História) reunir a perspectiva do passado que os remanescentes quilombolas têm através das suas lembranças e memórias transmitidas na oralidade de seus ancestrais e, também, de fontes de informação.

O presente projeto de pesquisa consiste em uma reunião de memórias e não uma construção do passado do Quilombo Vidal Martins, baseada em uma metodologia com aportes teóricos para não só pensar o passado, mas, também, fazer uma relação com o presente.

Ao adotar uma metodologia, o pesquisador determina as ações a serem executadas em seus estudos. Nesse contexto, a natureza do presente projeto de pesquisa é de origem aplicada, pois “[...] objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51). Em relação ao problema de pesquisa, é de abordagem qualitativa. Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 244), a abordagem qualitativa é entendida como a que:

[...] realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se move com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

Assim se caracteriza a abordagem qualitativa, pois a partir dos procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica, descritos por Neves, Jankoski e Schnaider (2013, p. 2) como:

É o levantamento de um determinado tema, processado em bases de dados nacionais e internacionais que contêm artigos de revistas, livros, teses e outros documentos. Como resultado obtém-se uma lista com as referências e resumos dos documentos que foram localizados nas bases de dados.

Como procedimentos técnicos, a pesquisa também é documental, descrita por Prodano e Freitas (2013, p. 55) da seguinte forma: “[...] a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.”.

Vistos os procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica e documental, propõe-se realizar um levantamento em diversas fontes, tais como livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos registrados em cartório, e outros órgãos de origem oficial, com o objetivo de elaborar a contextualização da temática, bem como seu embasamento teórico.

A pesquisa proposta também se caracteriza como descriptiva e exploratória em relação aos objetivos. Descriptiva, pois “Expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 127), e exploratória porque “Visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 127).

4.1 A PESQUISA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Em 2019, inicia a pandemia global causadora da COVID-19, uma infecção respiratória aguda causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), de elevada transmissibilidade, que modificou o modo de vida de todo o globo. No Brasil, no fim de fevereiro de 2020, foi diagnosticado o paciente Zero²⁷. Desde então, estados e municípios implementam medidas para tentar combater o avanço da pandemia no país, contudo, infelizmente, já passamos o triste número de mais de 600.000 brasileiros mortos devido a causas da COVID-19.

Em Santa Catarina, atualmente, perdemos mais de 19.000 catarinenses e, infelizmente, as perdas só crescem a cada dia. Como tentativa para frear a contaminação da COVID-19, uma das medidas é o distanciamento social, além de frequente higienização das mãos, o uso de máscara, álcool em gel, dentre outras, conforme as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS).

²⁷ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52334034>

Nesse catastrófico cenário mundial, alguns grupos sociais são mais acometidos pelo vírus e, por sua vez, as chances de contaminação e de adoecerem são mais recorrentes. Dentre eles, as comunidades quilombolas, “[...] os quilombos não contam com um sistema de saúde estruturado, ao contrário, os relatos da maior parte dos quilombos é de frágil assistência e da necessidade de peregrinação até centros de saúde melhor estruturados”. Em consequência desses fatores, “Essa situação tende a se agravar exponencialmente com as consequências sociais e econômicas da crise da COVID 19 na vida das famílias quilombolas.” (CONAQ; ISA, 2020, *online*).

Diante disso, a comunidade quilombola Vidal Martins encontra-se em uma situação em que, além da vulnerabilidade, também tem, em sua maioria, moradores com comorbidades, o que agrava ainda mais a situação da comunidade com relação ao enfrentamento à COVID-19. Com o agravamento da pandemia no Estado, os casos de COVID-19 chegaram à comunidade, em alguns casos os remanescentes tiveram que ser internados, alguns foram entubados em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) dos hospitais locais.

Por consequência disso, e com o agravio dos números de casos no estado sem uma visível projeção para melhoria, a comunidade implementou um *lockdown* ainda mais restrito, na tentativa de combater o avanço da pandemia dentro do quilombo. Não permitindo a entrada de pessoas externas ao quilombo, apenas os moradores podem ingressar dentro das áreas da comunidade.

Com todos esses acontecimentos de nível estadual, nacional e global, a presente pesquisa teve que passar por alterações. Idealizava-se trabalhar com uma amostra de 12 pessoas para a realização das entrevistas, visto que o universo é composto por aproximadamente 70 pessoas pertencentes a 31 famílias que vivem na comunidade. Contudo, com a impossibilidade de realizar as entrevistas de forma presencial, optou-se pelo meio remoto, com entrevistas através da plataforma *Google Meet*.²⁸ Mas com a pandemia, surgiu a evidência de outro problema social que naturalmente assola a comunidade e a desigualdade digital²⁹.

A comunidade está localizada em uma área sem acesso à internet via cabo, linha ou fibra óptica. Além disso, o alcance das redes de celulares é bastante fraco, em dias de chuva é quase nulo e só tem alcance em um determinado espaço dentro da comunidade, tornando a comunicação restrita. A única forma de acesso é via internet móvel 4G. Depois de meses em

²⁸ O *Google Meet* é um aplicativo de videoconferência que permite criar reuniões por vídeo. *Link* da plataforma <https://meet.google.com/>.

²⁹ Artigo | A desigualdade digital conectada com a pandemia. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/22/artigo-a-desigualdade-digital-conectada-com-a-pandemia>. Acesso em: 5 jul. de 2021.

tentativa para realizar as entrevistas e com os inúmeros interferences que surgiram ao longo da produção, para não prejudicar o trabalho, optou-se, então, por reduzir a amostra, como o acesso à internet quase sempre estava indisponível, a composição da amostra para as entrevistas foi reduzida em três pessoas, com idas e vindas com relação ao acesso remoto, uma entrevista foi realizada via plataforma *Google Meet* e as outras duas me foram enviadas pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, pela líder Shirlen.

A redução da amostra não fere o objetivo proposto da pesquisa, visto que foi atendido o grupo inicial proposto, composto por uma líder, um adolescente e uma anciã. Ressalta-se que o universo da pesquisa, além dos remanescentes, também está composto por fontes de informação bibliográficas e documentais referentes ao Quilombo Vidal Martins.

Quanto aos instrumentos para coleta de dados, foram cinco, sendo as entrevistas, o questionário de caracterização, diário de campo³⁰ (disponível no apêndice D), pesquisa documental e bibliográfica. Inicialmente, na pesquisa documental, localizaram-se fontes de informação referentes ao quilombo, a partir de análise de fontes que estão em posse da comunidade, bem como pesquisa realizada em arquivos públicos e/ou privados como as arquidioceses. Para a realização da pesquisa em arquivos, foi solicitada a assinatura do formulário de Declaração de Ciência e Concordância do Fiel Guardião ao responsável pelo arquivo, conforme indica o CEP/Udesc. O outro instrumento de coleta de dados foram os documentos de origem bibliográfica, recolhidos por meio de levantamento em diversas fontes, como bases de dados científicas e matérias de reportagens em jornais locais referentes à comunidade.

Sobre as entrevistas e o questionário de caracterização, uma das preocupações desta pesquisa está relacionada ao âmbito das memórias e da identidade da comunidade do Quilombo Vidal Martins, já que se deu por meio da tradição oral pelo contato do grupo com seus antepassados que passaram a eles suas tradições e memórias. Nesse entendimento, um dos percursos metodológicos aqui utilizados foi através da História oral:

Como metodologia de pesquisa, a História Oral se ocupa em conhecer e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, como os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos ou os laços do cotidiano. Os dados para o encadeamento são obtidos através de conversas com pessoas (relatos orais) que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância na vida desses indivíduos. (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 8).

³⁰ O diário de campo foi construído em visitas anteriores e durante pandemia, visitas durante a pandemia foram breves para entregar doações e para recolher as assinaturas dos TCLEs.

A história oral possibilita aos remanescentes do quilombo registrar sua história para que outros possam ter conhecimento da sua visão quanto a um grupo social ao qual são pertencentes. De acordo com Thompson (2002, p. 197), “[...] a fonte oral permite-nos [...] descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras na expectativa de atingir a verdade oculta.”. A metodologia de história oral ganha potencialidade com o recurso do uso de gravadores a partir dos anos 1960, o que possibilitava aos pesquisadores o ato de “congelar” as falas, discursos, depoimentos ou entrevistas (ALBERTI, 2005). Assim, “A entrevista de história oral – seu registro gravado e transscrito – documenta uma versão do passado.” (ALBERTI, 2005, p. 19).

Ao utilizar a história oral como um método necessário para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se como instrumento para a coleta de dados a entrevista semiestruturada. No entendimento de que no modo semiestruturado a entrevista pode ter mais fluidez, como citam Prodanov e Freitas (2013, p. 106), “[...] não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção. Em geral, as perguntas são abertas; [...]”.

Com o método de entrevista semiestruturada, que é mais flexível, espera-se que os entrevistados, em um clima mais descontraído, possam rememorar suas lembranças mais antigas, contribuindo com valorosos detalhes para a interpretação da memória do Quilombo.

A entrevista foi realizada mediante a autorização dos entrevistados e assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como a assinatura do Consentimento Para Fotografias, Vídeos e Gravações para maiores de 18 anos e para menores ou dependentes, e da Orientação para a obtenção do Termo de Assentimento Informado. Destaca-se que antes da coleta de dados, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Santa Catarina (CEP/Udesc), de acordo com as normas éticas.

Após essas formalidades, essenciais para a segurança tanto dos entrevistados quanto do entrevistador, iniciaram as entrevistas, com um roteiro e um questionário de caracterização, disponíveis nos apêndices A e B.

Como já mencionado, as entrevistas aconteceram em um contexto pandêmico, que ocasionou mudanças no modo de vida de toda a sociedade, entretanto, ainda compreendido na metodologia da história oral, os entrevistados que compuseram as entrevistas estão abarcados no que Alberti (2005, p. 85) descreve como “[...] figuras de atuação destacada em relação ao tema, julgadas mais representativas e cujos depoimentos pareçam essenciais para a realização das demais entrevistas.”.

Dessa maneira, as entrevistas foram realizadas com pessoas que representam eixos dentro da comunidade, um grupo composto por uma das líderes (Shirlen Vidal de Oliveira), que representa a organização da comunidade quanto ao levante documental sobre essa, um jovem (Vitor Vidal da Silva), que representa o atual na comunidade, e por uma anciã (Jucélia Beatriz Vidal de Oliveira), que representa o transmitir das narrativas ancestrais para os descendentes.

Na realização das entrevistas, os problemas de conectividade foram inúmeros, e devido a esses percalços, Shirlen foi a única entrevistada com quem tive o imenso prazer de conversar, com Dona Jucélia e Vitor obtive a ajuda da Shirlen, para quem ela gravou as entrevistas e me repassou. Na realização da entrevista com Shirlen, utilizei o aplicativo *Google Meet*, já as entrevistas de Dona Jucélia e Vitor me foram enviadas via *WhatsApp*. Em todas as falas, os participantes pareciam receosos no início, contudo à medida que o assunto era tratado e pelo fato de estar relacionado ao seu contexto de vida, esse receio foi diminuindo, entretanto, o entrevistado Vitor foi bastante breve em suas respostas, demonstrando bastante timidez. Quanto às transcrições das entrevistas, foram realizadas com auxílio das plataformas *Youtube*³¹ e do site *O Transcribe*³².

Para melhor organizar e analisar os dados e narrativas, aplicou-se a metodologia de categorização. Para melhor elucidar as etapas que vão compor a organização e análise dos dados e narrativas coletadas, seguiu-se os seguintes passos:

a) inicialmente, foram criadas categorias a partir do roteiro de entrevista (foram dois roteiros, um específico para a líder e outro para Vitor e Dona Jucélia) e dos objetivos propostos:

- Memórias ancestrais;
- Compreensão sobre a história do Quilombo;
- Espaço de compartilhar memórias;
- Autorreconhecimento como remanescentes quilombolas;
- O papel das mulheres na história do Quilombo;
- A retirada dos remanescentes das terras;
- Reconhecimento como comunidade quilombola enquanto lugar de memória e vivência;
- Processo de busca e desafios;
- Contribuição para a pauta quilombola;

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/>.

³² Disponível em: <https://otranscribe.com/>.

- Relação com a comunidade ao entorno;

b) em seguida, foram realizadas as transcrições de cada entrevista (vide apêndice C);
 c) na revisão de literatura, foi realizada a pesquisa bibliográfica em diferentes bases de dados e repositórios digitais, em busca de conteúdos bibliográficos referentes à comunidade Vidal Martins, sendo que a pesquisa foi realizada sem recorte cronológico, utilizando dos termos de pesquisa “Quilombo Vidal Martins”, “Quilombo em Florianópolis”, e “Comunidade quilombola Vidal Martins”. Dentre as bases de pesquisa se destacam: Scielo Brasil³³, Google Acadêmico³⁴, Repositório Institucional da UFSC³⁵, a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci)³⁶ e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)³⁷. Foram identificados seis trabalhos no repositório da UFSC, dos seis, dois se repetem no Google Acadêmico, no entanto três apenas mencionam o nome da comunidade em quadros relacionados à certificação das comunidades quilombolas em Santa Catarina e um não está disponível para visualização, por isso foram desconsiderados para a pesquisa, mas sua exclusão não afetou nos resultados.

No quadro a seguir, constam os trabalhos que mencionam a comunidade.

Quadro 2 – Fontes bibliográficas recuperadas no Repositório USFC

Título	Autor	Tipo	Área	Ano
Paisagens Políticas: uma abordagem antropológica das transformações da paisagem na área do atual Parque Estadual do Rio Vermelho, Florianópolis, SC ³⁸	Ramiro Soares Valdez	TCC	Antropologia	2017
Ojo Nbori Ojo: vozes ancestrais na cultura e na literatura. Conversas com avós ³⁹	Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos	Tese	Literatura	2020

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

- d) para o levantamento documental, a busca foi realizada, também, sob diversos aportes que possibilissem uma coleta consistente com os objetivos propostos, assim, obteve-se resultados encontrados em diferentes lugares, dentre eles se destacam: a Hemeroteca digital

³³ Disponível em: <https://www.scielo.br/>.

³⁴ Disponível em: https://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5.

³⁵ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>.

³⁶ Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/>.

³⁷ Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>

³⁸ Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186382/TCC%20Ramiro%20Soares%20Valdez.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

³⁹ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216253/PLIT0832-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

da Biblioteca Nacional⁴⁰, bem como na Hemeroteca digital Catarinense⁴¹, nas edições do Diário oficial da União (DOU)⁴², bem como no Diário Oficial do Estado (DOE)⁴³, no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina⁴⁴, no Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (localizado na Arquidiocese de Florianópolis), site *FamilySearch*, documentos em posse da comunidade, *Facebook Quilombo Vidal Martins*⁴⁵ e notas jornalísticas. O quadro a seguir mostra os documentos encontrados, bem como a fonte em que foram localizados.

Quadro 3 – Fontes documentais recuperadas

Fonte	Itens
Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional	- Capa e Página do jornal O relator Catharinense com nota de doações feitas pelo Padre Antônio
Hemeroteca digital Catarinense	- Nota do Jornal O Estado falando da Empreitada Florestal de Berenhauser
DOU	- Portaria de certificação de comunidades que se autodefinem como remanescentes de quilombo - Página do DOU em que consta o nome da comunidade Vidal Martins
Arquivo Público do Estado de Santa Catarina	- Carta do Delegado de Polícia ao Presidente da Província mencionando os mapas entre os anos de 1842/1869 - Mapa do Distrito do Rio Vermelho
Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina	- Transcrição da certidão de casamento de Joana e Manoel - Transição da certidão de Batismo de Vidal Martins
<i>FamilySearch</i>	- Certidão de batismo de Vidal Martins - Certidão de casamento de Joana e Manuel - Certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins - Certidão de batismo de Rosa - Certidão de batismo de Manuel Vidal Martins - Certidão de batismo de Sabina Correia - Certidão de óbito de Manoel Martins Gallego
Arquivo Quilombo Vidal Martins	- Certidão de Autodefinição - Mapa do território reivindicado
<i>Facebook Quilombo Vidal Martins</i>	- Fotografia Isidro Boaventura Vidal - Fotografia Dona Jucélia e seu Odílio
Notas em jornais	- Matéria do Diário Catarinense na semana da Consciência Negra - Matéria do ND+ Notícias sobre o prazo para a demarcação de terras - Matéria do Jornalistas Livres sobre a violência sofridas pelos remanescentes - Matéria no NSC Total referente a incêndio no Parque - Matéria no ND+ sobre a história do Quilombo - Fotografia Helena, Dona Jucélia e Shirlen

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

- e) o diário de campo está composto por visitas realizadas antes e durante a pandemia (vide apêndice D);

⁴⁰ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

⁴¹ Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>.

⁴² Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/core/start.action>.

⁴³ Disponível em: <https://doe.sea.sc.gov.br/>.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.enabrasil.sc.gov.br/outras-noticias/arquivo-publico-do-estado-de-santa-catarina-2/>.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/quilombovidalmartins>.

f) na última etapa, aplica-se as categorias de análise das fontes bibliográficas, documentais e narrativas dos trechos que constam informações relevantes a cada categoria de análise.

Assim, foram formadas as etapas para realizar a análise dos discursos depois de gravados e transcritos, de forma que possam ser reunidas as memórias do Quilombo Vidal Martins.

Portanto, os discursos, depois de transcritos, estão organizados de forma cronológica, disponíveis no apêndice C, para avaliação das categorias linguísticas mais citadas, os conceitos mais falados e o agrupamento das falas similares, para, enfim, estabelecer as categorias de classificação. Além disso, só foi possível estabelecer as categorias após a pesquisa documental e bibliográfica, já que nelas se encontram elementos e categorias relevantes para o registro memorial da comunidade.

É importante ressaltar que quanto ao levantamento documental, além dos lugares mencionados, foram também localizados dados de enorme importância para a pesquisa como os documentos históricos, dentre os quais foram recuperadas certidões de casamento e de batismo do século XVIII, esses documentos estão em posse da Arquidiocese e Florianópolis⁴⁶, onde foi realizado o primeiro contato com a responsável pelo arquivo via *e-mail*, e por ela foi informado que está disponível uma enorme massa documental com imagens de diversos livros de registro da igreja católica de Santa Catarina desde o século XVII até o ano de 1889 no *site FamilySearch*⁴⁷, que tem como objetivo, de acordo com informação encontrada no *site*, ajudar “[...] as pessoas a descobrir sua história da família por meio de nosso site, de aplicativos para dispositivos móveis e pessoalmente em nossos mais de 5 mil centros de história da família locais.” (*FAMILYSEARCH*, 2021).

Assim, inicialmente, para recuperar os documentos históricos, foi realizada uma busca no *site* com informações básicas sobre os atores da pesquisa, mediante documento encontrado, é possível solicitar para a Arquidiocese de Florianópolis a transcrição, esse é um serviço pago, que custa em média R\$ 90,00 (noventa reais) cada certidão. Na análise documental, podemos observar as correlações desses com os discursos.

A presente pesquisa gera um produto que está composto por um dossiê que representa o registro das memórias da comunidade. Em forma de arquivo digital, o dossiê estará disponível no *site* da Biblioteca Aya, entendido como um portal eletrônico que, segundo Monteiro e

⁴⁶ Disponível em: <https://arquifln.org.br/>.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.familysearch.org/about/>.

Martins (2010), consiste em conter na sua interface os recursos disponíveis para o acesso fácil de dados ao qual seja de interesse do pesquisador.

4.1.1 Metodologia para a composição do dossiê para o portal eletrônico AYA enquanto “lugar de memória” para a comunidade

Pensar em salvaguardar as memórias do Quilombo Vidal Martins para a posteridade vai além de uma demanda social e política, arriscaria dizer que se trata de uma demanda humanitária, o *site* “Aya Biblioteca” está vinculado à Universidade do Estado de Santa Catarina, Estado que por vezes negou as fortes contribuições das populações escravizadas e negras em sua história, por isso, de certa forma, o Estado contribuirá na reparação histórica que a comunidade vem buscando.

O Aya Biblioteca está vinculado ao Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais:

[...] tem como objetivo geral congregar pesquisadores(as), professores(as) e estudantes do campo dos Estudos Africanos e da História Indígena comprometidos(as) com um trabalho multidisciplinar e transdisciplinar que procuram a construção de um conhecimento acadêmico, científico e social comprometido com a interpretação decolonizada acerca das experiências de diversos sujeitos sociais. (AYA, 2021)

Coordenado pelas professoras Doutora Luísa Tombini Wittmann e Doutora Cláudia Mortari, o *site* nasce devido a um projeto de extensão intitulado “Biblioteca Virtual Estudos Africanos e Indígenas”, atuando na divulgação e no acesso a diversos materiais (escritos, iconográficos, sonoros, audiovisuais) sobre as temáticas de histórias das Áfricas e Indígenas, tanto resultado de pesquisas como aqueles produzidos a partir dos projetos de extensão, ensino, pesquisa e as orientações de pós-graduação. A tabela a seguir apresenta os dados de acesso ao *site* do Aya desde que entrou no ar em 2017. Os dados foram levantados no dia 29 de julho de 2021.

Tabela 1 – Dados do *site* da Biblioteca Aya

Dados Biblioteca Virtual ⁴⁸				
ANO	VISUALIZAÇÕES	ACESSOS	PAÍSES DE ACESSO	DOWNLOADS
2017	9.731	3.991	40	
2018	10.833	4.353	46	Downloads não contabilizados
2019	51.751	14.471	73	9393
2020	42.008	17.621	81	17.208
2021 – set.	40.746	21.787	102	18.627
TOTAL	155.069	62.223	121	45228

Fonte: Disponibilizado pela coordenadora do *site* Doutora Cláudia Mortari (2021).

O *site* possui uma aba chamada “ver e ouvir” com *banners* de ações voltadas para o audiovisual e alguns filmes das mais diversas temáticas, além dessas, é composto por outras janelas que agregam com ricas informações sobre diferentes temáticas relacionadas principalmente ao estudo de histórias das Áfricas e Indígenas. A aba “ver e ouvir” pode ser observada na imagem a seguir.

Figura 4 – Aba “ver e ouvir”

Fonte: Aya Biblioteca (2021).

O arquivo com o dossiê eletrônico da comunidade remanescente estará alogado no portal eletrônico do Aya, e ali tanto comunidade quanto visitantes sem restrição territorial poderão conhecer a comunidade.

⁴⁸ Os países que acessaram o *site* encontram-se: 7 na África, 13 na América Latina e um na Ásia.

De forma direta, um dossiê representa “[...] uma coleção de documentos relativos a um processo, a um indivíduo e, por extensão, a qualquer assunto.” (PERCILIA, 2021, *online*), ou seja, uma coleção de documentos sobre qualquer elemento.

Nesse sentido, um dossiê pode ser composto de diferentes formatos devido ao seu objetivo central, podendo ser ele um dossiê profissional, pessoal, técnico, entre outros. Para a presente pesquisa, a composição estrutural do dossiê que pretende salvaguardar as memórias da comunidade remanescente quilombola Vidal Martins está organizada respeitando os seguintes passos:

- Capa ilustrada;
- Apresentação;
- Quilombo Vidal Martins;
- Memórias que compõem a história a partir das narrativas dos remanescentes do Quilombo Vidal Martins;
- Considerações finais do dossiê.

A introdução está composta de uma breve abertura referente ao conteúdo e objetivo do dossiê, com a apresentação dos principais personagens da história, uma linha com os marcos temporais da comunidade e a sua genealogia até a família das líderes Helena e Shirlen Vidal Martins de Oliveira. Para a composição da seção referente à contextualização sobre o quilombo, é apresentada a localização da comunidade, tanto onde residem alguns remanescentes quanto o espaço geográfico que reivindicam, além de contextualizar a motivação por esse impasse judicial que vem se prolongando. Quanto à seção sobre a história narrada, apresenta-se as transcrições das narrativas, bem como os documentos coletados. E por último, nas considerações finais do dossiê abordar-se-á a importância de preservar a memória da comunidade Vidal Martins para a história de Florianópolis.

A composição deste dossiê deve-se à análise dos dados coletados que serão apresentados na seção seguinte.

5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS E DISCURSOS

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola tomam a palavra. Ecléa Bosi (2003, p.15).

Esta seção tem o intuito de subsidiar a discussão dos resultados e o atendimento dos objetivos desta pesquisa. Aplica-se às categorias de análise os trechos das narrativas nas entrevistas e nos questionários de caracterização; trechos do diário de campo; fontes bibliográficas; e fontes documentais.

Os resultados e a análise desses trechos estão organizados conforme as seguintes categorias: memórias ancestrais; compreensão sobre a história do Quilombo; espaço de compartilhar memórias; autorreconhecimento como remanescentes quilombolas; o papel das mulheres na história do Quilombo; a retirada dos remanescentes das terras; reconhecimento como comunidade quilombola enquanto lugar de memória e vivência; processo de busca e desafios; contribuição para a pauta quilombola; Relação com a comunidade ao entorno. Assim, com a organização dos dados, a presente seção também exibe a análise das categorias mencionadas.

É importante mencionar que nesta composição as transcrições são fiéis às narrativas, respeitando a forma de linguagem e desconsiderando o que pode ser entendido como um “falar errado” ou não estar dentro da norma culta/padrão, pois é entendido que a língua é um instrumento social mutável que está de acordo ao social, regional e à cultura do indivíduo, esse é um entendimento compreendido também pela metodologia de história oral, e sem preconceito linguístico. Assim, nas transcrições, as contribuições externas são apenas realizadas para facilitar ao leitor a compreensão de a que se referem os entrevistados, tais contribuições estão entre parênteses e no acréscimo de algumas pontuações.

Dessa maneira, os perfis dos entrevistados foram constituídos a partir dos questionários de caracterização, um dos instrumentos de coleta de dados, que nos permite compreender melhor o relato de seus discursos.

- a) Shirlen Vidal de Oliveira, 40 anos, identifica-se como mulher preta quilombola, possui ensino médio completo, casada, descendente direta de Vidal Martins (trineta). É a vice-líder da comunidade, e junto com a irmã, Helena, iniciaram a trajetória de reconstrução da história da comunidade. Atualmente, Shirlen é secretária-geral da associação da comunidade e coordenadora da área de educação escolar quilombola Vidal Martins no Sistema Estadual de Jovens e Adultos (SEJA).

- b) Vitor Vidal da Silva, 17 anos, declara-se homem negro, tataraneto de Vidal Martins. Estudante, representa o que os jovens na comunidade compreendem sobre serem remanescentes quilombolas. Filho de Helena, Vitor reconhece a sua história e se reconhece nos dizeres da avó e do tio-avô.
- c) Jucélia Beatriz Vidal de Oliveira, 63 anos, declara-se mulher negra, bisneta de Vidal Martins. Matriarca da comunidade, mãe de Shirlen e Helena. Dona Jucélia juntamente com seu irmão Odílio atualmente são os responsáveis pela manutenção e conservação da história da comunidade através da sua oralidade. São os Griôs do Quilombo.

5.1 MEMÓRIAS ANCESTRAIS

Então, vamos lá.... é a questão do Quilombo, é, eu não conhecia o Vidal Martins, também não conheci meu bisavô que é o Boaventura, que é filho do Vidal, eu conheci o meu avô, né? Que é o Isidro, o filho do Boaventura. Então o que eu sei de Boaventura, e Maria Rosa, e Jacinta, Joana, Sabina, Quitéria, enfim... Todos, né? Foi contada para mim, né? Através da minha mãe, do meu avô, e meu vó conviveu com eles, então foi contado através é do meu avô e passou um pouco para gente e depois que ele passou, mais foi a minha mãe mesmo e os meus tios, né? Que continuaram vivos e conseguindo passar É.... A história do Quilombo Vidal Martins, ela foi, ela ficou na verdade é registrada devido a essa fala dos mais velhos, essa lembrança de não deixar morrer aquilo que os ancestrais, né, contaram. A gente sempre dizia e é um ditado que a gente fala até hoje, né? Apesar de já ter televisão pra nós, a gente fala que falava que quem não tem televisão contar uma história, eu não tinha televisão em casa então a gente ouvia muito, né? As histórias do meu avô é.... a gente sempre ouvia do meu vó que os ancestrais dele, tá... O que que eu vejo com isso tudo? Eu vejo que essa lembrança dele, a convivência dele com o Vidal, sabe? Com os próprios irmãos isso acabou fazendo com que essa história da comunidade, ela não vinhesse se perder porque ela passou para nós, passou para minha mãe e continua até nos dias atuais Mas o mais importante foi o fato do Vidal Martins, da Maria Rosa, tudo eles terem morrido muito velhinhos e quando o... e o pai do meu vó também porque o pai no meu povo morreu em 1943, ele morreu com 95 anos e a Maria Rosa morreu com 93 anos, então por eles ter vivido muito tempo e ter passado, né, ter convivido uma boa parte do tempo com os filhos e os netos, essa informação, ela conseguiu ser aproveitada bastante porque o meu vó tinha trinta e poucos anos quando meu vó morreu, a mesma coisa a minha mãe, estava com trinta e poucos anos, então foi muita informação. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Ela é importante porque foi a história de uma luta e se não fosse os mais velhos contar para nós essa história dentro do Rio Vermelho e dentro de Santa Catarina, era apagada. E o nosso pai contava para nós. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Minha avó, minha mãe, meus tios. (TRANSCRIÇÃO FALA VITOR).

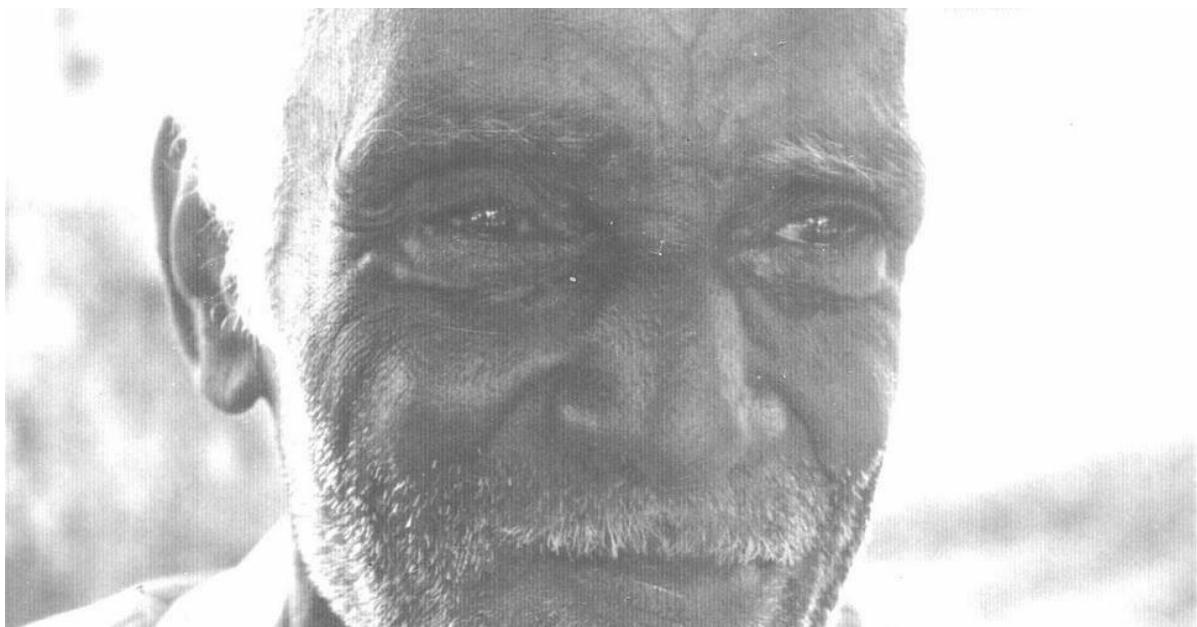
Em seguida, Shirlen vem contar sobre a história do Quilombo, sobre como as narrativas dos seus antepassados garantiram a elas essa curiosidade que transformada em ação as levou para a luta em nome do seu reconhecimento como espaço quilombola. Ali conheci a história de Vidal

Martins e seus descendentes. Na fala de Shirlen, uma frase me marcou muito, foi quando ela disse: os mais velhos são a biblioteca da comunidade, eles têm o conhecimento vivido, e esse conhecimento foi passado pra gente. (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADO NO DIA 1º DE DEZEMBRO DE 2019).

Falamos, também, sobre as previsões das mulheres da família. Shirlen conta que sua bisavó previu que um dia as pessoas iriam ver uma máquina de ferro voando no ar, e a avó repassa essa história. (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADO NO DIA 1º DE DEZEMBRO DE 2019).

A imagem a seguir é o único registro fotográfico de Isidro, homem que tratou de manter suas memórias adiante, Seu Isidro é neto de Vidal Martins, pai de Jucélia e Odílio, que hoje são os anciãos da comunidade.

Figura 5 – Izidro Boaventura Vidal



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2015).

A próxima imagem é de Dona Jucélia, ao lado de seu irmão, Odílio, os dois são filhos de Isidro e bisnetos de Vidal Martins. Eles representam a atual geração de Griôs da comunidade.

Figura 6 – Dona Jucélia e Seu Odílio



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2014).

5.1.1 Análise quanto às memórias ancestrais

“Quem não tem televisão conta uma história”, “os mais velhos são a biblioteca da comunidade”, “[...] e se não fosse os mais velhos contar para nós essa história dentro do Rio Vermelho e dentro de Santa Catarina, era apagada. E o nosso pai contava para nós”, “Minha avó, minha mãe, meus tios”, estas são algumas tiras das narrativas e do diário de campo que compõem e contemplam a categoria relacionada a memórias ancestrais.

Quando nos dizeres repetidamente os entrevistados reforçam a importância dos seus antepassados serem os responsáveis pela continuidade dessas histórias, é observado que são dessas memórias transmitidas que a história se faz presente, nesse sentido, Bosi (2003, p. 15) infere que “A memória dos mais velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado”.

E como testemunhas do passado, as memórias dos remanescentes mais antigos da comunidade configuram-se como mediadoras para a continuidade da construção de tudo que a comunidade Vidal Martins vem formando, “É nesse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória.” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

E é sob as memórias dos mais velhos, alguns registrados nas imagens das figuras 5 e 6, que a comunidade não só reconta a sua história, como, também, traz novos fatos que compõem

a história de Florianópolis. Fatos um tanto esquecidos ou silenciados estão surgindo e com eles a representatividade de um grupo pouco mencionado na construção da “História Oficial”. Portanto, e em vista disso, a categoria “Memórias Ancestrais” foi contemplada nos dados analisados.

5.2 COMPREENSÃO SOBRE A HISTÓRIA DO QUILOMBO

Eles vieram num navio inglês, aquele navio que ficou encalhado ali na praia dos ingleses. Ele disse que veio, né, um pai e um filho e o filho acabou morrendo, né, no meio do caminho, e dai ficou só o pai, venho só o pai para cá e ele contar para minha mãe que quando os negros morriam tavam com alguma doença eles jogavam, né, os escravos amarrado numa pedra nos pés deles e jogavam fora do barco e aquele escravo ia lá e se afogava. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Sim, é ... não, eles não contam porque isso não convém, né, falar de terra, né, quando tu fala de negros tu simplesmente tu fala de terra, a mesma coisa que nem eu falei se for pegar o livro de terra do Rio Vermelho, de vários outros lugares, tem terra que é de pessoas que são escravas que eram de descendentes de escravos que 'devido a essa mistura Kariane de trocar de ir de um lado pro outro, isso acabou se perdendo porque as pessoas não se encontram mais, os mais velhos não conseguiram repassar essa história porque um foi morar nesse, no morro tal, o outro foi lá pro Rio Grande do Sul, o outro.... Pronto, a história foi a história não permaneceu mais. Que é diferente da gente da Invernada dos negros do pessoal ali do Valongo, sabe? De todas as comunidades que ficaram juntas, ouviram as histórias famílias não foram embora, foram continuando e onde é que hoje é todo mundo sabe por que a história permaneceu na comunidade permanecer, né? Agora se essas comunidades começarem a casar e essas começarem a ir embora, daqui a pouco também não tem mais história. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Sim, sim, ele do pai deles dividiram, né, que foi O Gallego dividiu as terras ali e cada e dois irmãos ficaram com as mesmas terras de daí esses dois irmãos um era Senhor do Vidal não que 1845 ele era escravo do... do Gallego, depois que o pai morre é que os filhos passam a ser donos dos escravos dele... sim automaticamente eles ficaram, né, morando, tanto que quando o Estado veio, eles falavam que, né, não tinha, né, "há os mais velhos já morreram, então, né, você só tem mais direito à terra", que era o meu vô, ou seja, os escravos já morreram e como os escravos morreram vocês já não tem mais direito dessas terras. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Dai tu vai lá e bota Florianópolis Quilombo Vidal Martins, uma comunidade negra que mora, está lutando pelo uma reserva ambiental que lá viveram seus ancestrais que vienheram da África, daí no caminho encontra o quê? a Igreja Católica, que isso também já chama Pô tanta gente que é escravo de Padre. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Olha o que eu sei sobre a história do Quilombo era o que o meu pai contava, que eles vieram lá da África, vieram no navio.... venho muitos de lá, mas chegaram aqui em poucos que eles vieram embaixo de um porão aqueles que ficavam doente eles amarravam uma pedra e jogava no mar. As criancinhas também vinham chorando, passavam fome e passavam sede... (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

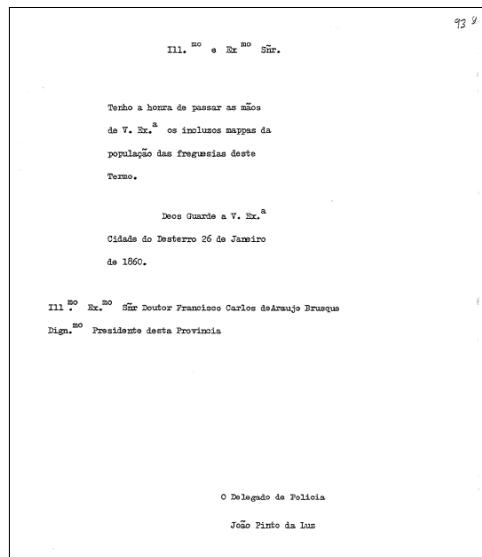
Da Resistência que o povo falavam que eles tinham os meus avós... por causa da luta por causa

da Resistência, por causa da história. (TRANSCRIÇÃO FALA VITOR).

Dentre os assuntos conversados, falamos sobre a história da chegada de um navio negreiro que ficou atolado na praia dos ingleses, na conversa, Shirlen cita que a história dos remanescentes do quilombo se inicia com a chegada de um Pai e um Filho nesse navio, segundo lhe contaram, em suas lembranças, esse Pai e Filho seriam os antepassados, trazidos da África, de Jacinta avó de Vidal Martins. Segundo Shirlen, essa história foi em 1750, e esse navio, as peças encontradas sobre ele estão no *Resort* do Costão do Santinho. (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADO NO DIA 4 DE AGOSTO DE 2021).

Conversamos também sobre Gallego, o senhor de Vidal, Shirlen me informou que ele tem terras no município de São José, e que ele lá também deixou suas terras para seus escravos de lá, além disso, ela me informou que a maior dificuldade em encontrar documentos foi que os senhores de Vidal trocaram de nome, de acordo com ela, seus tios lhe contaram que ocorreu uma guerra por terra (acredita-se que eles se referem à Guerra do Paraguai entre 1864 até 1870) e que eles tiveram que se esconder e para isso tiveram que trocar de nome, que trocaram de Martins Galego para Martins Correa, e devido a essa troca, existem certidões dos filhos de Vidal que possuem sobrenomes diferentes. Foi no encontro dos nomes trocados dos senhores que eles identificaram a extensão das terras do Quilombo. (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADO NO DIA 4 DE AGOSTO DE 2021).

Figura 7 – Carta do Delegado de Polícia ao Presidente da Província mencionando os mapas entre os anos de 1842/1869



Fonte: Secretaria do Estado de Santa Catarina (1993).

Transcrição da carta: Ao Excelentíssimo Senhor. Tenho a honra de passar as mãos de Vossa Excelência os inclusos mapas da população das freguesias deste termo. Deus guarde a Vossa Excelência Cidade do Desterro, 26 de janeiro de 1860. Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco Carlos de Araújo Brusque. Digníssimo Presidente desta Província, O Delegado de Polícia, João Pinto da Luz.

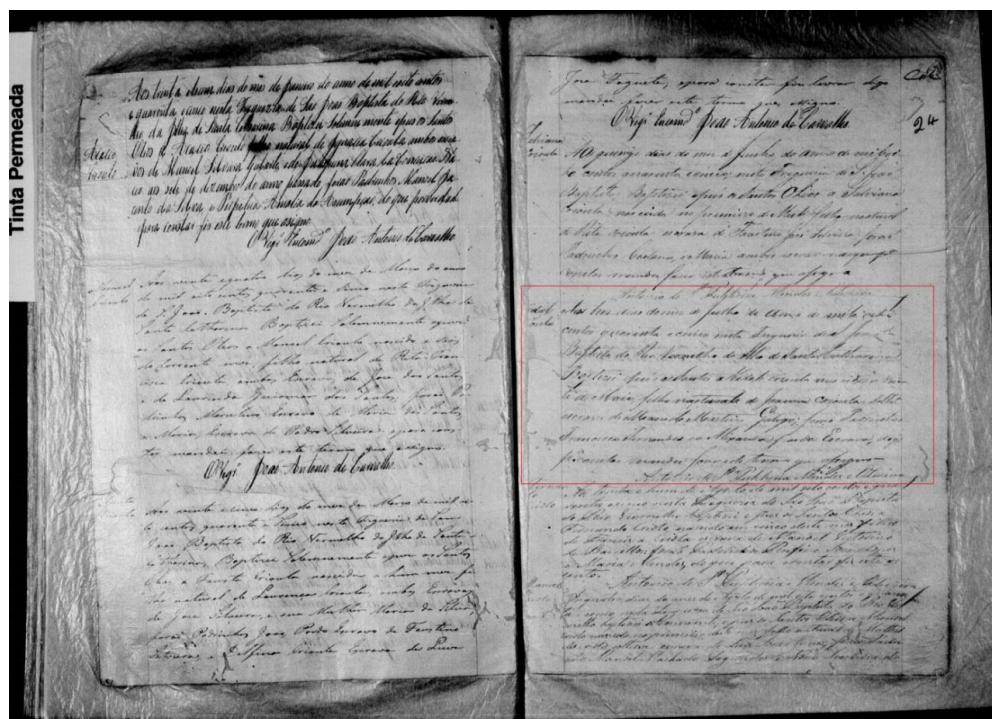
Figura 8 – Mapa do Distrito do Rio Vermelho

Contem o Distrito do Rio Vermelho: fogos 279, habitantes a Sabor:					
Homens	Estado	Numeros	Mulheres	Estado	Numeros
Livres	Solteiros	375	Livres	Solteiras	397
	Casados	178		Casadas	179
	Viuwos	15		Viuvas	48
Somma		568	Somma		524
Libertos	Solteiros	31	Libertas	Solteiras	43
	Casados	4		Casadas	4
	Viuwos	"		Viuvas	"
Somma		35	Somma		47
Escravos	Solteiros	164	Escravas	Solteiras	136
	Casados	1		Casadas	1
	Viuwos	"		Viuvas	"
Somma		165	Somma		137
Total		768	Total		808
Luis Antonio da Silva Subdelegado de Policia					

Fonte: Secretaria do Estado de Santa Catarina (1993).

A imagem a seguir consta à folha 24 do livro de batismo de escravos no distrito de São João do Rio Vermelho, entre os anos de 1832 a 1872.

Figura 9 – Página em que consta a certidão de batismo de Vidal Martins



Fonte: SANTA CATARINA (2019b). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Na imagem a seguir, consta a certidão de batismos de Vidal, transcrita pela Arquidiocese de Florianópolis:

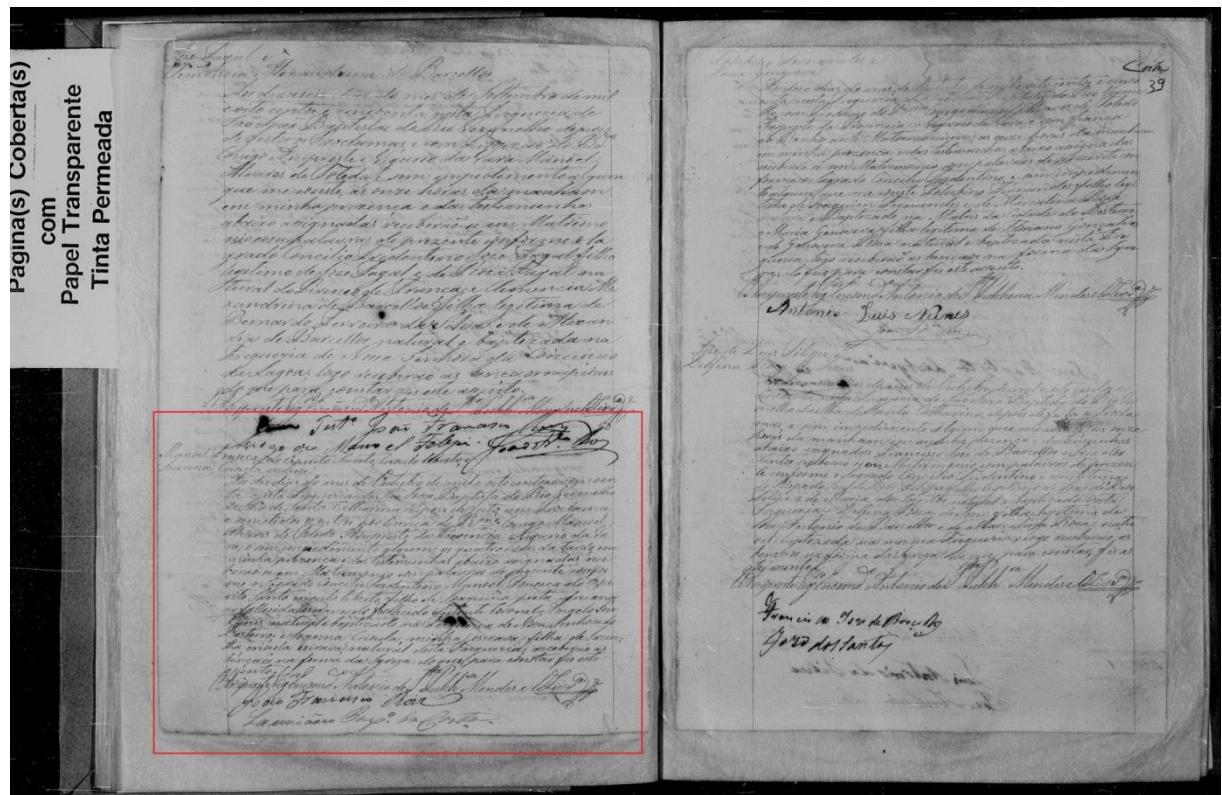
Figura 10 – Transcrição da certidão de Batismo de Vidal Martins



Fonte: Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (2021).

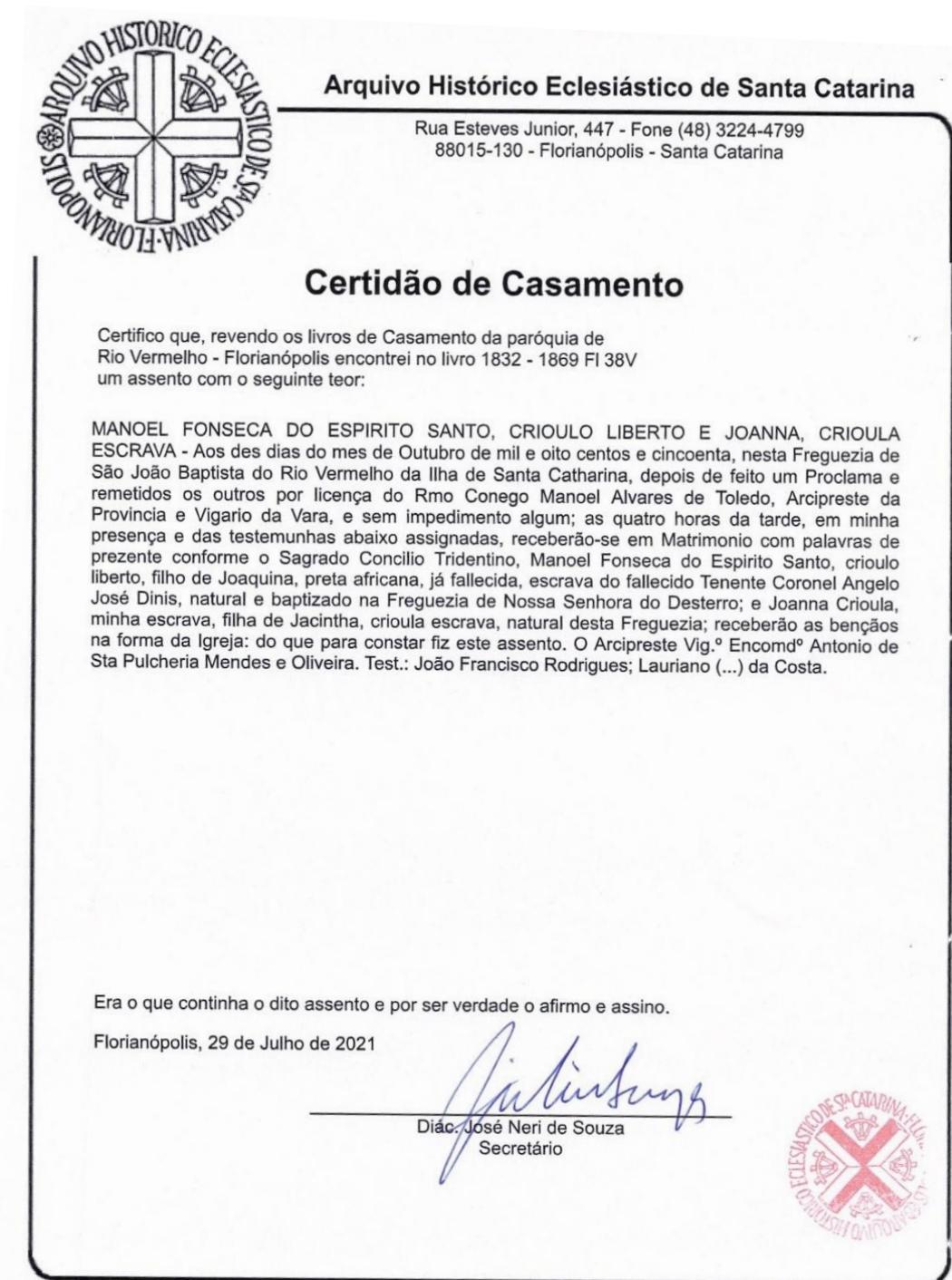
A imagem a seguir consta à página do livro 1 das certidões de casamento no distrito de São João do Rio Vermelho, entre os anos de 1832 a 1869.

Figura 11 – Página que consta a certidão de casamento de Joana e Manoel



Fonte: SANTA CATARINA (2019c). Disponível no database de imagens *FamilySearch*.

Figura 12 – Transcrição da certidão de casamento de Joana e Manoel



Fonte: Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (2021).

Figura 13 – Capa e página do jornal O relator Catharinense, com nota de doações feitas pelo

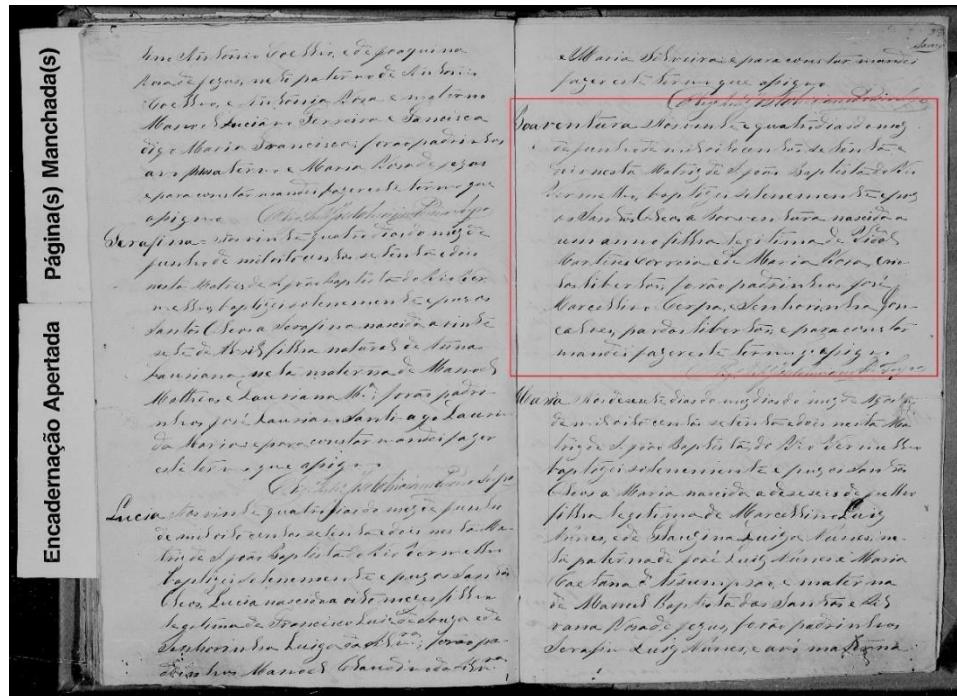
Padre Antônio



Fonte: O Relator Catharinense (1845). Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Transcrição de uma tira da nota: E encontrando os Augustos Bemfeiteiros do Hospital, tiveram todos os irmãos a ventura de beijar-lhes as Mão Imperiais, conduzindo-os, depois desse acto, de baixo do Palio até a igreja. Ali esperava, logo na entrada os Excelsos Príncipes ou Excellentíssimo e Reverendíssimo Bispo capellão Mor em vestes pontifícias, e assistindo do IIIIm. Comendador Cônego Secretário do Bispo José Antônio da Silva Chaves, e do Reverendo Conego Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira e do Cônego Areypreste Antonio Joaquim Pereira Malheiros (transcrição de acordo com a ordem ortográfica da época).

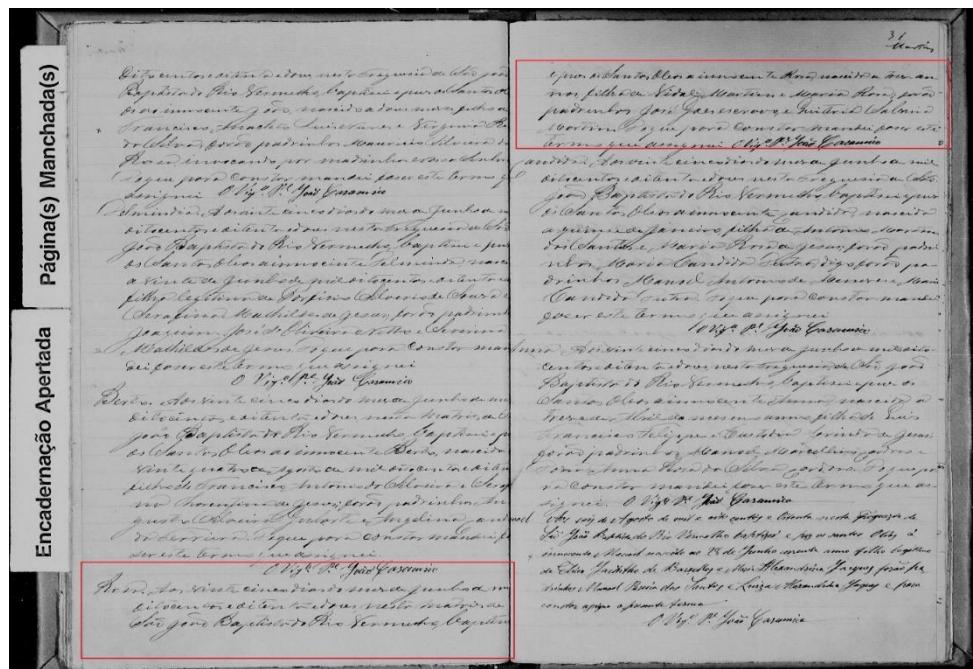
Figura 14 – Página que consta a certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins



Fonte: Santa Catarina (2020a). Disponível no database de imagens FamilySearch..

Transcrição: Certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins, registrada em 24 de julho de 1872, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, nascido há uma semana, filho legítimo de Vidal Martins Correia e Maria Rosa de Jesus, padrinho José Marcelino Correia e nome da Madrinha incompreensível, pardos livres. Assinatura do Padre incompreensível.

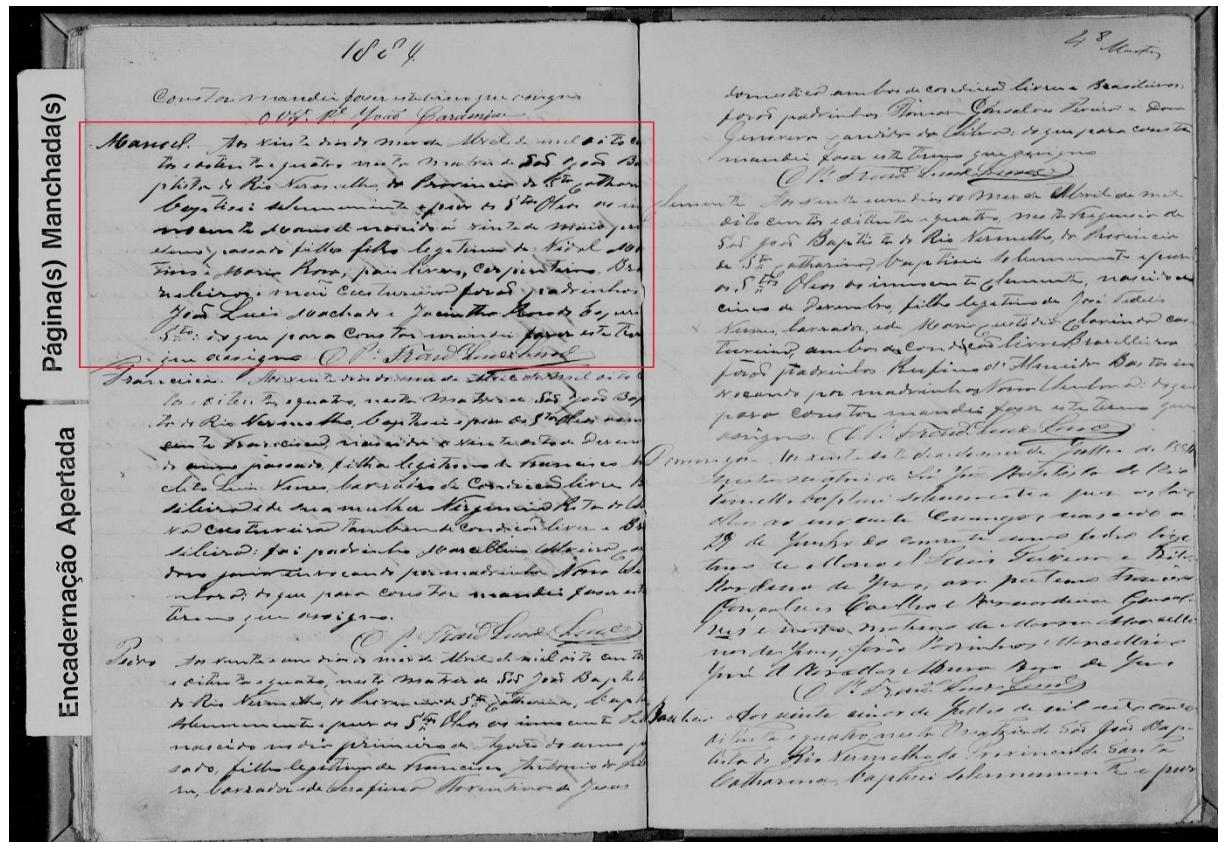
Figura 15 – Página que consta a certidão de batismo de Rosa Maria



Fonte: Santa Catarina (2019a). Disponível no database de imagens FamilySearch..

Transcrição: Certidão de batismo de Rosa Maria, no dia 25 de junho do ano de 1882, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, filha legítima de Vidal Martins e Maria Rosa de Jesus, e como padrinho José Goes escravo e Quitéria Sabina Martins. Assinatura do Padre incompreensível.

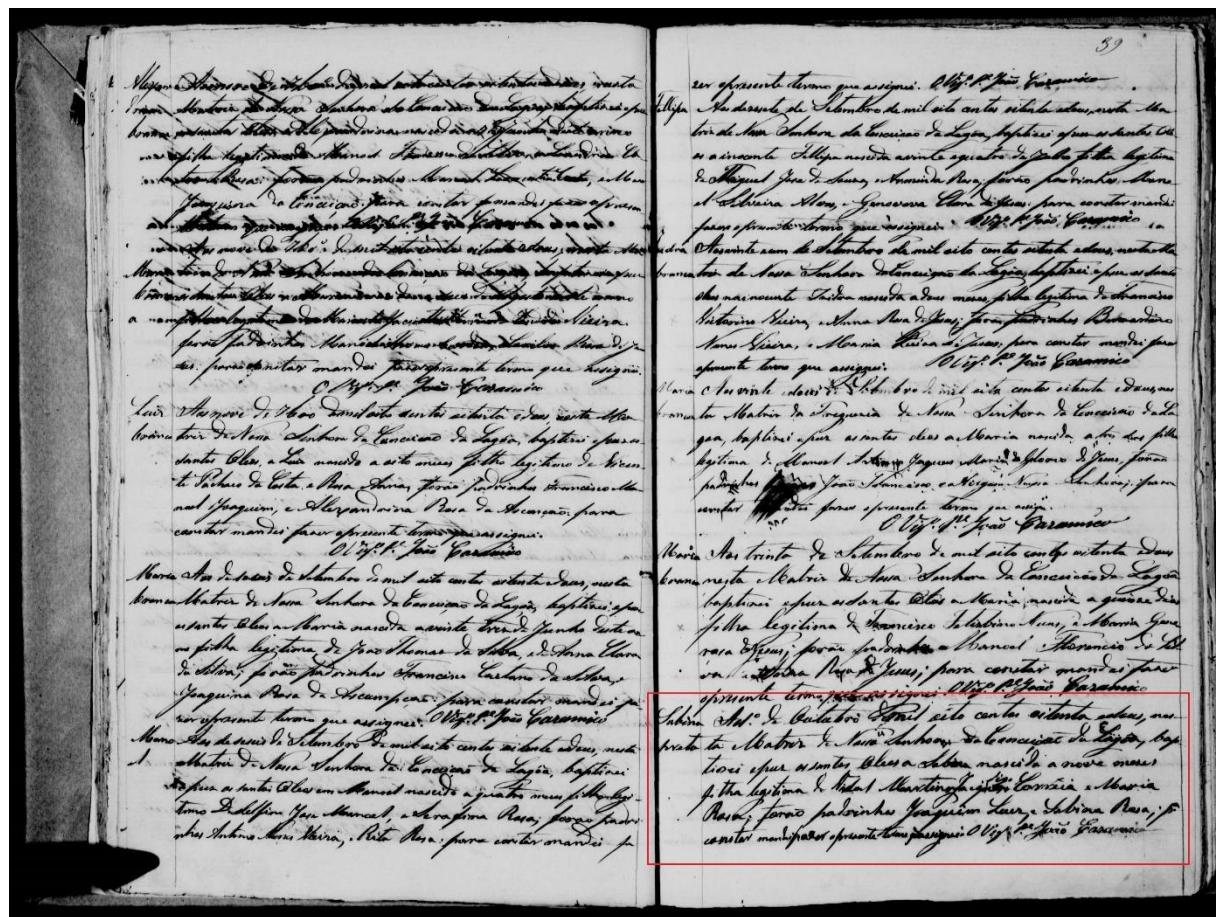
Figura 16 – Página que consta a certidão de batismo de Manuel Vidal Martins



Fonte: Santa Catarina (2020c). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Transcrição: Certidão de batismo de Manuel Vidal Martins realizada no dia 20 de abril do ano de 1884, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, filho legítimo de Vidal Martins e Maria Rosa de Jesus, pais livres, pai carpinteiro, brasileiro, mãe costureira, foram padrinhos João Luiz Pulcheria e Jacintha Rosa, seguido da assinatura do vigário Padre João sobrenome incompreensível.

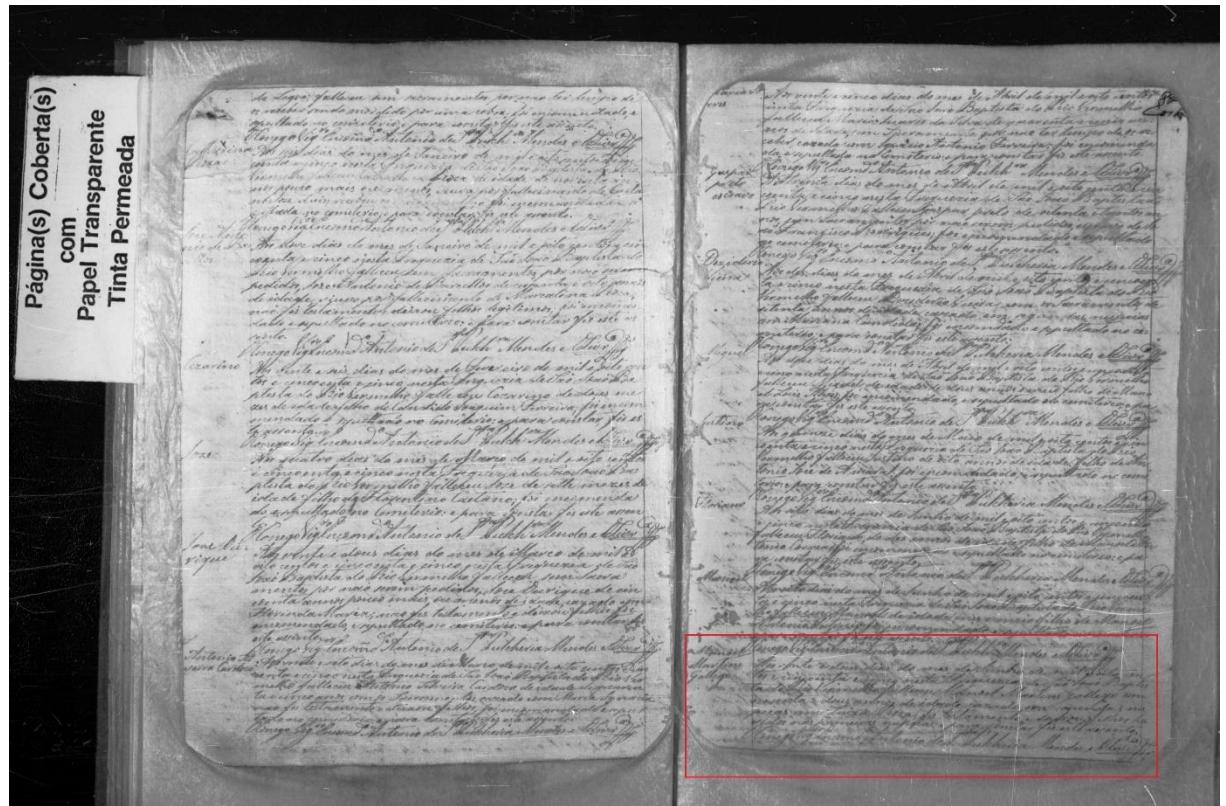
Figura 17 – Página que consta a certidão de batismo de Sabina Correia



Fonte: Santa Catarina (2020b). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Transcrição: Certidão de batismo de Sabina Correia, nessa certidão o nome de Sabina segue da palavra preta, diferente das outras, ela foi registrada na igreja matriz da Nossa Senhora da Conceição, na Lagoa, no dia primeiro de outubro do ano de 1884, nascida há nove meses, é filha legítima de Vidal Martins Correia e Maria Rosa de Jesus, tendo como padrinhos Joaquim Luiz e Sabina Rosa, assinado pelo Vigário, nome e sobrenome incompreensível.

Figura 18 – Página que consta a certidão de óbito de Manoel Martins Gallego



Fonte: Santa Catarina (2019d). Disponível no database de imagens *FamilySearch*.

Transcrição: Certidão de óbito de Manoel Martins Gallego, aos vinte dois dias do mês de dezembro, foi registrado nesta arquidiocese da paróquia de São João Baptista do Rio Vermelho o falecimento de Manoel Martins Gallego, com noventa e dois anos de idade (incompreensível). Luiza Roza testemunha e deixou os filhos (incompreensível). Conego Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira.

5.2.1 Análise quanto à compreensão sobre a história do Quilombo

A compreensão sobre a história do Quilombo nas memórias está construída sob uma perspectiva cronológica, que nasce com o início da escravização dos ancestrais de Vidal Martins em Florianópolis, que até então chamava-se Desterro. Ao longo das narrativas, é observado que as memórias não estão focadas no “personagem” Vidal Martins. O nome do Quilombo é em homenagem a Vidal, contudo, nos relatos percebe-se uma hegemonia quanto a todos os personagens da história, o que a torna muito rica em relação aos detalhes.

O fato de construírem uma linha temporal que os conduzem aos primeiros antepassados reflete uma narrativa que considera todos como componentes de extrema importância para o

que se sabe sobre a história do Quilombo, prática que pode ter relação com a perspectiva dos laços de linhagem, característicos de culturas africanas.

Assim, a comunidade comprehende a história do Quilombo sob uma perspectiva que é anterior a Vidal Martins, e outra além dele, quando citam sobre os senhores de Vidal terem deixado terras para outras pessoas que foram escravizadas no município de São José.

Nesse trilhar, as narrativas concebem o entendimento de um coletivo que constrói a história dessa comunidade, bem como de outras pessoas que estiveram na mesma situação dos remanescentes e ancestrais de Vidal Martins. Nesse sentido, Halbwachs (1990) descreve a compreensão de uma memória coletiva, assim, é entendido que a comunidade Vidal Martins está em um construto de memória pessoal e social. Esse mesmo autor aborda que é por meio de pequenos dados como datas, lembranças de acontecimentos de outrora e fórmulas de construtos pessoais que se formam as memórias coletivas.

Dessa maneira, quando observamos as certidões de batismo e de casamento, obtemos os fatos, as datas e fórmulas que demonstram as lembranças narradas da família e seus construtos pessoais. E ao atermos o olhar ao mapa de pessoas escravizadas, juntamente com a imagem da nota jornalística sobre as doações do padre, tem-se os fatos relacionados a acontecimentos de outrora que também descrevem suas lembranças pessoais e coletivas.

Portanto, a compreensão sobre a história do Quilombo está regida pela chegada em embarcações de tráfico negreiro, as mazelas que sofreram as pessoas raptadas de sua terra natal, e as terras que foram repassadas para pessoas escravizadas, entre elas Vidal Martins. As figuras mencionadas na seção anterior, que representam essa análise, são dados coletados que ilustram as narrativas. Logo, é apreciada a categoria “Compreensão Sobre a História do Quilombo”, nos dados coletados.

5.3 ESPAÇO DE COMPARTILHAR MEMÓRIAS

O meu vô é assim ó eles sempre compravam para o meu vô é uma bolacha salgada e dai ele tomava todo dia, ele tomava um limão na cachaça e botava um açúcar ali, então era uma briga por causa da bolacha e do açúcar porque não tinha o que comer e a gente sabia que o vô... bolacha e bem no fim ele dava tudo para os netos, tá, dai a gente se reunia na cadeira dele ficava ali sondando para ver se ganhava, para mãe não ver, para ninguém ver, né, nem para as tias ver e ele pegava e dava e conversava e depois, sim, depois que a gente cresceu era em casa mesmo, não tinha televisão não tinha nada, a mãe começava a contar, o tio Odílio começava a contar, né, as histórias dos antigos, da mulher que era que era, como é que trabalhava com o padre e tal.. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Quando nós era pequeno, ele contava essas histórias para nós em casa, ele fazia uma fogueira

assim no chão, ficava eu eu ficava os meus irmãos aí nós ficava ali esquentando Fogo porque a nossa casa era de barro de estuque. Nós ficava ali esquentando fogo porque a nossa casa era muito frio aí ele começava a contar história para nós, assava milho, assava siri, assava camarão ali. Nós ficava comendo e ele ficava contando a história para nós, o meu pai. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Em casa. (TRANSCRIÇÃO FALA VITOR).

Em seguida fomos tomar um café em conjunto com todos em uma grande mesa, ali ela me apresentou as pessoas que estavam ajudando a comunidade na retomada do espaço, e Dona Jucélia e Seu Odílio começaram a contar histórias dos tempos em que moravam no espaço que hoje retomaram. (DIÁRIO DE CAMPO VISITA REALIZADA EM 22 DE FEVEREIRO DE 2020).

5.3.1 Análise quanto ao espaço de compartilhar memórias

Sobre espaços, o autor Pierre Nora (1993), que aborda a temática lugar de memória, relaciona os espaços como uma simbologia para um ritual, independentemente de o lugar ser funcional ou não. Para o autor, se a imaginação ali é investida em uma aura simbólica, esse espaço pode compreender um lugar de memória.

As memórias transmitidas pelos ancestrais formaram o que hoje é compreendido sobre a história da comunidade Vidal Martins, mas o ato de transmitir essas memórias estão simbolizados, também, por um ritual, e os espaços fazem parte desse ritual. Observemos em nosso cotidiano os almoços em família, as reuniões de família na casa dos mais velhos em que logo após as refeições todos ouviam os causos das avós e avôs durante horas. Tudo está inteiramente ligado a um ritual de educação, educação tradicional através da oralidade, o contar e recontar suas memórias, além de uma tradição, é também um ato de educação, contudo, em espaços familiares.

Nesse sentido, Queiroz (2015, p. 52) comprehende que o espaço de educação da tradição vai além dos espaços escolares, por exemplo, “[...] ela começaria na própria família, esta entendida aqui como a comunidade”. As memórias se apoiam nos espaços, “ele contava essas histórias para nós em casa, ele fazia uma fogueira assim no chão ficava eu eu ficava os meus irmãos aí nós ficava ali esquentando fogo porque a nossa casa era de barro de estuque” (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA), “[...] fomos tomar um café em conjunto com todos, em uma grande mesa, ali ela me apresentou as pessoas que estavam ajudando a comunidade na retomada do espaço, e Dona Jucélia e seu Odílio começaram a contar histórias [...] (DIÁRIO DE CAMPO VISITA REALIZADA EM 22 DE FEVEREIRO DE 2020).

No livro “Memória e sociedade: lembrança de velhos”, Ecléa Bosi (1994) possui um capítulo intitulado “Os espaços da memória”, em que a autora aborda a casa, os ambientes e

objetos que vêm junto com as memórias, formando um construto único incorporado no ritual de relembrar, como visto nas falas narradas. O momento de pedir a bolacha do avô, o fato de estar sentado em uma mesa em conjunto, e os ricos detalhes de como a casa de barro e a fogueira no chão fazem parte da afetividade nas memórias. “Tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos [...]” (BOSI, 1994, p. 436).

Dessa forma, compreendemos a categoria “Espaços de compartilhar memórias”, visto que esses formam e ainda fazem parte de uma tradição de um ritual ou simplesmente de um ato, o ato de recordar e tornar as memórias vivas.

5.4 AUTORRECONHECIMENTO COMO REMANESCENTES QUILOMBOLAS

Quilombola... Negra quilombola, preta quilombola. (QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SHIRLEN).

Eu vejo que o fato, Kariane, da gente se reconhecer, não ter vergonha de gritar para o mundo, para o Brasil que nós somos uma comunidade negra, que nós temos orgulho da Luta dos nossos antepassados, sabe, e de nós levantarmos a bandeira com muita força, eu acho que isso contribui muito. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN)

“Eu acho que o incentivo vem disso de tu não tem vergonha de dizer que tu é descendente de escravo porque antes isso era motivo pra se envergonhar... ah, eu vou dizer que sou descendente de escravos?”. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN)

“Jucélia Beatriz Vidal, sou bisneta do Vidal Martins”. (QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO JUCÉLIA).

O quilombo para mim é uma casa é uma família e é resistência porque nós estamos aqui para cultivar a cultura que os meus antepassados moraram aqui e aqui eles cultivavam a cultura, aqui tem sangue derramado dos meus antepassados, tem umbigo deles enterrado, então isso aqui é nosso por direito, que já foi estudo tudo feito e é nosso por direito. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Eu sei que eu sou descendente do Vidal Martins... Meus tataravós. (TRANSCRIÇÃO FALA VITOR).

Havia muitas crianças, e eram bem desenvoltas, bastante falantes e muito simpáticas, conheci Ellen, filha da Helena, creio que sua idade era entre 8 ou 9 anos. A Ellen nos contou muitas histórias sobre quilombos e também recitou um poema de Dandara (companheira de Zumbi dos Palmares), além disso, as crianças fizeram uma lembrança para os visitantes, nos deram bonecas Abayomi. (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADO NO DIA 1º DE DEZEMBRO DE 2019).

5.4.1 Análise quanto ao autorreconhecimento como remanescentes quilombolas

Até pouco tempo atrás, reconhecer-se como negra/negro ou preta/preto era motivo de constrangimento. Essa é uma fala minha, como mulher negra, pois levei um bom tempo para me descrever com orgulho. Citar a minha cor sempre que precisava me autodescrever era algo estranho, como se ao dizer “sou uma menina/adolescente negra/preta”, isso fosse uma característica de inferioridade.

Veja bem, em minha família sempre cultivamos o orgulho de sermos pessoas negras e negros, contudo, alguma coisa era maior do que os ensinamentos passados dentro de casa, alguma coisa no exterior alimentava esse estranhamento em me descrever.

Recordo-me de muitas vezes me descrever como morena e até mulata, mas pouco como negra/preta, não sabia o que motivava isso, apenas fazia. No fundo, eu sabia que o real motivo era que a descrição poderia me envergonhar, pois a descrição “sou uma pessoa negra/preta” era carregada de associações negativas.

Início esta análise com esse pensamento, pois mesmo tendo uma família bastante consciente sobre o reconhecer-se como pessoa negra/preta, ainda passei por muitos conflitos quanto a quem sou e como me descrever. Descrever-se como mulher preta e quilombola, ou dizer diretamente sem rodeios ser descendente de uma pessoa que já foi escravizada, é sem dúvida uma ação destacável nos relatos.

Como, por exemplo, no relato de Shirlen, “Eu acho que o incentivo vem disso, de tu não tem vergonha de dizer que tu é descendente de escravo porque antes isso era motivo pra se envergonhar, ‘ah, eu vou dizer que sou descendente de escravos...’”.

Observemos Vitor, com apenas 17 anos, quando em sua narrativa traz a seguinte fala: “Eu sei que eu sou descendente do Vidal Martins [...] meus tataravôs”. Vitor é bastante econômico em suas falas, porém é pontual. Portanto, ele não só está se descrevendo, nessa narrativa, Vitor realiza um ato de resistência.

Essa pequena frase, porém, é carregada de representatividade. De forma infeliz, porque isso não precisaria ser um tabu, vejamos os descendentes do continente europeu que falam com um imenso orgulho da sua descendência. Talvez para você leitor branco isso não represente nada, mas é muito diferente quando se ouve “sou de família italiana, alemã”. E feliz, porque por muito tempo fazer a afirmação que Vitor faz seria quase como uma tortura.

Fanon (2008), no capítulo “A mulher de cor e o branco”, do livro “Pele negra máscaras brancas”, ao relatar o seu objeto de estudo, de mulheres negras que preferem estar em uma relação ruim com um homem branco pelo fato de ele ser branco, a se relacionarem com homens

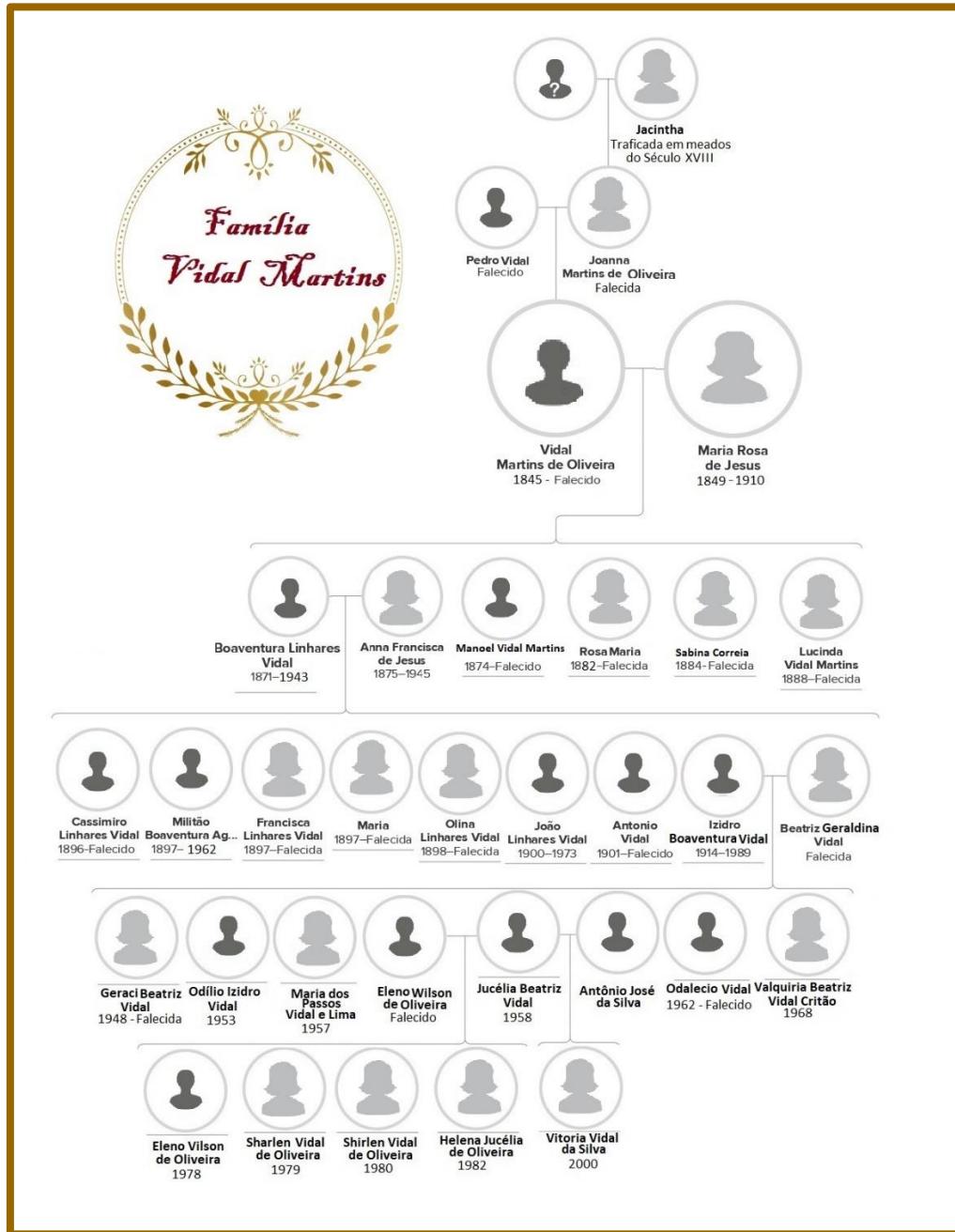
pretos, por essa ação representar um fracasso. O autor destaca a sua preocupação com a alienação psíquica do negro. Esse comportamento, segundo Fanon (2008), demanda atenção, pois essas jovens mais tarde poderão ensinar aos demais a sua alienação quanto ao homem branco. “Porém, também elas talvez compreendam um dia ‘que os brancos não se casam com uma mulher negra.’ Mas aceitam correr o risco, porque precisam da brancura a qualquer preço. Por quê?” (FANON, 2008, p. 58-59).

Assim, a identidade negra afrodescendente faz-se em uma construção diária e persistente, nesse sentido, Ferreira (2004) infere que os estágios de construção da identidade dos afrodescendentes são muitos, desde a percepção dos valores negativos até a consolidação de uma imagem de identidade que valoriza a incorporação das raízes europeias e negativiza as outras:

A visão deformada [...] criada pelo europeu colonizador, que venham legitimar historicamente a denominação e o genocídio, direto ou indireto, dos indivíduos considerados “diferentes” não brancos, determina as dificuldades para o desenvolvimento da identidade dos brasileiros afro-descendentes, além de efeitos nocivos nos relacionamentos pessoais, por terem suas construções simbólicas articuladas em torno de referências de identidade associadas à inferioridade e a outros valores vistas socialmente como negativos. (FERREIRA, 2004, p. 47).

Observar as falas anteriores é observar uma construção de identidade e uma mudança social de autodescrição, aceitação e principalmente de orgulho, no caso dos nossos entrevistados, orgulho em serem pessoas negras/pretas, e remanescentes quilombolas. Assim, contempla-se a categoria “autorreconhecimento como remanescentes quilombolas”. A figura a seguir com a árvore genealógica da família Vidal Martins ilustra essa categoria.

Figura 19 – Árvore genealógica da família Vidal Martins



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

5.5 O PAPEL DAS MULHERES NA HISTÓRIA DO QUILOMBO

É, eu... a força assim ó primeiramente, né, olhando toda a história de vida, né, da minha mãe, das minhas tias e até mesmo da minha avó porque se tu for parar para analisar o meu vô foi pro o Rio Grande, a minha vó teve que ficar aqui com todos os filhos, teve que alimentar eles, teve que cuidar deles, entendesse, para esperar que ele voltasse... é o fato da Joana ter sido separada do Vidal, ela ter indo para igreja católica que ficava no porto e mesmo assim ela manteve esse contato sabe com ele porque todos os meio irmão dele né por parte de mãe batizam os filho dele do Vidal então tu vê que esse contato ele acabou não morrendo sabe é a força dela e em continuar lutando mesmo sendo escrava de padre é tu vê muita força na história né na própria história da Maria Rosa o que o meu tio conta que o vô falava que ela era uma

costureira de mão cheia é que ela ajudava na casa sabe que elas ajudavam a pescar porque minha vó saia cedo é para pescar e ensinou isso para minha mãe ensinou isso para minhas tias a pescar fazer renda de biurro a fazer roça sabe tu tu ver isso na é nelas isso tem uma grande importância nas próprias filhas do Vidal que apesar de terem filhas cedo tu vê lá na frente tu vê que os filhos que elas tiveram também estão tendo outros filhos a uma continuação de sabe da força dessas mulheres e de tudo que elas passaram porque nós passamos muita fome Nós passamos muitas dificuldades e Elas tiveram que levar a casa elas tiveram que dá essa continuidade. então de ver isso delas é essa luta delas essa garra delas nós começemos da mesma forma. muitas das vezes as pessoas falam "a mas vocês falam alto a fala de você ser forte". Nós somos mulheres negras, nós somos daquele tipo de mulher que as pessoas falam. Nós já estamos analisando porque a gente já sabe que ali não vem coisa boa... (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

E quando chega na história do quilombo que tu se depara com Todas aquelas histórias ali, com todas aquelas mulheres lutando e com tudo que tu passou, tu fala assim "não" pera ai" eu vou defender essa história aqui com a minha vida ... a Jacinta teve duas filhas e as duas filhas que eram escravas casaram na igreja católica é isso naquela época era uma coisa muito é... tem só três casamentos de escravos na igreja católica aqui não tem mais são só as duas filhas e ela conseguiu fazer com que essas duas filhas permanecesse juntas de uma certa forma e trazendo sabe. É isso... as filhas dela tu vê um certo contato. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Sim, é porque a vó... como a vó tinha... era a como é que se diz?.... ela tinha descendência branca a vó não tinha medo de ninguém é porque o vô ele veio num período que era o fim da escravidão é o pessoal vinha pegar ele para votar em casa em cima de um cavalo e ele ia na frente porque ele tinha que votar para o partido que eles dissessem que tinha que votar. A vó não, a avó resgava o título de eleitor a vó já deu surra em delegado a vó, Meu Deus a Vó já fez coisas do arco da velha é porque a vó ela tinha essas duas coisas ela era Negra mas também ela tinha mistura com branco ela não se dobrava, ela era ruim, a vó, ela era ruim e as mulheres da família da vó eram ruim. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN)

De luta, de resistência, de cuidar da casa, de cuidar dos filhos. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA)

Eu sou Jucélia Beatriz Vidal, sou doméstica, tive cinco filhos, sustentei meus cinco filhos nas forças dos meus braços pegando siri na praia, pegando siri na lagoa, pegando maçambic, pegando linguaruda para dar o sustento para os meus filhos... (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA)

De luta, resistência, coragem, trabalho. (TRANSCRIÇÃO FALA VITOR)

Depois de conversas e lágrimas, voltamos para a casa da avó Jucélia, que nos esperava na porta da sua casa e me convida para entrar: “Venha, entra aqui. Eu nunca deixo ninguém entrar na minha casa, é muito pequena e apertada, mas fiquei de olho em ti a tarde toda, e vi que és da nossa gente. Quero te mostrar a minha arte.” E ela me mostra sua renda de bilro, um pássaro azul. E eu, tomada pela emoção, só sabia agradecer por tudo que tinha vivido. Ela pega em minhas mãos e diz: “quando você voltar, no tempo que for, vou pegar nas tuas mãos e te ensinar a renda de bilro” (SANTOS, 2020, p.124).

A imagem a seguir representa, através de três mulheres, a força feminina dentro da comunidade. Na imagem estão Dona Jucélia, matriarca da família, e as irmãs Helena e Shirlen, foram elas

que iniciaram o processo de busca por documentos que comprovassem as memórias de seus antepassados.

Figura 20 – Helena, Dona Jucélia e Shirlen



Fonte: Bastos (2015), foto tirada por Guto Kuerten.

5.5.1 Análise quanto ao papel das mulheres na história do Quilombo

Mulheres negras são constantemente conhecidas pela força. E realmente são fortes, mesmo que nesse discurso da força da mulher negra, muitas vezes, acaba-se colocando-as em um lugar em que não se é pensando ou abordado o carinho e cuidado. Pois “elas são fortes e aguentam tudo”, mas não vamos adentrar essa questão por hora.

Aliás, é bom-lembrar que, após 1850, com a "extinção" - pelo menos no papel - do tráfico negreiro, passam a ser os/as crioulos/ as - como eram chamados os africanos nascidos no Brasil - os/ as principais articuladores e lideranças dos Quilombos que se constituíram por todos os cantos do país. **Pois é! Nessa questão, muitas foram as mulheres participantes.** Mas quase ninguém, ainda hoje, sabe disso. E, olha, não é por acaso! Isso se deve a um duplo processo de exclusão, contra alguém que, além de ser da raça negra, era, ainda, do sexo feminino. (BARBOSA, 2005, *online*, grifo nosso).

Do sustento dos filhos ao enfrentamento aos homens, os sacrifícios que fizeram e continuam fazendo tornam as mulheres negras sobreumanas em uma perspectiva. O traçar das

memórias das mulheres quilombolas diferem do traço dos homens. Elas, além da escravidão e racismo, também têm que combater o machismo, a misoginia e a violência sexual.

Em socorro da mulher africana não apareceu ninguém, nenhuma voz clamou aos céus tamanha impiedade. Nem os jesuítas que tanto defenderam as índias levantaram sua voz, na época poderosa, em favor das escravas. Os sacerdotes católicos se associaram não apenas nos negócios da exploração de negócios sob o trabalho escravo, mas foram também ativos no assalto sexual à mulher negra. (NASCIMENTO, 1980, p. 243).

Ninguém veio em socorro, então elas lutaram e continuam lutando para sair do papel de vítimas. As mulheres da família Vidal são fortes e resilientes. O papel das mulheres na construção da história do Quilombo está diretamente entrelaçado com o papel das mulheres negras na história do Brasil. Ainda que pouco citadas, temos Dandara, Tereza de Benguela, Esperança Garcia, Luíza Mahin, a catarinense e florianopolitana Antonieta de Barros, Beatriz Nascimento, Lélia González e tantas outras, como as atrizes da nossa história, Jacinta, Joana, Maria Rosa, Jucélia, Shiren, Helena e daí por diante.

Durante as visitas em campo, sempre esteve muito evidente nas falas de todos, homens, mulheres, crianças e jovens a atribuição das mulheres na comunidade. O matriarcado ali se faz muito presente. Dessa maneira, assim como se autorreconheceram remanescentes quilombolas, o gênero feminino para a comunidade é sagrado, respeitado, e arrisco dizer cultuado, pois, antes e hoje, ainda são elas que estão na frente da resistência e garantindo a permanência dos seus.

Se quiséssemos contar o papel das mulheres do Quilombo em um único fato, não poderíamos, pois assim como a renda de bilro e o traçar da rede de pesca que lhes foi ensinado, elas estão interligadas em uma rede gigantesca passada há gerações e até hoje mantida. São linhas, pontos e traços que se unem, e em união se fortalecem e crescem. “Entendo que, pelas crianças, as mulheres encontram força para a busca de melhores condições de vida, tecem protagonismos raciais, recriam a vida de cada dia cultivando suas tradições.” (BOTEGA, 2016, p. 106).

Além disso, a figura 20 mais que ilustrar as mulheres da comunidade, estão ali representadas gerações de mulheres com um papel muito importante para a construção da história da comunidade. Portanto, está apurada nos dados coletados a categoria “O papel das Mulheres na história do Quilombo”, papel na construção e permanência da história da comunidade.

5.6 A RETIRADA DOS REMANESCENTES DAS TERRAS

Foi na época da Ditadura Militar e o Henrique Berenhauser que ajudou a tirar nós aqui das nossas terras, mentindo que ia plantar Pinus, que esses pinos também ia servir para nós.

(TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Aí quando o Henrique Berenhauser veio para cá, que botou uma cerca ali no portão, nós não podemos mais ir na lagoa pegar um siri, ninguém pode mais ir na lagoa pegar um camarão, nós só ia na praia. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Que o vô perdeu a terra na época do golpe militar, ficaram sem nada, o vô teve que viajar para o Rio Grande para continuar aqui porque não queria ir embora, porque foi aqui que os ancestrais dele morreram... (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Então é, na verdade, foi no Rio Vermelho todo, né, foi o golpe da reforma agrária, então eles passaram no Rio Vermelho todo a população do Rio Vermelho que tinha terreno que dava até os cômodos ali da praia perdeu porque eles falaram que eu quero para uma melhoria que era para plantar os pinos e que depois a população iria, né, através desses pinos iria receber recursos e tal que serviria para madeira para conter as duas na verdade eles fizeram de várias formas e daí as pessoas brancas que tinha seus títulos de terra ficavam com as terras né mesmo que recebendo também foram golpeados também porque uma parte eles não receberam no caso do meu avô como ele não tinha o título de terra no nome dele tava no nome dos senhores o estado não considerou não foi visto como Terra deles e daí tiveram que sair a minha tia avó é que a Otilia ficou com um pedaço aqui do lado do parque e o meu avô pegou e viajou para o Rio Grande ficou um tempão fora voltou juntou dinheiro né a família ficou aqui e comprou um espaço que tá lá em cima mas foi um.... é porque não consideraram não quiseram nem saber não tá no teu nome, os escravos já morreram mais velho né já morreram vocês não têm direito (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Através da exploração de alto contingente de mão de obra e maquinaria pesada, com cercamento de extensas áreas, foi sendo criado o ambiente que daria origem à perfeição geométrica da “floresta” pura idealizada, “remissão da população local” e recuperação do “ecossistema original” (ver Capítulo I, p. 21), conforme as palavras de Berenhauser que foram analisadas na primeira parte do capítulo. Vegetação nativa foi desmatada para dar lugar às espécies de pinus. Cursos d’água foram canalizados em linhas retas, valas foram escavadas para ressecar o solo para plantio. Dunas foram “niveladas”, áreas pantanosas foram aterradas, caminhos e lugares deixaram de existir na paisagem. Cercas foram erguidas, os habitantes da região foram retirados e proibidos de realizar atividades ali para dar lugar à Estação. Para assegurar o sucesso do “reflorestamento”, proibiu-se ali toda forma de uso direto da terra, tais como o extrativismo, a agricultura itinerante, a caça. Enfim, proibiu-se e tentou-se impedir a continuidade e a proliferação de modos de vida singulares, que não levam em conta a separação entre “espaços de natureza” e “espaços de cultura”, de toda uma socialidade que necessariamente está ligada àquele ambiente. Ou seja, a paisagem que até então fazia parte das relações sociais dos Vidal Martins lhes foi negada pelo Estado, como parte de um procedimento de recuperação de uma pureza natural de uma suposta floresta original. Mas que “origem” é essa? Que floresta é essa que se quer recuperar? E como os procedimentos empreendidos com esse objetivo poderiam levar a esse retorno quase edênico à suposta pureza? (VALDEZ, 2017, p. 33)

Figura 21 – Mapa do território reivindicado

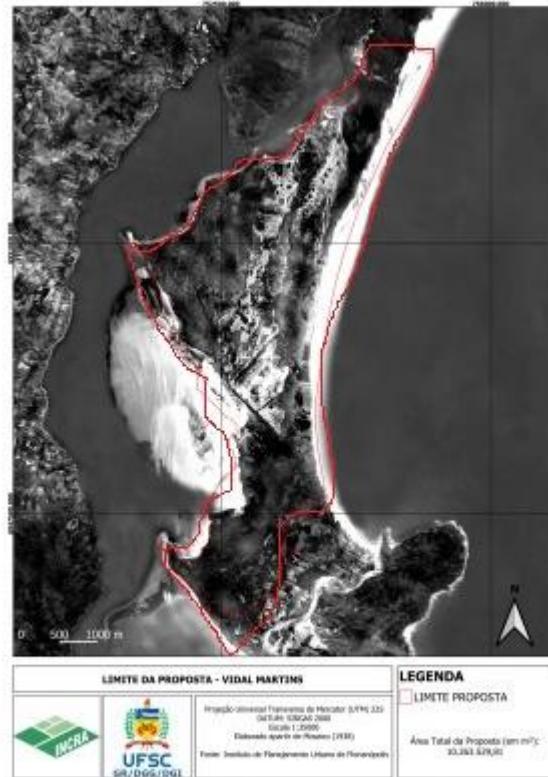


Figura 21 – Território reivindicado sobre fotografia aérea de 1998.
Fonte: Acervo INCRA/UFSC (2019).

Fonte: Quilombo Vidal Martins (2019).

Figura 22 – Nota do jornal O Estado falando da Empreitada Florestal de Berenhauser



Fonte: O Estado (1964). Disponível na Hemeroteca Digital Catarinense.

5.6.1 Análise quanto à retirada dos remanescentes das terras

A figura 21 representa o processo de reflorestamento e florestamento que o engenheiro florestal Henrique Berenhauser realizou onde hoje é o Parque Florestal do Rio Vermelho. Foram inúmeras as notas encontradas sobre o assunto nos jornais a partir da década de 1960, todas as notas não estão apresentadas na presente pesquisa, pois o foco é sobre o Quilombo e não sobre Henrique Berenhauser e sua empreitada florestal.

Contudo, a nota da edição do jornal “O Estado” contempla o que as outras notas trazem, elogios sobre a promissora ideia de tentar conter o avanço das dunas. Entretanto, a tentativa de conter as dunas não evitou o avanço na retirada dos remanescentes quilombolas do espaço em que residiam, como bem cita Valdez (2017, p. 33), “Cercas foram erguidas, os habitantes da região foram retirados e proibidos de realizar atividades ali para dar lugar à Estação.”.

Além disso, a retirada da comunidade deve-se também a um fato de amplitude nacional, quando, no golpe de 1964, na Ditadura Militar, os poucos moradores descendentes dos escravizados da família Gallego ou Correia foram definitivamente retirados das terras, “[...] é porque não consideraram não quiseram nem saber, não tá no teu nome, os escravos já morreram, mais velho, né, já morreram vocês não têm direito.” (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN). Como se a escravidão vivida pelos seus antepassados já tivesse sido paga, assim, o Estado dá o golpe final e tira da região tudo o que represente esse passado na história do município.

Os embates da luta cotidiana pela sobrevivência ocasionaram outra consciência entre os quilombolas atuais, a qual se verifica na relação de si próprios perante as ameaças externas sobre seu território. Após séculos alojados em áreas e de difícil acesso [...] os membros dos quilombos vêm se organizando para manter as terras que se tornaram alvo dos projetos de modernização desde a década de 1950. Projetos hidrelétricos construção de estradas e rodovias, compra de terras em instalação de unidades de conservação [...] (CARRIL, 2006, p.53).

A figura 20 representa os 1.014 hectares de terra os quais a comunidade reivindica, a busca por essa retomada está em disputa judicial desde 2013, quando, com uma massiva documentação, os remanescentes de Vidal Martins iniciaram o processo judicial reivindicando essas terras.

A documentação é tão sólida que desde 2013 não houve a possibilidade de um refutamento quanto à sua veracidade, mesmo assim, a posse ainda não foi concedida à comunidade, que mesmo cansada de todos os percalços, continua na luta por uma reparação histórica através da retomada de suas terras. Diante disso, a categoria “Retirada dos remanescentes” foi atendida.

5.7 RECONHECIMENTO COMO COMUNIDADE QUILOMBOLA ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA E VIVÊNCIA

Quando tu chega na história do Quilombo tu ver tudo isso que acaba acontecendo com o pai da Ellen, sabe, toda a nossa história passando fome todo o nosso histórico na escola dos professores, né, não quererem chegar perto da gente. Da gente chegar morrendo de fome suado, sabe, disso tudo é acaba dentro de nós, acabamos usando uma certa revolta do pessoal do Rio Vermelho, os meninos não se interessaram por nós porque nós era negra, nós era pobre e na escola a gente só ser escolhido na educação física tirando educação física nós não tínhamos serventia para mais nada, isso tu acaba crescendo com uma ira com garra sabe ... Eu vou defender essa história como se fossem eles que tivessem lutado hoje, porque eles lutaram nos anos passado eu vou defender para eles eu vou defender por ele sabe eu não vou deixar ninguém chegar dizer que a história da Joana foi insignificante que a história da Maria Rosa, da Sabina, sabe, é porque, pensa bem dai tu escuta toda essa história, tu não vai simplesmente deixar qualquer um vim para ti e dizer que tudo aquilo que tu ouviu, tudo aquilo que tu leu, que tudo aquilo que a universidade, o Incra, que todos os antropólogos estudaram, escreveram, analisaram durante anos não é qualquer coisa. Então a nossa força vem também de toda a história deles sabe? de todo o sacrifício deles de tudo aquilo que o vô falava da tristeza no olho dele de querer dar para nós e não ter pra dar, mais sabia que tinha e não podia pegara mais. é uma certa raiva mesmo Kariane uma certa Sede de Justiça e de Justiça o feita. Sim era deles é deles não era deles é deles porque a Princesa Isabel e é libertou os negros ela esqueceu né de acertar o contrato trabalhista né porque ela ela esqueceu ela tinha que simplesmente dizer assim " pô eu libertei mas cadê a rescisão desse povo" não teve rescisão. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

O quilombo para mim é uma casa é uma família e é resistência porque nós estamos aqui para cultivar a cultura que os meus antepassados moraram aqui e aqui eles cultivavam a cultura aqui tem sangue derramado dos meus antepassados tem umbigo deles enterrado então isso aqui é nosso por direito que já foi estudo tudo feito e é nosso por direito. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Para mim é um reconhecimento e um orgulho para cultivar a terra dos meus antepassados nós aqui queremos plantar para tirar o nosso sustento da nossa própria plantação. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Da Resistência que o povo falavam que eles tinham os meus avós... uma família um exemplo... por causa da luta por causa da Resistência por causa da história. (TRANSCRIÇÃO FALA VITOR).

Sentada diante da avó Jucélia, conheci pedaços de vidas entrelaçados por rendas de bilro (vindas das mãos escravas e feitas com espinhos), e na sua sabedoria diz: “se você quer mesmo conhecer nossa história, precisa primeiro pisar em nossas terras ancestrais, só sentindo para entendê...” Olhou para a filha e a sobrinha que nos acompanhavam, e disse somente: “vão!” E, pelas mãos das duas, fui levada para conhecer as terras Quilombolas, distantes dali alguns quilômetros. Caminhávamos, as três mulheres, na beira do asfalto, no acostamento estreito. Seguíamos em fila indiana e em silêncio, uma composição de tempo, pensamento e passos firmes. Entramos nas terras que vigoram em processo de titulação, e algo me tomou por completo. Sem entender, chorei. Algo ali tomava uma proporção maior do que eu imaginaria, as duas contavam o que ali existia, pisávamos no que tinha sido a senzala, o cemitério, da vida que ali existira e, também,

das mortes. E, quando me viram em lágrimas, pararam de falar. E uma delas disse: “Veja, ela sentiu, ela sabe da ancestralidade, ela de algum jeito já teve aqui.” (SANTOS, 2020, p. 124).

5.7.1 Análise quanto ao reconhecimento como comunidade quilombola, enquanto lugar de memória e vivência

Quanto à categoria “Reconhecimento como comunidade quilombola enquanto lugar de memória e vivência”, está contemplada em todas as narrativas já abordadas, entretanto, as narrativas “[...] aqui tem sangue derramado dos meus antepassados tem umbigo deles enterrado [...]” (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA), “Eu Vou defender essa história como se fossem eles que tivessem lutado hoje”, “eu não vou deixar ninguém chegar dizer que a história da Joana foi insignificante que a história da Maria Rosa da Sabina sabe” (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN) e “uma família, um exemplo... por causa da luta, por causa da Resistência, por causa da história. (TRANSCRIÇÃO FALA VITOR).

Essas falas possuem uma força tão significativa que para alguns leitores pode até gerar um som, um som vindo de dentro, como se explodisse de emoção. São essas falas cheias de desejos, entre eles desejo de reparação: reparação da terra, da vida, das violências e das incontáveis injustiças sofridas.

A tragédia da escravidão não impossibilitou os africanos de conhecer ou adotar signos de pertencimento que, se não eram tão preciosos em termos geográficos e mesmo culturais, garantiam laços mais firmes com a África e com os seus, dispersos nos dois lados do Atlântico [...]. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 195-196, grifo nosso).

Os remanescentes não só se reconhecem, eles também reforçam o seu status de um lugar de memória. Nesse sentido, Pierre Nora (1993, p. 27) ressalta que “[..] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.” E, assim, tem-se um lugar de memória e vivência, um lugar como a Comunidade Vidal Martins.

Quando Santos (2020, p. 124) discorre sobre a caminhada que fez pelas terras do quilombo e relata que “algo ali tomava uma proporção maior do que eu imaginaria, as duas contavam o que ali existia, pisávamos no que tinha sido a senzala, o cemitério, da vida que ali existira e também das mortes.”.

Através do relato de Santos (2020), é possível identificar uma concretização do espaço físico e memorial enquanto lugar de memórias e vivências dentro da comunidade. Lugar de memórias e significados não só para os remanescentes, mas, também, para aqueles que desejam saber um pouco mais sobre Florianópolis, que vai além da cultura açoriana. Por isso, reforço que o registro das memórias da comunidade faz-se importante para toda a sociedade, que carece desse conhecimento.

5.8 PROCESSO DE BUSCA E DESAFIOS

Daí a gente começou né? A helena começou a busca nos cartório e eu comecei pela questão da documentação. E daí um dia a Helena conversando com o cara chamado Marco, ele falou dos quilombos, a senhora falou das comunidades quilombos "las à "os negros estão né reivindicando sua" terras" ela perguntou o que era essa senhora não falou dai ela foi lá no IRASQUE (Instituto da reforma agrária de Santa Catarina) que ainda tem o IRASQUE que tá lá dentro do órgão... ai meu Deus la próxima O Incra tem o IRASQUE lá ela foi pegar os documentos do vô ela encontrou um tal de Marcos Rodrigues e ele falou dos quilombos e mandou ela pro INCRA chegou lá no Incra ela falou com o Marcelo que é o antropólogo, ela falou com o Japa o Marcelo começou a explicar né e o Marcelo fez uma visita até a comunidade e começou a explicar para gente dai a gente pegou e falou o quilombo né O que a gente é compartilhamos... a gente se juntou e mandamos uma autodeclaração para a Fundação Cultural Palmares que foi até a comunidade visitou a comunidade ouviu a história olhou a documentação e deu tempo a dai veio a certificação é da comunidade. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Não, com facilidade não. Pelo fato de como ser... É coisas antigas e fala de terra é todo mundo fica com receio né? terra de quem o que quer porque que quer? e os livros também eram letras de Padre então era um letras horrível de se ler a gente teve que aprender a ler aquela letra com muita dificuldade e toda vez que a gente encontrava um documento a primeira vez primeiro a gente não sabia dos livros né a gente procurou não achou então a Helena se enfiava dentro dos cemitérios para procurar o nome das pessoas para ver se tinha algum conhecido ela foi lá para Trindade a encontrou lá família Vidal né que tem bastante Vidal lá e começou a falar assim eu encontrei esse eu encontrei aquele e depois a gente encontrou um site depois a gente foi nos livros da intendência sabe mas assim tudo com muita dificuldade a gente foi no centro ali na Ai meu Deus ali do lado do Colégio Catarinense ali que dos padres. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Isso é então a gente foi ali e para a gente era muito complicado porque todas as certidões eram pagas nenhuma eram de graça então as vezes a gente ia para o centro ou a gente comia ou a gente tirava certidão e nós passamos por muitas dificuldades porque imagina cada uma era paga era muito escravo era muito escravo, a gente não encontrou pouco a gente encontrou muito e nós tivemos que tirar Todas aquelas certidões e mais assim foi super difícil pelo fato da letra do acesso de como é de esconderem documentos, que nem o documento de terra por exemplo tava dentro do livro da Igreja Católica que está escondido no lugar aqui é em Santa Catarina Ou seja a gente teve acesso por conhecimento tal mas o livro de todas as terras de Santa Catarina é tão escondidos a Igreja Católica que registrou em 1845 os padres pegaram e começar a registrar né as terras que tinham porque daí Portugal né o Brasil se tornou Independente de Portugal Já não existia mais aquelas seis marias tal enfim e dai começou a nova lei de terras para os negros não terem acesso também estas terras a igreja começou a transcrever quem que tinha quem que não tinha e numa dessas o senhor do Vidal Martins mais a madrasta deles declararam terras ali que é bem a terra onde fica o parque né declararam mas assim foi muito difícil assim a parte mais uma das partes mais difícil foi a documentação pela tristeza em si né que tu ver ali que a tua a tataravó Escrava escrava de um padre que deveria libertar né que prega o amor de Cristo tu as meninas as meninas né as filhas do Vidal terem filhos com 11 anos de idade Ele já se bisavô então assim é era triste entende é triste é muito revoltante mas ao mesmo tempo saber de todas né a luta deles de todo esforço em sobrevivência tá em sobreviver e tal é foi foi nosso para mim foi uma das partes mais difícil ficar acordada bater perna nós batemos muito a perna Nossa como nós

batemos perna que para juntar tudo que a gente juntou nós levamos meses e meses e meses e meses. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Não, ele vai devolver né? vai parar de tirar porque tipo a gente tá aqui mesma Terra sendo Nossa comprovado com relatório antropológico todo o estudo que eles não derrubaram tá? o IMA tentou derrubar mais o Incra não considerou não considerou de ninguém. O Incra derrubou todos e o Incra é do Estado tá? aí é uma coisa que tu fica como é que um órgão do Estado derruba algo que é do Estado? pra ele derrubar tem que ter muita coisa consistente sabe? E mesmo assim eles ainda querem retirar comunidades. é isso que tu fala eles tem que parar de tirar o que é nosso. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Outro assunto bastante comentado foi sobre o fato de lugares em Florianópolis que possuem documentações sobre as pessoas escravizadas no Rio Vermelho e que talvez até alguns desses documentos possam conter fatos sobre os Vidal Martins. Shirlen relata que quando trabalhou no Colégio Catarinense, ela viu um livro com diversas informações sobre os escravos no Rio Vermelho e no Bairro Ingleses, mas depois, quando estava fazendo a pesquisa para a certificação da comunidade, foi informada de que esse livro não existia. (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADO NO DIA 4 DE AGOSTO DE 2021).

O Observatório de terras quilombolas da comissão Pró-Índio, de São Paulo, desde 2004 monitora os processos de regularização de terras quilombolas em curso nas superintendências regionais do Incra e das titulações efetivadas pelo Governo Federal e pelos governos estaduais. O site não está atualizado, pois consta como comunidade não titulada, contudo, no link referente à comunidade estão dados referentes ao processo de regularização. Disponível em: <https://cpisp.org.br/vidal-martins/>. Acesso em 20 jun. 2021.

Figura 23 – Portaria de certificação de comunidades que se autodefinem como remanescentes

de quilombo

Fonte: Fundação Cultural Paulmares (2013).

Figura 24 – Página do DOU em que consta o nome da comunidade Vidal Martins

Nº 208, sexta-feira, 25 de outubro de 2013

Diário Oficial da União - Seção 1

ISSN 1677-7042

19

COMUNIDADE DE TRINDADE, localizada no município Barreiros, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.980, f.036, - processo nº 01420/0175/2013-2.

COMUNIDADE DE ALFREZ, localizada no município América Dourada, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.981, f.036, - processo nº 01420/0144/2013-1.

COMUNIDADE DE BARREIRINHA DOS BIDOS, localizada no município Barreiros, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.982, f.036, - processo nº 01420/0129/2013-16.

COMUNIDADE DE FÔRA ESPERANÇA, localizada no município América Dourada, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.990, f.039, - processo nº 01420/0092/2013-99.

COMUNIDADE DE BOA VISTA, localizada no município América Dourada, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.991, f.039, - processo nº 01420/0093/2013-10.

COMUNIDADE DE CAMPO ALTORE, localizada no município América Dourada, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.992, f.039, - processo nº 01420/0094/2013-11.

COMUNIDADE DE MULINHO, localizada no município América Dourada, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.993, f.032, - processo nº 01420/0095/2013-17.

COMUNIDADE DE SANTO ANTONIO, localizada no município América Dourada, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.994, f.032, - processo nº 01420/0096/2013-18.

COMUNIDADE DE MOÇAMBOCA, localizada no município Barreiros, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.995, f.032, - processo nº 01420/0097/2013-19.

COMUNIDADE DE CANARES, localizada no município Barreiros, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.996, f.032, - processo nº 01420/0098/2013-20.

COMUNIDADE DE QUEDAS DO RUFIM, localizada no município Barreiros, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.997, f.036, - processo nº 01420/0099/2013-21.

COMUNIDADE DE VOLTA DO ADRON, localizada no município Barreiros, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.998, f.037, - processo nº 01420/0100/2013-22.

COMUNIDADE DE TABULEIRO DA VITÓRIA, localizada no município Caicó/PE, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.999, f.037, - processo nº 01420/0101/2013-23.

COMUNIDADE DE RIACHÃO, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.000, f.037, - processo nº 01420/0103/2013-24.

COMUNIDADE DE RIAUCHO DO SEU JUNCO E VUNJO, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.001, f.037, - processo nº 01420/0104/2013-25.

COMUNIDADE DE PONTO ALTO, localizada no município Mirançoba, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.002, f.037, - processo nº 01420/0105/2013-26.

COMUNIDADE DE ORLA, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.003, f.037, - processo nº 01420/0106/2013-28.

COMUNIDADE DE CARRAMUJ, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.004, f.037, - processo nº 01420/0107/2013-29.

COMUNIDADE DE DURÁDO, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.005, f.037, - processo nº 01420/0108/2013-30.

COMUNIDADE DE FAZENDA PICADA, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.006, f.037, - processo nº 01420/0109/2013-31.

COMUNIDADE DE PIAU, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.010, f.032, - processo nº 01420/0113/2013-32.

COMUNIDADE DE MATRINHA E CAJAZEIRA, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.011, f.030, - processo nº 01420/0114/2013-33.

COMUNIDADE DE SOCÓ VIEJO, PESQUEIRO, SOCÓ VIEJO, BOUROU, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.012, f.030, - processo nº 01420/0115/2013-34.

COMUNIDADE DE SÃO JOAQUIM DO SERTÃO, localizada no município Vitória da Conquista/Ba, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.012, f.031 - processo nº 01420/0116/2013-35.

COMUNIDADE DE SÃO VIEJO, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.013, f.032, - processo nº 01420/0117/2013-36.

COMUNIDADE DE SÃO VIEJO, PESQUEIRO, SOCÓ VIEJO, BOUROU, localizada no município Olinda, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.013, f.032, - processo nº 01420/0118/2013-37.

COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO, LÍNGUA DÁCHIA E ROCADO, localizada no município Olinda/PE, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.014, f.033, - processo nº 01420/0124/2013-38.

ESTE DOCUMENTO PODE SER VERIFICADO NO ENDEREÇO eletrônico <http://www.in.gov.br/validar.html>, pelo código 00012013005009.

COMUNIDADE DE ILHA DA CAPIVARA E REBIBA, localizada no município Paudalho, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.015, f.033, - processo nº 01420/0126/2013-39.

COMUNIDADE DE ARACATI CHA E IEL, localizada no município Caicó/PB, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.016, f.033, - processo nº 01420/0145/2013-40.

COMUNIDADE DE SANTA ANITA, localizada no município Caicó/PB, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.017, f.039, - processo nº 01420/0147/2013-41.

COMUNIDADE DO POÇO D'AREIA, localizada no município Caicó/PB, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.018, f.037, - processo nº 01420/0150/2013-42.

COMUNIDADE DE VILA MARTINS, localizada no município Flávio Figueiredo, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.019, f.037, - processo nº 01420/0153/2013-43.

COMUNIDADE DE MOÇAMBOCA, localizada no município Araripe, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.020, f.037, - processo nº 01420/0154/2013-44.

COMUNIDADE DA RUA DOS NIGROS, localizada no município de São José de Freitas, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.021, f.037, - processo nº 01420/0162/2013-45.

COMUNIDADE DE CARMO DO MARIJUAN, localizada no município Macaíba/PB, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.022, f.034, - processo nº 01420/0094/2013-56.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOSÉ HILTON SANTOS ALMEIDA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL DE PROTEÇÃO E PRESERVAÇÃO CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

PORTARIA Nº 56, DE 24 DE OUTUBRO DE 2013

A DIRECTORIA DO CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FINANCIAMENTO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN, no uso de suas atribuições legais, considerando o disposto no artigo 1º, § 1º, da Lei nº 12.302, de 20 de dezembro de 2010, e no artigo 1º, § 1º, da Lei nº 12.830, de 10 de junho de 2013, que dispõe sobre a criação da Agência Brasileira de Proteção e Preservação do Patrimônio Cultural (ABRCP), e, considerando o disposto no artigo VIII, nº 1º, da Constituição Federal, de 5 de outubro de 1988;

Considerando que o Conselho de Administração do IPHAN autorizou a criação da ABRCP, com competências e direitos e obrigações estabelecidas na Portaria nº 001, de 17 de outubro de 2013;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Considerando que a ABRCP é a entidade responsável por administrar os recursos destinados ao patrimônio cultural, inclusive os recursos provenientes das contribuições voluntárias e dos recursos provenientes das arrecadações de impostos;

Projeto: Diagnóstico, Prospecção Arqueológica e Educação Patrimonial na Área de Instalação da Lata Chanchamá-Serra II e II Anexo: Projeto Arqueológico: Pesquisas Históricas e Arqueológicas: Laboratório de Arqueologia - Lanç-NHEAD - Área de Arqueologia: Município de Lagoinha, Estado do Rio Grande do Norte

Prazo: 02 (dois) meses
Prazo para Validade: 02 (dois) meses
Prazo para Revisão: 01 (um) mês
Prazo para Envio: 01 (um) mês

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Prazo: 04 (quatro) meses
Prazo para Validade: 04 (quatro) meses
Prazo para Revisão: 02 (dois) meses

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2013).

Figura 25 – Certificado de Autodefinição



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2013).

5.8.1 Análise quanto ao processo de busca e desafios

Com a morte de Manoel Martins Gallego, seus filhos herdam as pessoas que o pai escravizava, e devido à não perpetuação sanguínea da família, os escravizados continuam a viver nas terras dos seus “senhores”. Uma prática bastante comum, segundo Carril (2006, p. 52):

No entanto, várias pesquisas vem apresentando: doações de terras por antigos proprietários aos escravos, decadência da lavoura e/ou permanência dos escravos nas fazendas após serem abandonados por seus donos e mesmo terras doadas a santos, como situação de origem de várias comunidades rurais. A noção usual de quilombos como fugas, passa, assim, a não responder as demandas presentes no campo, que emergem, inclusive, com a possibilidade exposta pela aprovação do artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição Brasileira: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”

As figuras 22, 23 e 24 representam uma das vitórias que a comunidade obteve nos últimos anos, o seu reconhecimento como comunidade remanescente quilombola. Trata-se de uma vitória, visto que o processo de busca pela documentação para a construção do relatório de identificação foi repleto de desafios.

A locomoção do bairro até o centro da cidade de Florianópolis, as incursões por cartórios, cemitérios e diferentes órgãos governamentais. Não foi nada fácil, tampouco o fato de reservar dinheiro para custear os gastos, como passagens de ônibus e os custos das certidões encontradas.

A categoria está assistida nas falas, “para mim foi uma das partes mais difícil ficar acordada bater perna nós batemos muito a perna Nossa como nós batemos perna, que para juntar tudo que a gente juntou nós levamos meses e meses e meses e meses.” (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN), e “Colégio Catarinense, ela viu um livro com diversas informações sobre os escravos no rio Vermelho e no Bairro Ingleses, mas depois quando estava fazendo a pesquisa para a certificação da comunidade foi informada de que esse livro não existia.” (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADO NO DIA 4 DE AGOSTO DE 2021).

Os desafios e dificuldades ainda persistem, pois mesmo com leis e com uma documentação sólida, que garante a origem das terras para os remanescentes, eles ainda não obtiveram uma decisão final, terminando com essa batalha judicial que já dura mais de oito anos, além dos séculos de atrocidades. Porém, cada vez mais a comunidade se fortifica e consolida a sua história.

5.9 CONTRIBUIÇÃO PARA A PAUTA QUILOMBOLA

Tá lutando pelo seu território, lá são são mulheres são crianças retomaram as terras sabe foram e retomaram. Até o Marcos tava falando para mim que tinha uma família que queria conhecer o quilombo também devido a própria história da comunidade viram né tudo que a gente conquistou tudo que a agente está lutando e queriam se reconhecer como quilombola então de uma certa forma isso tem uma força sabe? isso acaba incentivando muita gente de que dá para lutar, dá para acreditar naquilo que é teu. Eu acho que o incentivo vem disso de tu não tem vergonha de dizer que tu é descendente de escravo porque antes isso era motivo pra se envergonhar... "ah, eu vou dizer que sou descendente de escravos..." "ah, vou colocar no trocar, ah, vou não sei o que" a gente não, a gente tem orgulho pela luta deles, a gente tem orgulho pelo todo exposto que o meu avô fez de né... querer morrer aqui ficaram aqui e realmente, né, morreu aqui de todo o esforço da minha mãe, dos meus tios, que continuaram morando no mesmo local, compartilhando isso de não ir embora até mesmo do nosso de casar e continuar ali. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Na história de luta de resistência por ser um quilombo urbano...da história de sobrevivência. (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

5.9.1 Análise quanto à contribuição para a pauta quilombola

A presente categoria está apreciada nas narrativas: “Até o Marcos tava falando para mim que tinha uma família que queria conhecer o quilombo também, devido a própria história da comunidade, viram né? Tudo que a gente conquistou tudo que a gente está lutando e queriam se reconhecer como quilombola” (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN) e “Na história de luta de resistência por ser um quilombo Urbano... Da história de sobrevivência.” (TRANSCRIÇÃO FALA JUCÉLIA).

Os quilombos resultaram dessa exigência Vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativeiro e da **organização de uma sociedade livre. A manipulação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente.** (NASCIMENTO, 1980, p. 255, grifo nosso).

Vidal Martins é a primeira comunidade remanescente quilombola a ser reconhecida pela fundação Palmares em Florianópolis. Cidade em que um de seus morros chama-se Morro do Quilombo. A comunidade negra em Florianópolis não é algo recente, que carece ser incluída na formação histórica da cidade, a comunidade negra está diretamente ligada aos primórdios do que se tem por criação do que hoje é Florianópolis. Ela se faz presente antes mesmo de a cidade não ter um nome, e se fez nas trocas dos seus nomes. Ela está nas ruas de pedra no centro da cidade, nas diversas construções, na culinária e na cultura.

No entanto, a história da comunidade negra em Florianópolis foi invisibilizada/silenciada, mas com o reconhecimento da Vidal Martins abre-se para novas comunidades a busca por reconhecimento, formando, assim, uma irmandade que busca por reparações.

Nesse entendimento, o ato de lutar pela posse de sua terra judicialmente, e principalmente manter-se na luta por essa restituição, mesmo com o passar dos anos e os inumeráveis percalços que fariam muitos desistirem, a luta da comunidade para a pauta quilombola em parte é uma afronta para uma sociedade branca elitista que insiste em silenciá-los, e em parte essa luta é o estopim para outras se reconhecerem e também para outras comunidades continuarem firmes na busca por melhorias para suas comunidades. Pois juntas são mais fortes e em grande quantidade dificulta a tentativa de invisibilização ou silenciamento que possam surgir.

Nesse sentido, Abdias Nascimento (1980, p. 255, grifo nosso) discorre sobre o movimento do quilombismo, em que:

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização e econômica-social própria, como também assumiram **modelos de organizações** permitidas ou toleradas, freqüentemente com ostensivas finalidades

religiosas (católicas), recreativas, benéficas, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importa mais aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural.

Dessa maneira, a comunidade Vidal Martins, juntamente com as outras comunidades remanescentes quilombolas de Santa Catarina, estão diretamente ligadas em uma rede de colaboração. As comunidades juntas formam a estrutura do quilombismo abordado por Nascimento (1980), que em união lutam pelo propósito do reconhecimento, da resistência a uma sociedade racista, do respeito, e da equidade na sociedade. Parafraseando Nascimento (1980), todas elas preenchem uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação e permanência da comunidade afrodescendente brasileira.

5.10 RELAÇÃO COM A COMUNIDADE AO ENTORNO

Não, eu consigo o que que acontece aquilo que o pessoal do Rio Vermelho primeiramente é eles jamais, né... que nem eles dizem que os negros invadiram as Universidades eles vão querer nós negros né tenhamos o poder aquisitivo tão grande né. E reconstrua a nossa história e o Rio Vermelho como eles têm descendentes daqueles que escravizaram a nossa família é óbvio que eles não vão jamais tentar a questão quilombola porque tá no sangue deles grita ali no sangue deles mesmo sem eles perceber é muito deles tiveram pessoas da nossa família né que foram é escravizado... é mais, a gente entende que no Rio Vermelho a essa coisa porque eles estão... uma comunidade que vivia lá embaixo pobre chamado de favela Ninguém, não Tem Nada miserável é de repente essa comunidade acorda e começa a lutar pelos seus direitos que antes eram uma área que não tinha valor que ninguém quis não havia interesse é pelo fato de ser uma área com dunas com muita água difícil sabe e de repente essa área ela se modifica totalmente e ela passa a ter um valor enorme porque na frente tem uma lagoa atrás tem um mar dentro de uma área de preservação e a gente sai e começa a dizer "olha nós somos descendentes de escravos" né... que nem eu vi hoje no semana passada um cara dizendo "á será que eles vão devolver aquele terreno que eles ganharam em troca do estado é pelas terras" daí o outro botou assim em baixo "á mas como é que tu sabe dessa informação?" "á porque a gente conhece a família Vidal na época da reforma agrária não sei o que..." só que a história não é essa, a história é que houve o golpe sim e que a gente não recebeu terreno nenhum pelo contrário a gente foi tirado e o vô teve que comprar um pedaço que tu viu. Daí eu fico pensando assim ele conhece a família Vidal que somos nós ele não conheceu Boaventura, ele não conheceu Vidal Martins, ele não conheceu Joana e ele não conheceu Jacinta ele não sabe da história dos nossos ancestrais. Então o que ele sabe até e um pontinho ali deu! acabou sabe por isso que eu digo eu vejo que muitas pessoas são favoráveis mas muitas pessoas principalmente as pessoas brancas né Elas não aceito Jamais vão aceitar; (incompreensível) bem para o vermelho e eu fico pensando ou kariane que bem porque o camping é pago a polícia ambiental e tem que pagar para entrar na trilha Então... o campo dos escoteiros nem aberto fica tá é particular a única coisa que tu pode ir e vir é a entrada da praia mesmo assim tem portão que tem horário para ti entrar e horário de sair. Então que benefício que ele traz? se nenhuma verba é destinada para a comunidade nem para escola nem

para o posto de saúde para nada.... mas no ponto de vista eles não querem saber da gente aqui não, não vejo isso com né... (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Ele bate muito nos indígenas ali no Morro dos Cavalos, mas eu digo assim Kariane por mais ruim que seja matéria ele acaba de uma certa forma dando visibilidade. Que nem aquilo que o Bericó fez. O Bericó gravou um vídeo e tál falando da comunidade que não sei o que me fez um monte mas ele acabou dando visibilidade vai passar vergonha porque não fomos nós que fizemos o boletim de ocorrência tem um monte de professor detonando ele porque ele tá contra os professores né Tá defendendo o Gean e tá contra né os professores mas até eles falando mal da comunidade eles dão visibilidade para comunidade por quem não conhece se pergunta "quem é esse quilombo? Quilombo? Aonde? como? Ah, lá no Rio Vermelho"? nossa" então acaba dando visibilidade. (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Que mal todo mundo só fala né? A Mídia em si até a gente fica até surpresa quando alguém vai falar bem mas daí quando tu ver a Fulano... Não interessa tá aparecendo (risos). (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

Na visita, fui recebida por homens e mulheres que estavam trabalhando na organização da retomada, entre eles estavam os remanescentes e aliados da causa. Como o camping estava há muito tempo fechado, o estado era bastante descuidado, sem a manutenção, o local estava se deteriorando, as cascas dos pinos que são tóxicas destruíram a vegetação ao seu redor. (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADA NO DIA 22 DE FEVEREIRO DE 2020).

Figura 26 – Matéria do Diário Catarinense na semana da Consciência Negra



Fonte: Bastos (2015).

Figura 27 – Matéria do ND+ Notícias sobre o prazo para a demarcação de terras

Incra tem 30 dias para demarcar quilombo em Florianópolis

A Justiça Federal de Santa Catarina estabeleceu o prazo para que o procedimento de demarcação na comunidade quilombola de Vidal Martins seja concluído

REDAÇÃO ND, FLORIANÓPOLIS
23/12/2020 ÀS 16H24

A pedido do Ministério Público Federal, a [Justiça Federal em Santa Catarina](#) determinou que o Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) conclua, em até 30 dias, o procedimento demarcatório da [comunidade quilombola de Vidal Martins](#).

Fonte: ND+ Notícias (2020).

Figura 28 – Matéria do Jornalistas Livres sobre a violência sofrida pelos remanescentes

Quilombo resiste à violência em área turística da Ilha de Santa Catarina

por Jornalistas Livres • 18/08/2018

2K COMPARTILHAMENTOS

Descendentes de escravos lutam para garantir direito à terra de primeira comunidade quilombola reconhecida em Florianópolis. Foto: arquivo Quilombo Vidal Martins

Fonte: Zanotto (2018).

Figura 29 – Matéria no NSC Total referente ao incêndio no Parque

BOMBEIROS SÃO IMPEDIDOS DE PASSAR PARA CONTER INCÊNDIO NO PARQUE DO RIO VERMELHO, AFIRAM COMANDANTE E IMA; ENTIDADE QUILOMBOLA NEGA

COMPARTILHE

Por Renato Igor
15/03/2020 - 22h26 - Atualizada em: 15/03/2020 - 23h00

Colunista
Renato Igor

Apresentador e comentarista na CBN Diário e NSC TV, Renato Igor faz análises e traz as notícias sobre o que acontece em Santa Catarina e o que influencia os rumos do Estado.

siga Renato Igor

PUBLICIDADE

AME FLORIPA
AUXÍLIO MUNICIPAL
EMERGENCIAL

Fonte: Igor (2020).

Figura 30 – Matéria no ND+ sobre a história do Quilombo

Notícias Santa Catarina Olimpíadas Diversão Show Me Futebol Cotidiano

Bioparque catarinense é referência de sustentabilidade no Brasil e no mundo

Descendentes de escravos do século 18 formam o primeiro quilombo de Florianópolis

Quilombo Vidal Martins fica na localidade do Porto, no Rio Vermelho

EDSON ROSA, FLORIANÓPOLIS
19/08/2014 às 14h49

Esta é a história de Vidal Martins, escravo nascido no Rio Vermelho em 1845, 26 anos antes da Lei do Vento Livre (1871). Filho de Joanna e de pai desconhecido, neto de Jacinta, negra trazida da África em meados do século 18, Vidal morreu em 1910, aos 65 anos, casado com a costureira

Fonte: Rosa (2014).

5.10.1 Análise quanto à relação da comunidade ao entorno

É observado que Vidal Martins ainda encontra uma resistência com relação à comunidade ao entorno, como observado nas falas “E reconstrua a nossa história e o Rio Vermelho como eles têm descendentes daqueles que escravizaram a nossa família é óbvio que eles não vão jamais tentar a questão quilombola porque tá no sangue deles grita ali no sangue deles” (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN). Nesse sentido, a mídia é uma forte aliada na disseminação de informações que corroboram com uma equivocada imagem da comunidade, como na reportagem da figura 28.

Mas também é observado que existe uma rede de relacionamentos com pessoas de fora do Quilombo, que estão presentes no processo que busca por essa reparação histórica para a comunidade, “Na visita fui recebida por homens e mulheres que estavam trabalhando na organização da retomada dentre eles estavam os remanescentes e aliados da causa.” (DIÁRIO DE CAMPO, VISITA REALIZADA NO DIA 22 DE FEVEREIRO DE 2020).

Por fim, é importante mencionar que a comunidade quilombola não se deixa abater por uma mídia sensacionalista, e nem pelos desinformados que fazem inferências falsas ao seu respeito. Ao contrário, a comunidade usa em prol dela mesma todas as notícias sobre ela, sendo boas ou ruins. “Que mal todo mundo só fala né? A Mídia em si até a gente fica até surpresa quando alguém vai falar bem, mas daí quando tu vê a Fulano... Não interessa, tá aparecendo (risos).” (TRANSCRIÇÃO FALA SHIRLEN).

A questão é “falem mal, mas falem, afinal quem não é visto não é lembrado e acaba sendo silenciado”. Assim, a categoria “Relação da comunidade ao entorno”, é atendida também nas figuras 25, 26, 27 e 29, que ilustram as narrativas coletadas.

A presente seção apresentou a análise dos resultados da coleta de dados a partir dos: trechos das narrativas das entrevistas realizadas, diário de campo e dos documentos coletados referentes ao quilombo e/ou aos que de alguma forma são interligados à comunidade quanto ao período e aos atores.

Ao longo da pesquisa, obteve-se um levantamento de dados entre relatos dos remanescentes, fontes bibliográficas, como artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e dissertações referentes à temática. Quanto às fontes documentais, foram levantadas desde certidões de batismo e casamento, registros fotográficos, catálogo de pessoas escravizadas até notas de reportagens em jornais do século XIX. Tais documentos estão disponíveis na Arquidiocese de Florianópolis, no site *FamilySearch*, no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, na Hemeroteca Digital de Santa Catarina e na Hemeroteca Digital da Biblioteca

Nacional, do Diário Oficial da União (DOU), no arquivo da comunidade Vidal Martins e em redes sociais como *Facebook*⁴⁹.

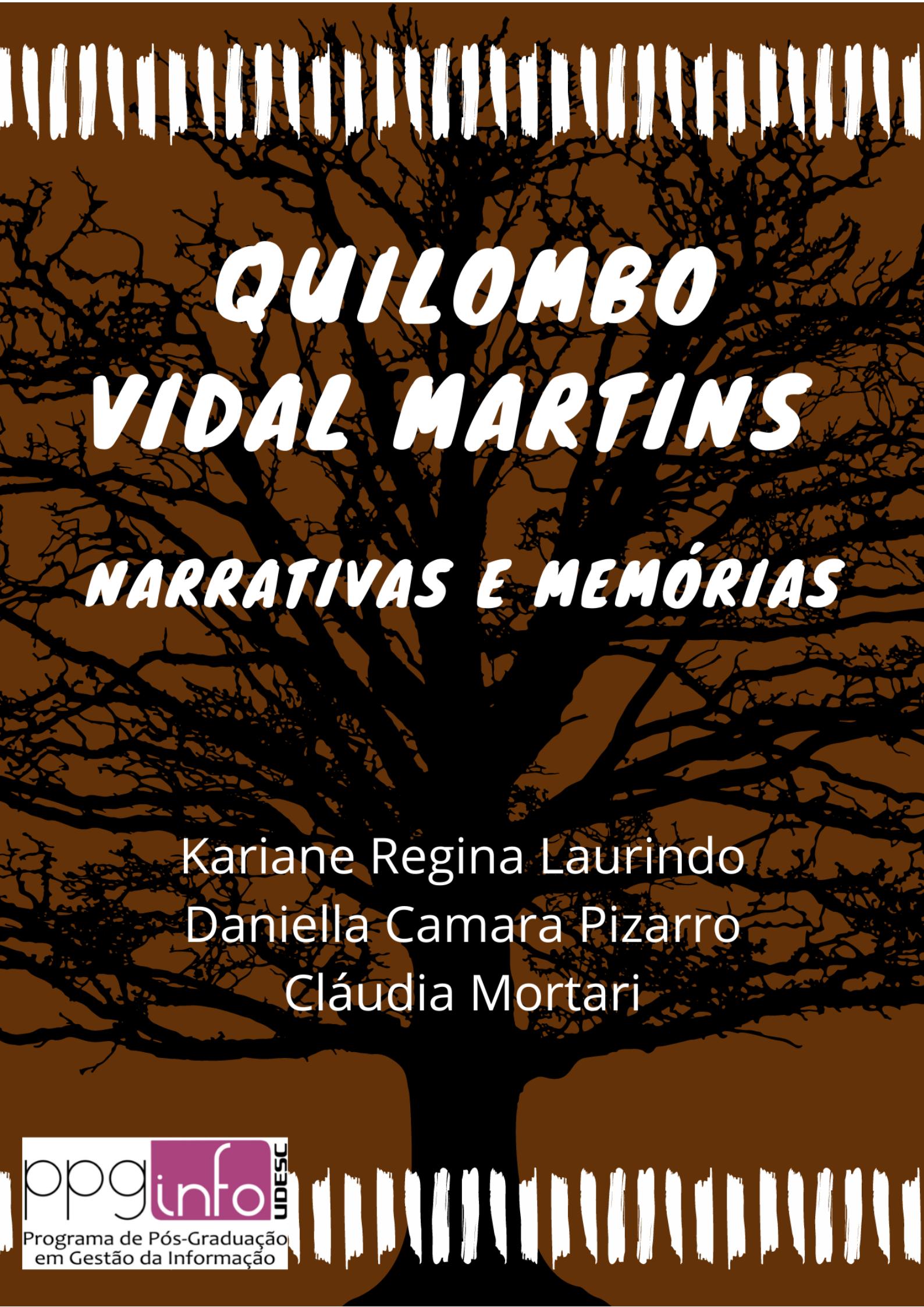
Tendo em vista os três primeiros objetivos específicos: a) identificar e registrar uma narrativa oral dos remanescentes quilombolas, suas percepções, memórias e histórias do quilombo; b) analisar fontes bibliográficas registradas em documentos diversos referentes ao quilombo; c) examinar fontes documentais referente ao quilombo. Foram realizados através das transcrições das entrevistas e da análise dos discursos, bem como da coleta e análise de dados da pesquisa bibliográfica e documental, além do diário de campo, por meio da metodologia da História Oral, e a organização através de categorias.

Os três primeiros objetivos foram atendidos, e com isso, foi possível a construção dos, dois últimos objetivos específicos, que são: d) produzir um dossiê documental que representa um “lugar de memórias” da comunidade quilombola Vidal Martins; e) implementar o dossiê no portal eletrônico do AYA / UDESC. Tal dossiê será apresentado na seção a seguir, inclusive como o produto dessa dissertação do mestrado profissional. Atendendo, assim, às categorias definidas, e sob a metodologia de história oral, foi possível construí-lo em uma estrutura temporal e hereditária, para um melhor entendimento do contexto da comunidade pesquisada.

Um dossiê com as memórias advindas da oralidade nas narrativas e acompanhadas da documentação que ilustra os fatos narrados, gerando o produto exigido pelo programa. Em forma de arquivo digital, o dossiê estará disponível no *Site* da Biblioteca AYA.

As narrativas possibilitam que a história dessa comunidade seja contada através daqueles que são e fazem parte da estrutura na qual a comunidade está inserida, são os velhos, os negros e as mulheres tomando a palavra, como cita a autora Ecléa Bosi (2003). Foram abordadas as memórias que tornam uma história viva e fluida através dos tempos e dos pesares de uma sociedade que tem muito a aprender, e, talvez, seja esse o princípio, conhecendo a primeira comunidade remanescente quilombola urbana de Florianópolis, Vidal Martins.

⁴⁹ *Facebook* Quilombo Vidal Martins, disponível em: <https://www.facebook.com/quilombovidalmartins>.



QUILOMBO VIDAL MARTINS

NARRATIVAS E MEMÓRIAS

Kariane Regina Laurindo
Daniella Camara Pizarro
Cláudia Mortari

APRESENTAÇÃO

Na presente seção, será apresentado o Quilombo Vidal Martins. A composição desta seção é proveniente da pesquisa bibliográfica, documental e das narrativas dos remanescentes. A construção deste dossiê constrói o objetivo geral desta pesquisa: organizar e registrar as histórias e as memórias do Quilombo Vidal Martins, em Florianópolis, na forma de um dossiê, que possa caracterizar e garantir aos remanescentes da Comunidade um “lugar de memórias” digital, disponível no *site* da biblioteca eletrônica do Aya.

Portanto, organizar as memórias da comunidade quilombola remanescente Vidal Martins, para a construção deste dossiê, vai além da comunidade. Como já mencionado anteriormente, o presente dossiê representa contextos históricos de Florianópolis, de Santa Catarina e do Brasil. A riqueza nos detalhes das narrativas retratam fatos de uma família e também fatos e dados que nos ajudam a compreender melhor sobre como nossa sociedade se desenvolveu até os dias atuais.

Por isso, para compreendermos melhor o presente dossiê, faz-se importante identificarmos os principais atores da dessa história, e com isso a genealogia da família de Vidal Martins, bem como observarmos a linha do tempo em que os principais fatos que compõe as memórias sucederam.

Quadro 4 – Personagens da história do Quilombo

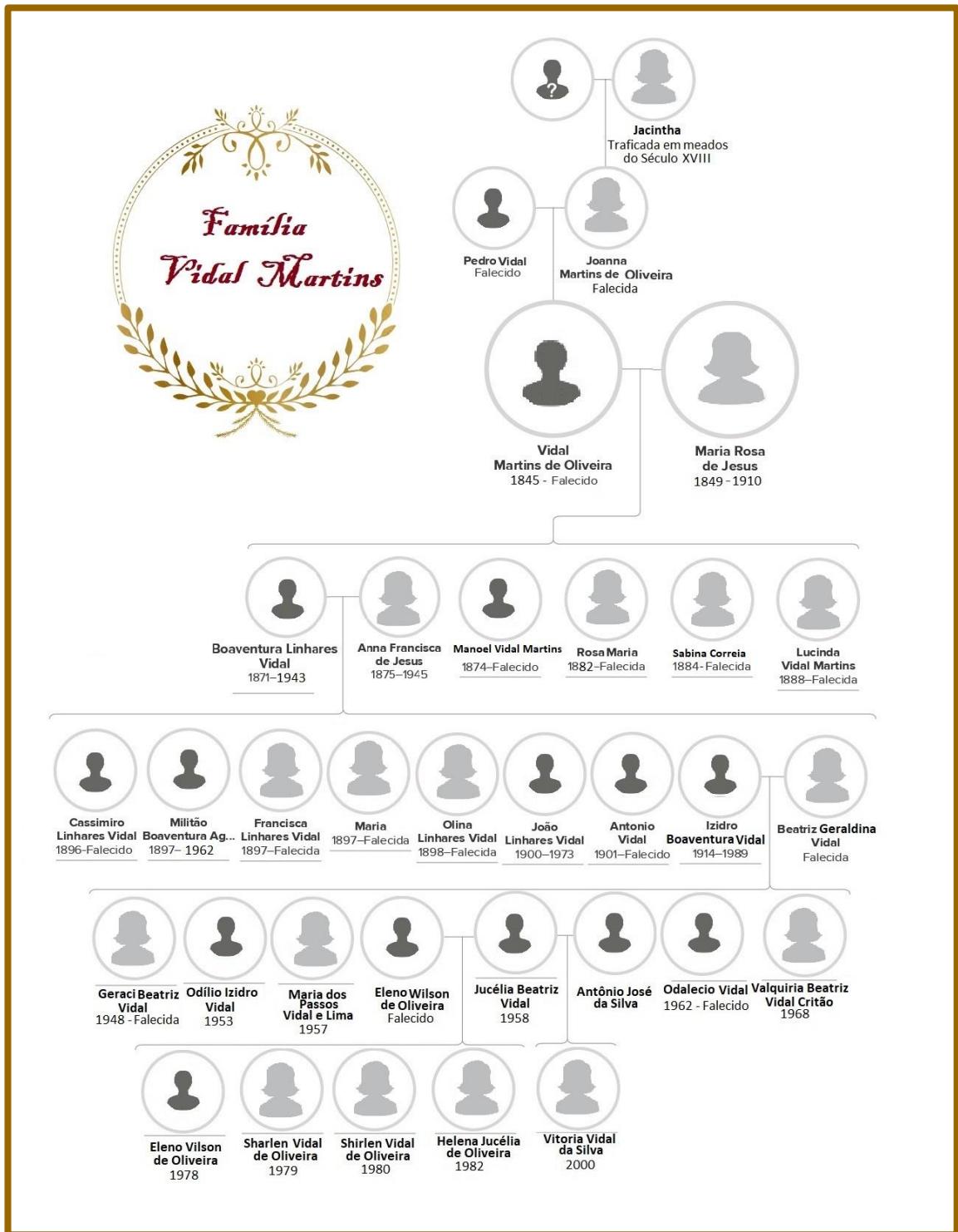
<u>PERSONAGENS</u>	
	Jacinta: mãe de Joana e avó de Vidal Martins.
	Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira: padre da paróquia de São João do Rio Vermelho, foi o senhor de Joana até sua morte.
	Joana: mãe de Vidal Martins.
	Manuel Martins Galego: primeiro senhor de Joana, foi também senhor de Vidal. Mudou de nome para Martins Correa.
	Pedro Vidal: pai de Vidal Martins.
	Izidro Boaventura Vidal: filho de Boaventura, neto de Vidal, pai de dona Jucélia e seu Odílio, avô de Helena e Shirlen.
	Manoel Fonseca do espírito Santo: companheiro de Joana, padrasto de Vidal.
	Beatriz Geraldina Vidal: companheira de Izidro, mãe de Dona Jucélia e Seu Odílio, avó de Helena e Shirlen.

	Vidal Martins: homem homenageado com seu nome dado para a comunidade, em alguns documentos, seu nome também consta como Vidal Martins Oliveira.		Henrique Berenhauser : engenheiro florestal responsável pelo processo de florestamento e reflorestamento nas terras que a comunidade reivindica.
	Maria Rosa de Jesus: companheira de Vidal Martins.		Odílio Izidro Vidal: filho de Izidro e bisneto de Vidal Martins.
	Boaventura Vidal Martins: filho de Vidal e Maria Rosa, em alguns documentos, seu nome consta como Boaventura Linhares Vidal.		Jucélia Beatriz Vidal: filha de Izidro e bisneta de Vidal Martins, mãe de Helena e Shirlen.
	Rosa: filha de Vidal e Maria Rosa.		Helena Vidal de Oliveira: atual líder da comunidade, filha de Dona Jucélia e trineta de Vidal Martins.
	Manuel Vidal Martins: filho de Vidal e Maria Rosa.		Shirlen Vidal de Oliveira: atual líder da comunidade, filha de Dona Jucélia e trineta de Vidal Martins.
	Sabina Correia: filha de Vidal e Maria Rosa.		

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Identificados alguns dos nossos principais personagens, é possível construir a árvore genealógica da família Vidal Martins, desde a matriarca Jacinta até as irmãs que atuam à frente do processo de reconhecimento e de retomada de terras. É importante mencionar que na árvore genealógica apresentada na figura a seguir não são contemplados todos os membros da família. Foi optado por fazê-la até a geração das irmãs Shirlen e Helena, que iniciaram o processo de reconstituição da história da comunidade, ademais, as informações constadas foram retiradas do site *FamilySearch*, e com a ajuda da Shirlen, foram corrigidas as informações errôneas do site.

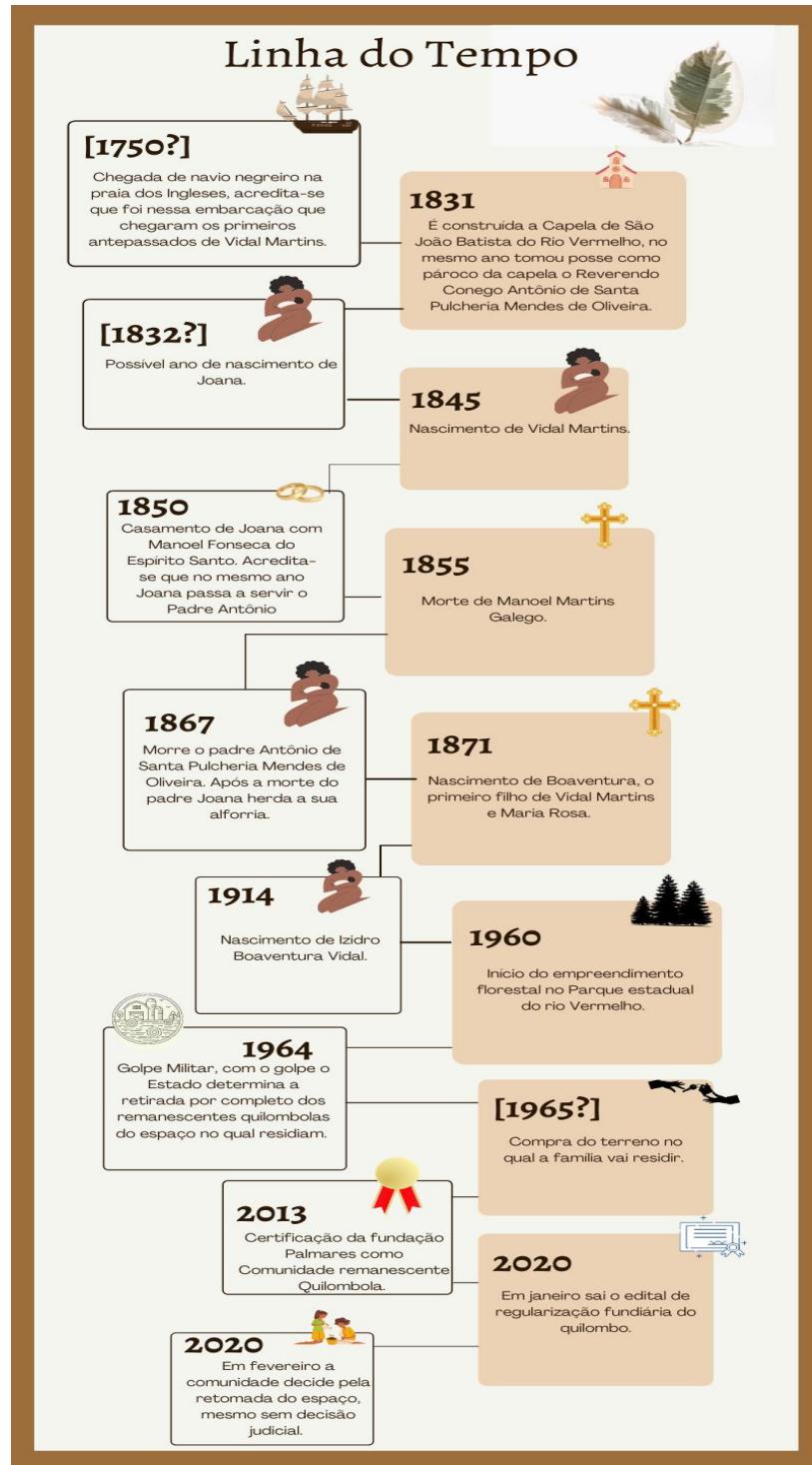
Árvore genealógica da Família Vidal Martins



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ainda, para melhor compreensão da composição dessa história, faz-se importante dimensioná-la em uma linha cronológica que nos possibilita ter uma perspectiva de tempo quanto aos fatos corridos na história dos Vidal.

Figura 31 - Linha do tempo com fatos da história



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

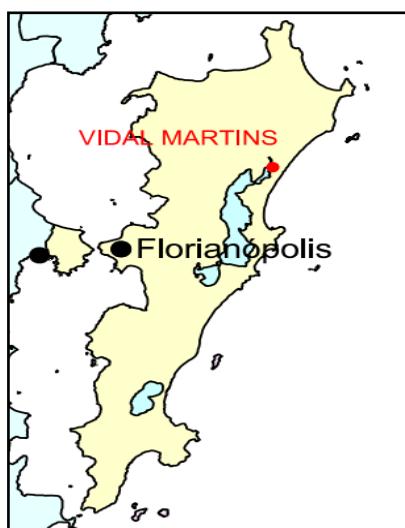
Conhecendo os principais personagens da história, a árvore genealógica que forma uma parte da família Vidal Martins e com a visualização temporal dos fatos que compõem a história, podemos iniciar nossa incursão nas memórias que formam a história da comunidade.

QUILOMBO VIDAL MARTINS

A comunidade está localizada às margens da rodovia João Gualberto Soares, com acesso à orla da Lagoa da Conceição em um espaço de aproximadamente 900 metros quadrados. Espremidos, no espaço residem mais de trinta famílias, algumas sem condições básicas de saneamento, como banheiros e tratamento de esgoto. As crianças, sem espaço para brincar, já sofreram acidentes de trânsito na rua, devido à proximidade com a rodovia, de trânsito intenso (QUILOMBO VIDAL MARTINS, 2014).

Desde 2013, a comunidade vem lutando por melhores condições de vida, e como pautas dessa luta estão a reivindicação por políticas públicas para a inclusão social, o acesso à saúde de qualidade, à educação, à titulação de terra e moradia digna. Para isso, os integrantes do quilombo organizaram a história da comunidade. História essa que legitima o direito à terra pela qual estão reivindicando (QUILOMBO VIDAL MARTINS, 2014). Dentre as reivindicações, está a titulação das terras que estão sobrepostas no camping do Rio Vermelho.

Figura 32 - Localização Vidal Martins dentro do *camping* do Rio Vermelho



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado do Google imagens (2021).

Nesse processo, com comprovação documental, a história do Quilombo vem ganhando uma estrutura sólida e cada vez mais irrefutável de um movimento de resistência que se iniciou no século XVIII com a chegada de um povo escravizado na, então, Desterro, ilha de Santa Catarina.

O Quilombo tem seu nome como homenagem a Vidal Martins em forma de resistência. Nascido em três de julho de 1845, nas terras do Rio Vermelho, leste da ilha de Santa Catarina. Sua mãe era Joana, em alguns documentos consta como nome do pai Pedro Vidal. Quando

criança, Vidal foi separado da mãe, que foi vendida para Antônio Mendes Pulcheira e Oliveira, o primeiro padre residente na paróquia de São João do Rio Vermelho.

Vidal casou-se com Maria Rosa de Jesus, costureira, e com ela constituiu família. Não se sabe ao certo quando Vidal Martins faleceu, sabe-se que foi depois de 1910, ano em que sua companheira Maria Rosa faleceu, pois Vidal foi testemunha no registro de óbito da companheira.

De acordo com a comunidade, os Vidal Martins herdaram terras dos antigos senhores de engenho que os escravizaram, destinando a eles as terras do entorno do Rio Vermelho, onde atualmente está localizado o Parque estadual do Rio Vermelho e, também, o camping, lugar em que residiram até meados da década de 1960:

Assim como outros quilombolas brasileiros, os familiares de Vidal permaneceram em suas terras até que o governo os expulsou para a construção do Parque Florestal do Rio Vermelho, que sob a justificativa de ter que barrar urgente o avanço de dunas introduziu plantas exóticas (pinus e eucaliptos) que acabaram por praticamente destruir a vegetação nativa nos anos 1960. Após algum tempo, os Vidal Martins conseguiram comprar pequenos terrenos na região, vivendo às margens do território que historicamente lhes pertencia por direito. (BOND, 2019)

A tarefa de reorganizar a história do Quilombo por meio de documentação oficial⁵⁰ foi árdua. Entretanto, em outubro de 2013, a comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares. A extensa pesquisa, realizada pelas irmãs Helena e Shirlen Vidal de Oliveira, feita a partir de documentos de cartórios, igrejas e arquivos públicos, sem querer revelou diversos dados históricos importantes sobre a história da escravidão em Florianópolis, história que é invisibilizada/silenciada.

Como na época ainda não existiam cartórios de registro civil, o Arquivo Histórico Eclesial de Santa Catarina, na Cúria Metropolitana de Florianópolis, continha documentos importantes para o Quilombo. Foi lá que encontraram uma cópia da certidão de casamento⁵¹ de Joana (mãe de Vidal Martins) e Manoel Fonseca do Espírito Santo, assinada pelo padre Antônio Pulcheria Mendes e Oliveira (ROSA, 2014), além de encontrarem, também, certidões de batismos de alguns filhos de Joana e as certidões de alguns dos filhos de Vidal e Maria Rosa.

Desde 2013, a comunidade vem lutando para conseguir reaver suas terras de direito. Em fevereiro de 2020, o Incra divulgou o edital de regularização fundiária do Quilombo. O relatório antropológico, com as plantas e memoriais descritivos feitos pela equipe do curso de Agrimensura do IFSC, sob supervisão do setor de Cartografia do Incra/SC, garantiu que o trabalho fosse aprovado por unanimidade pelo Comitê de Decisão Regional da autarquia, em

⁵⁰ Aqui, entende-se por documentação oficial os documentos retirados de cartórios, arquidioceses e outros órgãos municipais como o arquivo público do Estado.

⁵¹ Certidão será apresentada na próxima seção.

22 de janeiro de 2020. Segundo o relatório, a comunidade possui um território identificado e delimitado com área de 1.014 hectares, sobreposta integralmente ao Parque Estadual do Rio Vermelho (BRASIL, 2020). A imagem a seguir foi retirada do laudo antropológico que define no mapa esses 1.014 hectares.

Mapa do território reivindicado



Figura 111 – Território reivindicado sobre fotografia aérea de 1938
Fonte: Acervo INCRA/UFSC (2019).

Fonte: Quilombo Vidal Martins (2019).

Contudo, o relatório ainda não garante à comunidade a retomada da terra descrita no relatório. Em 15 de fevereiro de 2020, a comunidade retomou o espaço destinado às terras de sua origem. A área é administrada pelo Instituto do Meio Ambiente (IMA), que pede a reintegração de posse enquanto aguarda decisão da justiça sobre o destino do terreno.

O camping estava fechado desde 2018 pelo vencimento do contrato da empresa que o administrava, e para conseguir a autorização, a comunidade na época criou uma Organização Social (OS) para participar da licitação para a administração do camping, porém, foi desclassificada, “O MPF (Ministério Público Federal) considerou a atitude como ‘racismo social’ e entrou com recomendação à Justiça para que a titularidade do parque seja da comunidade, sem passar por esse processo seletivo.” (REDAÇÃO ND, 2020).

Contudo, a luta dos remanescentes quilombolas do Vidal Martins ainda não teve o seu final justo, além de terem que provar sua história por meio judicial e depois de anos ainda não

terem o reconhecimento que lhes permite usufruir o que é seu por direito. Infelizmente, o racismo institucional mascarado de justiça novamente reforça que o negro não tem vez de forma alguma.

Nesse entendimento, ainda é possível identificar as mazelas do processo de colonização, firmemente marcada na construção social do Brasil, que urgentemente necessita descolonizar-se para então livrar-se das correntes colonizadoras.

MEMÓRIAS QUE COMPÕEM A HISTÓRIA A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS REMANESCENTES DO QUILOMBO VIDAL MARTINS

Como já mencionado anteriormente, é importante mencionar que nessa composição, as narrativas dão enredo para a construção do dossiê, seguidas de uma documentação que as ilustram. Por isso, as transcrições são fiéis às narrativas, respeitando a forma de linguagem e desconsiderando o que pode ser entendido como um “falar errado” ou não estar dentro da norma culta.

Entende-se que a língua é um instrumento social mutável que está de acordo com o social, regional e a cultura do indivíduo, como compreendido, também, pela metodologia de História Oral, além de estar livre de preconceito linguístico.

Assim, nas transcrições, as contribuições externas foram apenas realizadas para facilitar para o leitor, ao que se referem os entrevistados. Essas contribuições estão entre parênteses e em algumas pontuações.

Posto isso, o primeiro quilombo urbano de Florianópolis homenageia o homem que viveu durante um dos comportamentos mais cruéis da humanidade. A escravidão, que no Brasil durou mais de três séculos e nesse período milhares e milhares de vidas e histórias foram roubadas/raptadas, estima-se que ao longo dos mais de 300 anos do período “legal” do regime escravocrata, o Brasil foi um dos mais fervorosos adeptos dessa terrível parte da história mundial:

A escravidão de africanos nas Américas consumiu cerca de 15 milhões ou mais de homens e mulheres arrancados de suas terras. O tráfico de escravos através do Atlântico foi um dos grandes empreendimentos comerciais e culturais que marcaram a formação do mundo moderno e a criação de um sistema econômico mundial. A participação do Brasil nessa trágica aventura foi enorme. Para o Brasil, estima-se que vieram perto de 40% dos escravos africanos. Aqui, não obstante o uso intensivo da mão-de-obra cativa indígena, foram os africanos e seus descendentes que construíram a força de trabalho principal durante os mais de trezentos anos de Escravidão. (REIS; GOMES, 1996, p. 9)

E, assim, tem-se início a história da comunidade pesquisada. Em meados do século XVIII, os primeiros antepassados de Vidal Martins foram raptados da sua terra natal e forçados

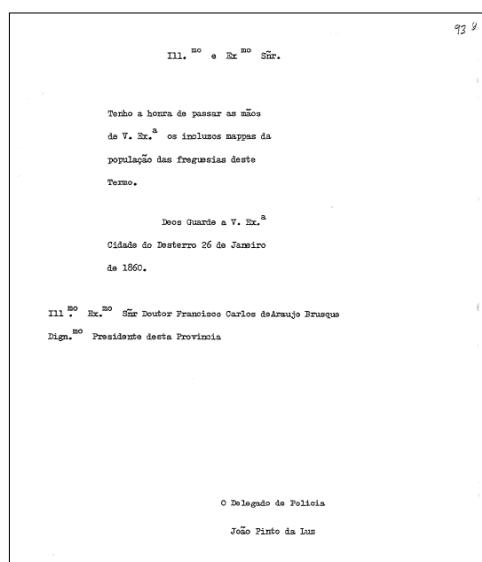
a trabalhar em um continente desconhecido. A trajetória da sua chegada está evidenciada nas narrativas:

[...] Eles vieram num navio [...] Ele disse que veio um pai e um filho, e o filho acabou morrendo no meio do caminho, e daí ficou só o pai, venho só o pai para cá e ele conta pra minha mãe que quando os negros morriam ou tavam com alguma doença, eles jogavam os escravos amarrado numa pedra nos pés deles e jogavam fora do barco e aquele escravo ia lá e se afogava. [...] o meu pai contava que eles vieram lá da África, vieram no navio.... venho muitos de lá, mas chegaram aqui em poucos... eles vieram embaixo de um porão, aqueles que ficavam doente eles amarravam uma pedra e jogava no mar, as criancinhas também vinham chorando, passavam fome e passavam sede...

Ao mencionarem a chegada de um pai e filho, que teria falecido durante a viagem, os remanescentes acreditam que estes seriam os primeiros antepassados de Vidal Martins a chegarem em Florianópolis. De acordo com os relatos no diário de campo, teriam esses antepassados chegado por volta do ano de 1750, em um navio que atracou na praia dos Ingleses.

Assim, estariam eles há três gerações no Distrito do Rio Vermelho, antes do nascimento de Jacinta, avó materna de Vidal. Em pesquisa no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, no mapa da população das freguesias, no ano de 1860, no Distrito do Rio Vermelho constava 302 pessoas escravizadas, como consta nas folhas 93 e 98 do Catálogo Seletivo de Escravidão do Arquivo Público. As figuras a seguir são as folhas do catálogo.

Carta do Delegado de Polícia ao Presidente da Província mencionando os mapas entre os anos de 1842/1869



Fonte: Secretaria do Estado de Santa Catarina (1993).

Transcrição da carta: Ao Excelentíssimo Senhor. Tenho a honra de passar as mãos de Vossa Excelência os inclusos mapas da população das freguesias deste termo. Deus guarde a Vossa Excelência Cidade do Desterro, 26 de janeiro de 1860. Ao Excelentíssimo Senhor Doutor Francisco Carlos de Araújo Brusque. Digníssimo Presidente desta Província, O Delegado de Polícia, João Pinto da Luz.

Mapa do Distrito do Rio Vermelho

Contem o Distrito do Rio Vermelho, fogos 279, habitantes a Sabor:					
Homens	Estado	Numeros	Mulheres	Estado	Numeros
Livres	Solteiros	375	Liberadas Livres	Solteiras	397
	Casados	178		Casadas	179
	Viúvos	15		Viúvas	48
Somma		568	Somma		524
Liberdos	Solteiros	31	Liberdas Liberdas	Solteiras	43
	Casados	4		Casadas	4
	Viúvos	"		Viúvas	"
Somma		35	Somma		47
Escravos	Solteiros	164	Escravas	Solteiras	136
	Casados	1		Casadas	1
	Viúvos	"		Viúvas	"
Somma		165	Somma		137
Total		768	Total		808
Luis Antonio da Silva Subdelegado de Policia					

Fonte: Secretaria do Estado de Santa Catarina (1993).

Ao serem questionados sobre conhecer a história dos escravos em Santa Catarina, os entrevistados relatam que,:

[...] não, eles não contam porque isso não convém, né? Falar de terra né? Quando tu fala de negros, tu simplesmente tu fala de terra, a mesma coisa que nem eu falei se for pegar o livro de terra do Rio Vermelho de vários outros lugares tem terra que é de pessoas que são escravas que eram de descendentes de escravos [...] olha, nós somos descendentes de escravos, né? [...] devido a essa mistura de trocar de ir de um lado pro outro, isso acabou se perdendo porque as pessoas não se encontram mais. Os mais velhos não conseguiram repassar essa história porque um foi morar nesse, no morro tal, o outro foi lá pro Rio Grande do Sul, o outro.... Pronto, a história foi, a história não permaneceu mais. Que é diferente da gente, da Invernada dos Negros, do pessoal ali do Valongo, sabe⁵²? De todas as comunidades que ficaram juntas,

⁵² A invernada dos Negros e o Valongo são comunidades quilombolas localizadas em Santa Catarina. A Invernada dos Negros, no município de Campos Novos, e o Valongo, no município de Porto Belo..

ouviram as histórias das famílias, não foram embora, foram continuando e onde é que hoje é todo mundo, sabe por quê? A história permaneceu na comunidade...

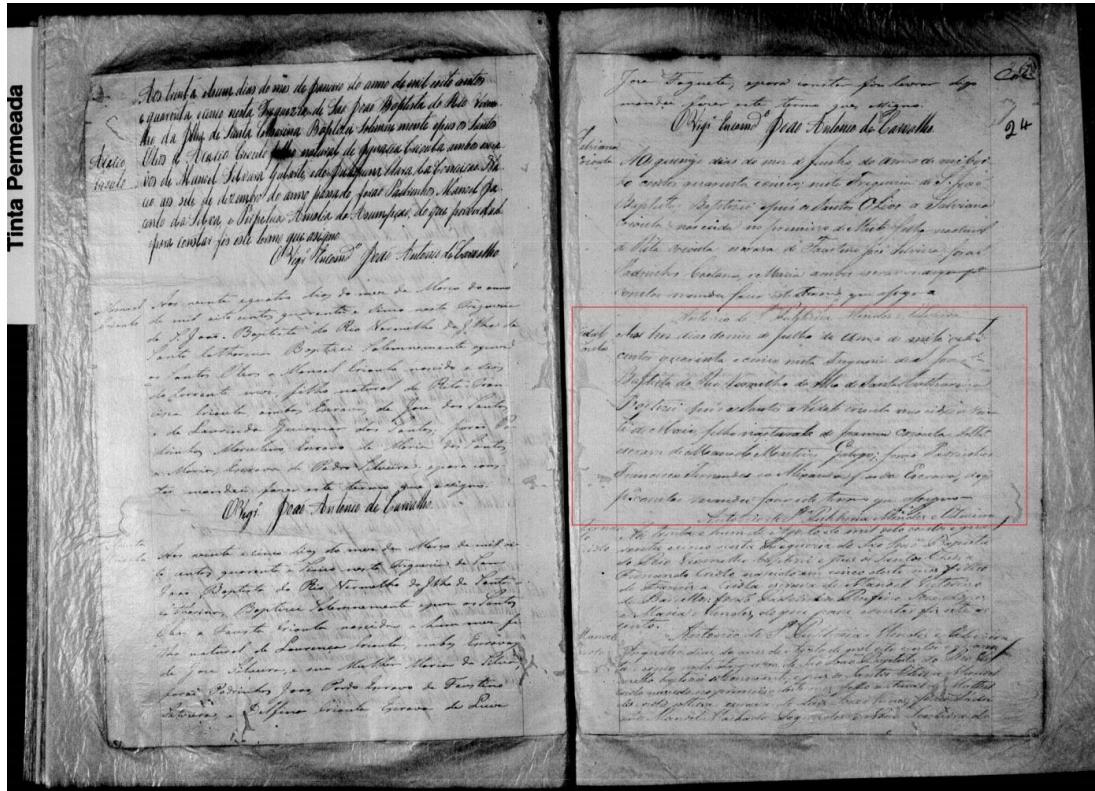
E nessa resistência constante em fazer das memórias presentes e vivas através da união, percebida nos descendentes, que na história de Jacinta podemos crer vir dela essa força. Jacinta resistiu da maneira que pôde, uma das formas foi a de tentar manter suas filhas unidas, mesmo essas também sendo mulheres escravizadas:

[...] Jacinta teve duas filhas e as duas filhas, que eram escravas, casaram na igreja católica, é isso. Naquela época era uma coisa muito, é... tem só três casamentos de escravos na igreja católica aqui. Não tem mais, são só as duas filhas, e ela conseguiu fazer com que essas duas filhas permanecesse juntas de uma certa forma e trazendo sabe? É isso... as filhas dela tu vê um certo contato...

Uma dessas filhas é Joana, mãe de Vidal, mulher negra que igualmente construiu uma história de luta e força em sua trajetória, assim como a mãe. Têm-se dados de que Joana foi escravizada por Manuel Martins Gallego, senhor de engenho.

No período em que servia a Manuel, em 1845, Joana dá à luz a Vidal, acredita-se que aos treze anos de idade. As figuras a seguir são do livro de batismos de escravos, entre os anos de 1832 a 1872, da Arquidiocese de Florianópolis, em que consta a certidão de batismo de Vidal Martins.

Página em que consta a certidão de batismo de Vidal Martins



Fonte: SANTA CATARINA (2019b). Disponível no database de imagens *FamilySearch*.

Na imagem a seguir consta a certidão de batismos de Vidal transcrita pela Arquidiocese de Florianópolis:

Transcrição da certidão de Batismo de Vidal Martins



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina

Rua Esteves Junior, 447 - Fone (48) 3224-4799
88015-130 - Florianópolis - Santa Catarina

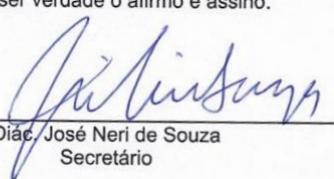
Certidão de Batismo

Certifico que, revendo os livros de Batismo da paróquia de Rio Vermelho - Florianópolis encontrei no livro 1832 - 1872 Fl 24 um assento com o seguinte teor:

VIDAL - Aos tres dias do mes de Julho do anno de mil oito centos quarenta e cinco nesta Freguesia de S. João Baptista do Rio Vermelho da Ilha de Santa Catharina baptizei e pus os Santos oleos a Vidal, crioulo, nascido a vinte de Maio, filho natural de Joanna, crioula solteira, escrava de Mannoel Martins Galego; forão padrinhos Francisco Fernandes e Alixandra parda Escrava, do que para constar mandei fazer este termo que assigno. Antonio de Santa Pulcheria Mendes e Oliveira.

Era o que continha o dito assento e por ser verdade o afirmo e assino.

Florianópolis, 29 de Julho de 2021


Diác. José Neri de Souza

Secretário



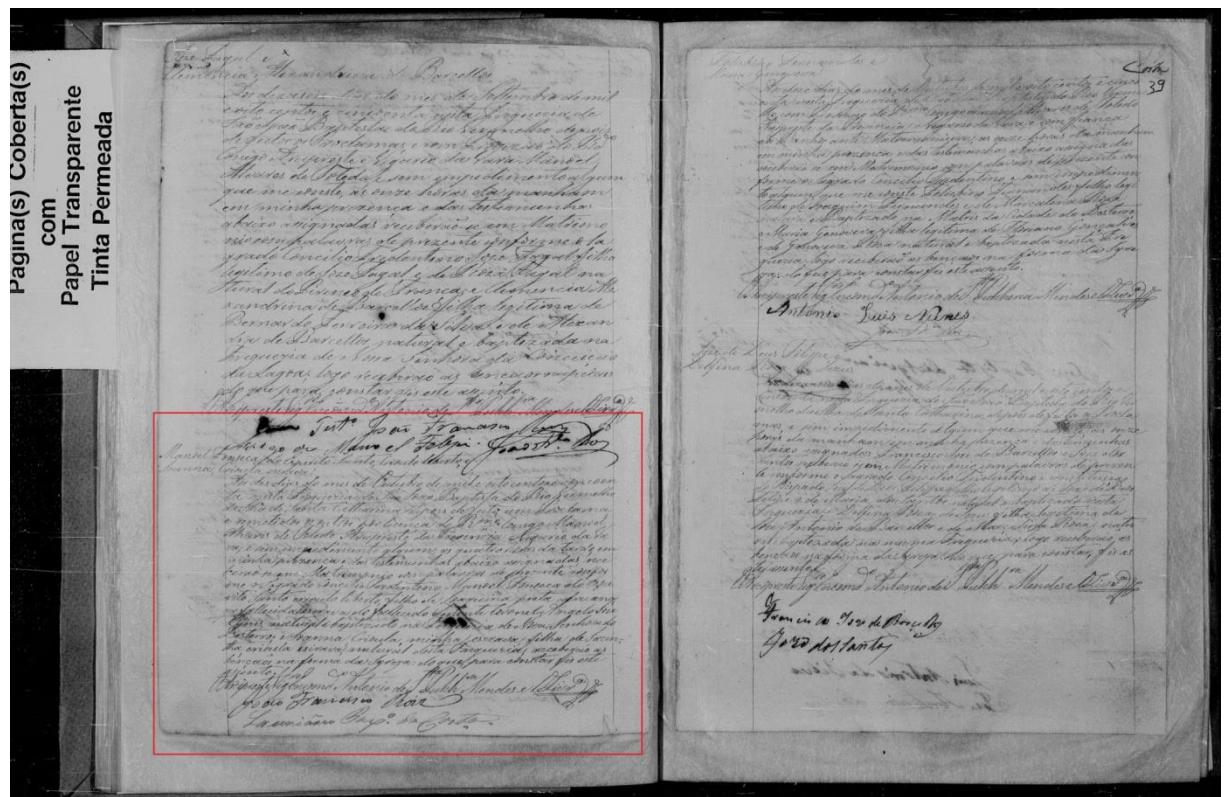
Fonte: Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (2021).

Joana serviu ao senhor de engenho, acredita-se que até meados dos anos de 1850, quando foi vendida para o pároco e deputado provincial, o Padre Antônio de Santa Pulcheria

Mendes e Oliveira, que foi o primeiro padre da igreja São João Batista do Rio Vermelho. No mesmo ano, ela se casou com Manoel Fonseca do Espírito Santo.

Como era escravizada por um padre, o casamento foi realizado em igreja católica e registrado pelo senhor de Joana, como segue na imagem abaixo, do livro 1 de casamentos da igreja de São João Batista do Rio Vermelho, nos anos de 1832 a 1869, a certidão de casamento de Joana e Manuel.

Página que consta a certidão de casamento de Joana e Manoel



Fonte: Santa Catarina (2019c). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Na imagem a seguir consta a certidão de casamento de Manoel e Joana, transcrita pela Arquidiocese de Florianópolis.

Transcrição da certidão de casamento de Joana e Manoel



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina

Rua Esteves Junior, 447 - Fone (48) 3224-4799
88015-130 - Florianópolis - Santa Catarina**Certidão de Casamento**

Certifico que, revendo os livros de Casamento da paróquia de Rio Vermelho - Florianópolis encontrei no livro 1832 - 1869 Fl 38V um assento com o seguinte teor:

MANOEL FONSECA DO ESPIRITO SANTO, CRIOULO LIBERTO E JOANNA, CRIOULA ESCRAVA - Aos des dias do mes de Outubro de mil e oito centos e cincuenta, nesta Freguezia de São João Baptista do Rio Vermelho da Ilha de Santa Catharina, depois de feito um Proclama e remetidos os outros por licença do Rmo Conego Manoel Alvares de Toledo, Arcipreste da Província e Vigario da Vara, e sem impedimento algum; as quatro horas da tarde, em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, receberão-se em Matrimonio com palavras de presente conforme o Sagrado Concilio Tridentino, Manoel Fonseca do Espírito Santo, crioulo liberto, filho de Joaquina, preta africana, já falecida, escrava do falecido Tenente Coronel Angelo José Dinis, natural e baptizado na Freguezia de Nossa Senhora do Desterro; e Joanna Crioula, minha escrava, filha de Jacintha, crioula escrava, natural desta Freguezia; receberão as bençãos na forma da Igreja: do que para constar fiz este assento. O Arcipreste Vig.^o Encom^dº Antonio de Sta Pulcheria Mendes e Oliveira. Test.: João Francisco Rodrigues; Lauriano (...) da Costa.

Era o que continha o dito assento e por ser verdade o afirmo e assino.

Florianópolis, 29 de Julho de 2021

Diác. José Neri de Souza
Secretário



Fonte: Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina (2021).

Mesmo casada, Joana ainda “pertencia” ao Padre e assim ficou em situação de pessoa escravizada até a morte dele, no ano de 1867. Nesse período Joana e Manuel tiveram filhos que nasceram na condição de pessoas escravizadas. Essa parte da história toca em memórias muito dolorosas para a comunidade, evidenciadas nas narrativas quando lhes é questionado se Joana teria sido liberta após o seu casamento:

[...] Quando aquele miserável morreu (Padre Antônio) tem até uma notícia no jornal, tá? Lá do Rio de Janeiro, se tu entrar na Biblioteca Nacional, tu vai achar que fala ali que quando o padre morreu, esse Padre Antônio Pulcheria Mendes e Oliveira, ele deixou lá os bens lá para o Hospital de Caridade que ele fazia muita doação para lá... Os escravos libertos, ele deixou que esses escravos morassem numa fazenda dele até que esses escravos vinhesse a morrer, quando esses escravos morresse, essa Fazenda seria leiloada, vendida etc., que é lá na parte de cima que é onde a mãe do Vidal acabou ficando. É, mas ele só liberta eles depois que ele morre. [...] ela (Joana) teve um filho atrás do outro tá? Então toda a vez que ele é fazia o registro desses filhos, batizava. Ele colocava crioula minha escrava, ele colocava Manuel Fonseca do Espírito Santo liberto, que era o esposo dela, e a Joana ele colocava a crioula minha escrava, ele colocava filhos dele (Padre Antônio) e ela minha escrava então estava sempre lá 1851 crioula minha escrava 52 crioula minha escrava 53.... porque ela tinha, né? Um filho trás do outro, daí depois dele morrer, ela fez um filho chamado João que nasceu na capela do padre Jesuíta ali no Mato Grosso que é ali onde hoje é o correio, hoje em dia. Ele nasceu nessa Capela, então ela já tando livre, já dava para ver que ela continuou trabalhando para a igreja católica, de alguma forma, ela continuou trabalhando ali. [...] eles (filhos de Joana e Manuel) eram escravos dele. Eles era porque depois quando alguns tem filhos, eles colocam lá ex-escravo, sabe? E daí tu vê que o senhor realmente era, ela teve só duas que não foram porque ele já tava morto, um deles é esse João, que nasceu nessa Capela, né...

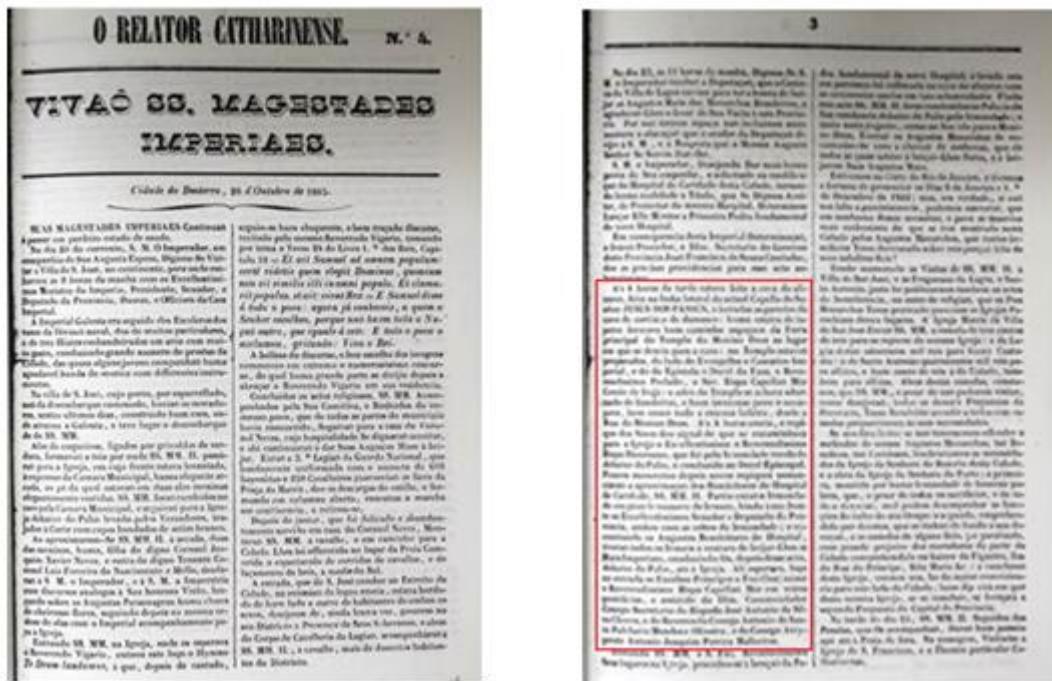
Existe uma mágoa nas falas, em relação ao fato de um “homem de Deus” escravizar uma pessoa:

[...] ancestrais que vienheram da África, daí no caminho encontra o quê? A Igreja Católica que isso também já chama a atenção. Pô! tanta gente que é escravo de padre...

A mágoa é percebida na fala de que o padre era tido como um benfeitor ao fazer doações para o Hospital de Caridade, mas escravizava pessoas até a sua morte. Sobre a fala da doação ao Hospital de Caridade mencionada na narrativa, foi encontrado na hemeroteca da Biblioteca Nacional esse fato, que segue na imagem a seguir.

Capa e página do jornal O relator Catharinense com nota de doações feitas pelo Padre

Antônio⁵³



Fonte: O Relator Catharinense (1845). Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Transcrição de uma tira da nota: E encontrando os Augustos Bemfeiteiros do Hospital, tiveram todos os irmãos a ventura de beijar-lhes as Mão Imperiais, conduzindo-os, depois desse acto, de baixo do Palio até a igreja. Ali esperava, logo na entrada os Excelsos Príncipes ou Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo capellão Mor em vestes pontifícias, e assistindo do IIIIm. Comendador Cônego Secretário do Bispo José Antônio da Silva Chaves, e do Reverendo Conego Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira e do Cônego Areypreste Antonio Joaquim Pereira Malheiros (a transcrição foi fiel a escrita com as regras gramaticais da época).

Joana, ao ser vendida para o padre Antônio, acredita-se que no ano de 1850, foi separada de seu filho Vidal, que estaria na época com 4 ou 5 anos, e como ele também nasceu em condição de pessoa escravizada, permaneceu com "seu senhor", Manuel Martins Gallego, e não com a mãe.

Mesmo com a separação, novamente é observada a força e resistência das mulheres negras dessa família, Joana mesmo servindo a outra pessoa, mantém a proximidade com o filho que lhe foi separado:

[...] é o fato da Joana ter sido separada do Vidal, ela ter indo para igreja católica que ficava no porto, e mesmo assim ela manteve esse contato sabe? Com ele, porque todos os meio irmão

⁵³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/doctreader/889750/20> Acesso em: 23 jul. 2021.

dele, né? Por parte de mãe batizam os filho dele, do Vidal, então tu vê que esse contato ele acabou não morrendo, sabe? É a força dela e em continuar lutando mesmo sendo escrava de pai, é, tu vê muita força na história...

Já conhecemos Jacinta e Joana, mulheres negras que cruelmente foram separadas de seus filhos, e por inúmeras vezes foram separadas da sua própria humanidade, submetidas a uma condição de sub-humanidade. Entretanto, perseveraram mesmo sob as mais difíceis condições em que estavam. Suas histórias são:

[...] De luta, resistência, coragem, trabalho [...] de luta, de resistência, de cuidar da casa, de cuidar dos filhos...

Filho de Joana, neto de Jacinta, Vidal Martins nasce em meio às mesmas circunstâncias perversas da mãe e da avó. Precocemente teve que ser separado da sua mãe, viveu e morreu nas terras de “seu senhor”. Vidal casou-se com Maria Rosa e iniciou sua família.

[...] Vidal Martins era carpinteiro e a sua esposa era costureira, era negra misturado com índio. História da Maria Rosa o que o meu tio conta que o vô falava, que ela era uma costureira de mão cheia, é... que ela ajudava na casa, sabe? Que elas ajudavam a pescar porque minha vó saía cedo, é... para pescar, é... ensinou isso para minha mãe, ensinou isso para minhas tias a pescar, fazer renda de bilro, a fazer roça, sabe? Tu ver isso na, é... nelas isso tem uma grande importância nas próprias filhas do Vidal que, apesar de terem filhas cedo, tu vê lá na frente, tu vê que os filhos que elas tiveram também estão tendo outros filhos, há uma continuação de... sabe? Da força dessas mulheres e de tudo que elas passaram...

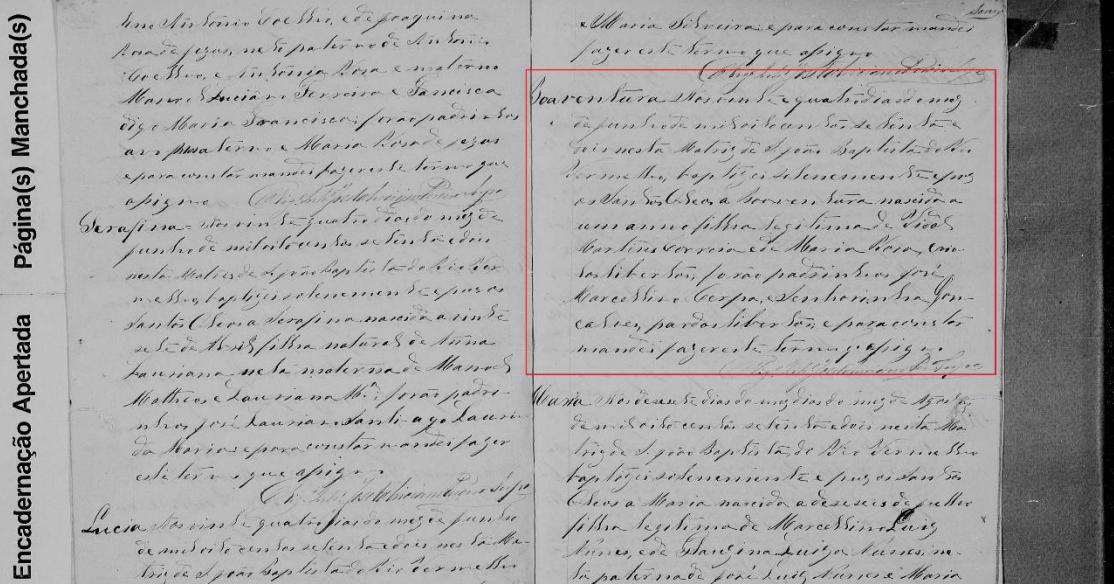
Família que hoje reivindica a sua história. São os filhos de Vidal e Maria Rosa que dão continuidade a essa história, repassando as memórias trazidas por seus antepassados. De acordo com os relatos, o fato da longevidade de Vidal e Maria Rosa são fatores cruciais para a manutenção dessas memórias e, assim, da história.

[...] a questão do Quilombo é... eu não conhecia o Vidal Martins, também não conheci meu bisavô, o Boaventura, que é filho do Vidal, eu conheci o meu avô, né, que é o Izidro, o filho do Boaventura. Então o que eu sei de Boaventura e Maria Rosa Jacinta Joana, enfim... todos, né? Foi contada para mim, né, através da minha mãe, do meu avô. E meu vô conviveu com eles, então foi contado através, é... do meu avô e passou um pouco para gente e depois que ele passou, mais foi a minha mãe mesmo e os meus tios, né? que continuaram vivos e conseguindo passar.... É.... A história do Quilombo Vidal Martins ela foi... ela ficou na verdade é registrada devido a essa fala dos mais velhos, essa lembrança de não deixar morrer aquilo que os ancestrais, né? Contaram, a gente sempre dizia e é um ditado que a gente fala até hoje, né? Apesar de já ver televisão para nós, a gente fala que quem não tem televisão conta uma história,

eu não tinha televisão em casa, então a gente ouvia muito, né, as histórias do meu avô é.... a gente sempre ouvia do meu vó que os ancestrais dele... [...] O que eu vejo com isso tudo? Eu vejo que essa lembrança dele... a convivência dele com o Vidal, sabe? com os próprios irmãos isso acabou fazendo com que essa história da comunidade ela não vinhesse se perder porque ela passou para nós, passou para minha mãe e continua até nos dias atuais. Mas o mais importante foi o fato do Vidal Martins, da Maria Rosa, de eles terem morrido muito velhinhos e quando o... e o pai do meu vó também porque o pai no meu vó morreu em 1943, ele morreu com 95 anos e a Maria Rosa morreu com 93 anos, então por eles ter vivido muito tempo e ter passado, né? Ter convivido uma boa parte do tempo com os filhos e os netos, essa informação ela conseguiu ser aproveitada bastante porque o meu vó tinha trinta e poucos anos quando o pai dele morreu e quando o meu vó morreu a mesma coisa, a minha mãe estava com trinta e poucos anos, então foi muita informação[...]

Na pesquisa documental, foram encontradas as certidões de batismo de quatro filhos de Vidal e Maria Rosa, que seguem nas figuras a seguir:

Página da certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins

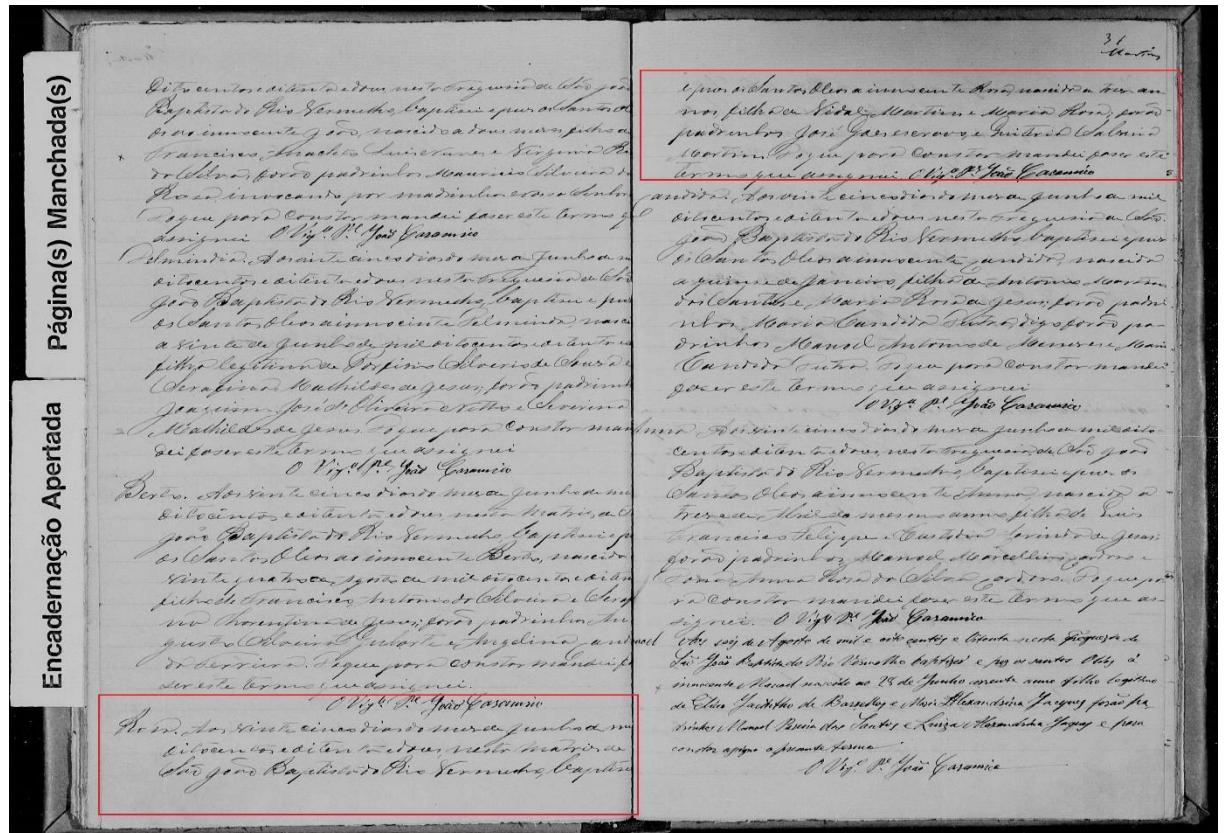
Encadernação Apertada	Página(s) Manchada(s)
	 <p>The image shows an open historical baptismal certificate. The left page is relatively clear, while the right page is heavily redacted. The left page contains text in Portuguese, including names like 'Boaventura Vidal', 'Maria Rosa', and 'Lucia'. The right page has a large red rectangular box covering its majority, with only a few words visible at the top and some text in a vertical column on the far left.</p>

Fonte: Santa Catarina (2020a). Disponível no database de imagens FamilySearch..

Transcrição: Certidão de batismo de Boaventura Vidal Martins, registrada em 24 de julho de 1872, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, nascido há uma semana, filho

legítimo de Vidal Martins Correia e Maria Rosa de Jesus, padrinho José Marcelino Correia e nome da Madrinha incompreensível, pardos livres. Assinatura do Padre incompreensível.

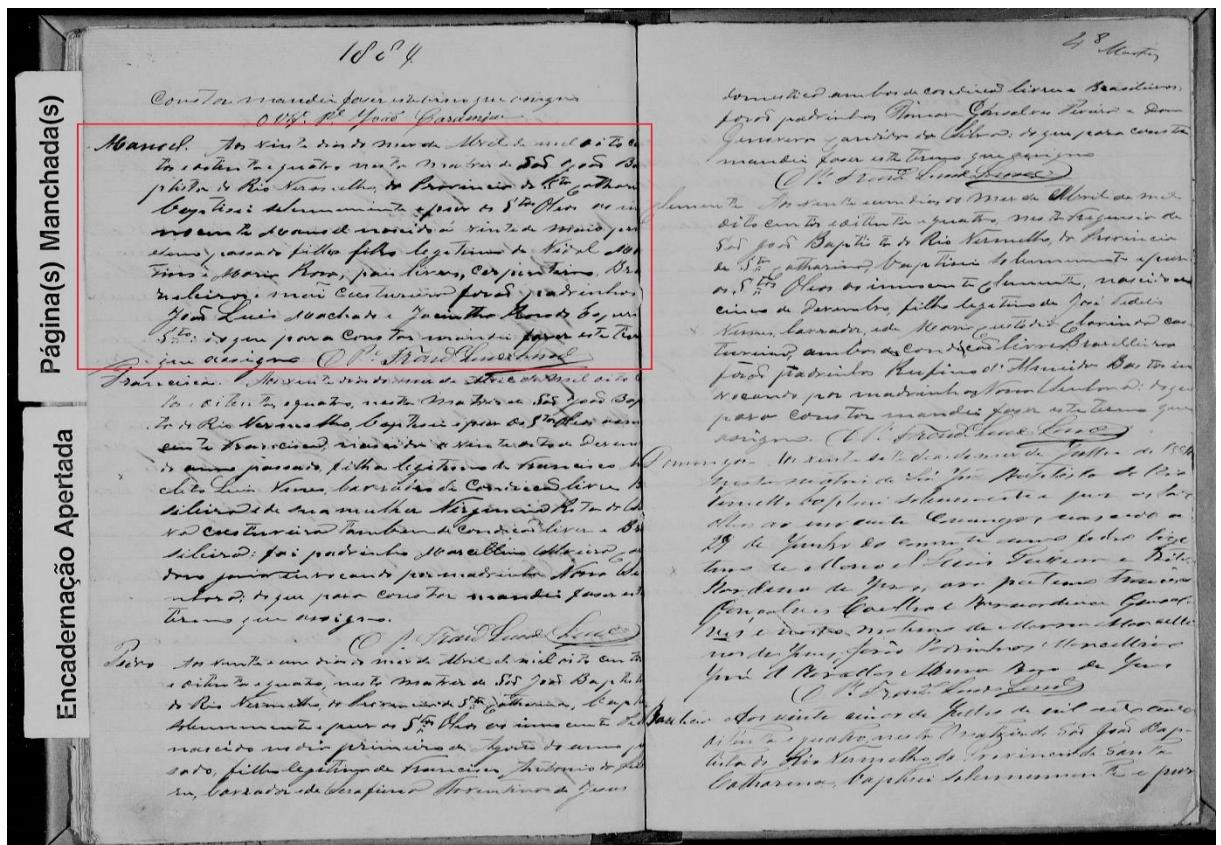
Página da certidão de batismo de Rosa Maria



Fonte: Santa Catarina (2019a). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Transcrição: Certidão de batismo de Rosa Maria, no dia 25 de junho do ano de 1882, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, filha legítima de Vidal Martins e Maria Rosa de Jesus, e como padrinho José Goes escravo e Quitéria Sabina Martins. Assinatura do Padre incompreensível.

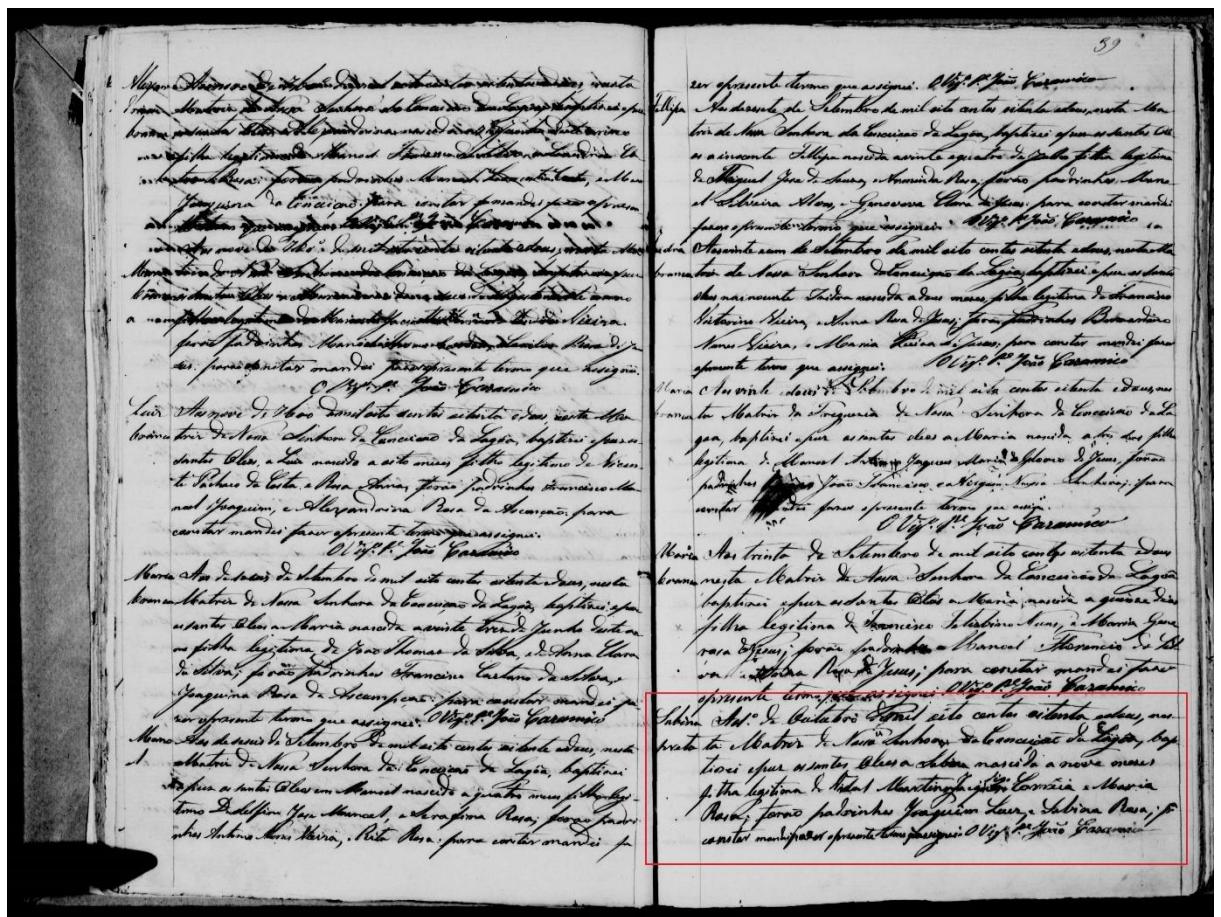
Página da certidão de batismo de Manuel Vidal Martins



Fonte: Santa Catarina (2020c). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Transcrição: Certidão de batismo de Manuel Vidal Martins realizada no dia 20 de abril do ano de 1884, na igreja de São João Batista do Rio Vermelho, filho legítimo de Vidal Martins e Maria Rosa de Jesus, pais livres, pai carpinteiro, brasileiro, mãe costureira, foram padrinhos João Luiz Pulcheria e Jacintha Rosa, seguido da assinatura do vigário Padre João sobrenome incompreensível.

Página da certidão de batismo de Sabina Correia



Fonte: Santa Catarina (2020b). Disponível no database de imagens *FamilySearch*.

Transcrição: Certidão de batismo de Sabina Correia, nessa certidão o nome de Sabina segue da palavra preta, diferente das outras, ela foi registrada na igreja matriz da Nossa senhora da conceição na Lagoa, no dia primeiro de outubro do ano de 1884, nascida há nove meses, é filha legítima de Vidal Martins Correia e Maria Rosa de Jesus, tendo como padrinhos Joaquim Luiz e Sabina Rosa, assinado pelo Vigário nome e sobrenome incompreensível.

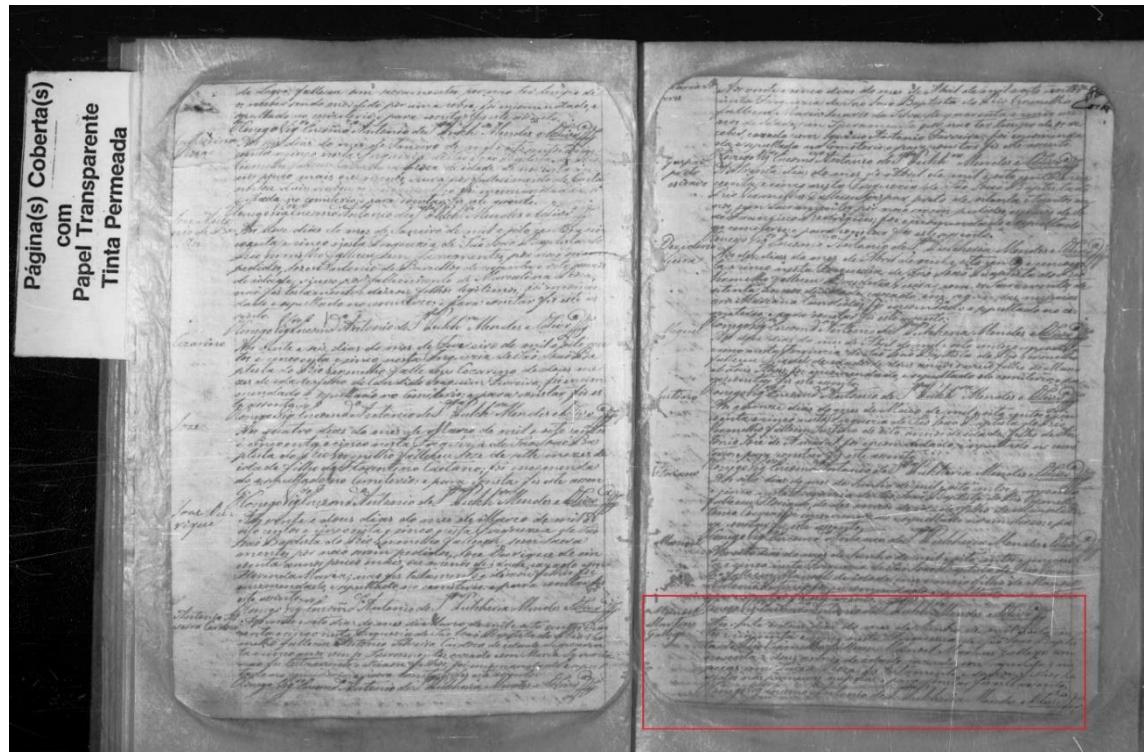
E, assim, através dos filhos, netos, bisnetos, trinetos e agora com os tataranetos, ou seja, os descendentes de Vidal e Maria Rosa, as memórias dessa comunidade não foram esquecidas. Manuel Martins Gallego, senhor de Vidal Martins, faleceu e passou a posse das pessoas que ele escravizava para seus filhos, Marcelino Martins Correia e Florentino Martins Corrêa, de acordo com os relatos, seus últimos senhores não tiveram filhos e, por sua vez, ao falecerem, suas terras foram repassadas para as pessoas escravizadas que ali moravam:

[...] O Gallego dividiu as terras ali para cada. E dois irmãos ficaram com as mesmas terras e dai esses dois irmãos... um era Senhor do Vidal que antes era escravo do... do Gallego e depois que o pai morre é que os filhos passam a ser donos dos escravos dele... [...] automaticamente (quando os filhos de Gallego morrem), eles ficaram, né, morando (nas terras de Gallego), tanto

que quando o Estado veio, eles falavam que, né, não tinha, né, "Ah, os mais velhos já morreram então, né? Você não tem mais direito à terra" que era o meu vô, ou seja, os escravos já morreram e como os escravos morreram vocês já não tem mais direito dessas terras.

Na figura a seguir, consta a certidão de óbito de Manoel Martins Gallego, falecido no ano de 1855.

Página da certidão de óbito de Manoel Martins Gallego



Fonte: Santa Catarina (2019d). Disponível no database de imagens FamilySearch.

Transcrição: Certidão de óbito de Manoel Martins Gallego, aos vinte dois dias do mês de dezembro do ano de 1855, foi registrado nesta arquidiocese da paróquia de São João Baptista do Rio Vermelho, o falecimento de Manoel Martins Gallego, com noventa e dois anos de idade (incompreensível). Luiza Roza testemunha e deixou os filhos (incompreensível). Conego Antônio de Santa Pulcheria Mendes de Oliveira.

Passados os anos, a história da família Vidal agora ganha outros enredos além do de pessoas escravizadas. Doravante, a família passa a lutar pelo direito à moradia. Nesse instante, a presente pesquisa segue os relatos dos descendentes de Boaventura Vidal Martins. Boaventura era filho de Vidal e Maria Rosa e foi pai de Izidro Boaventura Vidal, o senhor Izidro, pode-se dizer que foi o responsável por hoje conhecermos essa história. São as memórias e lembranças relatadas pelo Seu Izidro que estão nas narrativas dos nossos entrevistados, que puderam conviver com ele.

Era um ritual, as memórias eram repassadas nos momentos em conjunto da família, as vezes na mesa durante as refeições ou ao redor de uma fogueira, a tradição de contar histórias foi repassada de pai para filho, que fez questão de não a deixar sucumbir ao esquecimento:

[...] Quando nós era pequeno, ele (Izidro) contava essas histórias para nós em casa, ele fazia uma fogueira assim no chão, ficava eu ficava, os meus irmãos, aí nós ficava ali esquentando fogo porque a nossa casa era de Barro de estuque. Nós ficava ali esquentando Fogo porque a nossa casa era muito frio, aí ele começava a contar história pra nós, assava milho, assava siri, assava camarão ali, nós ficava comendo e ele ficava contando a história para nós, o meu pai. [...] o meu vô (Izidro) é assim ó, eles sempre compravam para o meu vô é... uma bolacha salgada e dai ele tomava todo dia, ele tomava um limão na cachaça e botava um açúcar ali. Então era uma briga por causa da bolacha e do açúcar porque não tinha que comer e a gente sabia que o vô tinha bolacha e bem no fim ele dava tudo para os netos, tá? Daí a gente se reunia na cadeira dele, e ficava ali sondando para ver se ganhava, para mãe não ver, para ninguém ver, né? Nem para as tias ver, e ele pegava e dava. E conversava. E depois, sim, depois que a gente cresceu era em casa mesmo não tinha televisão não tinha nada a mãe começava a contar, o tio Odílio começava a contar, né? As histórias dos antigos da mulher que era que era... como é?... que trabalhava com o padre e tal...[...] é importante porque foi a história de uma luta e se não fosse os mais velhos contar para nós essa história dentro do Rio Vermelho e dentro de Santa Catarina, era apagada e o nosso pai contava para nós.

As histórias de Seu Izidro sempre iam ao encontro da questão das terras em que seu avô e seu pai morreram e que ele viveu e depois teve que sair, devido a uma retirada que para a família foi muito violenta e injusta. Dona Jucélia e Seu Odílio, ambos filhos de Izidro, trazem na memória as lembranças de serem retirados das terras em que viveram seus antepassados. Talvez a inconformação de Izidro com a retirada das terras seja o principal, ou um dos fatos de hoje as memórias serem tão revividas e mantidas para a posteridade.

Todavia, o que nos importa saber é que as terras que hoje estão em processo para a transposição de posse definitiva da comunidade são de grande importância para o que hoje conhecemos sobre Vidal Martins. E de certo ponto, um pouco da história de pessoas negras que foram escravizadas em Florianópolis, por sua vez, faz parte da história de todo um período que em inúmeras vezes tentaram apagar ou silenciar.

[...] O quilombo para mim é uma casa, é uma família e é resistência porque nós estamos aqui para cultivar a cultura que os meus antepassados moraram aqui e aqui eles cultivavam a cultura. Aqui tem sangue derramado dos meus antepassados, tem umbigo deles enterrado, então isso aqui é nosso por direito, que já foi estudo tudo feito e é nosso por direito.

É uma história de resistência, de resistência da cultura, resistência da sua própria história e resistência a uma conjuntura estrutural de violências vividas por todo um grupo. Entre as violências estão a violência patrimonial; violência física; violência mental, entre outras. Nem o direito constituinte eles podiam exercer sem que fossem violentamente expostos a essa estrutura de uma sociedade racista e violenta:

[...] é, o pessoal vinha pegar ele (Izidro) para votar em casa, em cima de um cavalo, e ele ia na frente porque ele tinha que votar para o partido que eles dissessem que tinha que votar⁵⁴.

Izidro contou a sua história e ela foi gravada na memória de seus filhos e netos, que hoje contam para todos que queiram ouvir. Na imagem a seguir, estão Dona Jucélia e Seu Odílio, filhos de Izidro, e atualmente os remanescentes mais velhos vivos da comunidade são eles, os atuais Griôs da comunidade.

Dona Jucélia e seu Odílio



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2019).

Portanto, a luta pelas terras vai além de um espaço físico, ela representa, também, aqueles que dela fizeram sua morada e todo um conjunto de lembranças e memórias que configuraram essa história. Dessa maneira, essas terras são “o lugar de memória dos Vidal Martins”.

⁵⁴ Prática conhecida como o Voto de Cabresto. “Era usado o voto de cabresto, onde o coronel (fazendeiro) obrigava e usava até mesmo de violência para que os eleitores de seu "curral eleitoral" votassem nos candidatos apoiados por ele.” (ROCHA, 2012, p.50).

Assim como o voto forçado, vivido por Izidro, forçada também foi a retirada da comunidade do espaço em que residiam. A retirada dos remanescentes quilombolas, de acordo com as narrativas, ocorreu em dois períodos.

[...] Foi na época da Ditadura Militar e o Henrique Berenhauser que ajudou a tirar nós aqui das nossas terras, mentindo que ia plantar Pinus, que esses pinos também ia servir para nós. [...] eu sou Jucélia Beatriz Vidal, sou doméstica, tive cinco filhos, sustentei meus cinco filhos nas forças dos meus braços, pegando siri na praia, pegando siri na lagoa, pegando maçambic, pegando linguaruda para dar o sustento para os meus filhos, aí quando o Henrique Berenhauser veio para cá que botou uma cerca ali no portão nós não podemos mais ir na lagoa pegar um siri, ninguém pode mais ir na lagoa pegar um camarão, nós só ia na praia. [...] Então é na verdade foi no Rio Vermelho todo, né? Foi o golpe da reforma agrária, então eles passaram no Rio Vermelho todo a população do Rio Vermelho que tinha terreno que dava até os cômodos ali da praia perdeu porque eles falaram que “eu quero para uma melhoria”, que era para plantar os pinos e que depois a população iria, né? Através desses pinos iria receber recursos e tal que serviria para madeira para conter as duas. Na verdade, eles fizeram de várias formas e daí as pessoas brancas que tinha seus títulos de terra ficavam com as terras né? Mesmo que recebendo também foram golpeados também porque uma parte eles não receberam no caso do meu avô como ele não tinha o título de terra no nome dele tava no nome dos senhores, o Estado não considerou, não foi visto como terra deles e daí tiveram que sair. A minha tia avó é que é a Otília, ficou com um pedaço aqui do lado do parque e o meu avô pegou e viajou para o Rio Grande, ficou um tempão fora, voltou juntou dinheiro, né? A família ficou aqui e comprou um espaço que tá lá em cima, mas foi um.... é porque não consideraram, não quiseram nem saber “não tá no teu nome, os escravos já morreram mais velho, né? Já morreram, vocês não têm direito”.

A expropriação da comunidade quilombola teve início na década de 1960, quando o engenheiro florestal Henrique Berenhauser começa uma empreitada florestal na região que hoje é o espaço destinado ao Parque estadual do Rio Vermelho e ao camping. Com a tentativa de conter o crescimento das dunas na região, Berenhauser monta um reflorestamento com o plantio de mudas de pinus e eucaliptos, que modificam completamente a flora e a fauna da região. Contudo, o plantio cresceu de forma desordenada, matando espécies naturais da região.

A empreitada foi muito comemorada pelo poder público da época, como visto na nota do jornal O Estado, na edição de 1964⁵⁵:

⁵⁵ Disponível na hemeroteca digital de Santa Catarina:
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1964/EST196414931.pdf> Acesso em 24 jul. 2021.

Nota do Jornal O Estado falando da Empreitada Florestal de Berenhauser

The image shows a full-page spread of the newspaper 'O ESTADO'. At the top, a large headline reads 'Secretário, Catarinense obtém êxito em Pôrto Alegre'. Below it, another headline says 'Secretário da Segurança Pública esteve em Criciúma'. The central part of the page features a large advertisement for 'Diz o Padre Botânico: "Este é o Milagre"', which includes a portrait of a smiling man. Other news columns include 'Nova Diretoria da Associação Rural', 'Concurso de Títulos', 'Apresentação da Associação Coral de Florianópolis', 'Ensino e Governo', 'Disponibiliza-se', 'Estreia hoje Ricardo Bandeira com a peça "O melhor é vir"', and 'Dispensa de funcionário da SUPRA Frechando'. There are also several smaller articles and advertisements.

Fonte: O Estado (1964). Disponível na Hemeroteca Digital Catarinense.

A nota trata da visita do padre Raulino Reitz, biólogo, à estação florestal do Rio Vermelho, em que escreve uma carta ao então presidente da associação rural de Florianópolis, o engenheiro florestal Henrique Berenhauser. A carta vem elogiar Henrique Berenhauser pela execução do plano de reflorestar e florestar a extensa área de 8km que fica entre a Lagoa da

Conceição e o oceano. Além disso, o padre também elogia a forma como o engenheiro florestal vem fazendo esse trabalho e sua repercussão no Rio Grande do Sul.

E nesse processo os moradores vão sendo realocados, alguns são espremidos em poucos espaços, e alguns membros da família mudam-se para outras regiões, como a Costa da Lagoa.

Através da exploração de alto contingente de mão de obra e maquinaria pesada, com cercamento de extensas áreas, foi sendo criado o ambiente que daria origem à perfeição geométrica da “floresta” pura idealizada, “remissão da população local” e recuperação do “ecossistema original” (ver Capítulo I, p. 21), conforme as palavras de Berenhauser que foram analisadas na primeira parte do capítulo. Vegetação nativa foi desmatada para dar lugar às espécies de pinus. Cursos d’água foram canalizados em linhas retas, valas foram escavadas para ressecar o solo para plantio. Dunas foram “niveladas”, áreas pantanosas foram aterradas, caminhos e lugares deixaram de existir na paisagem. Cercas foram erguidas, os habitantes da região foram retirados e proibidos de realizar atividades ali para dar lugar à Estação. Para assegurar o sucesso do “reflorestamento”, proibiu-se ali toda forma de uso direto da terra, tais como o extrativismo, a agricultura itinerante, a caça. Enfim, proibiu-se e tentou-se impedir a continuidade e a proliferação de modos de vida singulares, que não levam em conta a separação entre “espaços de natureza” e “espaços de cultura”, de toda uma socialidade que necessariamente está ligada àquele ambiente. Ou seja, a paisagem que até então fazia parte das relações sociais dos Vidal Martins lhes foi negada pelo Estado, como parte de um procedimento de recuperação de uma pureza natural de uma suposta floresta original. Mas que “origem” é esta? Que floresta é esta que se quer recuperar? E como os procedimentos empreendidos com este objetivo poderiam levar a este retorno quase edênico à suposta pureza? (VALDEZ, 2017, p. 33.)

Após o processo de reflorestamento, um fato importante de âmbito nacional culminou para a saída definitiva da família Vidal Martins do espaço em que residiam, a Ditadura Militar, que teve início em 1964. O golpe foi derradeiro na retirada da família do espaço. Sem opção de poder continuar nas terras em que seus antepassados trabalharam, Izidro passa a trabalhar em vários lugares para juntar dinheiro e comprar um pedaço de terra para a sua família.

Casado com Beatriz Geraldina Vidal, Izidro sai em busca de trabalho em lugares distantes e chega a ficar por muito tempo sem voltar para casa, trabalhando como pescador no Rio Grande do Sul. De acordo com trechos do diário de campo, ao retornar para casa, os filhos de Izidro não abrem a porta porque desconhecem aquele estranho. Seu Izidro, depois de muito trabalho, consegue juntar dinheiro para comprar um espaço de aproximadamente 900m que fica dentro das terras das quais eles foram expulsos, muito próximo do Parque do Rio Vermelho, localizado na Rodovia João Gualberto Soares no Bairro Rio Vermelho. E é nesse espaço que sua família reside até os dias atuais.

[...] que o vô perdeu a terra na época do golpe militar ficaram sem nada, o vô teve que viajar para o Rio Grande para continuar aqui porque não queria ir embora, porque foi aqui que os ancestrais dele morreram...

No período em que esteve fora trabalhando, a responsável pela criação dos filhos e conservação da casa foi Beatriz Geraldina Vidal, ela sozinha teve que garantir a segurança e união da família, e novamente percebemos a força das mulheres nas memórias da comunidade.

[...] o meu vô (Izidro) foi pro o Rio Grande, a minha vó (Beatriz) teve que ficar aqui com todos os filhos, teve que alimentar eles, teve que cuidar deles [...] Elas (as mulheres Vidal) tiveram que levar a casa, elas tiveram que dá essa continuidade. Então, de ver isso delas é... essa luta delas, essa garra delas, nós começamos da mesma forma. Muitas das vezes as pessoas falam "Ah, mas vocês falam alto. A fala de você ser forte". Nós somos mulheres negras, nós somos daquele tipo de mulher que as pessoas falam, nós já estamos analisando. Porque a gente já sabe que ali não vem coisa boa... [...] A vó (Beatriz) não, a avó rasgava título de eleitor, a vó já deu surra em delegado, a vó. Meu Deus, a Vó já fez coisas do arco da velha é porque a vó, ela tinha essas duas coisas, ela era Negra, mas também ela tinha mistura com branco, ela não se dobrava, ela era ruim, a vó, ela era ruim e as mulheres da família da vó eram ruim.

Na fala em que a entrevistada compara as mulheres da família como “as mulheres da família da vó eram ruim”, por muito tempo ouvimos isso, de que a mulher que não se curva aos caprichos de uma sociedade patriarcal e machista deve ter algum problema ou simplesmente ser uma “mulher ruim” como no relato. Entretanto, a entrevistada se utiliza desse adjetivo não de forma pejorativa e, sim, como uma característica de força.

A força do matriarcado dessa família, que é peça fundamental na consolidação do que é ser um remanescente quilombola e descendente de pessoas que já foram escravizadas, vem de Jacinta, Joana, Maria Rosa, Jucélia, Shirlen, Helena e de todas as outras mulheres do quilombo. Na imagem a seguir estão algumas dessas mulheres. Dona Jucélia, a matriarca da família e as irmãs Helena e Shirlen, atuais representantes da comunidade e responssavés pelo processo de busca por documentações referentes à comunidade.

Helena, Dona Jucélia e Shirlen



Fonte: Bastos (2015), foto tirada por Guto Kuerten.

É a força da mulher que sai cedo para o trabalho, às vezes sai quando é noite e retorna quando é noite, para o sustento dos filhos. Que trabalha na roça, na pescaria e ainda tem toda a delicadeza de produzir lindas peças como na renda de Bilo e na arte de trançar. São essas mulheres que estão lutando pela história e pelos direitos da comunidade.

Depois de conversas e lágrimas, voltamos para a casa da avó Jucélia, que nos esperava na porta da sua casa e me convida para entrar: “*Venha, entra aqui. Eu nunca deixo ninguém entrar na minha casa, é muito pequena e apertada, mas fiquei de olho em ti a tarde toda, e vi que és da nossa gente. Quero te mostrar a minha arte.*” E ela me mostra sua renda de bilo, um pássaro azul. E eu, tomada pela emoção só sabia agradecer por tudo que tinha vivido. Ela pega em minhas mãos e diz: “*quando você voltar, no tempo que for, vou pegar nas tuas mãos e te ensinar a renda de bilo*” (SANTOS, 2020, p.124).

A presença da força está na criação dos filhos, que desde cedo tiveram que conviver com brutalidades como o preconceito racial, esse vindo por vezes de quem deveria ser um exemplo para a formação humana, e em outras vezes da comunidade branca do bairro. Nas falas, as memórias de ser um remanescente quilombola levou os entrevistados a recordarem o período escolar em que conviveram com o preconceito e com a desinformação e o estigma do que foi o período de escravidão no Brasil:

[...] sabe? Toda a nossa história passando fome, todo o nosso histórico na escola dos professores, né? Não quererem chegar perto da gente. Da gente chegar morrendo de fome, suado, sabe? Disso tudo é... Acaba dentro de nós acabamos usando uma certa revolta do pessoal do Rio Vermelho, os meninos não se interessaram por nós porque nós era negra, nós era pobre e na escola a gente só ser escolhido na educação física. Tirando educação física, nós não tínhamos serventia para mais nada... [...] o meu irmão sempre dizia quando tinha aula de história a gente nem ia porque eles falavam da escravidão e meu irmão disse assim ó! "Meu Deus, eles falam dos escravos como se os escravos ficaram sendo escravos porque eles queriam", sabe? E essa... essas aulas, a gente se até faltava a gente não gostava de ir se pudesse dizer assim "ah, vamos matar essa aula", a gente matava ela mesmo... [...] se tu for analisar, até alguns anos atrás podiam chamar a nós de "macaca" "Ah, seus macacos. Ah, suas preta fedida. Ah, sua não sei o que", poderiam chamar nós. Dos nossos filhos no caso do meu filho para cá que não pode mais tanto que ele nunca passou por essa situação na escola...

E é sob essa ótica que também chega até eles a percepção da branquitude no Estado. Na compreensão de que as suas características físicas não correspondem ao que é idealizado para um estado no sul do país, em que:

[...] Pensa bem, é, muitos anos atrás, uma pessoa negra para soltar o cabelo, ela não fazia isso... Todo mundo, hoje tu vê aqueles blacks enorme porque alguém fez, alguém lutou, alguém levantou a bandeira e o fato da comunidade quilombola ter toda essa visibilidade (**não compreendido**), quase todo mundo vê Florianópolis como lugar de Xuxa, Gustavo Kuerten e vários e vários...

As mazelas são inúmeras, mas elas não contiveram os descendentes a uma condição de conformação:

[...] lá tem uma comunidade... Lá em Florianópolis, que é escrava de padre tá lutando pelo seu território, lá são mulheres, são crianças. Retomaram as terras, sabe? Foram e retomaram... [...] Eu acho que o incentivo vem disso, de tu não tem vergonha de dizer que tu é descendente de escravo porque antes isso era motivo pra se envergonhar.... "ah, eu vou dizer que sou descendente de escravos..." (**não compreendido**) a gente, não. A gente tem orgulho pela luta deles, a gente tem orgulho pelo todo exposto que o meu avô fez de, né?... querer morrer aqui... [...] e a terra que o vô perdeu, como que fica? que ele ficou super triste, dizia que um dia nós iríamos, né, conquistar essa terra, que ele não iria ver, mais nós viríamos, né? E como é que fica?

E nesse contexto, seguido da perda de um ente familiar que morreu em busca de terras para reunir a família, desde 2013, as irmãs Shirlen e Helena, filhas de Dona Jucélia, trinetas de

Vidal e Maria Rosa, estão lutando pela titulação de posse das terras na qual seus antepassados viveram. O processo em busca da titulação das terras foi um verdadeiro trabalho de detetive realizado pelas irmãs, elas partiram apenas com as informações advindas das memórias do avô, mãe e tios. Desse ponto em diante, as duas garimparam em toda Florianópolis dados que comprovassem as memórias dos seus antepassados.

[...] daí um dia eu e a Helena estávamos conversando, assim, que ele⁵⁶(pai da Ellen, filha de Helena) morreu e tal... a gente pensou: pô! Nós moramos num espaço tão pequeno, nós temos os nossos filhos, daqui amanhã os nossos filhos vão sair daqui para tentar buscar um local onde seja grande e vai que acontece com eles tudo o que aconteceu com o pai da Ellen, a gente pensou: pô! O vô tem tanta terra, porque a gente já sabia da história do Parque que eles tinham morado aqui que eles tinham convivido aqui, daí a gente já sabia. Daí a gente pensou: pô! mas prescreveu, né? Faz tantos anos que prescreveu. Será que não tem nada? Daí a gente começou, né? A Helena começou a busca nos cartórios e eu comecei pela questão da documentação. E daí um dia a Helena conversando com o cara chamado Marco, ele falou dos quilombos, falou das comunidades quilombolas, "ah, os negros estão, né, reivindicando suas terras", ela perguntou o que era ... dai ela foi lá no Irasque (antigo instituto da reforma agrária de Santa Catarina) lá próximo o Incra tem o Irasque lá. E ela foi pegar os documentos do vô, ela encontrou um tal de Marcos Rodrigues e ele falou dos quilombos e mandou ela pro Incra. Chegou lá no Incra, ela falou com o Marcelo, que é o antropólogo, ela falou com o Japa, o Marcelo que começou a explicar né? E o Marcelo fez uma visita até a comunidade e começou a explicar para gente, daí a gente pegou e falou do quilombo, né? O que a gente é compartilhamos.... que o vô perdeu a terra na época do golpe militar, ficaram sem nada, o vô teve que viajar para o Rio Grande para continuar aqui porque não queria ir embora porque foi aqui que os ancestrais dele morreram e a gente resolveu a gente se juntou e mandamos uma autodeclaração para a Fundação Cultural Palmares, que foi até a comunidade, visitou a comunidade, ouviu a história, olhou a documentação e deu tempo a daí veio a certificação, é da comunidade, mas esse estrago deu devido tudo o que aconteceu com ele (pai da Ellen), sabe? A gente não querer que acontecesse isso com os nossos filhos porque até pra nós por enquanto não tá tudo bem. Até uma hora que tu acorda tá bom para mim, mas as minhas próximas gerações que vão vir, como fica?

⁵⁶O ex-companheiro de Helena, pai de sua filha, foi encontrado morto em causas desconhecidas, ele estava trabalhando para trazer a sua família de Minas Gerais para viverem todos juntos, ele buscava pela união da sua família, mas, infelizmente, não concretizou esse desejo.

Quanto à certificação de comunidade que se autodeclara como comunidade remanescente quilombola, essa saiu na edição n. 208, de 2013, do Diário Oficial da União, nas páginas 18 e 19, como constam nas imagens a seguir.

Portaria de certificação de comunidades que se autodefinem como remanescentes de quilombo

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2013).

Transcrição: Fundação Cultural Palmares portaria N° 176, de 24 de outubro de 2013. O Presidente da Fundação Cultural Palmares no uso de suas atribuições legais conferidas pelo artigo 1º da lei nº 7.668 de 22 de agosto de 1988, em conformidade com uma Convenção N° 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004, o Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, 1º e 2º do artigo 2º e 4º do artigo 3º e Portaria Interna nº 98 de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União nº 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, resolve:
Artigo 1º REGISTRAR no Livro de Cadastro Geral nº 16 e CERTIFICAR que, conforme a declaração de Autodefinição e o processo em tramitação na Fundação Cultural Palmares, as comunidades a seguir SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO:

Página do DOU em que consta o numa da comunidade Vidal Martins

Nº 208, sexta-feira, 25 de outubro de 2013	Diário Oficial da União - Seção I	ISSN 1677-7042
		19
<p>COMUNIDADE DE VIDAL MARTINS, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.987, fl.006 - processo nº 01420.00375/2012-41.</p> <p>COMUNIDADE DE ALFREDO, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.988, fl.007 - processo nº 01420.00359/2012-15.</p> <p>COMUNIDADE DE BENTO GONÇALVES DOS MACHOS, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.989, fl.008 - processo nº 01420.00359/2012-16.</p> <p>COMUNIDADE DE BOA ESPERANÇA, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.990, fl.009 - processo nº 01420.00398/2013-99.</p> <p>COMUNIDADE DE BOA VISTA, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.991, fl.010 - processo nº 01420.00359/2013-14.</p> <p>COMUNIDADE DE CAMPÔ ALGORE, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.992, fl.011 - processo nº 01420.00359/2013-11.</p> <p>COMUNIDADE DE MELINDRO, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.993, fl.012 - processo nº 01420.00359/2013-12.</p> <p>COMUNIDADE DE MOCAMBO, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.994, fl.013 - processo nº 01420.00359/2013-17.</p> <p>COMUNIDADE DE SARANDI, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.995, fl.014 - processo nº 01420.00359/2013-18.</p> <p>COMUNIDADE DE ANTARE, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 1.996, fl.015 - processo nº 01420.00359/2013-53.</p> <p>COMUNIDADE DE CORREDOR DOS MUNHOS, localizada no município Lavaes da Serra, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.019, fl.016 - processo nº 01420.01015/2013-57.</p> <p>COMUNIDADE DE VIDAL MARTINS, localizada no município de Bento Gonçalves, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.020, fl.017 - processo nº 01420.00375/2013-18.</p> <p>COMUNIDADE DE CARMO DO MARIJANIM, localizada no município Maraponga, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.021, fl.018 - processo nº 01420.00944/2013-11.</p> <p>Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação:</p> <p style="text-align: right;">JOSE HILTON SANTOS ALMEIDA</p> <p>INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL E PLACARIZAÇÃO CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA</p> <p>PORTARIA Nº 56, DE 24 DE OUTUBRO DE 2013.</p> <p>I - DIRETORA DO CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, DEPLACARIZAÇÃO E FISCALIZAÇÃO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN, no uso de atribuição que lhe confere o artigo 1º, inciso II, da Lei nº 10.639, de 2002, e o artigo 1º, inciso VIII, art. 17, Anexo I, do Decreto nº 6.844, de 2000, que institui o Programa de Preservação e Valorização do Patrimônio Histórico e Arqueológico - PPVAP, e o artigo 1º, inciso VIII, art. 17, da Lei nº 12.317, de 2010, que institui o Programa de Recuperação e Valorização das Áreas de Implementação da Placarização - PRVAP, bem como o artigo 1º, inciso VIII, art. 17, da Lei nº 12.317, de 2010, que institui o Programa de Recuperação e Valorização das Áreas de Implementação da Placarização - PRVAP, resolvendo:</p> <p>II - Determinar a Superintendência do IPHAN os termos de alienação, bem como a forma de pagamento das remunerações das trabalhas, inclusive no que diz respeito ao destíno e à guarda do material colhido, assim como das peças de preservação e valorização.</p> <p>III - Conceder a todas as presentes permissões, autorizações e renovações à apresentar, para todos os arqueólogos e técnicos que se enquadrem nos finalistas da chamada Portaria, comprovando que não existem outras permissões ou autorizações anteriores ou que sejam incompatíveis com aquelas exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, os seguintes considerandos dos projetos de pesquisa arqueológica:</p> <p>a) - Permissão para a realização de escavações arqueológicas e levantamentos topográficos e geodêsmicos;</p> <p>b) - Permissão para a realização de escavações arqueológicas e levantamentos topográficos e geodêsmicos;</p> <p>c) - Permissão para a realização de escavações arqueológicas e levantamentos topográficos e geodêsmicos;</p> <p>d) - Permissão para a realização de escavações arqueológicas e levantamentos topográficos e geodêsmicos;</p> <p>e) - Permissão para a realização de escavações arqueológicas e levantamentos topográficos e geodêsmicos;</p> <p>f) - Permissão para a realização de escavações arqueológicas e levantamentos topográficos e geodêsmicos;</p> <p>IV - Declarar e quaisquer outras matérias provenientes das presentes permissões, autorizações e renovações, que a geração do IPHAN, conforme Marco e Manual de Aplicação disponibilizado no endereço eletrônico: www.iphan.gov.br.</p> <p>V - Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação:</p> <p style="text-align: right;">ROSEANA PINHEIROS MUNDIM NAJAR</p> <p>ANEXO I</p> <p>01 - Processo nº 01512.000009/2013-42 Projeto: Diagnóstico Arqueológico Provisório no Litorâneo Chácaras II - Bento Gonçalves, no uso de implementação das demandas de licenciamento e regularização de terras.</p> <p>Arqueólogo Coordenador: Sérgio Célio Klein Apresentação: Núcleo de Estudos e Pesquisas e Memória - UFRGS Data de Abertura: 01/03/2013 Prazo de validade: 01 (uma) meses</p> <p>02 - Processo nº 01512.00209/2013-45 Projeto: Diagnóstico Arqueológico Provisório e Programa de Preservação e Valorização - PRVAP - no uso de implementação das demandas de licenciamento e regularização de terras.</p> <p>Arqueólogo Coordenador: Sérgio Célio Klein Apresentação: Núcleo de Estudos e Pesquisas e Memória - UFRGS Data de Abertura: 01/03/2013 Prazo de validade: 08 (oito) meses</p> <p>03 - Processo nº 01420.00308/2013-55 Projeto: Diagnóstico, Arqueológico Interventivo da Unira Edifício VILA VEIA PA IV</p> <p>Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico http://www.in.gov.br/arquivos/001/, pelo código 0001020130250001.</p> <p style="text-align: right;">Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil</p>		

Fonte: Fundação Cultural Palmares (2013).

Transcrição: COMUNIDADE DE VIDAL MARTINS, localizada no município Florianópolis/SC, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro n.2.020, fl.039 - processo nº 01420.005775/2013-16.

O certificado emitido pela Fundação Cultural Palmares atestando a comunidade como remanescente quilombola foi realizado em tempo bastante hábil. A data de abertura do processo aconteceu no dia 6 de março de 2013 e foi certificada em 25 de outubro de 2013, devido à massiva documentação que comprovava a narrativa dos descendentes quilombolas. A imagem a seguir consta o certificado emitido pela fundação Palmares.

Certificado de Autodefinição

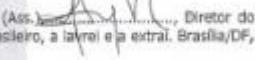


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.867 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.005775/2013-16 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE DE VIDAL MARTINS**, localizada no município de Florianópolis/SC, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 016, Registro nº 2.020, fl.039, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP nº 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União nº 228 de 26 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO**.

Eu, **Alexandro Anunciação Reis**, (Ass.), , Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a faço e fa extrai. Brasília/DF, 21 de outubro de 2013.

O referido é verdade e dou fé.


José Hilton Santos Almeida
 Presidente
 Fundação Cultural Palmares - FCP

SEAD/DG/RRN/Notas - Lote 1 - Ed. ATF - Brasília/DF
 CEP: 70000-002 Fone: (61) 3424-0302 site: www.almeida.gov.br

Fonte: Quilombo Vidal Martins (2013).

O fato de a certificação ter sido rápida não significa que foi um processo simples ou fácil, nem mesmo que garante a comunidade a posse de suas terras. Ao contrário, no ano de 2013, inicia um árduo processo em busca da restituição das terras quilombolas no Rio Vermelho. Com muito tino e perseverança, Shirlen e Helena atuam como detetives da sua própria história e passam a investigar os vestígios dessa história:

[...] não, com facilidade não. Pelo fato de como ser coisas antigas e fala de terra é... todo mundo fica com receio né? Terra de quem o que quer porque que quer? E os livros também eram letras de padre, então era umas letras horrível de se ler, a gente teve que aprender a ler aquela letra com muita dificuldade e toda vez que a gente encontrava um documento... a primeira vez primeiro a gente não sabia dos livros, né? A gente procurou não achou então a Helena se enfiava dentro dos cemitérios para procurar o nome das pessoas para ver se tinha algum conhecido, ela foi lá para Trindade, encontrou lá família Vidal, né? Que tem bastante

Vidal lá e começou a falar assim “eu encontrei esse, eu encontrei aquele” e depois a gente encontrou um site⁵⁷, depois a gente foi nos livros da intendência, sabe? Mas, assim, tudo com muita dificuldade, a gente foi no centro, ali na... Ai meu Deus ali do lado do Colégio Catarinense, ali que dos padres (Arquidiocese de Florianópolis, Localizada na rua Esteves Junior, próximo ao Colégio Catarinense)... [...] Isso, é então a gente foi ali e para a gente era muito complicado porque todas as certidões eram pagas, nenhuma eram de graça, então as vezes a gente ia para o centro ou a gente comia ou a gente tirava certidão e nós passamos por muitas dificuldades porque, imagina, cada uma era paga, era muito escravo, era muito escravo, a gente não encontrou pouco, a gente encontrou muito e nós tivemos que tirar. Todas aquelas certidões e mais assim foi super difícil pelo fato da letra, do acesso, de como é de esconderem documentos, que nem o documento de terra, por exemplo, tava dentro do livro da Igreja Católica que está escondido no lugar aqui, é em Santa Catarina. Ou seja, a gente teve acesso por conhecimento tal, mas o livro de todas as terras de Santa Catarina é tão escondidos, a Igreja Católica que registrou em 1845, os padres pegaram e começaram a registrar, né? As terras que tinham porque daí Portugal, né? O Brasil se tornou Independente de Portugal. Já não existia mais aquelas seis marias tal... enfim. E daí começou a nova lei de terras para os negros não terem acesso também, estas terras a igreja começou a transcrever quem que tinha quem que não tinha e numa dessas o senhor do Vidal Martins mais a madrasta deles declararam terras ali que é bem a terra onde fica o parque, né? Declararam, mas assim foi muito difícil assim a parte mais... uma das partes mais difícil foi a documentação, pela tristeza em si, né? Que tu ver ali que a tua tataravó escrava. Escrava de um padre que deveria libertar, né? Que prega o amor de Cristo tu ver as meninas, as meninas, né? As filhas do Vidal terem filhos com 11 anos de idade. Ele já se bisavô então assim é... era triste entende? É triste, é muito revoltante, mas ao mesmo tempo saber de todas, né? A luta deles de todo esforço em sobrevivência, tá? Em sobreviver e tal é foi nosso para mim foi uma das partes mais difícil ficar acordada bater perna nós batemos muito a perna. Nossa, como nós batemos perna que para juntar tudo que a gente juntou nós levamos meses e meses e meses...

Com certeza, o trilhar das irmãs na busca por fatos que comprovasse as histórias dos antepassados foi cheio de empecilhos. As demandas com custos, locomoção e até o cansaço se fizeram presentes. Entretanto, a força dos seus as mantiveram firmes nesse trilhar. Que a cada dia, semana, mês e ano ganham notoriedade e alcançam os lugares mais destintos da sociedade.

⁵⁷ O FamilySearch é o site ao qual se referem, trata-se de uma organização internacional, sem fins lucrativos, dedicada a ajudar as pessoas a descobrir sua história da família. A Arquidiocese de Florianópolis cedeu uma enorme quantidade de arquivos ao site, para que as pessoas encontrem as informações desejadas e se for de interesse podem solicitar a transcrição do arquivo na Arquidiocese, que é um serviço pago.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO DOSSIÊ

São oito anos desde que toda a comunidade vem se mobilizando e mobilizando, também, outras pessoas através do compartilhamento de suas memórias. Compartilhando períodos da história de Florianópolis, compartilhando cultura, compartilhando exemplos de força e residência. Exemplos da força feminina negra que foram capazes de mostrar para toda uma sociedade fatos de um passado que por muito tempo foi silenciado.

Sentada diante da avó Jucélia, conheci pedaços de vidas entrelaçados por rendas de bilro (vindas das mãos escravas e feitas com espinhos) e na sua sabedoria diz: “se você quer mesmo conhecer nossa história, precisa primeiro pisar em nossas terras ancestrais, só sentindo para entendê...” Olhou para a filha e a sobrinha que nos acompanhavam, e disse somente: “vão!” E pelas mãos das duas, fui levada para conhecer as terras Quilombolas, distantes dali alguns quilômetros. Caminhávamos, as três mulheres, na beira do asfalto, no acostamento estreito. Seguíamos em fila indiana e em silêncio, uma composição de tempo, pensamento e passos firmes. Entramos nas terras que vigoram em processo de titulação, e algo me tomou por completo. Sem entender, chorei. Algo ali tomava uma proporção maior do que eu imaginaria, as duas contavam o que ali existia, pisávamos no que tinha sido a senzala, o cemitério, da vida que ali existira e também das mortes. E, quando me viram em lágrimas, pararam de falar. E uma delas disse: “Veja ela sentiu, ela sabe da ancestralidade, ela de algum jeito já teve aqui.” (SANTOS, 2020, p. 124)

E nessa mobilização, a comunidade Vidal Martins ganha notoriedade. Desde 2013, a comunidade já foi manchete várias vezes em reportagens. Nem sempre a mídia a aborda de forma imparcial ou justa, mas a aborda, e como apontado nas narrativas:

[...] lembrarem que a gente existe. Porque quem não é visto não é lembrado.

Observemos algumas das manchetes em que o Quilombo é referenciado:

Matéria do Diário Catarinense na semana da Consciência Negra



Fonte: Bastos (2015).

Matéria do ND+ Notícias sobre o prazo para a demarcação de terras

The screenshot shows a news article from the ND+ Notícias website. The header features the ND+ logo and a navigation bar with links like 'Notícias', 'Santa Catarina', 'Olimpíadas', 'Diversão', 'Show Me', 'Futebol', 'Cotidiano', and 'Bloco'. Below the header is a banner for 'ecossistema anima' with a man's face and the text 'TRANSFERÊNCIA E NOVA GRADUAÇÃO'. Another banner on the right offers a 35% scholarship for Unisul. The main title of the article is 'Incra tem 30 dias para demarcar quilombo em Florianópolis'. The text below the title states: 'A Justiça Federal de Santa Catarina estabeleceu o prazo para que o procedimento de demarcação na comunidade quilombola de Vidal Martins seja concluído'. At the bottom left is the 'REDAÇÃO ND, FLORIANÓPOLIS' and the date '23/12/2020 ÀS 16H24'. On the right are social media sharing buttons for WhatsApp, Facebook, Twitter, and LinkedIn.

Fonte: ND+ Notícias (2020).

Matéria do Jornalistas Livres sobre a violência sofridas pelos remanescentes

The screenshot shows a news article from the Jornalistas Livres website. The header includes the logo 'JORNALISTAS LIVRES' and a search bar. The main title of the article is 'Quilombo resiste à violência em área turística da Ilha de Santa Catarina'. Below the title is a small text 'por Jornalistas Livres • 18/08/2018'. Underneath the title is a photo of two elderly people, a woman with glasses and a man with a headwrap, standing outdoors near a body of water. A caption at the bottom of the article reads: 'Descendentes de escravos lutam para garantir direito à terra de primeira comunidade quilombola reconhecida em Florianópolis. Foto: arquivo Quilombo Vidal Martins'. Below the photo are social media sharing buttons for Twitter, Facebook, and LinkedIn.

Fonte: Zanotto (2018).

Matéria no NSC Total referente a incêndio no Parque

The screenshot shows a news article from NSC Total. The title is "Bombeiros são impedidos de passar para conter incêndio no Parque do Rio Vermelho, afirmam comandante e IMA; entidade quilombola nega". The author is Renato Igor, dated 15/03/2020. The article includes a photo of a firefighter with a red banner reading "#VOOPELAVIDA" and a photo of Renato Igor. A sidebar for Renato Igor provides his bio and social media links.

Fonte: Igor (2020).

Matéria no ND+ sobre a história do Quilombo

The screenshot shows a news article from ND+. The title is "Descendentes de escravos do século 18 formam o primeiro quilombo de Florianópolis". It features a photo of two lions and a quote: "Bioparque catarinense é referência de sustentabilidade no Brasil e no mundo". Below the title is a subtext: "Quilombo Vidal Martins fica na localidade do Porto, no Rio Vermelho". The author is EDSON ROSA, FLORIANÓPOLIS, dated 19/08/2014. The article includes a historical document snippet: "Esta é a história de Vidal Martins, escravo nascido no Rio Vermelho em 1845, 26 anos antes da Lei do Vento Livre (1871). Filho de Joanna e de pai desconhecido, neto de Jacinta, negra trazida da África em meados do século 18, Vidal morreu em 1910, aos 65 anos, casado com a costureira".

Fonte: Rosa (2014).

E nesse processo a comunidade alcança reconhecimento, principalmente pelo entorno da sua área, no bairro do Rio Vermelho. Agora, muitos sabem que ali tem um quilombo, que ali tem um grupo reivindicando a posse das suas terras. A luta, agora, não é mais só dos

remanescentes, nesse período, a comunidade formou uma rede social que lhes trouxe outros dispostos a lutar pela causa.

Contudo, a visibilidade da comunidade também foi observada por grupos que, ou por desconhecerem a história da comunidade ou por simplesmente serem pessoas racistas e concluírem, erroneamente, que a comunidade é um lugar de gente inferior, são avessos à possibilidade de as terras serem entregues para a eles.

[...] o que acontece é aquilo que o pessoal do Rio Vermelho primeiramente é... eles jamais, né? Que nem eles dizem que os negros invadiram as Universidades, eles vão querer que nós negros tenhamos o poder aquisitivo tão grande, né? E reconstrua a nossa história? E o Rio Vermelho, como eles são descendentes daqueles que escravizaram a nossa família, é óbvio que eles não vão. Jamais! Tentar a questão quilombola porque tá no sangue deles grita ali no sangue deles, mesmo sem eles perceber e muito deles tiveram pessoas da nossa família, né? Que foram é escravizado por pessoas da família deles [...] é mais a gente entende que no Rio Vermelho essa coisa porque eles pensam... uma comunidade que vivia lá embaixo pobre chamado de favela de ninguém. Não tem nada miserável e de repente essa comunidade acorda e começa a lutar pelos seus direitos que antes eram uma área que não tinha valor, que ninguém quis, não havia interesse, é pelo fato de ser uma área com dunas com muita água difícil, sabe? E de repente essa área ela se modifica totalmente e ela passa a ter um valor enorme porque na frente tem uma lagoa, atrás tem um mar, dentro de uma área de preservação e a gente sai e começa a dizer "olha nós somos descendentes de escravos", né?... Que nem eu vi na semana passada um cara dizendo "ah, será que eles vão devolver aquele terreno que eles ganharam em troca, do Estado, pelas terras" daí o outro botou assim em baixo "ah, mas como é que tu sabe dessa informação?" "ah, porque a gente conhece a família Vidal na época da reforma agrária não sei o que...", só que a história não é essa, a história é que houve o golpe, sim, e que a gente não recebeu terreno nenhum, pelo contrário, a gente foi tirado e o vô teve que comprar um pedaço que tu viu. Daí eu fico pensando, assim, ele conhece a família Vidal, que somos nós, ele não conheceu Boaventura, ele não conheceu Vidal Martins, ele não conheceu Joana e ele não conheceu Jacinta. Ele não sabe da história dos nossos ancestrais. Então, o que ele sabe até e um pontinho ali deu! Acabou! Sabe? Por isso que eu digo, eu vejo que muitas pessoas são favoráveis, mas muitas pessoas principalmente as pessoas brancas, né?... Elas não aceitam, jamais vão aceitar, (incompreensível) bem para o Rio Vermelho e eu fico pensando.... Mas no ponto de vista eles não querem saber da gente aqui não, não vejo isso...

E assim se dá a relação da comunidade com o bairro, alguns apoiam, outros nem tanto, mas isso não atrapalha na perseverança que continua, os obstáculos surgem e são contornados.

Há um bom tempo, o IMA e a comunidade travam uma batalha judicial em prol da titulação definitiva das terras, em várias instâncias a decisão foi favorável à comunidade, mas ainda assim, essa não obteve a titulação de posse em nome da comunidade. Esse seria um motivo para que os descendentes de Vidal e Maria Rosa desissem e se conformassem apenas com o que conquistaram até o momento, mas não para elas e eles.

Acontece que agora a luta vai além, a luta não só é importante para os Vidal, trata-se também de uma luta quilombola, e por isso, é uma luta de muitas outras comunidades remanescentes tanto em Santa Catarina quanto no Brasil.

[...] eu vejo que o fato, Kariane, da gente se reconhecer, não ter vergonha de gritar para o mundo, para o Brasil, que nós somos uma comunidade negra, que nós temos orgulho da luta dos nossos antepassados, sabe? E de nós levantarmos a bandeira com muita força, eu acho que isso contribui muito [...] Até o Marcos tava falando para mim que tinha uma família que queria se reconhecer, o BL também, devido à própria história da comunidade, viram, né? Tudo que a gente conquistou, tudo que a gente está lutando e queriam se reconhecer como quilombola, então de uma certa forma isso tem uma força, sabe? Isso acaba incentivando muita gente, de que dá para lutar, dá para acreditar naquilo que é teu. [...] Então, assim, é, eu vejo que se...o dia mesmo que a comunidade ganhar o título de terra vai bombar (risos)...

Essa luta é importante para outras comunidades quilombolas, é importante para toda a comunidade negra de Florianópolis, e também para a comunidade não negra. Essa luta é importante para todas e todos as/os Ellens, Shirlens, Helenas, Jucélias, Odílios, Izidros, Boaventuras, Vidals, Marias Rosas, Joanas e Jacintas, é de fato uma reparação que ainda tem muito a melhorar, mas essa é só o início de muitas outras. Por hora, Seu Izidro é honrado com as conquistas que os seus realizaram:

[...] E ele sabia! Ele deixou bem transparente para gente que ele não iria ver, ele já sabia que ele não iria ver. Mas ele falou que a nossa geração viria. Ele assim “eu não conquistei, mas eu sei que a geração de vocês vai, vai conquistar a terra novamente” e realmente foi a nossa geração, né? A nossa geração que foi para cima, brigou e, né? Acabou adquirindo novamente as terras, né? Tá lutando ainda por ela, né?

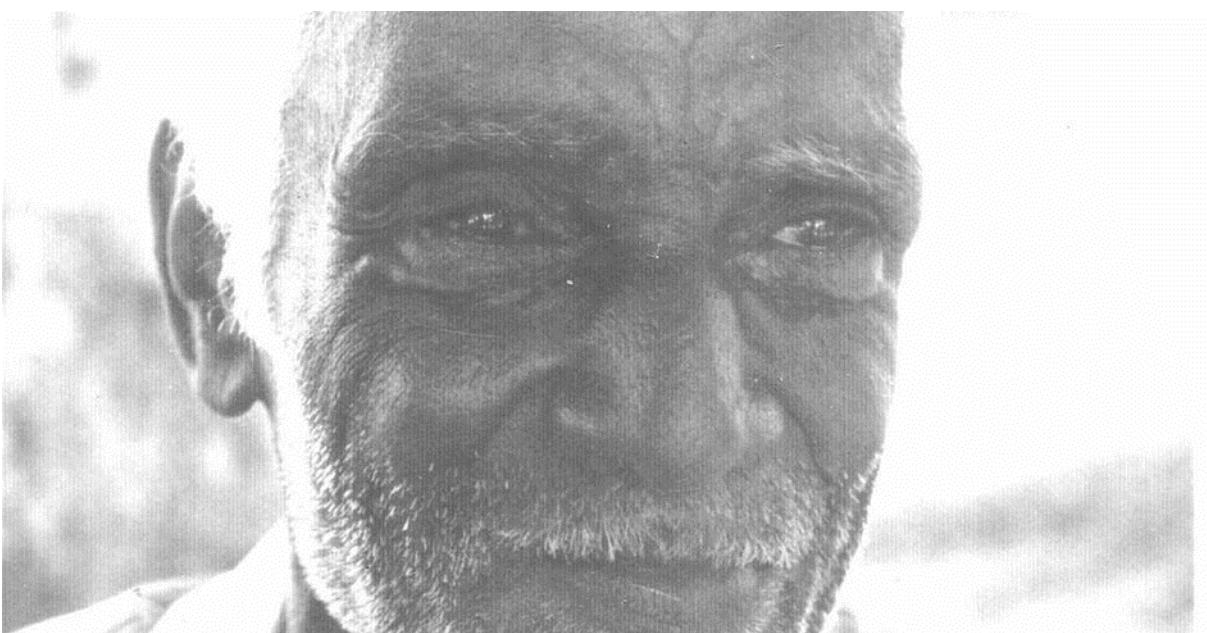
Na construção da história do Quilombo, tecido nas memórias de Jacinta, Joana, Vidal, Maria Rosa, Boaventura, Izidro e Beatriz, que majestosamente repassaram para seus descendentes, foi construído o presente dossiê. Este documento registrou e organizou as memórias e os documentos que retratam a história da comunidade em um único suporte, formando, então, um lugar de memória. Assim, tanto os remanescentes quanto os interessados podem conhecer sobre esse espaço, sobre essa comunidade e sobre uma história um tanto

desconhecida do município que se faz na importância de preservar a memória da comunidade Vidal Martins para a história de Florianópolis.

Assim, encerro esta seção com as seguintes falas, que representam as memórias da comunidade. Não são só as memórias de um povo que foi escravizado. Não! Porque não é a escravidão que representa o povo negro de Florianópolis, esse povo está representado porque, apesar de todas as adversidades, mantiveram-se, viveram e vivem, amaram e amam, resistiram e resistem e, o mais importante de tudo, seguiram e seguem ligados aos seus.

[...] eu vou defender essa história aqui com a minha vida! Eu vou defender essa história como se fossem eles que tivessem lutado hoje, porque eles lutaram nos anos passado. Eu vou defender para eles, eu vou defender por ele, sabe? Eu não vou deixar ninguém chegar dizer que a história da Joana foi insignificante, que a história da Maria Rosa, da Sabina, sabe? [...] então a nossa força vem também de toda a história deles, sabe? De todo o sacrifício deles, de tudo aquilo que o vô falava, da tristeza no olho dele, de querer dar para nós e não ter pra dar, mais sabia que tinha e não podia pegar mais. É uma certa raiva mesmo, Kariane, uma certa sede de justiça e de justiça feita. Sim! Era deles, é deles. Não era deles, é deles porque a Princesa Isabel e... é libertou os negros, ela esqueceu, né? De acertar o contrato trabalhista, né? Porque ela esqueceu, ela tinha que simplesmente dizer assim: pô! "eu libertei, mas cadê a rescisão desse povo?". Não teve rescisão. Então esse é só uma parte da rescisão...

Izidro Boaventura Vidal ★ 1914 †1989



Fonte: Quilombo Vidal Martins (2015).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma pesquisa científica, nos últimos anos, representa um ato de resistência a um sistema que tenta desmantelar ou desqualificar a ciência e a academia. Em tempos de pandemia, a ciência e a pesquisa passam por árduos contratempos. Realizar esta pesquisa durante a pandemia da COVID-19 foi fonte para muitas preocupações, não foi um dos trabalhos mais fáceis ter que lidar com as incertezas de um amanhã, já por natureza um mistério, porém marcado por uma doença que atinge o mundo todo.

Tanto para mim como pesquisadora quanto para a comunidade remanescente quilombola, as incertezas foram inúmeras. Por vezes, nos deparamos com as impossibilidades que este desconhecido nos trazia. Em um contexto mundial, as perdas de milhares de vidas nos assolararam com preocupações quanto à saúde de cada um e à saúde dos nossos.

Diante disso, o pensar na pesquisa/ciência por certo momento deu espaço para nossos conflitos internos. Por isso, chegar nesse momento com a pesquisa pronta vai além do ato de resistência mencionado, é uma vitória, um renascer, que dialogou com pesquisadora e pesquisados nesses últimos meses. E agora dialoga com o leitor/pesquisador, pois pesquisas com essa temática carecem de continuidade para as áreas da Biblioteconomia e da Ciência da informação.

As limitações provocadas pela pandemia fizeram com que alguns pontos fossem reconstruídos para atender aos objetivos propostos. Limitamos os números de entrevistados, realizamos entrevistas por meios diferentes, as visitas em possíveis locais que constassem dados relevantes tiveram que ser tratadas de forma virtual e daí por diante. Contudo, tais limitações não impediram alcançar o que realmente nos motivava para a composição deste trabalho.

A principal motivação/objetivo geral da pesquisa, mediante a análise e construção dos objetivos específicos, teve êxito em atingir ao objetivo geral, que é o de: registrar e organizar as histórias e memórias do Quilombo Vidal Martins, em Florianópolis, na forma de um dossiê, que possa contribuir para caracterizar e garantir aos remanescentes da Comunidade e à sociedade um “lugar de memórias”. Alcançando ao objetivo geral, esta análise realizada também respondeu ao problema de questionamento central desta pesquisa, que era de identificar quais os registros informacionais existentes sobre as histórias e memórias da comunidade remanescente quilombola Vidal Martins. Os registros informacionais referentes à comunidade, como observado, foram diversos e em diferentes fontes de informação, entre eles: os trechos das narrativas coletadas por entrevistas; documentos oriundos de arquidioceses; as notificações

publicadas pelo DOU; documentos obtidos no arquivo público do Estado; documentos em posse da comunidade; e diversas notas jornalísticas referentes à comunidade estudada.

Assim, foi construído o dossiê da comunidade Vidal Martins. Este dossiê está composto pelos dados coletados na pesquisa, em uma configuração onde narrativas e documentos se contemplam um ao outro, sem contradições. O dossiê se constitui enquanto um arquivo de memórias da comunidade, contribuindo para ancorar o registro de experiências cotidianas e históricas na luta por direitos e dignidade. Principalmente porque foi construído com eles, são as narrativas dos atores que protagonizaram a história que compuseram essa construção.

Nesse lugar de memórias construído de narrativas, é tecida uma rede com dados e evidências que estão entrelaçados com a história da comunidade, de Florianópolis e do Brasil. Como exemplo, temos a empreitada florestal que tragicamente devastou a vegetação nativa, bem como a fauna local. Nessa tentativa de contenção de dunas naturais, aquele espaço foi todo modificado, entretanto, gerou problemas que atualmente ambientalistas e engenheiros florestais tentam reparar. Nesse sentido, a história da comunidade está diretamente ligada a um acontecimento de conhecimento no mínimo estadual.

A história da comunidade também está diretamente ligada a um outro fato, agora em âmbito nacional, como a ditadura, imposta no ano de 1964. O país, bem como Florianópolis, passa para um estado de constante vigilância. Nesse momento, é curioso se pensar que o Estado reconhece os remanescentes, quando, ao retirarem eles das terras, informam que essas pertenciam aos que foram escravizados e apenas a eles. Nesse sentido, o Estado tinha conhecimento dessas pessoas, só não tinha interesse por elas, e em um plano de higienização e branqueamento racial e cultural os expulsa do espaço. Afinal, não era de interesse para o Estado reconhecer que a Cidade de Floriano⁵⁸ foi construída por mãos negras.

Além do golpe de 1964, podemos observar contextos muito relevantes na história do Quilombo sobre o que foi a história política do país. Quando Izidro vota sob coação, ou melhor dizendo, o voto de cabresto, como poderia ele, um descendente de escravizado, contrariar os desejos dos coronéis locais, aliás essa era uma prática que regeu a política do país por muito tempo, mantendo-os no poder por muito tempo. Ainda hoje, vislumbramos partidos que foram formados nesse sistema e estão em plena saúde política, gozando da herança de seus antecessores.

⁵⁸ Florianópolis significa cidade de Floriano. O nome foi dado em homenagem ao marechal Floriano Peixoto, o então presidente da República, em 1894.

Outra ligação da comunidade com a história nacional é a composição de um quilombo e as suas representações. A comunidade Vidal Martins é um território quilombola urbano, que possui uma identidade cultural quilombola, de comunidades no sul do país.

Nas narrativas dos entrevistados, foi possível identificar um problema social de nível global, quando relatam sobre o racismo sofrido dentro do ambiente escolar, vindo desde colegas até professores. Além do racismo, o constrangimento durante as aulas em que a história de seus antepassados era representada de forma fragmentada, invisibilizando a cultura e identidade negra. Ou simplesmente marginalizando-a.

Nesse sentido, a presente pesquisa se faz muito importante para esta autora, que também cresceu no mesmo contexto escolar, em que a história negra africana foi silenciada e/ou marginalizada. Sendo o negro apenas referência para o escravizado, o capitão do mato, a mulata, a cozinheira ou, em um olhar mais otimista, o jogador de futebol ou o pagodeiro.

Por isso, faz-se necessário que as escolas de Florianópolis integrem em seu conteúdo curricular a história da Comunidade Vidal Martins. Está no momento de evidenciar outros personagens da história, e com isso combater o racismo estrutural e institucional.

Além da importância da história do Quilombo dentro das escolas, divulgar essa história é importante também para outras comunidades negras, sendo elas quilombolas ou não, para se reconhecerem, pois sempre que um grupo se enaltece, outro se reconhece, e assim construímos uma identidade de orgulho, afirmação e admiração quanto às nossas origens e aos nossos traços raciais. Além disso, contribui para as pautas quilombolas e indígenas que arduamente lutam para manter suas terras e por políticas públicas em prol de saúde, educação e território. Assim como, pensar em relações raciais implica que aos não negros o conhecimento acerca das histórias das populações negras contribui para a própria ampliação de seus olhares sobre o mundo e o questionamento da branquitude.

A presente pesquisa evidenciou a presença feminina. A força do matriarcado presente nas narrativas, na autoridade e autonomia exercida pelas mulheres da comunidade reflete a potência feminina negra. Essa presença se faz desde mulheres privadas do convívio com seus filhos e da sua liberdade arquitetarem maneiras de seus laços consanguíneos não se perderem mesmo nas adversidades da escravidão.

A presença e força se faz quando uma mulher fica sozinha responsável pelo lar, e pelos filhos enquanto o marido vai para longe trabalhar. Essa força feminina está quando uma mulher se nega a receber ordens de “homens no poder” ao rasgar o seu título de eleitor para não votar em seus carrascos. Existe presença feminina igualmente na pesca e na confecção da renda de bilro, que foram e ainda são de onde tiram o seu sustento.

Por isso, através dessa força feminina que as mulheres do Quilombo hoje vêm lutando para reivindicar o que é seu, por uma dívida histórica e de certa forma fazer justiça aos seus antepassados. Dessa maneira, quando nos relatos fazem menção ao umbigo enterrado nas terras, estamos falando de um lugar de pertencimento que lhes foi roubado. Assim, essa luta é por reconhecimento e, também, por pertencimento.

Por fim, espera-se que esta pesquisa sirva como sugestão para futuras pesquisas com essa temática, dando continuidade. Em vista disso, tanto a Biblioteconomia quanto a Ciência da Informação podem contribuir para essa pauta, atuando na manutenção e disseminação dessas histórias e/ou tirar histórias como esta da invisibilidade e do silenciamento de uma estrutura racista dentro e fora das áreas.

REFERÊNCIAS

- A RETOMADA do território quilombola Vidal Martins. Comissão Enraizadora ERGA. [S. l.], 2020. 1 vídeo (1:50:41). Disponíps://www.youtube.com/watch?v=zT49G7YANOU. Acesso em: 07 set. 2020.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 61p. ISBN 9788535932539 (broch.).
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236p.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 319. ISBN: 978.85.359.1401.6.
- ANCIB (Rio de Janeiro). **XI Encontro ENANCIB**. 2014. Disponí/enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib. Acesso em: 02 jun. 2020.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. São Paulo: KMA, 2018. 132p.
- ARAUJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n. 1, 2015. Disponítp://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23206. Acesso em: 28 abr. 2020.
- ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. Quilombos Maranhenses. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 433-466.
- AYA. **Biblioteca AYA**. 2021. Disponíratorio.com/sobre/. Acesso em: 01 ago. 2021.
- BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 2, p. 32-47, 2016. Disponítp://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/50946. Acesso em: 28 abr. 2020.
- BARBOSA, Paulo Corrêa. **Quilombos, espaço de resistência de homens e mulheres negras – texto para reflexão com o/a professor/a**. MEC/SECAD. DF, 2005. Disponíositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216253/PLIT0832-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 set. 2021.
- BASTOS, Ângela (org.). Nobres herdeiras. **Diário Catarinense**. Florianópolis, nov. [2015]. Disponíps://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_nobres_herdeiras/index.html. Acesso em: 19 jul. 2021.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponí://drive.google.com/file/d/1Ud8UpjS7ENzxTeT3SwdcuYOZTxOlOKot/view. acesso em: 18 jun. 2020.

BERNARDINO- COSTA, Joaze.; GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016. Disponítp://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf Acesso em: 05 jul. 2020.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estud. afro-asiát.** Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002. Disponítp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-546X2002000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 de julhohttps://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200002.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Ana. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & Sociedade**, v. 27, p. 7- 16, 2017. Disp/periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31114/17408. Acesso em: 28 abr. 2020.

BLATTMANN, Ursula. **Fontes de Informação:** Primárias, Secundárias e Terciárias. 2015. Disp http://bib-ci.wikidot.com/fontes-primarias. Acesso em: 28 abr. 2020.

BOND, Rosana. Primeiro quilombo de Florianópolis: Luta pela terra desafia preconceito. **A Nova Democracia**. Rio de Janeiro, p. 1-1. 22 jun. 2019. Dispademocracia.com.br/noticias/11291-primeiro-quilombo-de-florianopolis-luta-pela-terra-desafia-preconceito. Acesso em: 28 fev. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de Velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das lestras, 1994. 484 p. ISBN 85-7164-393-8 (broch.).

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia Social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219 p. ISBN 8574801513 (broch.).

BOTEGA, Gisely Pereira. **Toca de Santa Cruz (SC):** tramas das mulheres negras, Quilombolas e yalorixás nos processos de socialização com as crianças. 2016. 186 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de PósGraduação em Educação. Disprepositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216253/PLIT0832-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 set. 2021.

BOTEGA, Gisely Pereira; LIMA, Patrícia de Moraes. Processos de socialização no quilombo Toca de Santa Cruz, do município de Paulo Lopes (SC): “Eu não sou da igreja, eu sou do terreiro”. **Revista Grifos**, v. 25, n. 41, p. 96-118, 2016. Dispo: file:///C:/Users/Kari/Downloads/3661-Texto%20do%20Artigo-12960-1-10-20170303.pdf. Acesso em: 09 mar. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição de 05 de outubro de 1988.** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Seção 8, p. 1-165. Artigo 68. Disp http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 fev. 2021.

BRASIL. Constituição (1996). **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 1996. Disp http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRASIL. Constituição (2003). **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências... Brasília, Disp http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRASIL. Constituição (2008). **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, Disp http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRASIL. Constituição (2012). **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências... Brasília, Disp http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. INCRA. **Editais divulgam regularização fundiária quilombola em Florianópolis (SC).** 2020. Dispttp://incra.gov.br/pt/editais-divulgam-regularizacao-fundiaria-quilombola-em-florianopolis-sc.html. Acesso em: 24 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Povos e Comunidades Tradicionais.** c2020. Disp <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BUCHELER, Roberta Soares. **Memórias Quilombolas–A história de uma comunidade de remanescente de quilombo no Sul de Santa Catarina.** 2017. Disprepositorio.ufsc.br/handle/123456789/189407. Acesso em: 20 fev. 2021.

CAPURRO, Rafael, HJORLAND, Biger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148 - 207, jan./abr. 2007. Disp <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em: 28 abri. 2020.

CARDOSO, Francilene. **O negro na biblioteca:** mediação da informação para a identidade negra. Curitiba, PR: CRV, 2015. 114p.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial eo branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010. Disps://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3235857. Acesso em: 16 jul. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Movimento Negro no Brasil: novos e velhos desafios. **Periódicos UFBA Caderno crh**, v. 15, n. 36, 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18633/12007>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia:** a longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume, 2006. 258 p. (Geografia e adjacências.). ISBN 85-7419-661-4.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, v. 16, p. 7-24, 2004.
Disp/periodicos.furg.br/biblos/article/view/125. Acesso em: 29 ago. 2020.

CONAQ; ISA. 2020. **Observatório da Covid-19 nos Quilombos.** Quilombo sem Covid-19. 06 jul. CONAQ. 2020. Direitos Quilombolas. Dispmbosemcovid19.org. Acesso em: 05 jul. de 2021.

COSTA, Iany Elizabeth da. Decolonialidade e movimento quilombola na Paraíba: diálogos possíveis. **XIX Encontro nacional de geógrafos**, João Pessoa, 2018.

COSTA, Rute Ramos da Silva; FONSECA, Alexandre Brasil. O Processo Educativo do Jongo no Quilombo Machadinha: Oralidade, Saber da Experiência e Identidade. **Educ. Soc.**, Campinas, 2019. v. 40. Disp http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302019000100600&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 fev. 2020.

CROCCO, Tonho. **Dívida.** Porto Alegre. Álbum Olelê, Ultramen, 2000. Di:
<https://www.youtube.com/watch?v=NjKTgoUDsnM>. Acesso em: 27 fev. 2020.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. NTU: introdução ao pensamento filosófico bantu. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, Ano 32, v.1, n.59, p. 25-40, 2010. Dem:
http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15998/1/2010_art_hcunhajunior.pdf. Acesso em: 23 jul. 2020.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 150, p. 84-100, 2013.
Dp://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/21122. Acesso em: 17 jul. 2020.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia.** Brasília: Briquet de Lemos, 2008. XVI, 451 p.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa:** una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. 80 p

DIAS, Kamila Gusatti; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. Memória Para Henri Bergson e Paul Ricoeur: Buscando Aproximações. **Poiesis Pedagógica**, v. 15, n. 2, p. 65-81, 2017l em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/50289>. Acesso em: 02 jun. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões**, n. 21, 2008.

FAMILYSEARCH. **O que fazemos.** c2021. Disponível em:
<https://www.familysearch.org/pt/about/>. Acesso em: 29 set. 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 275 p. (Broch.).

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira, Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo, Cia. Editora Nacional, 2008. 439 p.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendentes:** identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FLUSSER, Vilém. Metaescrita. In: FLUSSER, Vilém. **A escrita:** há futuro para a escrita?. São Paulo: Annablume, 2010. Cap. 1, p.17-24.

FREITAS, Patrícia. Algumas pistas sobre o negro no período colonial através da documentação do arquivo público do estado de Santa Catarina. **Ágora**, v. 16, n. 33-34, p. 58, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/13673>. Acesso em: 20 maio 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo, Global, 2003. 719 p. ISBN 85-260-0869-2.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 26-51.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Portaria No - 176, de 24 de outubro de 2013. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, ano 144, n. 208, p. 18-19, 25 de outubro de 2013. Disponível em:
<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=25/10/2013&jornal=1&página=18&totalArquivos=120> Acesso em: 31 jul. 2021.

GARCÊS, Franciéle; PIZARRO, Daniella. **Reflexões iniciais.** Florianópolis: 2020. 58 slides, color.

GELEDÉS. **O Que é Raça?** 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-raca/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

GIL, Gilberto. **Quilombo, o Eldorado negro.** 1984. Disponível em:
<https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/quilombo-o-eldorado-negro.html>. Acesso em 07 set. 2020.

GLASS, Ronald. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 93, n. 235, p. 883-913, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-

66812012000400017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jul.
2020. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812012000400017>.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. (Orgs.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia a Crueldade: Racismo e Extermínio da Juventude Negra. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, e197406, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100657&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2020. Epub 23-Nov-2018. <https://doi.org/10.1590/0102-4698197406>.

GONÇALVES, Janice (org.). **Projeto “No fio da memória: caminhadas de registro fotográfico”**. 2009. Roteiro 8. Disponível em:
http://www.labpac.faed.udesc.br/caminhada8_roteiro.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. **Tempo soc.** São Paulo, v. 18, n. 2, p. 269-287, nov. 2006. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 de julho de 2020.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração, Quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XVIII. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 139-163.

HALBAWCHS. Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em:
https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjehvGA-fbnAhXzILkGHbb_AxcQFjACegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fwww.ucs.br%2Fetc%2Frrevistas%2Findex.php%2Fconjectura%2Farticle%2Fdownload%2F2515%2Fpdf_251&usg=AQVaw2NCxAon-FaLbHPRVtumCqs. Acesso em: 29 fev. 2020.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Parte IV: Verdade. p. 271-318.

HEBENBROCK, Josué Mariano; FIDELES, Kywza. Recife Quilombo Urbano: fluxo afro-transnacional através das redes Sociais. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, v. 3, n. 3, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/62>. Acesso em 25 fev. 2020.

IGOR, Renato. Bombeiros são impedidos de passar para conter incêndio no Parque do Rio Vermelho, afirmam comandante e IMA; entidade quilombola nega. 2020. **NSCTotal**. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/columnistas/renato-igor/bombeiros-sao-impedidos-de-passar-para-conter-incendio-no-parque-do-rio>. Acesso em: 17 jul. 2021.

IPEA (Brasil). Instituto de Pesquisa Aplicada. **Movimento negro realiza marcha em defesa dos quilombolas.** 2020. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=704#:~:text=Descendentes%20diretos%20de%20Zumbi%20dos,continuidade%20de%20centenas%20de%20quilombos. Acesso em: 19 dez. 2020.

IPHAN (Brasil). O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Projeto Comunidades Negras de Santa Catarina preserva memória de quilombos no Sul.** 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/2289/projeto-comunidades-negras-de-santa-catarina-preserva-memoria-de-quilombos-no-sul>. Acesso em: 15 fev. 2021.

ISKO - BRASIL. **Série:** Estudos Avançados em Organização do Conhecimento. Disponível em: http://isko-brasil.org.br/?page_id=42. Acesso em: 02 jun. 2020.

JESUS, Camila Moreira de. Branquitude X Branquidade: Uma análise conceitual do ser branco. **III Ebecult-Encontro Baiano de Estudos em Cultura,** 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de BIItita.** São Paulo: Sesi-Sp, 2014. 208 p.

JORGE, Cecília. **Primeira Marcha de Zumbi, há 10 anos, reuniu 30 mil pessoas.** Agência Brasil, 2005. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2005-11-13/primeira-marcha-zumbi-ha-10-anos-reuniu-30-mil-pessoas#:~:text=Bras%C3%ADlia%20%E2%80%93%20A%C3%A9rea%20primeira%20Marcha%20Zumbi,p%C3%A3o%20para%20a%C3%A7%C3%A3o%20negra>. Acesso em: 23 fev. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História & memória.** Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Boges. 7^a ed. rev. Campinas: Unicamp, 2013.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000. Disponível em:
http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf. Acesso em: 24 fev. 2020.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?. **Horizontes antropológicos**, v. 5, n. 10, p. 123-149, 1999. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71831999000100123&script=sci_arttext. Acesso em: 25 fev. 2020.

LOPEZ, André Porto Ancona. Diretrizes para o desenvolvimento de projetos de cunho científico. **Brasília: CEGSIC**, 2010. Disponível em:
http://apalopez.info/diretrizes_projetos.pdf. Acesso em: 01mar. 2019.

MAESTRI, Mário. Pampa Negro: quilombos no Rio Grande do sul. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio:** história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 291- 331.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e Estado, [S.l.]**, v. 31, n. 1, p. 75-97, abr. 2016. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016000100005>.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma razão decolonial Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 66-80, 2014. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/16181/10959>. Acesso em: 05 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecilia de; SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Rio de Janeiro. p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

MONTEIRO, Bruno Andrade Pinto; MARTINS, Isabel Gomes Rodrigues. **O portal eletrônico interativo:** contexto, estrutura, possibilidades de navegação e discursos sobre formação de professores de química. **Química nova na escola**, v. 32, n. 2, 2010. Disponível em: http://qnesc.sbn.org.br/online/qnesc32_4/07-PE2009.pdf. Acesso em: 04 set. 2020.

MORTARI, Cláudia. Experiências das populações Africanas e Afrodescendentes na diáspora brasileira. In: MORTARI, Cláudia (org.). **Introdução aos estudos Africanos e da Diáspora**. Florianópolis: Udesc, 2015. Mod. III. p. 134 - 1136.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980. 281 p. ISBN (Broch.).

ND+ NOTÍCIAS. Incra tem 30 dias para demarcar quilombo em Florianópolis. **Nd+ Notícias**. Florianópolis. 23 dez. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/justica-sc/incra-tem-30-dias-para-demarcar-quilombo-em-florianopolis/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

NEVES, Lilia Maria Bitar; JANKOSKI, Douglas Alex; SCHNAIDER, Marcelo José (Org.). **Tutorial de Pesquisa Bibliográfica**. Paraná: Universidade Federal do Paraná Sistema de Bibliotecas – Biblioteca de ciência da saúde – Sede, 2013. 48 slides, color. Disponível em: http://www.portal.ufpr.br/pesquisa_bibliogr_bvs_sd.pdf. Acesso em: 09 mar. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p. 07-28, dez. 1993. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em 02 jun. 2020.

NSC. **A cultura e a memória negra de SC no primeiro quilombo de Florianópolis**. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ASZ9jNAie5Y>. Acesso em: 28 fev. 2020.

NUNES, Clara. **Canto das três raças**. Rio de Janeiro. LP Clara, 1974. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Swbt2HGmXmY>. Acesso em: 27 fev. 2020.

O ESTADO (org.). Diz o Padre botânico: este é o milagre. **O Estado**. Florianópolis, p. 1-8. 21 maio 1964. Disponível em:
<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/oestadofpolis/1964/EST196414931.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021.

O RELATOR CATHARINENSE. Vivaó SS. Magestades Imperiae. **O Relator Catharinense**. Cidade de Desterro, p. 1-4. 28 out. 1845. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=889750&pagfis=20>. Acesso em: 19 maio 2021.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação etnicoracial na ciência da informação | the concept of ethnic-racial information in information science. **Liinc em revista**, v. 8, n. 2, 2012. DOI: 10.18617/liinc.v8i2.453
Acesso em: 04 nov. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, v. 17, n. 2, p. 621-623, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

ONU. Convenção nº 169, de 07 de junho de 1989. **Convenção N° 169 da Oit Sobre Povos Indígenas e Tribais**. Genebra, Disponível em: <https://nacoesunidas.org/convencao-169-sobre-povos-indigenas-e-tribais-e-lancada-nas-linguas-guarani-kaiowa-e-terena/>. Acesso em: 27 fev. 2020.

PACHECO, Tania. **Incra identifica e delimita território da comunidade quilombola Morro do Boi/SC**. 29 jun. 2018. Blog: Boletim Combate Racismo Ambiental. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2018/06/29/incra-identifica-e-delimita-territorio-da-comunidade-quilombola-morro-do-boi-sc/#:~:text=A%20comunidade%20Morro%20do%20Boi,desde%20fins%20do%20S%C3%A9culo%20XIX.>). Acesso em: 15 fev. 2021.

PAIVA, Eliane Bezerra. Conceituando fonte de informação indígena. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91931>. Acesso em: 20 maio 2020.

PAIVA, Eliane Bezerra; SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos; NASCIMENTO, Genoveva Batista. Uso de fontes de informação por alunos de arquivologia. **Archeion Online**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/14962>. Acesso em: 28 abr. 2020.

PALMARES, Fundação Cultural. **Apresentação**. [2020]. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acesso em: 27 fev. 2020.

PERCILIA, Eliene. **"Dossié"; Brasil Escola**. 2021. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/dossie.htm>. Acesso em 12 de set. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIZA, Edith. Adolescência e racismo: uma breve reflexão. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. **Anais online ...** Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100022&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 16 de jul. 2020.

PIZARRO, Daniella Camara; LAURINDO, Kariane Regina; VIEIRA, Keitty Rodrigues. O ato de refletir e o ato de escrever sobre a escrita: a metaescrita de Vilém Flusser. In: MATOS,

José Cláudio Morelli; BRITO, Evandro Oliveira de (org.). **Leitura e escrita na construção do conhecimento**. São José: Centro Universitário Municipal de São José, 2015. Cap. 2. p. 29-42. Disponível em: https://issuu.com/editorausj/docs/leitura_e_escrita_na_constru_o_d. Acesso em: 18 jun. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani de César. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013. 2 ed.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopez de. Formas africanas de lidar com o passado: oralidade, mitos, ritos, tradições. In: MORTARI, Cláudia (org.). **Introdução aos estudos Africanos e da Diáspora**. Florianópolis: UDESC, 2015. Cap. 2. p. 46-58.

QUILOMBO VIDAL MARTINS. **Sobre**. Florianópolis, 2014. Facebook: quilombo Vidal Martins. Disponível em: <https://www.facebook.com/quilombovidalmartins/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha; LOAIZA, Estefanía Peñafiel. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. Tradução de Sérgio Molina e Rubia Goldoni, 2019. Texto adaptado de: “Estudios Decoloniales: Un Panorama General”. KULA. Antropólogos del Atlántico Sur, Buenos Aires, n.6, 2014, p.8-21. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZh8Jv.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

RACIONAIS Mc's (Mano Brown). Racistas otários. **Holocausto Urbano**. São Paulo, 1990. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/racistas-otarios.html>. Acesso em: 18 jul. 2020.

REDAÇÃO ND. Quilombolas ocupam camping do Parque Estadual do Rio Vermelho, em Florianópolis. **Nd+**. Florianópolis. 19 fev. 2020. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/quilombolas-ocupam-camping-do-parque-estadual-do-rio-vermelho-em-florianopolis/>. Acesso em: 28 fev. 2020.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 509 p. ISBN 8571645965 (broch.).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et.al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Disponível em: <https://mega.nz/folder/Jxl3iT6S#Uq2rP8RZTOOnPceP89LdwA>. Acesso em: 18 jun. 2020.

ROCHA, Diego Angeline. O discurso político na Igreja Mundial do Poder de Deus. In: **VI Congresso Internacional em Ciências da Religião XIII Semana de Estudos da Religião**. 2012. p. 48.

ROSA, Edson. Descendentes de escravos do século 18 formam o primeiro quilombo de Florianópolis. **Nd+**. Florianópolis. 18 ago. 2014. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/descendentes-de-escravos-do-seculo-18-formam-o-primeiro-quilombo-de-florianopolis/>. Acesso em: 28 jul. 202.

SANTA CATARINA. Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch, Boaventura Vidal Martins, 24 jun. 1872; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,714. 1 abr. 2020a. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:2VWB-L9C>.

SANTA CATARINA. Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch, Sabiana Corrêa, 1 out. 1882; certidão de batismo, Nossa Senhora da Conceição, Lagoa da Conceição. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,253,024. 1 abr. 2020b. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:KXPJ-L47>.

SANTA CATARINA. Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch, Manoel Vidal Martins, 20 Apr. 1884; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,714. 1 abr. 2020c. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:2VWB-VCR>.

SANTA CATARINA. Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch, Rosa Maria, 25 jun. 1882; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL Batismos 1877, dez. 1884, jul. imagem 36 a 57. fev. 2019a. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y3S1-KST?cc=2177296&wc=MFKF-PMS%3A1030404601%2C1030478701%2C1030531401>.

SANTA CATARINA. Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch, Vidal Martins, 3 jul. 1845; certidão de batismo, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,715. 7 fev. 2019b. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q231-1JD9>

SANTA CATARINA. Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch, Matrimônios 1832, ago. 1869, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; nov. > imagem 41 a 1991 abr. 7 fev. 2019c. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:9Q97-Y3S1-K8F?cc=2177296&wc=MFKF-PZ9%3A1030404601%2C1030478701%2C1030532001>

SANTA CATARINA. Registros da Igreja Católica, 1714-1977. Database with images, FamilySearch, Manoel Martins Gallego, 22 jun. 1855; certidão de óbito, São João do Rio Vermelho, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, Arquidiocese de Florianópolis, Santa Catarina; FHL microfilme 1,252,715. 7 fev. 2019d. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:Q231-166L>

SANTOS, Boaventura de Sousa; PAULA, Meneses Maria. **Epistemologias do sul**. Cortez Editora, 2014.

SANTOS, Bruno Almeida dos; LUBISCO, Nídia. A Informação e Seu Caráter Social. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; LIMA, Graziela dos Santos (org.). **Bibliotecári@s Negr@s**: informação, educação, empoderamento e mediações. informação, educação,

empoderamento e mediações. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2019. p. 359-372. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 07 jun. 2020.

SANTOS, Izabel Cristina da Rosa Gomes dos. **Ojo Nbori Ojo: vozes ancestrais na cultura e na literatura. conversas com avós.** 2020. 196 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216253/PLIT0832-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 set. 2021.

SANTOS, Tiago Vinicius André dos. **Racismo institucional e violação de direitos humanos no sistema da segurança pública: um estudo a partir do Estatuto da Igualdade Racial.** 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-16052013-133222/en.php>. Acesso em: 23 jul. 2020.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, n. 10, p. 129-136, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1414-753x2002000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 25 fev. 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-94, abr. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100010&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 16 jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>.

SECRETARIA DA JUSTIÇA (Paraná). **Povos e Comunidades Tradicionais.** 2020. Disponível em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156#:~:text=Entre%20os%20povos%20e%20comunidades,%2C%20sertanejos%2C%20jangadeiros%2C%20ciganos%2C>. Acesso em: 23 jul. 2020.

SECRETARIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Catálogo seletivo sobre a escravidão: (1842/1869).** Elaboração: Neusa Rosane Damiani Nunes. Fonte: Ofícios do delegado de polícia para o Presidente da província (1842/1869). V, 1, Florianópolis, 1993.

SERAFIM, Jhonata Goulart; AZEREDO, Jeferson Luiz de. A (des) criminalização da cultura negra nos Códigos de 1890 e 1940. **Amicus Curiae**, v. 6, p. 1-17, 2011. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/amicus/article/viewFile/541/533>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SILVA, Djalma Antonio da. **O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano.** 2005. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=10421719799936843384&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 25 fev. 2020.

SILVA, Osvaldo José da. **Considerações sobre o pensamento político de Hannah Arendt e o pensar do negro no Brasil.** 2018. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". 109 f. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153884>. Acesso em: 04 set. 2020.

SOUZA, Almir Antônio de. A Lei de Terras no Brasil Império e os índios do Planalto Meridional: a luta política e diplomática do Kaingang Vitorino Condá (1845-1870). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 109-130, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882015000200109&lng=pt&nrm=iso. Acesso: em 24 fev. 2020.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto de; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Identidade quilombola e processos educativos presentes num quilombo urbano: o caso do Quilombo Brotas. **Educação & Linguagem**, v. 14, n. 23/24, p. 75-93, 1998. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/2911>. Acesso em: 26 fev. 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **UFSC e Incra firmam convênio para produzir relatório sobre comunidade quilombola**. [Florianópolis: UFSC], 2015. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2015/03/ufsc-e-incra-firmam-convenio-para-produzir-relatorio-sobre-comunidade-quilombola/>. Acesso em: 24 fev. 2020.

VALDEZ, Ramiro Soares. **Paisagens Políticas: uma abordagem antropológica das transformações da paisagem na área do atual parque estadual do Rio Vermelho, Florianópolis, SC**. 2017. Trabalho de conclusão de curso em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186382/TCC%20Ramiro%20Soares%20Valdez.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 23 jul. 2021.

VIEIRA, Keitty Rodrigues.; KARPINSKI, Cezar. O conceito de memória nos anais do capítulo ISKO - Brasil sob uma perspectiva epistemológica. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 12, p. 294-309, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/8732>. Acesso em: 04 jun. 2020.

VON ONÇAY, Solange; FAGUNDES, Julie Rossato; ZANANDREA, Raquel. **Extensão Universitária na Comunidade Quilombola Invernada dos Negros**: Ações de Resgate e Empoderamento. 2019.

ZANOTTO, Joana. Quilombo resiste à violência em área turística da Ilha de Santa Catarina. **Jornalistas Livres**. Florianópolis, p. 0-0. 18 ago. 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/quilombo-resiste-a-violencia-em-florianopolis/>. Acesso em: 19 jul. 2021.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM MORADORES DA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA VIDAL MARTINS⁵⁹

Em local de escolha do participante na comunidade Vidal Martins, inicialmente serão passados os avisos legais de uma pesquisa, informando os benefícios e riscos de participação bem como a opção de não obrigatoriedade de realizar a entrevista, será também, explicado a pesquisa e a motivação para a construção da mesma. Em seguida serão solicitadas as assinaturas, dos entrevistados e de seus responsáveis, no Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE), a assinatura do Consentimento Para Fotografias, Vídeos e Gravações para maiores de 18 anos e para menores ou dependentes, e a Orientação para a obtenção do Termo de Assentimento Informado. Será informado que o participante poderá a qualquer momento parar a entrevista assim que desejar sem que haja constrangimentos.

Após instruções passadas e condições aceitas pelos entrevistados e pesquisadora, antes da entrevista os participantes preencherão um questionário de caracterização, após o preenchimento será iniciada a entrevista. Como se trata de uma entrevista semiestruturada as questões que a nortearão serão em torno dos seguintes apontamentos:

- **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM IDOSOS, ADULTOS E JOVENS DA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA VIDAL MARTINS**
 - Me fala de você quem é você, qual é sua família, qual o seu papel aqui na comunidade?
 - O que você sabe sobre a história do Quilombo?
 - O que você sabe sobre Vidal Martins, e a esposa dele, o que você sabe sobre ela, qual era o nome dela?
 - Qual é o papel das mulheres na história do quilombo, e qual é o papel das mulheres na luta presente do quilombo?
 - Como você sabe sobre essas histórias quem te contou?
 - E em que momento essas histórias foram compartilhadas (eram nas rodas de conversa da comunidade, desde pequenos, na escola...)?
 - O que o quilombo é para você?
 - Pra você porque a história do quilombo é importante, e qual a importância dos mais velhos?
 - O que mais você gostaria de nos falar sobre quilombo?

- **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS LÍDERES DA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA VIDAL MARTINS**
 - Me fala de você quem é você, qual é sua família, qual o seu papel aqui na comunidade?
 - O que você sabe sobre a história do Quilombo, como você sabe sobre essas histórias quem te contou?

⁵⁹ Os participantes são pessoas individuais e que não estão ligados a uma instituição específica.

- O que você sabe sobre Vidal Martins, e a esposa dele, o que você sabe sobre ela, qual era o nome dela?
- Qual é o papel das mulheres na história do quilombo, e qual é o papel das mulheres na luta presente do quilombo?
- Fala sobre o significado para você de Vidal Martins ser considerada uma comunidade remanescente quilombola?
- Como foi o processo de busca e levantamento dos documentos históricos referentes ao quilombo, em quais instituições encontraram como foi buscar essas informações e para você porque elas são importantes?
- Quais os desafios para a construção da história do quilombo em Florianópolis?
- E como essa história pode contribuir para o reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola?
- Descreva como é a relação do quilombo com a comunidade em geral, como as comunidades em torno, a sociedade de Florianópolis e a mídia. Como você percebe que a sociedade vê o quilombo?
- Pra você porque a história do quilombo é importante, e qual a importância dos mais velhos?
- Como você acha que a comunidade pode contribuir para a pauta quilombola?
- O que mais você gostaria de nos falar sobre quilombo?

Não será delimitado tempo mínimo ou máximo para os respondentes, o objetivo é que não exista qualquer pressão, o participante pode interromper a qualquer momento a entrevista, com o intuito de que quanto mais descontração os respondentes possam ter suas memórias vividas e assim compartilhá-las.

No encerramento da entrevista será perguntado se o entrevistado possui alguma dúvida referente à pesquisa, e os devidos agradecimentos pela participação. E finalizando a entrevista será informado aos participantes o que acontecerá a seguir na construção da pesquisa e depois que a mesma estiver pronta.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO

DADOS PESSOAIS

IDADE: _____

COR: () PRETO () PARDO () BRANCO () NÃO DECLARAR.

GÊNERO: () FEMININO () MASCULINO () OUTROS.

SITUAÇÃO CONJUGAL:

SITUAÇÃO LABORAL:

ESCOLARIDADE:

ONDE RESIDE ATUALMENTE:

RELIGIÃO:

É DESCENDENTE DIRETO DE VIDAL MARTINS?: () SIM () NÃO.

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO COMPLETA ENTREVISTAS

SHIRLEN

00:15 Kariane: posso começar ?

00:19 Shirlen: pode, pode começar.

00:19 Kariane: Então tá, primeiro obrigada tá Shirlen obrigada mesmo ta salvando a minha vida Tomara que eu consiga fazer de um jeito bem legal que de pra vocês bastante orgulho, Shirley todas as perguntas que eu fiz a primeira que as perguntas é.... É sobre... o que não sei se tu conseguiu ver as perguntas?

00:40 Shirlen: eu não vou mentir para ti tá eu não consegui porque só ontem nossa eu, eu rodei lá Fiquei em várias reuniões terminei lá fiquei nas reuniões foi uma Loucura.

00:54 Kariane: não tem problema ... As pergunta são só para gente ir e se delimitar conversa né mas não não tem problema e se tiver alguma coisa assim a Kariane não quero falar sobre isso e não precisa a minha intenção é de ouvir a história do Quilombo assim ó desde o que tu sabe lá no início até como começou agora tá só vou te fazer umas perguntas aqui para a caracterização: assim Quantos anos tu tem Shirlen?

01:24 Shirlen: eu tô com 40

01:27 Kariane: Shirlen e se eu perguntar assim ô Shirlen como é que tu te declara, tu te declara uma pessoa negra, branca, parda, mulata...

01:36 Shirlen: quilombola... negra quilombola, Preta quilombola.

01:42 Kariane: e o teu gênero Shirlen, feminino masculino ou tem outros?

01:46 Shirlen: feminino

01:48 Kariane: atualmente está casada né shirlen?

01:51 Shirlen: sim, sim por enquanto sim né (risos)

01:55 Kariane: né. E vai continuar até Deus permitir né?(risos)

01:59 Shirlen: (risos) eu falei isso porque o meu esposo esta aqui na minha frente (risos)

02:10 Kariane: Shirlen atualmente tu é a coordenadora dai dos assuntos do Quilombo né? Qual é a posição aí no quilombo?

02:16 Shirlen: então na associação e o seu secretária-geral da associação é e Sou coordenadora da área educação escolar quilombola Vidal Martins **SEJA**

02:30 Kariane: daí a tua situação laboral Shirley tu trabalha na escola ou tu faz alguma outra coisa?

02:38 Shirlen: eu trabalho na escola.

02:43 Kariane: Shirlen qual a sua escolaridade?

02:47 Shirlen: eu fiz o ensino médio concluí o ensino médio.

02:54 Kariane: Ah tá bom tá ótimo e Shirlen descendente Direta do Vidal Martins né ou não?

02:58 Shirlen: sim, sim ele é meu tataravô

03:04 kariane: maravilhoso então tá Shirlen como eu falei a nossa intenção é saber do Quilombo né daí eu vou começar então com a pergunta assim é... o que, que tu te considera né aí para família do Quilombo para a comunidade... Como que tu se vê aí como coordenadora como secretária dos assuntos do Quilombo?

03:30 Shirlen: tu fala no Que sentido no sentido de ajuda?

03:33 Kariane: é isso como como que tu entende a tua importância assim ó por exemplo Kariane se se eu não tivesse que fazer isso isso isso e aquilo' talvez a gente não conseguisse chegar até o ponto ou então olha Graças a essa função que eu faço que a gente consegue ter tal coisa entende?

03:52 Shirlen: sim sim ah eu considero o meu trabalho né ao qual eu desempenho é de grande importância até porque é.... 'como a Elena né já tá na frente aí com a questão jurídica e eu fiquei com a com a escola porque foi dividido né em demandas é eu considero de grande importância porque quando eu peguei isso para fazer essa demanda é me dediquei ao máximo eu tive que aprender muito eu tive que ler e tinha pessoas né que nem ainda tem algumas pessoas entre comunidade que não conseguiram né alcançar o mesmo objetivo porque cada um tem ali seu tempo né e como eu já sou uma pessoa ligada no 220 eu já consigo fazer isso com mais tranquilidade com mais rapidez sabe então eu acho que sabe, é de grande importância mesmo o Trabalha ao qual eu faço e alguns claro Conseguiram fazer e ter muita gente competente dentro do quilombo e rápida também e tem uns que tem a mesma competência mas não são' tão rápido né no seu tempo, eu não sei se eu consegui te responder.

05:05 Kariane: Conseguiu, Conseguiu é só para a gente colocar aqui o que cada um o papel de cada um dentro do Quilombo assim né... então agora a gente começa a perguntando aí a história do Quilombo o que que tu sabe das histórias daí é a hora do do Flash back Shirlen aí é quando tu pode me falar tudo que tu sabe ao Minha Primeira Lembrança enfim.... conta para mim o que que tu sabe do Quilombo, do Vidal Martins e também Shirlen como eu tinha te falado eu quero trabalhar bastante a força feminina né E aí que as histórias até agora eu vim bastante sobre o Vidal Martins mas eu queria ouvir também sobre a mãe do Vidal A Joana é a esposa do Vidal Martins a tua avó também e enfim né daí se tu também tiver lembranças Lógico né a respeito delas na construção da história do Quilombo,

06:01 Shirlen: então vamos lá é a questão do Quilombo é eu não conhecia o Vidal Martins também não conheci meu meu bisavô é que Boaventura, que é filho do Vidal eu conheci o meu

avô né que é o Isidro o filho do Boaventura Então o que eu sei de de Boaventura e Maria Rosa Jacinta Joana Sabina Quitéria, enfim... todos né foi contada para mim né através da minha mãe do meu avô e meu vô conviveu com eles então foi contado através é do meu avô e passou um pouco para gente e depois que ele passou mais foi a minha mãe mesmo e os meus tios né que continuaram vivos e conseguindo passar.... É.... A história do Quilombo Vidal Martins ela foi ela ficou na verdade é registrada devido a essa fala dos mais velhos essa lembrança de não deixar morrer aquilo que os ancestrais né contaram a gente sempre dizia e é um ditado que a gente fala até hoje né apesar de já ver televisão para nós a gente fala que falava que quem não tem televisão contar uma história eu não tinha televisão em casa então a gente ouvia muito né as histórias do meu avô é.... a gente sempre ouvia do meu vô que os ancestrais dele tá... Eles vieram num navio inglês aquele navio que ficou encalhado ali na praia dos ingleses Ele disse que veio né um pai e um filho e o filho acabou morrendo né no meio do caminho e daí ficou só o pai, venho só o pai para cá e ele contar para minha mãe que quando os negros morriam tavam com alguma doença eles jogavam né os escravos amarrado numa pedra nos pés deles e jogavam fora do barco e aquele escravo ia lá e se afogava. O que que eu vejo com isso tudo? Eu vejo que essa lembrança dele a convivência dele com o Vidal sabe? com os próprios irmãos isso Acabou fazendo com que essa história da comunidade ela não vinhesse se perder porque ela passou para nós passou para minha mãe e continua até nos dias atuais Mas o mais importante foi o fato do Vidal Martins da Maria Rosa tudo eles terem morrido muito velhinhos e quando o... e o pai do meu vô também porque o pai no meu povo morreu em 1943 ele morreu com 95 anos e a Maria Rosa morreu com 93 anos então por eles ter vivido muito tempo e ter passado né ter convivido uma boa parte do tempo com os filhos e os netos essa informação ela conseguiu ser aproveitada bastante porque o meu vô tinha trinta e poucos anos quando Meu vô morreu a mesma coisa a minha mãe estava com trinta e poucos anos então foi muita informação. nós morávamos né que nem moramos hoje todos juntos e só ajudou muito porque quando uma família vai embora a continuidade da história ela acaba se perdendo porque as vezes tem coisa que tu com 10 anos com 15 anos tu não vai conseguir ouvir do teu pai da tua mãe vai vai ouvir conforme vai né.... vai vai acontecer vão contando as histórias e tal

09:55 kariane: dia dia né Shirlen agente vai conversando vai aparecendo...

10:00 Shirlen: isso.

10:06 Kariane: Shirlen e quando acontecia essas histórias assim só por curiosidade é vocês se reuniram assim na frente de casa ou era assim nos almoços de família assim domingo na janta?

10:14 Shirlen: o meu vô é assim ó eles sempre compravam para o meu vô é uma bolacha salgada e daí ele tomava todo dia, ele tomava um limão na cachaça e botava um açúcar ali então

era uma briga por causa da bolacha e do açúcar porque não tinha que comer e a gente sabia que o vô bolacha e bem no fim ele dava tudo para os netos tá dai a gente se reunia na cadeira dele ficava ali sondando para ver se ganhava para mãe não ver para ninguém ver né nem para as tias ver e ele pegava e dava E conversava e depois sim depois que a gente cresceu era em casa mesmo não tinha televisão não tinha nada a mãe começava a contar o tio Odilio começava a contar né as histórias dos antigos da mulher que era que era como é que trabalhava com o padre e tal..

11:14 kariane: hummm dai é que começou a surgir e como é que foi assim Shirlen quando vocês se tocaram que espera aí a gente somos descendentes quilombolas a gente tem direito a gente tem terras quando que foi um start Assim Que deu em vocês assim Shirlen como é que foi esse momento?

11:31 Shirlen: então é o pai da Ellen Ele veio para Florianópolis e daí ele veio Ele conheceu a Helena né Ele é lá de Minas Gerais e daí ele ele conheceu a Helena tá tudo bem E daí depois os dois se separaram mas ele queria trazer a família dele para cá daí a minha mãe pegou a gente ajudou paguei um curso para ele né de vigilância Ele entrou na Orcali e tal depois ele saiu da Orcali ele foi trabalhar no posto de gasolina e daí o dono do Posto prometeu mil coisas para ele só que a gente achava que ele tava em Minas a gente não sabia que tava por aqui quando a gente descobriu que ele tava por aqui a gente foi descobrir através da rádio que haviam assassinado ele. Daí a gente foi atrás das informações né das pessoas conhecidas para saber o que que tinha acontecido daí uma pessoa próxima ele falou que o cara ali no posto Tinha prometido para ele um pedaço de terra e que ele poderia trazer né é os familiares dele nessa Promessa de trazer a família porque lá o espaço é pequeno onde eles moram né por questão da pobreza e tal ele acabou morrendo e

12:48 Shirlen: daí um dia eu e a Helena estávamos conversando assim que ele não morreu e tal a gente pensou pô nós moramos num espaço tão pequeno nós temos os nossos filhos daqui amanhã os nossos filhos vão sair daqui para tentar buscar um local onde seja grande e vai que acontece com eles tudo o que aconteceu com o pai da Ellen a gente pensou pô o vô tem tanta Terra porque a gente já sabia da história do Parque que eles tinham morado aqui que eles tinham convivido aqui dai a gente já sabia. Daí a gente pensou pô mas prescreveu né faz tantos anos que prescreveu Será que não tem nada, dai a gente começou né A helena começou a busca nos cartório e eu comecei pela questão da documentação E daí um dia a Helena conversando com o cara chamado Marco ele falou dos quilombos a senhora falou das comunidades quilombolas à "os negros estão né reivindicando suas terras" ela perguntou o que era essa senhora não falou dai ela foi lá no **irasque** que ainda tem o **irasque** que tá lá dentro

de um orgão ai meu Deus la próxima O Incra tem o **irasque** lá ela foi pegar os documentos do vô ela encontrou um tal de Marcos Rodrigues e ele falou dos quilombos e mandou ela pro INCRA chegou lá no Incra ela falou com o Marcelo que é o antropólogo, ela falou com o Japa o Marcelo começou a explicar né e o Marcelo fez uma visita até a comunidade e começou a explicar para gente dai a gente pegou e falou o quilombo né O que a gente é compartilhamos.... que o vô perdeu a terra na época do golpe militar ficaram sem nada o vô teve que viajar para o Rio Grande para continuar aqui porque não queria ir embora porque foi aqui que os ancestrais dele morreram e a gente resolveu a gente se juntou e mandamos uma autodeclaração para a Fundação Cultural Palmares que foi até a comunidade visitou a comunidade ouviu a história olhou a documentação e deu tempo a daí veio a certificação é da comunidade mas esse estrago deu devido tudo o que aconteceu com ele (pai da Ellen) sabe? a gente não querer que acontecesse isso com os nossos filhos porque até pra nós por enquanto a não tá tudo bem achei uma hora que tu acorda tá bom para mim as minhas próximas gerações que vão vir, como fica? e a terra que o vô perdeu como que fica? que ele ficou super triste dizia que um dia nós iríamos né conquistar essa terra que ele não iria ver mais nós viríamos né E como é que fica? E aí venho tudo a tona sabe?

15:30 kariane: e ele sempre falava isso o Shirlen ele sempre tinha essa tristeza de ele não conseguir ter as terras que já foi da família dele de volta mas ele acreditava que vocês iam voltar né

15:43 Shirlen: E ele sabia ele deixou bem transparente para gente que ele não iria ver ele já sabia que ele não iria ver mas ele falou que a nossa geração viria ele assim eu não conquistei mas eu sei que é geração de vocês vai vai conquistar a terra novamente e realmente ela foi a nossa geração né A Nossa geração que foi para cima brigou e né acabou adquirindo novamente as terras né. Tá lutando ainda por ela né?

16:12 kariane: O Shirlen e esse processo de buscar documento como é que foi assim porque vocês começaram com processo lá em 2013 né Shirlen é isso né? 2013 a gente está em 2021 e ainda tão luta né? então assim o Shirlen se tu pudesse me falar assim ó como é que foi para ti para Helena que tão mais na frente esse processo de achar documentação vocês foram lá com professor Marcos aí professor Marcos deu um um toque para vocês daí forem em tal lugar mas como é que foi tudo isso assim é foi muito custoso Shirlen consegui achar todas essas documentações e conseguir ir atrás de tudo isso vocês encontravam com facilidade as pessoas entregavam pra vocês?

17:00 Shirlen: não, com facilidade não. pelo fato de como ser.. é coisas antigas e fala de terra é todo mundo fica com receio né? terra de quem o que quer porque que quer? e os livros também eram letras de Padre então era um letras horrível de se ler a gente teve que aprender a ler aquela letra com muita dificuldade e toda vez que a gente encontrava um documento a primeira vez primeiro a gente não sabia dos livros né a gente procurou não achou então a Helena se enfiava dentro dos cemitérios para procurar o nome das pessoas para ver se tinha algum conhecido ela foi lá para Trindade a encontrou lá família Vidal né que tem bastante Vidal lá e começou a falar assim eu encontrei esse eu encontrei aquele e depois a gente encontrou um site depois a gente foi nos livros da intendência sabe mas assim tudo com muita dificuldade a gente foi no centro ali na Ai meu Deus ali do lado do Colégio Catarinense ali que dos padres

18:05 Kariane: na na mira do aqui arquidioceses do sim eu esqueci o nome agora mas é na central da arquidiocese de Santa Catarina né?

18:15 Shirlen: Isso é então a gente foi ali e para a gente era muito complicado porque todas as certidões eram pagas nenhuma eram de graça então as vezes a gente ia para o centro ou a gente comia ou a gente tirava certidão e nós passamos por muitas dificuldades porque imagina cada uma era paga era muito escravo era muito escravo, a gente não encontrou pouco a gente encontrou muito e nós tivemos que tirar Todas aquelas certidões e mais assim foi super difícil pelo fato da letra do acesso de como é de esconderem documentos, que nem o documento de terra por exemplo tava dentro do livro da Igreja Católica que está escondido no lugar aqui é em Santa Catarina Ou seja a gente teve acesso por conhecimento tal mas o livro de todas as terras de Santa Catarina é tão escondidos a Igreja Católica que registrou em 1845 os padres pegaram e começar a registrar né as terras que tinham porque daí Portugal né o Brasil se tornou Independente de Portugal Já não existia mais aquelas seis marias tal enfim e daí começou a nova lei de terras para os negros não terem acesso também estas terras a igreja começou a transcrever quem que tinha quem que não tinha e numa dessas o senhor do Vidal Martins mais a madrasta deles declararam terras ali que é bem a terra onde fica o parque né declararam mas assim foi muito difícil assim a parte mais uma das partes mais difícil foi a documentação pela tristeza em si né que tu ver ali que a tua a tataravó Escrava escrava de um padre que deveria libertar né que prega o amor de Cristo tu as meninas as meninas né as filhas do Vidal terem filhos com 11 anos de idade Ele já se bisavô então assim é era triste entende é triste é muito revoltante mas ao mesmo tempo saber de todas né a luta deles de todo esforço em sobrevivência tá em sobreviver e tal é foi foi nosso para mim foi uma das partes mais difícil ficar acordada bater perna nós batemos muito a perna Nossa como nós batemos perna que para juntar tudo que a gente juntou nós levamos meses e meses e meses

20:49 kariane: Imagino e o Shirlen como é que foi a descoberta assim dos antigos senhores né vou falar senhores assim né porque são senhores de quem? é deles passarem as terras para o Vidal como é que foi esse processo assim?

21:04 Shirlen: então a princípio a terra tá no nome deles não houve né a gente não achou o documento que passe mas só pelo fato deles não ter não ter deixadof ilhos né porque os testamentos do Rio Vermelho né foi- se tudo a terra está registrada no nome dele mas como eles não tiveram filhos e também não se casaram né porque automaticamente a terra fica para os escravos porque já estava morando ali ficaram ali né permaneceram naquele lugar.

21:36 kariane: Tu sabe o nome desse senhor Shirlen ?

21:42 Shirlen: Marcelino Martins Correia é Florentino Martins Corrêa e Manoel Martins Galego.

21:51 Kariane: E daí como eles não tiveram filhos então daí as terras foi passaram para as pessoas que eles escravizavam, então?

21:58 Shirlen: sim, sim ele do pai deles dividiram né que foi O galego dividiu as terras ali e cada e dois irmãos ficaram com as mesmas terras de daí esses dois irmãos um era Senhor do Vidal não que 1845 ele era escravo do do Galego depois que o pai morre é que os filhos passam a ser donos dos escravos dele

22:28 Kariane: sim e daí esses filhos do Galego não tiveram outros filhos também...

22:34 Shirlen: não! esses dois não.

22:35 Kariane: daí onde a terra passou para osescravizadas então?

22:39 Shirlen: sim automaticamente eles ficaram né morando, tanto que quando o Estado veio eles falavam que né não tinha né "há os mais velhos já morreram então né Você só tem mais direito a terra" que era o meu vô ou seja os escravos já morreram e como os escravos morreram vocês já não tem mais direito dessas terras.

22:57 kariane: Então me conta esse daí como é que foi isso daí do Estado chegar aí e simplesmente decider tirar você... tirar no caso daí na época né o teu avô a tua mãe o seu Odilon como é que foi a esse processo aí Shirlen?

23:14 Shirlen: então é na verdade foi no Rio Vermelho todo né foi o golpe da reforma agrária então eles passaram no Rio Vermelho todo a população do Rio Vermelho que tinha terreno que dava até os cômodos ali da praia perdeu porque eles falaram que eu quero para uma melhoria que era para plantar os pinos e que depois a população iria né através desses pinos iria receber recursos e tal que serviria para madeira para conter as duas na verdade eles fizeram de várias formas e daí as pessoas brancas que tinha seus títulos de terra ficavam com as terras né mesmo

que recebendo também foram golpeados também porque uma parte eles não receberam no caso do meu avô como ele não tinha o título de terra no nome dele tava no nome dos senhores o estado não considerou não foi visto como Terra deles e daí tiveram que sair a minha tia avó é que a Otília ficou com um pedaço aqui do lado do parque e o meu avô pegou e viajou para o Rio Grande ficou um tempão fora voltou juntou dinheiro né a família ficou aqui e comprou um espaço que tá lá em cima mas foi um.... é porque não consideraram não quiseram nem saber não tá no teu nome, os escravos já morreram mais velho né já morreram vocês não têm direito.

24:45 kariane: Mas o engracado então né é que o estado Sabia que aquela Terra pertencia a pessoas que já foram escravizadas né?

24:51 Shirlen: Sim porque eles moravam ali eles estavam ali.

24:56 Kariane: então estado tinha conhecimento de que não só tinham escravos ali como a aquelas terras ali eram dos escravos logo já que era onde eles viviam né? Então realmente foi um processo de retirada né de tirar vocês daí. E o Shirlen é daí Aconteceu tudo isso vocês entraram com um processo e assim o Shirlen como que é que tu ver o pessoal aí em torno do Rio Vermelho em relação a vocês tu acha que o pessoal... porque eu vou te fazer essa pergunta assim ó porque a gente vai ver ele vai pesquisar na internet daí tem algumas colunas de jornal principalmente do da da NSC e o Renato Igor não sei se tu já viu fazer dele? e daí tu pega uma leitura assim muito muito assim ai "que invadiram as terras é tão não sei o que" e daí ele não.. Nas reportagens ele não explica ele não fala que é uma terra quilombola ele não fala que é uma terra remanescente ele não fala nada ele só fala invadiram como que tu vê Shirlen a comunidade aí do Rio Vermelho né no caso Como que tu viu o tratamento deles com vocês ou tu não consegue perceber isso ainda?

26:17 Shirlen: não eu consigo o que que acontece aquilo que o pessoal do Rio Vermelho primeiramente é eles jamais né... que nem eles dizem que os negros invadiram as Universidades eles vão querer nós negros né tenhamos o poder aquisitivo tão grande né. E reconstrua a nossa história e o Rio Vermelho como eles têm descendentes daqueles que escravizaram a nossa família é óbvio que eles não vão jamais tentar a questão quilombola porque tá no sangue deles grita ali no sangue deles mesmo sem eles perceber é muito deles tiveram pessoas da nossa família né que foram é escravizado por exemplo a minha avó a minha avó a vó dela que era a Umberlinda era escrava e eles moram no terreno hoje onde os senhores os descendentes de senhores moram do lado é óbvio que eles não sabem né porque eles não sabem a história deles em si mas senhores mora no lado a terra deles pega ali onde hoje é um Centro de Recuperação ultrapassa o Brasil Atacadista documentos de Terra seria direito deles, entendesse? é mais, a gente entende que no Rio Vermelho a essa coisa porque

elestão... uma comunidade que vivia lá embaixo pobre chamado de favela Ninguém, não Tem Nada miserável é de repente essa comunidade acorda e começa a lutar pelos seus direitos que antes eram uma área que não tinha valor que ninguém quis não havia interesse é pelo fato de ser uma área com dunas com muita água difícil sabe e de repente essa área ela se modifica totalmente e ela passa a ter um valor enorme porque na frente tem uma lagoa atrás tem um mar dentro de uma área de preservação e a gente sai e começa a dizer "olha nós somos descendentes de escravos" né... que nem eu vi hoje no semana passada um cara dizendo "á será que eles vão devolver aquele terreno que eles ganharam em troca do estado é pelas terras" daí o outro botou assim em baixo "á mas como é que tu sabe dessa informação?" "á porque a gente conhece a família Vidal na época da reforma agrária não sei o que..." só que a história não é essa, a história é que houve o golpe sim e que a gente não recebeu terreno nenhum pelo contrário a gente foi tirado e o vô teve que comprar um pedaço que tu viu. Daí eu fico pensando assim ele conhece a família Vidal que somos nós ele não conheceu Boaventura, ele não conheceu Vidal Martins, ele não conheceu Joana e ele não conheceu Jacinta ele não sabe da história dos nossos ancestrais. Então o que ele sabe até e um pontinho ali deu! acabou sabe por isso que eu digo eu vejo que muitas pessoas são favoráveis mas muitas pessoas principalmente as pessoas brancas né Elas não aceito Jamais vão aceitar, (incompreensível) bem para o vermelho e eu fico pensando ou kariane que bem porque o camping é pago a polícia ambiental e tem que pagar para entrar na trilha Então... o campo dos escoteiros nem aberto fica tá é particular a única coisa que tu pode ir e vir é a entrada da praia mesmo assim tem portão que tem horário para ti entrar e horário de sair. Então que benefício que ele traz? se nenhuma verba é destinada para a comunidade nem para escola nem para o posto de saúde para nada.... mas no ponto de vista eles não querem saber da gente aqui não, não vejo isso com né...

30:32 kariane: a questão é vocês né Shirlen não querem vocês aí pode ser qualquer outro menos você.... é bem como tu falou mesmo é o fato de serem pessoas que eram lá da terra de ninguém de nada vinha ali no espaço tão rico tão valoroso né que antes do terreno aí tava sendo usado por quem né? tava sendo antes do terreno ou era usado.... eu me lembro de notícias de assalto de violência né que que deixavam aí porque o terreno estava vazio né ninguém podia acessar E além disso tinha muita violência né muito crime acontecia aí E daí como é que agora vem toda esse interesse né ah não tem que não pode mas antes estava ali tava sem cuidado não tava sendo cuidado agora a gente vai aí tá tudo limpinho tudo organizado antes era usuário de drogas que eu me lembro que usava e do espaço agora o espaço tá aí sendo usado tá sendo cuidado pelo menos né tá tendo um destino né Shirlen? E o Shirlen assim só para finalizar é fala para mim o que que tu acha assim de toda essa história desde a história do Vidal Martins

até agora Como que tu percebe a força das mulheres Como que tu percebe a participação das mulheres na construção da história do Quilombo desde o início até agora e que tu e a Helena aí.... eu sei que tá toda a comunidade lutando junto por igual mas que tu e a Helena duas mulheres jovens estão na frente dessa retomada ?

32:09 Shirlen: é eu... a força assim ó primeiramente né olhando toda a história de vida né da minha mãe das minhas tias e até mesmo da minha avó porque se tu for parar para analisar o meu vô foi pro o Rio Grande a minha vó teve que ficar aqui com todos os filhos teve que alimentar eles teve que cuidar deles entendesse para esperar que ele voltasse é o fato da Maria Rosa da Joana ter sido separada do Vidal ela ter indo para igreja católica que ficava no porto e mesmo assim ela manteve esse contato sabe com ele porque todos os meio irmão dele né por parte de mãe batizam os filho dele do Vidal então tu vê que esse contato ele acabou não morrendo sabe é a força dela e em continuar lutando mesmo sendo escrava de padre é tu vê muita força na história né na própria história da Maria Rosa o que o meu tio conta que o vô falava que ela era uma costureira de mão cheia é que ela ajudava na casa sabe que elas ajudavam a pescar porque minha vó saia cedo é para pescar é ensinou isso para minha mãe ensinou isso para minhas tias a pescar fazer renda de biurro a fazer roça sabe tu tu ver isso na é nelas isso tem uma grande importância nas próprias filhas do Vidal que apesar de terem filhas cedo tu vê lá na frente tu vê que os filhos que elas tiveram também estão tendo outros filhos a uma continuação de sabe da Força Dessas mulheres e de tudo que elas passaram porque nós passamos muita fome Nós passamos muitas dificuldades e Elas tiveram que levar a casa elas tiveram que dá essa continuidade. então de ver isso delas é essa luta delas essa garra delas nós começamos da mesma forma. muitas das vezes as pessoas falam "a mas vocês falam alto a fala de você ser forte". Nós somos mulheres negras nós somos daquele tipo de mulher que as pessoas falam Nós já estamos analisando Porque a gente já sabe que ali não vem coisa boa,

34:33 Kariane: a gente fala para ser ouvida né Shirlen?

34:35 Shirlen: Ja vai que nem sabe... que nem uma ouça (risos) então quando tu né quando tu chega na história do Quilombo tu ver tudo isso que acaba acontecendo com o pai da Ellen sabe toda a nossa história passado fome todo o nosso histórico na escola dos professores né não quererem chegar perto da gente da gente chegar morrendo de fome suado sabe disso tudo é Acaba dentro de nós acabamos usando uma certa revolta do pessoal do Rio Vermelho os meninos não se interessaram por nós porque nós era negra nós era pobre e na escola a gente só ser escolhido na educação física tirando educação física nós não tínhamos serventia para mais nada isso tu acaba crescendo Com uma ira com garra sabe e quando chega na história do

quilombo que tu se depara com Todas aquelas histórias ali com Todas aquelas mulheres lutando e com tudo que tu passou, tu fala assim "não pera ai" eu vou defender essa história aqui com a minha vida Eu Vou defender essa história como se fossem eles que tivessem lutado hoje hoje porque eles Lutaram nos anos passado eu vou defender para eles eu vou defender por ele sabe eu não vou deixar ninguém chegar dizer que a história da Joana foi insignificante que a história da Maria Rosa da Sabina sabe é porque Pensa bem a Jacinta teve duas filhas e as duas filhas que eram escravas casaram na igreja católica é isso naquela época era uma coisa muito é... tem só três casamentos de escravos na igreja católica aqui não tem mais são só as duas filhas e ela conseguiu fazer com que essas duas filhas permanecesse juntas de uma certa forma e trazendo sabe. É isso... as filhas dela tu vê um certo contato dai tu escuta toda essa história tu não vai simplesmente deixar qualquer um vim para ti e dizer que tudo aquilo que tu ouviu tudo aquilo que tu leu que tudo aquilo que a universidade O Incra que todos os antropólogos estudaram escreveram analisaram durante anos não é qualquer coisa. então a nossa força vem também de toda a história deles sabe? de todo o sacrifício deles de tudo aquilo que o vô falava da tristeza no olho dele de querer dar para nós e não ter pra dar, mais sabia que tinha e não podia pegara mais. é uma certa raiva mesmo Kariane uma certa Sede de Justiça e de Justiça o feita. Sim era deles é deles não era deles é deles porque a Princesa Isabel e é libertou os negros ela esqueceu né de acertar o contrato trabalhista né porque ela ela esqueceu ela tinha que simplesmente dizer assim pô "eu libertei mas cadê a rescisão desse povo" não teve rescisão.

37:46 Kariane: Cadê os anos de trabalho né saiu tudo com uma mão na frente e uma mão atrás sem seguro desemprego sem FGTF sem nada.

37:54 Shirlen: sem nada ... bem que eles foram libertos antes né da Lei Áurea Eles foram libertos bem antes...

38:03 Kariane: pois é a Joana a mãe do Vidal quando ela casou Ela foi liberta quando ela casou ou só quando o padre morreu Shirlen,tu sabe disso?

38:12 Shirlen: Quando aquele miserável morreu tem até uma notícia no jornal tá. lá do Rio de Janeiro se tu entrar na **Biblioteca Nacional** tu vai achar que fala ali que quando o padre morreu esse Padre Antônio Pulcheria Mendes e Oliveira ele deixou lá os né os bens lá para o Hospital de Caridade que ele né dava muita fazia muito né doação para lá os escravos libertos ele deixou que esses escravos morassem numa fazenda dele até que esses escravos vinhesse a morrer quando esses escravos morresse essa Fazenda seria leiloada vendida etc que é lá na parte de cima que é onde a mãe do Vidal acabou ficando. É mas ele ele só liberta ele depois que ele morre.

39:05 Kariane: Pois é porque tem uma notícia que que diz que ele libertou a Joana quando ela casou daí eu já falei se tu falou que não, só quando ele morreu.

39:16 Shirlen: não não porque assim ela teve um filho atrás do outro tá então toda a vez que ele é fazia o registro desses filhos batizava. ele colocava crioula minha escrava ele colocava Manuel Fonseca do Espírito Santo liberto que era o esposo dela e a Joana ele colocava a crioula minha escrava ele colocava filhos dele e ela minha escrava então estava sempre lá 18511 crioula minha escrava 52 crioula minha escrava53.... porque ela tinha né um filho trás do outro , dai depois dele ele morrer ela fez um filho chamado João que nasceu na capela do padre Jesuíta ali no Mato Grosso que é ali onde hoje é o correio hoje em dia, ele nasceu nessa Capela Então ela já mesmo ela tando livre já dava para ver que ela continuou trabalhando para a igreja católica de alguma forma ela continuou trabalhando alí.

40:15 Kariane: é porque no caso os filhos dela iam ser do pulseira(**nome do padre**) né do porque começa....

40:22 Shirlen: eles eram escravos dele. eles era porque depois quando alguns tem filhos Eles colocam lá ex-escravo sabe? E dai tu vê que o senhor realmente era ele teve só duas que não foram porque ele já tava morta e esse João que nasceu na nessa Capela né que ele também o padre já tava morto mas ela continuou né trabalhando para a Igreja Católica.

40:49 Kariane:olha só às vezes só o Shirley outra coisa como é que era o nome da tua avó a esposa do Isidro?

40:54 Shirlen: é Beatriz Geraldina Vidal.

40:59 Kariane: ha tá, a Dona Beatriz é que no caso foi a que cuidou dos filhos enquanto o sei Isidro foi lá para pescaria no Rio Grande do Sul né?

41:09 Shirlen:Sim, é porque a vó... como a vó tinha... era a como é que se diz?.... ela tinha descendência branca a vó não tinha medo de ninguém é porque o vó ele venho num período que era o fim da escravidão é o pessoal vinha pegar ele para votar em casa em cima de um cavalo e ele ia na frente porque ele tinha que votar para o partido que eles dissessem que tinha que votar. A vó não, a avó rasgava titulo de eleitor a vó já deu surra em delegado a vó, Meu Deus a Vó já fez coisas do arco da velha é porque a vó ela tinha essas duas coisas ela era Negra mas também ela tinha mistura com branco ela não se dobrava, ela era ruim a vó ela era ruim e as mulheres da família da vó eram ruim.

41:59 Kariane: né é força né Shirlen? é que não se dobra vocês aí na mesma não não é que é ruim é que vocês não sabem o que que.... olha aí a conta coisa que tu ia Helena tão passando nesse tempo inteiro? Tu acha que os outros lá na rua lá fora não diz assim essa Helena

essa Shirlen é ruim? não é ruim é que vocês são fortes (risos) é, que isso aqui a gente é forte tem sangue na veia e é puxando aí a Dona Dona Beatriz que vocês vem nessa mesma onda né Dona Beatriz só trouxe para vocês.... graças a Dona Beatriz que vocês têm essa força toda de vontade de tá aí porque senão né imagina só Grande Beatriz. Shirlen tem mais alguma coisa sobre o quilombo assim que tu queria falar que é que que a gente não falou que a gente não lembrou?

42:45 Shirlen: Ai assim tem que uma coisa (risos), é história desde 1.750 até agora cara é muita coisa, é muita informação eu no meu ver.... eu acho que né.... o que eu quero que eu quero ver kariane é a conquista desse território sabe é.... ver a gente ganhar né conquistar novamente esse título de terra que é deles por direito é deles por direito porque as histórias nossa sempre foram muito... é toda a vez que tu ouve né... que nem Marcelo que foi entrevistar um cara na Barra da Lagoa e ele conversando ali sobre a questão da terra dos Órfãos ele falando a história dele é uma versão e aqui pegava as crianças do Rio Vermelho para fazerem Bruxaria que as crianças sumiram né que as filhas que os senhores tinham essas crianças e as Crianças sumiam. mas não é que as crianças sumiam é simplesmente as crianças nasciam preta nasciam de escravo dai eles botavam essas crianças ali que a gente chama que é a capoeira, os órfãos pegavam essas crianças cuidavam, dai eles dizia que não podia entrar na terra dos órfãos porque tinha ritual, qual é o avô daquela época que o seu neto some que some várias crianças né, como eles dizia que sumiam várias crianças que não vão invadir uma terra pra pegar essas crianças eles não pegavam porque as crianças eram Negra "como a minha filha se envolveu com preto" "a minha mulher está grávida e tal..." não ninguém quer é isso sabe? então em algum lugar tinha que deixar.

44:37 Kariane: era vergonha para família né?

44:39 Shirlen: Sim era vergonha, essas histórias estão todas destorcidas, né? que é foi a história que o cara aqui da barra que contou. Claro ele conta a versão que foi contada para ele né?

44:47 Kariane: sim é isso né a versão da história que é contada por várias outras pessoas e que quase sempre são pelas mesmas pessoas né Shirlen? pessoas brancas ricas homens, né e cadê a história dos indígenas Cadê a história dos negros Cadê a história dos mais pobres né?

45:07 Shirlen: Sim, é ... não eles não contam porque isso não convém né falar de terra né quando tu fala de negros tu simplesmente tu fala de terra a mesma coisa que nem eu falei se for pegar o livro de terra do Rio Vermelho de vários outros lugares tem terra que é de pessoas que são escravas que eram de descendentes de escravos que ' devido a essa mistura Kariane de trocar de ir de um lado pro outro Isso acabou se perdendo porque as pessoas não se encontram

mais os mais velhos não conseguiram repassar essa história porque um foi morar nesse, no morro tal, o outro foi lá pro Rio Grande do Sul o outro.... Pronto, a história foi a história não permaneceu mais. Que é diferente da gente da Invernada dos negros do pessoal ali do Valongo sabe? de todas as comunidades que ficaram juntas ouviram as histórias famílias não foram embora foram continuando e onde é que hoje é todo mundo sabe porque a história permaneceu na comunidade permanecer né? Agora se essas comunidades começarem a casar e essas começarem a ir embora daqui a pouco também não tem mais história.

46:20 Kariane: é a união né Shirlen?

46:23 Shirlen: é união por território porque tu tá na terra se tu tá na terra... vamos dar um exemplo à eu tenho irmão foi embora. Se ele for conta a história vai... "lá onde eu vivia no estado tal tinha" tinha, não é aqui onde eu estou com a minha família tem foi ali é diferente.

46:41 Kariane: sim o Shirlen e daí agora que vocês estão acompanhando mais de perto agora não né desde 2013 vocês estão acompanhando de perto assim outras comunidades como tu falou do Valongo a da Invernada dos negros como é que tu percebe que a titulação de posse aí do Vidal Martins e toda a luta de vocês ela pode contribuir para essa pauta quilombola no sentido Nacional Como que tu acha? porquê Vamos pensar o seguinte né Florianópolis se vocês são primeiro mesmo a gente tendo no Centro um morro chamado Morro do Quilombo a gente tem vários outros lugares aqui no Centro ali atrás do Hospital de Caridade também foi um quilombo mas só que isso não é reconhecido e hoje em dia devido à população rural veio bastante gente de fora e deve ta morando... daí como tu falou né as famílias foram se afastando Daí não consegui não mas Florianópolis. Eu Na minha percepção eu acho que Florianópolis não gosta de dizer que tem gente negra aqui, a minha percepção é que Florianópolis é não gosta de dizer que foi construído por pessoas negras né porque a gente vem aqui qual história que a gente escuta a dos açorianos daí tem o pessoal daí tem os alemães de Santa Catarina toda daí tem os italianos até japonês a gente escuta a história de japonês que vem lá antigamente Mas e daí dos negros? quem fala dos negros? a gente não escuta né daí eu queria saber como que tu acha que..... porque o que vocês estão fazendo Shirlen é uma luta é uma luta e é uma revolução também é uma revolução aqui pra Florianópolis primeiro porque a gente tem vários outros lugares que também tem características de comunidade quilombola só que hoje em dia não tem mais como lutar por que não tiveram a força de que vocês tiveram mas, talvez essa iniciativa de vocês né Shirlen deu o pontapé para outros lugares irem Então como é que tu ver que é essa vontade esse ponto até de vocês pode motivar outras Comunidades Quilombolas?

48:53 Shirlen: eu vejo que o fato Kariane da gente se reconhecer não ter vergonha de gritar para o mundo para o Brasil que nós somos uma comunidade negra que nós temos orgulho da Luta dos nossos antepassados sabe e de nós levantarmos a bandeira com muita força eu acho que isso contribui muito porque Pensa bem é muitos anos atrás uma pessoa para negra para soltar o cabelo ela não fazia isso dai de repente um foi lá começou a fazer dai o outro..... todo mundo, hoje tu vê aqueles blacks enorme porque alguém fez alguém lutou alguém levantou a bandeira e o fato da comunidade quilombola ter toda essa visibilidade (**não compreendido**) quase todo mundo Florianópolis Floripa Florianópolis lugar que já teve Beyoncé lugar que vamos colocar agora Xuxa Gustavo Kuerten e vários e vários Florianópolis meu Deus até o aquele príncipe lá da que morreu agora teve aqui vários vários sabe? daí tu vai lá e bota Florianópolis Quilombo Vidal Martins uma comunidade negra que mora está lutando pelo uma reserva ambiental que lá viveram seus ancestrais que vieram da África dai no caminho encontra o que a Igreja Católica que isso também já chama Pô tanta gente que é escravo de Padre ai não vou fazer por causa da igreja. lá tem uma comunidade também lá em Florianópolis que é escrava de padre tá lutando pelo seu território, lá são mulheres são crianças retomaram as terras sabe foram e retomaram. Até o Marcos tava falando para mim que tinha uma família que queria se reconhecer o BL também devido a própria história da comunidade viram né tudo que a gente conquistou tudo que a gente está lutando e queriam se reconhecer como quilombola então de uma certa forma isso tem uma força sabe? isso acaba incentivando muita gente De que dá para lutar dá para acreditar naquilo que é teu. Eu acho que o incentivo vem disso de tu não tem vergonha de dizer que tu é descendente de escravo porque antes isso era motivo pra se envergonhar.... "á eu vou dizer que sou descendente de escravos..." " a vou colocar no trocar a vounão sei o que " a gente não a gente tem orgulho pela luta deles a gente tem orgulho pelo todo exposto que o meu avô fez de né... querer morrer aqui ficaram aqui e realmente né morreu aqui de todo o esforço da minha mãe dos meus tios que continuaram morando no mesmo local compartilhando isso de não ir embora até mesmo do nosso de casar e continuar ali então assim é eu vejo que se...o dia mesmo que a comunidade é ganhar o título de terra e vai bombar (risos).

52:10 Kariane: (risos) Shirlen eu não vejo a hora de essa pandemia acabar pra essa título sair e a gente ir aí fazer uma festa bem bonita bem bonita para comemorar essa titulação Shirlen.

52:23 Shirlen : eu acho que vai na era Lula né? ainda mais que ele já falou que vai ser candidato no ano que vem....

52:32 Kariane: Tomara Shirlen assim é três coisas que eu quero agora então é que esse presidente que não gosta de falar o nome dele saia. é que essa pandemia acabe sabe que a gente

consiga ver uma luz no fim do túnel dessa paneminha e de vocês ganhar Não ganharem não vou dizer ganhar porque isso é de vocês sabe. Sabe o que que o que que eu digo? A minha mãe bem assim ontem assim ah mas daí como é que vai ser o Estado vai vai dar para eles? Dai eu bem assim, não.... dai ela tava me perguntando Tá mas agora eles estão na titulação né daí agora o que que falta? Falta o Estado dá para eles? Dai eu bem assim "não não falta o Estado dar... falta o Estado parar de tirar. deles" né? ninguém tá dando nada para ninguém a Terra é de vocês é do dos ancestrais e dos antepassados Então mas pertence a vocês então o Estado não vai dar nada para ninguém ele só vai parar de tirar, né?

53:34 Shirlen: Não, ele vai devolver né? vai parar de tirar porque tipo a gente tá aqui mesma Terra sendo Nossa comprovado com relatório antropológico todo o estudo que eles não derrubaram tá? o IMA tentou derrubar mais o Incra não considerou não considerou de ninguém. O Incra derrubou todos e o Incra é do Estado tá? aí é uma coisa que tu fica como é que um órgão do Estado derruba algo que é do estado? pra ele derrubar tem que ter muita coisa consistente sabe? e mesmo assim eles ainda querem retirar comunidades. é isso que tu fala eles tem que parar de tirar o que é nosso.

54:07 Kariane: exatamente então quando a gente Escuta aqui que é favelado que tão querendo roubar Terra assim o primeiro que ninguém tá roubando nada de ninguém se alguém está roubando aqui alguma coisa o estado que tá roubando Terra aqui é Nossa né segundo que a gente não tá pedindo a gente está exigindo algo que é nosso por direito então o estado não vai dá e vocês estado vai parar de tirar né Shirlen e Espero que com isso... é uma coisa que eu gostaria também é que.... porque assim ô Shirlen desde que tu lembra de quando era nova tu alguma vez de Escutou Na escola sobre a história do Quilombo dos Quilombolas além de A escravo vinha para trabalhar porque o que que a gente escutava na escola alguma vez que Tu escutou alguma coisa na escola sobre escravos que te fizesse sentir orgulho que pensar assim ô poxa é o meu povo?

55:03 Shirlen: não o meu irmão Sempre dizia quando tinha aula de história a gente nem ia porque eles falavam da escravidão e meu irmão disse assim ô meu Deus esles falam dos escravos com se os escravos ficaram sendo escravos porque eles queriam sabe? e essa essas aulas a gente se até faltava a gente não gostava de ir se pudesse dizer assim a vamos matar essa aula a gente matava ela mesmo (risos).

55:27 Kariane: Mas é exatamente e eu também vi isso e isso passou a mudar foi agora por causa da lhe 10603 né 6301 se eu não me engano que é muito recente né e eu também quando chegava nas aulas de história aí começar a falar da história do Brasil eu já ficava todo encolhida

lá atrás porque ia falar e era a mesma coisa que eu sentia Shirlen Nossa parece que que os escravos vieram para cá porque quiseram né? mas enfim...

55:55 Shirlen: se tu for analisar, até alguns anos atrás podiam chamar a nós de macaca "ha seus Macacos . A suas preta fedida. a sua não sei o que" poderiam chamar nós. Dos nossos filhos no caso do meu filho para cá que não pode mais tanto que ele nunca passou por essa situação na escola.

56:17 Kariane: como tu falou que o teu avô tinha medo de fazer as coisas e daí fazia o que eles mandavam é por causa disso Shirlen porque foi criado nesse processo de intimidação né?

56:28 Shirlen: Imagina, o meu avô olhava pro pai dele e o pai dele dizia "aí eu fui escravo era assim assim assim assim assim" a escravidão tinha acabado de terminar tu acha que não passava pela cabeça deles a daqui a pouco eles pegam e tomam todo mundo escravos de novo, isso não acabou nada tanto que teve vários negros que sumiram que sumiram dos locais que estavam não quiseram nem ficar com medo de que ha "daqui amanhã volta eu tô morando perto do meu senhor eu vou ser escravo de novo..." no caso do Vidal não porque os senhor já tinham morrido então eles tiveram liberdade para continuar no mesmo local mas a maioria dos negros que tu não encontra mais nos mesmos locais Kariane foi por aí por isso entendese ha foram libertos "aí eu vou ficar aqui daqui a pouco volta a escravidão como é que fica? e o senhor tá alí e pega..." então ô sumiram desapareceram. Uns porque não queria ficar porque né porque a questão da economia e o outros porque realmente quisera Ah quanta gente voltou para para a África quantas e quantas gente tu quer ver quando é quando tu conversa com esses senegalês já conversei com um e ele disse "meu Deus Ele disse que desde pequeno desde a primeira série Eles começam ensinar para eles é que os europeus foram para lá e sequestravam os negros maltratavam e tal" por isso que pensa coisa de casar com negro né? um casar com o outro mesmo vindo para cá e se eles casam com uma mulher branca eles não podem levar ela para lá. Ele não pode os tradicionais mesmos muçulmanos não podem e teve um casal da Universal que o cara era da África Ele casou com uma mulher branca ele levou para a terra deles, e eles deram uma surra lá eles ganharam uma surra e a as mulher falando para ele que era uma ofensa é o povo Deles ter sido escravizado e ele aparecer lá justamente com uma mulher branca que escravizou. que nós aqui ainda temos essa mistura é temos é irmãos brancos tios mas eles não têm referência nenhuma branca são famílias negras.

58:46 Kariane: olha só não sabia disso Shirlen Que legal que interessante quer dizer Nossa...

58:56 Shirlen: minha avó não gostava minha avó dizia que as filhas dela ela não queria que casasse com branco de jeito nenhum o meu pai é mesma coisa Olha uma briga, nós já crescemos com essa coisa de não poder casar com branco.

59:13 Kariane: Os meus tios o também são assim meus Tios também pensam assim agora que eles estão parando assim mudando um pouco mas eles cresceram tudo assim todos eles são casados com mulheres negras. Shirlei muito muito muito obrigada eu nem sei como te agradecer Eu vou fazer tudo agora como é que é o processo né eu vou escrever o que a entrevista que eu tiver contigo e com mais a galera aí que tu arrumar para mim e daí eu vou mandar para mim a professora daí depois ela manda para eu arrumar de novo daí depois eu mando para ela para depois a gente finalizar. é porque daí eu vou transcrever tudo e daí se eu tiver alguma dúvida posso te perguntando pelo WhatsApp pode ser?

1:00:06 Shirlen: Pode, pode ser não tem problemanão eu vou ver aqui vou ver se eu consigo uma das meninas que nem nem que eu grave um video e te mande sabe?

1:00:14 Kariane: então era isso que eu ia dizer porque daí tu falou de final de semana né Qualquer coisa também tu podia também fazer isso gravar um vídeo da í do seu Odílio da dona Jucélia deles contando a história do quilombo exatamente com a gente fez hoje. entendeu que para mim ia ser melhor eu só queria mesmo é aquele negócio que eu te falei da força de ver a força das mulheres né nessa construção toda e de como que vocês têm importância da construção da história do Quilombo que a história de vocês e que no final é a história de Florianópolis que a minha que a história do meu vizinho que a história de todo mundo que que a história que Florianópolis precisa conhecer né?

1:01:02 Shirlen: e agora conhece né Kariane porque antes é é todo mundo sabia que tinha negro em Florianópolis e tal mas tu sai nos lugar a é por exemplo antes era no campo do vermelho quando eu vou pegar o Uber com o pessoal que tá acostumado a vir pra cá "vai lá nos quilombola" o cara do Uber "a vai lá no os quilombolas" Ai eu vou querer ir lá no campgin "a lá onde é o quilombo? a eu ja sei" porque sai da televisão né tá muito na mídia.

1:01:40 Kariane: então mas é por isso que eu digo que eu assim ó só que entre nós agora não faz mais parte da pesquisa eu não gosto desse Renato Igor porque tu pega as reportagens dele ele é um cara muito muito muito assim pelo pelo estado pelo governo sabe parece que é o ai não sei parece que a babá do governo porque tudo aí o Oi tá fazendo o quê pode tá fazendo o melhor ai que não sou de vocês qualquer outra coisa que ele vai falar né...

1:02:09 Shirlen: ele bate muito nos indígenas ali no Morro dos Cavalos mas eu digo assim Kariane por mais ruim que seja matéria ele acaba de uma certa forma dando visibilidade. Que nem aquilo que o Bericó fez. O Bericó gravou um vídeo e tá falando da comunidade que não sei o que me fez um monte mas ele acabou dando visibilidade vai passar vergonha porque não fomos nós que fizemos o boletim de ocorrência tem um monte de professor detonando ele porque ele tá contra os professores né Tá defendendo o Gean e tá contra né os professores mas

até eles falando mal da comunidade eles dão visibilidade para comunidade por quem não conhece se pergunta "quem é esse quilombo? Quilombo? Aonde? como ? A lá no Rio Vermelho? nossa" então acaba dando visibilidade.

1:02:57 Kariane: ah é verdade está em certa não tinha pensado nisso é Ah tá certo eu não tinha pensado desse jeito Shirlen.

1:03:06 Shirlen: que mal todo mundo só fala né? A Mídia em si até a gente fica até surpresa quando alguém vai falar bem mas daí quando tu ver a Fulano..... não interessa tá aparecendo (risos)

1:03:20 Kariane: Falem bem ou falem mal mas falem né Shirlen?

1:03:24 Shirlen: lembrem que a gente existe porque quem não é visto não é lembrado.

1:03:27 Kariane: não é lembrado Exatamente é agora tu falou uma coisa bem interessante é verdade e isso faz toda a diferença daí sim Ah então tá Shirlen muito obrigada viu mesmo. Quem tu acha que eu poderia falar agora ou amanhã não sei sabe?

1:03:48 Shirlen: eu vou tentar a Ellen, ou a mãe vou tentar elas eu vou pegar aquelas perguntas ali vou abrir agora vou ver tá vou ver aquele roteiro ali que tu mandou de perguntas vô tentar fazer uma Ligar para tia ali no WhatsApp para elas conversarem contigo.

1:04:12 Kariane: pode ser. Tá ótimo então tá então fico aqui aguardando tá?

1:04:18 Shirlen: então tá até daqui a pouquinho então.

1:04:20 Kariane: Beijo até mais.

1:04:21 Shirlen: beijos até mais.

VITOR

00:11 Shirlen: Como é seu nome?

00:11 Vitor: Vitor Vidal da Silva.

00:16 Shirlen: de qual família você é na comunidade?

00:18 Vitor: da Helena.

00:23 Shirlen: Qual é a sua idade?

00:25 Vitor: 17.

00:28 Shirlen: Em qual série você está?

00:31 Vitor: primeira.

00:35 Shirlen: O que você sabe sobre o quilombo?

00:39 Vitor: Eu sei que eu sou descendente do Vidal Martins.

00:46 Shirlen: Quem era Vidal Martins e Maria Rosa?

00:48 Vitor: meus tataravós.

00:53 Shirlen: para você qual o papel das mulheres no quilombo?

00:57 Vitor: de luta resistência coragem trabalho.

01:06 Shirlen: quem contou para você a história do Quilombo?

01:10 Vitor: minha avó Minha mãe meus tios.

01:16 Shirlen: em que local eram contado essas histórias?

01:19 Vitor: em casa.

01:22 Shirlen: Qual história do Quilombo é mais importante para você?

01:26 Vitor: da Resistência que o povo falavam que eles tinham os meus avós...

01:34 Shirlen: O que é o quilombo Vidal Martins para você?

01:37 Vitor: uma família um exemplo...

01:44 Shirlen: Por que história do Quilombo Vidal Martins é importante para você?

01:47 Vitor: por causa da luta por causa da Resistência por causa da história.

DONA JUCÉLIA

01:58 Shirlen: : Qual é o seu nome?

01:59 Jucélia: : Jucélia Beatriz Vidal sou bisneta do Vidal Martins.

02:08 Shirlen: o que a senhora sabe sobre a história do Quilombo?

02:12 Jucélia: : Olha o que eu sei sobre a história do Quilombo era o que o meu pai contava que eles vieram lá da África vieram no navio.... venho muitos de lá mas chegaram aqui em poucos que eles vieram embaixo de um porão aqueles que ficavam doente eles amarravam uma pedra e jogava no mar as criancinhas também vinham chorando passavam fome e passavam sede...

02:41 Shirlen: : o que a senhora sabe sobre Vidal Martins e a sua esposa?

02:45 Jucélia: : Vidal Martins era carpinteiro e a sua esposa era costureira era Negra misturado com índio.

02:55 Shirlen: Qual que é o papel da mulher na história do Quilombo?

02:58 Jucélia: de luta de resistência de cuidar da casa de cuidar dos filhos.

03:06 Shirlen: como a senhora sabe dessas histórias do Quilombo, quem contou para senhora?

03:11 Jucélia: meu pai.

03:13 Shirlen: Quem era seu pai?

03:13 Jucélia: Izídio Boaventura Vidal.

03:18 Shirlen: quando ele contava essas histórias em qual local que ele contava essas histórias para vocês na casa em qual local?

03:24 Jucélia: quando nós era pequeno ele contava essas histórias para nós em casa ele fazia

uma fogueira assim no chão ficava eu eu ficava os meus irmãos aí nós ficava ali esquentando Fogo porque a nossa casa era de Barro de estuque Nós ficava ali esquentando Fogo porque a nossa casa era muito frio aí Ele começava a contar história para nós assava milho assava Siri assava camarão ali Nós ficava comendo e ele ficava contando a história para nós o meu pai.

03:59 Shirlen: o que o quilombo é para senhora

04:01 Jucélia: o quilombo para mim é uma casa é uma família e é resistência porque nós estamos aqui para cultivar a cultura que os meus antepassados moraram aqui e aqui eles cultivavam a cultura aqui tem sangue derramado dos meus antepassados tem umbigo deles enterrado então isso aqui é nosso por direito que já foi estudo tudo feito e é nosso por direito.

04:34 Shirlen: para você porque a história do Quilombo é importante?

04:36 Jucélia: ela é importante porque foi a história de uma luta e se não fosse os mais velhos contar para nós essa história dentro do Rio Vermelho e dentro de Santa Catarina era apagada e o nosso pai contava para nós.

04:58 Shirlen: porque o quilombo foi retirado de suas terras?

05:01 Jucélia: foi na época da ditadura militar e o Enrique Bornhausen (**corrigir nome**) que ajudou a tirar nós aqui das nossas terras mentindo que ia plantar Pinus que esses pinos também ia servir para nós.

05:13 Shirlen: qual é o significado para senhora da comunidade quilombola Vidal Martins ser considerado um quilombo?

05:18 Jucélia: para mim é um reconhecimento e um orgulho para cultivar a terra dos meus antepassados nós aqui queremos plantar para tirar o nosso sustento da nossa própria plantação.

05:33 Shirlen: como você acha que o quilombo Vidal Martins pode contribuir para outras comunidades?

05:39 Jucélia: na história de luta de resistência por ser um quilombo Urbano...

05:44 Shirlen: me fala da senhora O que que a senhora é?

05:49 Jucélia: eu sou Jucélia: Beatriz Vidal Sou doméstica tive cinco filhos sustentei meus cinco filhos nas Forças dos meus braços pegando Siri na praia pegando Siri na lagoa pegando maçambic pegando linguaruda para dar o sustento para os meus filhos aí quando o Henrique brehauser veio para cá que botou uma cerca ali no portão nós não podemos mais ir na lagoa pegar um siri ninguém pode mais ir na lagoa pegar um camarão nós só ia na praia.

06:29 Shirlen: o que você mais gosta no quilombo Vidal Martins?

06:32 Jucélia: da história de sobrevivência.

APÊNDICE D - DIÁRIO DE CAMPO

Visita realizada no dia 01 de dezembro 2019

Primeira visita na comunidade remanescente quilombola Vidal Martins, localizada em Florianópolis, fui visitar a comunidade com o Grupo Quilombo de Dandara grupo de pessoas que organizam passeios em comunidades remanescentes quilombolas em Santa Catarina.

Quando chegamos à comunidade fomos recebidos por muitas pessoas, entre adultos, crianças e anciões, as líderes Helena e Shirlen fizeram as apresentações, primeiro Helena contou sobre o processo que envolve a titulação das terras ela falou sobre a atual situação judicial se encontra a legalização das terras. Em seguida Shirlen vem contar sobre a história do quilombo sobre como as narrativas dos seus antepassados garantiram a elas essa curiosidade que transformada em ação as levou para a luta em nome do seu reconhecimento como espaço quilombola, ali conheci a história de Vidal Martins e seus descendentes. Na fala de Shirlen uma frase me marcou muito, foi quando ela disse: os mais velhos são a biblioteca da comunidade, eles têm o conhecimento vivido, e esse conhecimento foi passado pra gente.

Figura 31- Recepção na comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Havia muitas crianças, e eram bem desenvoltas, falantes e muito simpáticas, conheci Ellen filha da Helena creio que sua idade era entre 8 ou 9 anos. A Ellen nos contou muitas histórias sobre quilombos e também recitou um poema de Dandara (companheira de Zumbi dos

Palmares), além disso, as crianças fizeram uma lembrança para os visitantes nos deram bonecas Abayomi, de acordo com Ellen como eu fui simpática com as crianças eu ganhei duas.

Figura 32- Bonecas Abayomi



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Em seguida, Shirlen me levou para ver a Lagoa que fica próximo da comunidade, lá ela contou mais sobre fatos da história de seus antepassados, como quando o seu avô viajou por um longo tempo para trabalhar e quando retornou seus filhos já não o conheciam mais. A média em que as histórias iam surgindo fiquei encantada, então perguntei se eu poderia escrever a história do quilombo e usar a comunidade como o meu objeto de pesquisa. Shirlen disse que sim, mas iria confirmar com os outros da comunidade trocamos telefone e marcamos uma outra visita para conversar sobre a pesquisa proposta.

Visita realizada no dia 22 de fevereiro de 2020

Já se passaram mais de dois meses desde a última vez que fui à comunidade. Agora eles estão instalados dentro do Camping do Rio Vermelho, devido aos últimos acontecidos sobre a titulação de posse a comunidade decidiu fazer a reintegração de posse das terras, pois foi considerado judicialmente que aquelas terras se tratavam de terras quilombolas.

Na visita fui recebida por homens e mulheres que estavam trabalhando na organização da retomada, dentre eles estavam os remanescentes e aliados da causa. Como o Camping estava há muito tempo fechado o estado era bastante descuidado, sem a manutenção o local estava se deteriorando, as cascas dos pinos que são tóxicas destruíram a vegetação ao seu redor.

Logo Shilen me recebeu, e então começamos a falar sobre a pesquisa, em nossa conversa percebi um certo desconforto dela com a proposta de pesquisa, foi então que ela me relatou que durante os anos que a comunidade luta pelo reconhecimento muitas pessoas ou como ela disse “gente da universidade” foram até eles e fizeram mil promessas mas no final só usaram, ficou bem evidente a sensação de serem usados e na hora quando pediram ajuda viraram as costas, além da gente da universidade a desconfiança também vinha de políticos e determinados grupos de movimentos étnico-raciais.

Ao perceber este desconforto e desconfiança (completamente justificável), intervi em nome da minha pesquisa, fiz questão de deixar claro que eu estava ali sozinha, não representava nenhum grupo tampouco partido político, deixei explícito que não prometeria nada e que apenas feria o trabalho que seria visto e revisto por eles, além disso falei da importância de se ter a memória da comunidade registrada.

Foi uma conversa bastante sincera de ambas as partes, depois de algum tempo, já mais acostumada comigo Shirlen sede e libera a execução do trabalho, em seguida fomos tomar um café em conjunto com todos em uma grande mesa, ali ela me apresentou às pessoas que estavam ajudando a comunidade na retomada do espaço, e Dona Jucélia e seu Odílio começaram a contar histórias dos tempos em que moravam no espaço que hoje retomaram.

Visita realizada no dia 06 de maio de 2021

Com a chegada da pandemia tudo ficou inserto, continuei mantendo contato com a Shirlen por mensagens, mas com as restrições o fator entrevistas da minha pesquisa teria que ser mudado, depois de muito tempo conversando decidimos realizar a entrevista com poucas pessoas, eu iria até a comunidade e com todo o cuidado faríamos, entretanto, uma segunda onda de COVID19 assolou a comunidade e algumas pessoas contraíram a doença e foram internados. Por isso cancelamos as entrevistas.

Entretanto, além do COVID a comunidade passava por dificuldades e as doações os ajudaram a passar por essas dificuldades, então para levar doações de alimentos e itens de higiene fui até a comunidade. Chegando lá todos usavam máscaras, agora só os moradores estavam ali os aliados do quilombo não estavam por ali, só iam e entregavam as doações e logo saiam.

Entretanto, observei que eles fizeram uma biblioteca em um espaço na sede do Camping, e do lado uma sala de aula, já que as crianças estavam sem aula e precisavam de um lugar para se entreterem e estudarem.

Nesse dia fui com minha mãe para ela me ajudar com as coisas, quando chegamos logo encontramos com a dona Jucélia (mãe da Shirlen e da Helena), havia uma semana que ela tinha ganhado alta do hospital devido a complicações da COVID 19, ela conversou conosco em uma distância bem grande ainda estava muito preocupada em pegar novamente a doença. Falamos sobre o tempo em que ela ficou no hospital e de quanto foi doloroso para ela esse período, em seguida retornou para o seu quarto pois estava frio e precisava se aquecer.

Em seguida, Shirlen chega, e de uma distância bem grande ela conversa conosco, eu lhe apresento minha mãe e ela faz questão de contar a história do quilombo para minha mãe que fica encantada. As duas como mulheres negras passam a se identificar nas histórias da minha mãe com seus relatos e Shirlen com os dela. E assim as duas conversam por um bom tempo.

Falo com Shirlen sobre as entrevistas e decidimos que o melhor seria por celular, parabenizo a criação da biblioteca e da sala de aula que foi criada ali no espaço, e como uma boa bibliotecária me comprometo em arrecadar livros e material escolar para as crianças e para o espaço.

Visita realizada no dia 20 de maio de 2021

Nesse dia fui levar os livros e material escolar arrecadados, ainda estamos sob atenção máxima quanto a COVID, fomos (minha mãe me acompanhou novamente) recebidos por algumas crianças e pela Shirlen, dona Jucélia aparece de longe apenas para trocar duas palavras e já retorna para seu quarto, havia dias que ela tinha tomado a vacina contra a COVID, dona Jucélia disse que tinha medo de pegar a COVID novamente e por isso não podia conversar, mesmo assim é de longe ela e minha mão trocam figurinhas sobre pintar ou não os cabelos dona Jucélia diz que não pinta o cabelo porque a tintura vai para os rios e lagoas (certíssima).

Conversei com a Shirlen sobre a dificuldade que estamos tendo para realizar as entrevistas (problemas de conectividade), nesse dia Shirlen falou que tinha algumas fotos de seu avô Izidro e fotos da arrancada de pinos no espaço. Ela relatou como foi o processo de construção do laudo Antropológico e de que essas fotos deveriam ser usadas no laudo, mas esqueceram de pôr no laudo e por isso ela gostaria de que fosse usada na minha pesquisa.

Nesse dia acertamos de no dia seguinte gravar as entrevistas, a conectividade ali segundo Shirlen só era boa perto das 14h em um determinado espaço ali no camping. Então combinamos

para o dia seguinte. As crianças adoraram os materiais escolares e os livros doados, segundo Shirlen elas brincam de escolinha e Ellen é a professora das crianças. Ellen disse que queria ser médica e que a brincadeira vai além da brincadeira, ela é também para o seu estudo.

Visita realizada no dia 04 de agosto de 2021

Nesse dia fui buscar as assinaturas dos Termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE), como venho me comunicando com a Líder Shirlen, antes de ir até o quilombo havia passado para ela meus escritos até o momento. Quando cheguei no quilombo fui recebida por ela e conversamos sobre a leitura que ela fez até o momento.

Dentre os assuntos, conversados falamos sobre a história da chegada de um navio negreiro que ficou atolado na praia dos ingleses, na conversa Shirlen cita que a história dos remanescentes do quilombo se inicia com a chegada de um Pai e um Filho nesse navio segundo lhe contaram, em suas lembranças esse Pai e Filho seriam os antepassados, trazidos da África, de Jacinta avó de Vidal Martins. Segundo Shirlen essa história foi em 1750, e esse navio, as peças encontradas sobre ele estão no Risort do Costão do Santinho.

Outro ponto, foi sobre Vidal Martins, sobre o fato de não saberem a sua data de falecimento, de acordo com ela em 1910 faleceu Maria Rosa e segundo ela Vidal estava no enterro de sua esposa. Falamos também sobre inconsistência encontradas nas certidões, de casamento ou nascimento dos familiares de Vidal, em algumas certidões os dados eram diferentes.

Outro assunto, bastante comentado foi sobre o fato de lugares em Florianópolis que possuem documentações sobre as pessoas escravizadas no Rio Vermelho e que talvez até alguns desses documentos podem conter fatos sobre os Vidal Martins, Shirlen relata que quando trabalhou no Colégio Catarinense, ela viu um livro com diversas informações sobre os escravos no rio Vermelho e no Bairro Ingleses, mas depois quando estava fazendo a pesquisa para a certificação da comunidade foi informada de que esse livro não existia.

Conversamos também, sobre o processo de retirada do quilombo das terras e Shirlen me alertou que o espaço a qual eles estão reivindicando pertence ao Camping do Rio Vermelho e não parque, como eu estava tratando. Falamos também sobre o reflorestamento, ela conta que quando a equipe chegou para tirar os descendentes foi considerado que com a morte do pai de Vidal eles não teriam mais direito a terra por ser ele o último da família a ser escravizado por Vidal, entretanto, Boaventura filho de Vidal também foi escravizado, e foi Boaventura que ao perceber que seu nome foi alterado foi em um cartório e escreveu de próprio punho seu nome

correto e que havia sido escravo. E foi com esse registro que a família conseguiu consolidar a sua história.

Ainda sobre, Vidal Shirlen comenta que ele teve uma irmã por parte de Mãe e Pai chamada Francisca, ele me confirma que Joana foi deu a luz a Vidal quando tinha treze anos e que Vidal foi avô quando sua filha tinha apenas onze anos de idade.

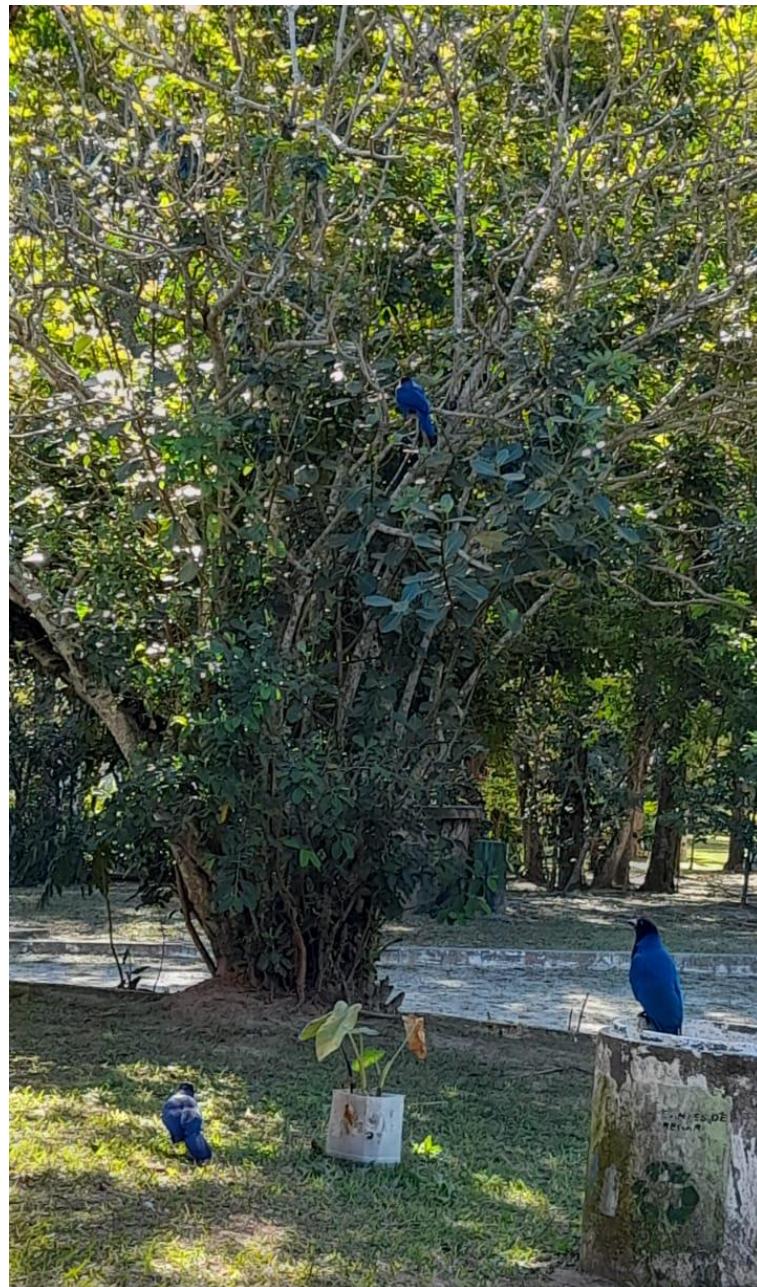
Conversamos também sobre Galego o senhor de Vidal, Shirlen me informou que ele tem terras no município de São José, e que ele lá também deixou suas terras para seus escravos de lá, além disso, ela me informou que a maior dificuldade em encontrar documentos foi que os senhores de Vidal trocaram de nome, de acordo com ela seus tios lhe contaram que ocorreu uma guerra por terra (acredita-se que eles se referem a Guerra do Paraguai entre 1864 até 1870) e que eles tiveram que se esconder e para isso tiveram que trocar de nome, que trocaram de Martins Galego para Martins Correa, devido essa troca existem certidões dos filhos de Vidal que possuem sobrenomes diferentes. Foi no encontro dos nomes trocados dos senhores que eles identificaram a extensão das terras do quilombo.

Como nas outras conversas, Shirlen novamente relata sobre a terra dos órfãos, um território entre o Rio Vermelho e a Barra da lagoa, onde ficavam os escravos mais velhos que doentes não podiam mais trabalhar, e filhos de mulheres brancas com homens negros que por trazerem algum constrangimento para a família eram abandonados naquele espaço, e com isso a criação de lendas sobre de na terra dos órfãos se comerem criancinhas, e que ali tinha feitiçaria.

Falamos também sobre as previsões das mulheres da família Shirlen conta que sua bisavó previu que um dia as pessoas iriam ver uma máquina de ferro voando no ar, e a avó repassa essa história.

Conversamos por cerca de uma hora, recolhi as assinaturas e me despedi, nesse dia fui recepcionada também por outros ilustres moradores do quilombo.

Figura 33- Pássaros no Quilombo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).